





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura



# **PALÁCIO UNIVERSITÁRIO: Materiais e técnicas construtivas**

**Marisa Hoirisch**

Mestrado em Arquitetura  
**Orientadora**  
**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosina Trevisan M. Ribeiro**

Rio de Janeiro  
Abril 2007

PALÁCIO UNIVERSITÁRIO:  
Materiais e técnicas construtivas

**Marisa Hoirisch**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, na linha de pesquisa Gestão e Restauração de Espaços Preservados.

Aprovada

---

Profa Dra. Rosina Trevisan M. Ribeiro - Orientadora

---

Prof. Dr. Gustavo Rocha-Peixoto

---

Prof. Dr. Nelson Pôrto Ribeiro

---

Prof. Dr. Walmor José Prudencio

Rio de Janeiro  
Abril 2007

Hoirisch, Marisa.

Palácio Universitário: Materiais e técnicas construtivas/  
Marisa Hoirsch. - Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2007.

xxi, 212f.: 271 il.; 29,7cm.

Orientadora: Rosina Trevisan Martins Ribeiro

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ PROARQ/ Programa  
de Pós-graduação em Arquitetura, 2007.

Referências Bibliográficas: f. 207-212.

1. O Palácio Universitário. 2. Materiais e Técnicas  
Construtivas. I. Ribeiro, Rosina Trevisan M. II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em  
Arquitetura. III. Título.

***Para o Roberto***

## **Agradecimentos**

A Profª D<sup>ra</sup> Rosina Trevisan M. Ribeiro desempenhou com excelência seu papel de orientadora. Reafirmando sua competência, envolveu-se com entusiasmo e abnegação em cada etapa desta pesquisa, do sumário às considerações finais, perseguindo com rigor, seu aprimoramento. Sua tenacidade e talento excepcionais fizeram dela uma verdadeira cúmplice desta dissertação.

Algumas pessoas contribuíram enormemente nas indicações de fontes bibliográficas desta pesquisa. Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Nelson Pôrto Ribeiro, pelas valorosas recomendações de fontes para esta investigação, voltadas para técnicas construtivas no Brasil e em Portugal. Sou reconhecida ao Prof. Dr. Walmor Prudencio, pelas referências a livrarias e bibliotecas em Lisboa e Évora. Agradeço a contribuição de M<sup>me</sup> Patricia Bentitou do Hôpital Esquirol, da França. Na área de azulejaria, colaboraram o diretor investigativo do MNA João Pedro Monteiro e o Prof. Almir Paredes, da EBA, partilhando comigo dos arquivos e conhecimentos por eles adquiridos.

O Prof. Dr. Gustavo Rocha-Peixoto, diretor da FAU-UFRJ contribuiu nesta investigação com importante produção, referente ao período neoclássico no Rio de Janeiro e, especificamente, ao Palácio Universitário. Agradeço suas valiosas sugestões, e a cessão de material que alavancou esta investigação.

A inesquecível turma Sambaqui me honrou com uma amizade sincera e leal. Deixo aqui meu reconhecimento carinhoso à cada um de vocês, que contribuíram para tornar esta pesquisa ainda mais prazerosa: Alexandre Vidal, André Coelho, Claudia Bayma Mesquita, Isabel Rocha, Paula Merlino, Priscyla Arias, Simone Guerra e Taisa Carvalho. Agradeço também à Guia, Rita e Dionísio pela disponibilidade constante.

Durante a realização do Levantamento Arquitetônico do Palácio Universitário, de 1999 a 2000, contei com o apoio de profissionais brilhantes da UFRJ. Foram eles: o então reitor Paulo Alcantara Gomes, o então diretor do Instituto de Economia João Carlos Ferraz e a arquiteta e amiga Maria Helena Hermes, que comigo dividiu a responsabilidade da coordenação do levantamento, ponto de partida para este trabalho.

Agradeço à sub-prefeita e arquiteta Cristina Frade por ter colaborado com esta pesquisa, disponibilizando um potencial humano de altíssimo nível para seu apoio. Sou imensamente reconhecida ao paisagista Ênio Kaippert pela incansável dedicação e

talento artístico com que elaborou cada desenho desta dissertação. Luis Fernando da Cruz dos Santos e Gloria Dias jogaram uma bóia sempre que deles precisei.

Neste trabalho, contei com a privilegiada orientação na área de estruturas do Professor Emérito da UFRJ B. Ernani Diaz, além do auxílio de José Tavares, bibliotecário do SIBI, UFRJ das fotos de alto nível de Bira Soares e do apoio do Coordenador do FCC Prof. Carlos Tannus. O arquiteto do IPHAN Fortunato Ferraz esteve sempre ao meu lado em minha luta pela conservação do Palácio Universitário.

Alguns amigos incentivaram-me enormemente nesta dissertação. Destaco Andréa Lemos, Guilherme Mazie e meus sogros Maria e David German, pela torcida carinhosa e entusiasmada. Dario Zalis me auxiliou na edição de imagens e Enoï Vilar, me apoiou, oferecendo seu ombro amigo em todos os momentos. Incluo também neste rol de amigos preciosos: Dalia Waldmann, Regina Carvalho e Vera Rebello. Minha calorosa amiga-irmã Gisela de Mizrahi, tanto quanto meu cunhado Daniel de Mizrahi, se faz sempre presente, mesmo estando tão distante. Serei para sempre grata à minha psicanalista Rita Guedes por ter-me feito voltar a acreditar nos meus sonhos.

Papai, Adolpho Hoirisch, mamãe, Frida Hoirisch, minhas irmãs Cláudia e Silvia e meu sobrinho Jaques sempre foram referências para mim em estudo dedicado, tenacidade, seriedade e trabalho árduo. Agradeço pelo amor incondicional, incentivo de minha família e também pelo carinho da vovó Malvina. Sou grata a meu pai, o Professor Titular de Psicologia Médica da UFRJ e membro da Academia Nacional de Medicina, por suas incansáveis revisões e também pelos ensinamentos referentes à Psiquiatria, que me permitiram compreender o tratamento a alienados em nosso país. Sempre tive pais, irmãs, avós, tios, primos e sobrinho amorosamente presentes. Serei eternamente reconhecida por tudo de bom que deles recebi, onde se inclui minha formação, bem como meu amor aos livros.

Meu amado marido Roberto German me encorajou a encarar os desafios de um mestrado. Por me fazer tão feliz, contribuiu bem mais do que imagina para a gênese, desenvolvimento e finalização desta dissertação. Companheiro excepcional, acompanhou e revisou pacientemente meus textos, incentivando-me nos momentos mais difíceis. Sua dedicação, amor e carinho me impulsionaram a ir além, extraindo o melhor de mim.

**PALÁCIO UNIVERSITÁRIO:  
Materiais e técnicas construtivas**

**Marisa Hoirisch**

**RESUMO**

Esta dissertação apresenta um breve histórico acerca do monumento edificado em estilo neoclássico para ser o Hospício de Pedro II, o primeiro hospital psiquiátrico destinado ao tratamento de alienados no Brasil. A pesquisa descreve e localiza o prédio, atualmente denominado Palácio Universitário e patrimônio histórico nacional, pertencente à UFRJ. Apresenta a historiografia de sua construção e investiga sua tipologia arquitetônica. Descreve os materiais e técnicas construtivas representativas do período de construção do monumento. Cada sistema utilizado em sua edificação foi pesquisado e analisado. Na avaliação do emprego de técnicas e materiais, o objetivo é encontrar características que contribuam para a compreensão de sua importância arquitetônica, ao mesmo tempo em que fornece dados para colaborar na elaboração de um projeto de restauração.

**UNIVERSITY PALACE:  
Materials and constructive techniques**

**Marisa Hoirisch**

**ABSTRACT**

This essay presents a brief history of this monument, erected in the neoclassic style as the Pedro II Asylum, the first psychiatric institution for the treatment of the insane in Brazil. The research describes and locates the building, currently the University Palace. It is a historical national heritage building, belonging to the Federal University of Rio de Janeiro. The essay discusses the history of its construction and investigates the typology of its architecture. Materials and construction techniques typical of the period are described. Every system employed in the construction is properly researched and examined. In the assessment of materials and methods, the aim was to discover features that could contribute to the understanding of its architectural importance, as well as to supply ancillary data to develop a restoration project.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	xxi
<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO 1. O PALÁCIO UNIVERSITÁRIO</b>	7
<b>1.1. LOCALIZAÇÃO</b>	8
<b>1.2. BREVE HISTÓRICO</b>	11
<b>1.3. PROJETO E CONSTRUÇÃO</b>	19
<b>1.4. TIPOLOGIA</b>	22
<b>CAPÍTULO 2. MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS</b>	47
<b>2.1. ESTRUTURAS</b>	48
2.1.1. Estruturas do prédio	48
2.1.1.1. Porções das áreas construídas em 1852	49
2.1.1.2. Porções das áreas mais recentes	50
2.1.2. Estrutura de piso em pedra e argamassa	54
2.1.3. Estrutura de piso em madeira	54
2.1.4. Estruturas de concreto	54
2.1.5. Estruturas de aço	60
2.1.6. Considerações acerca das estruturas	60
<b>2.2. VEDAÇÕES</b>	62
2.2.1. Alvenaria mista de pedra e tijolo	62
2.2.2. Alvenaria de tijolos	64
2.2.3. Alvenaria em estuque	64
2.2.4. Considerações acerca das vedações	65
<b>2.3. PISOS</b>	68
2.3.1. Tabuado	69

2.3.2. De pedra	72
2.3.2.1. De mármore	73
2.3.2.2. De gnaisse bege	76
2.3.3. Ladrilhos cerâmicos	75
2.3.4. Ladrilhos hidráulicos	80
2.3.5. Considerações acerca dos pisos	88
<b>2.4. TETOS</b>	90
2.4.1. Tetos com forros em madeira	93
2.4.2. Tetos com forros em estuque	95
2.4.3. Tetos com forros em gesso	96
2.4.4. Considerações acerca dos forros	97
<b>2.5. VÃOS</b>	98
2.5.1. Esquadrias	98
2.5.1.1. Janelas	102
2.5.1.2. Portas	115
2.5.2. Óculos	136
2.5.3. Acessos aos porões	138
2.5.4. Considerações acerca dos vãos	140
<b>2.6. ACABAMENTOS</b>	146
2.6.1. Em cantaria	146
2.6.2. Argamassa de revestimento	148
2.6.3. Pintura	148
2.6.4. Azulejos	152
2.6.5. Considerações acerca dos acabamentos	160

<b>2.7. ESCADAS</b>	163
2.7.1. Externas	165
2.7.2. Internas	171
2.7.2.1. De madeira e pedra	171
2.7.2.2. De madeira	173
2.7.2.3 De concreto e mármore	175
2.7.2.4. De aço e madeira	176
2.7.2.5. Escadas para mezaninos	177
2.7.3. Considerações acerca das escadas	177
<b>2.8. COBERTURA</b>	179
2.8.1. Telhado	179
2.8.2. Estrutura do telhado	186
2.8.3. Clarabóia	195
2.8.4. Considerações acerca da cobertura	198
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	200
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	208

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Hospício de Pedro II, pintura de Victor Frond, 1859.	8
Fig. 2: Fachada do Palácio Universitário.	8
Fig. 3: Localização do Palácio Universitário.	8
Fig. 4: Planta de situação do Campus da Praia Vermelha.	9
Fig. 5: Foto aérea do Campus da Praia Vermelha.	9
Fig. 6: Galeria do térreo, FCC.	10
Fig. 7: Galeria do 2º pavimento, FCC.	10
Fig. 8: Janelas com grades no antigo hospício.	15
Fig. 9: Janelas com grades em destaque.	15
Fig. 10: Estado de uma das fachadas, cerca de 1946.	17
Fig. 11: Pórtico de entrada do Palácio Universitário.	21
Fig. 12: Hospício Nacional de Alienados.	23
Fig. 13: Planta do térreo, Palácio Universitário.	23
Fig. 14: Planta do 2º pavimento, Palácio Universitário.	24
Fig. 15: Planta do 3º pavimento, Palácio Universitário.	24
Fig. 16: Planta indicando área com um pavimento em marrom, dois em verde e três em roxo.	25
Fig. 17: Fachada do Palácio Universitário.	27
Fig. 18: Fachada frontal do Teatro Marcello de Roma.	28
Fig. 19: Desenho da coluna do Templo de Minerva Polias, Priene.	28
Fig. 20: Fachadas do Palácio Universitário. De cima para baixo: fachada principal (nordeste), fachada posterior, fachadas laterais.	30
Fig. 21: Foto aérea do Hospital Esquirol, antigo Charenton.	31
Fig. 22: Foto aérea do Palácio Universitário.	32
Fig. 23: Vista do Hospício de Pedro II, Vinet, cerca de 1867.	32
Fig. 24: Hospício D. Pedro II na Praia Vermelha de Sisson, cerca de 1858.	32
Fig. 25: Hospital Nacional de Alienados	33
Fig. 26: Planta de áreas em destaque do térreo.	35
Fig. 27: Planta de áreas em destaque no 2º pavimento.	35
Fig. 28: Planta de áreas em destaque no 3º pavimento.	36
Fig. 29: Vestíbulo do Palácio Universitário.	36
Fig. 30: Lustre do vestíbulo.	36
Fig. 31: Nave da Capela São Pedro de Alcântara.	37
Fig. 32: Palácio Universitário, altar mor da capela São Pedro de Alcântara.	38
Fig. 33: Santa Casa, altar-mor da capela.	38
Fig. 34: Púlpito da capela.	39
Fig. 35: Ornato em madeira do púlpito da capela.	39
Fig. 36: Imagem de Nossa Senhora da Conceição, capela.	39
Fig. 37: Biblioteca Pedro Calmon.	39
Fig. 38: Salão Vermelho.	40
Fig. 39: Lustre do salão Vermelho.	40
Fig. 40: Sala do Quarteto.	41
Fig. 41: Sala Moniz Aragão.	42
Fig. 42: Salão Dourado.	43

Fig. 43: Salão Dourado, antes denominado sala do fundador.	44
Fig. 44: Auditório Pedro Calmon.	44
Fig. 45: Salão Anísio Teixeira.	44
Fig. 46: Pátio com chafariz na ECO.	45
Fig. 47: Volume suprimido do Hospício Nacional de Alienados	46
Fig. 48: Acesso do porão, av. Venceslau Brás.	49
Fig. 49: Arco no porão principal.	50
Fig. 50: Tijolo Viúva Guedes encontrado em porão do Palácio Universitário.	51
Fig. 51: Arcos do porão, acesso pela avenida Venceslau Brás.	52
Fig. 52: Estrutura mista no porão.	53
Fig. 53: Arco em primeiro plano ligado a dois arcos ao fundo.	53
Fig. 54: Acesso a porão bloqueado por tijolos.	54
Fig. 55: Tubulação e pedras no acesso ao porão.	54
Fig.56: Vigas do piso superior e forro da FE.	55
Fig. 57: Sobre as vigas estão as peças onde se apóiam as tábuas.	56
Fig. 58: Vigas em sambladura de malhete, salão Dourado.	57
Fig. 59: Sambladura de malhete.	57
Fig. 60: Piso em concreto (visto do teto do porão).	57
Fig. 61: Laje em concreto: orifício mostra as tábuas se assentando direto sobre ela.	57
Fig. 62: Localização das estruturas em concreto no piso do térreo.	58
Fig. 63: Localização das estruturas em concreto no piso do 2º pavimento.	59
Fig. 64: Vigas e laje em concreto no teto.	59
Fig. 65: Parede em alvenaria de pedra, com arco em tijolos.	62
Fig. 66: Fachada da ECO, junto à piscina.	63
Fig. 67: Alvenaria em destaque.	63
Fig. 68: Sanitário do IE.	64
Fig. 69: Parede desprotegida, FCC.	66
Fig. 70: Planta de pavimentações do térreo.	68
Fig. 71: Planta de pavimentações do 2º pavimento.	68
Fig. 72: Planta de pavimentações do 3º pavimento.	69
Fig. 73: Pisos de madeira no térreo.	70
Fig. 74: Pisos de madeira no 2º pavimento.	71
Fig. 75: Pisos de madeira no 3º pavimento.	71
Fig. 76: Ornamentação do piso do salão Dourado.	72
Fig. 77: Mármore padrão 4A.	74
Fig. 78: Mármore padrão 4B.	74
Fig. 79: Mármore padrão 4C, desenho.	74
Fig. 80: Mármore padrão 4C.	74
Fig. 81: Mármore padrão 4D, desenho.	75
Fig. 82: Mármore padrão 4D.	75
Fig. 83: Mármore padrão 4E.	75
Fig. 84: Mármore padrão 4E.	75
Fig. 85: Soleira em gnaisse.	76
Fig. 86: Rodapé em gnaisse.	76
Fig. 87: Molduras de piso em gnaisse.	76

Fig. 88: Estado de uma galeria em 1947.	78
Fig. 89: Ladrilhos LC1.	79
Fig. 90: Ladrilhos LC2.	79
Fig. 91: Ladrilhos LC3.	79
Fig. 92: Ladrilhos LC4.	79
Fig. 93: Ladrilhos LC5.	80
Fig. 94: Ladrilhos LC6.	80
Fig. 95: Conjunto A: ladrilhos padrão 1.	85
Fig. 96: Conjunto B: ladrilhos padrão 2.	85
Fig. 97: Conjunto C: combinando ladrilhos padrão 3, 4 e 5.	85
Fig. 98: Conjunto D: ladrilho padrão 5 na moldura e 6 no conjunto.	85
Fig. 99: Conjunto E: ladrilhos 7 e 8.	85
Fig. 100: Conjunto F: ladrilhos padrão 9.	85
Fig. 101: O conjunto G de padrão 11 e cercadura 10, em gregas.	86
Fig. 102: O mesmo conjunto G, em destaque, padrão 11.	86
Fig. 103: Conjunto H de ladrilhos do tipo 12.	86
Fig. 104: Conjunto I de ladrilhos padrão 13.	86
Fig. 105: Conjunto J de ladrilhos 14 e 15.	86
Fig. 106: Ladrilhos hidráulicos no térreo.	87
Fig. 107: Ladrilhos hidráulicos no 2º pavimento.	87
Fig. 108: Tetos do térreo.	91
Fig. 109: Tetos do 2º pavimento.	91
Fig. 110: Tetos do 3º pavimento.	92
Fig. 111: Forro de uma circulação.	93
Fig. 112: Forro atual de uma circulação.	93
Fig. 113: Forro com cimalthas e abas.	94
Fig. 114: Forro com cimaltha com filetes	94
Fig. 115: Forro saia e camisa na ECO.	95
Fig. 116: Forro em gesso decorado, salão Dourado	96
Fig. 117: Planta de localização das portas e janelas do térreo.	99
Fig. 118: Planta de localização das portas e janelas do 2º pavimento.	100
Fig. 119: Planta de localização das portas e janelas do 3º pavimento.	101
Fig. 120: Janela com grade, Hospício de Pedro II.	102
Fig. 121: Janela sacada com grade.	102
Fig. 122: Janela extinta da torre.	103
Fig. 123: Janela J1 do Hospício de Pedro II.	103
Fig. 124: Janelas de peitoris e janelas rasgadas.	104
Fig. 125: Hospício de Pedro II, pintura de Victor Frond, 1859.	105
Fig. 126: Furações das ombreiras.	106
Fig. 127: Janela J1A.	108
Fig. 128: Janela J1B.	108
Fig. 129: Fechamento externo em alvenaria da bandeira da janela J1B.	108
Fig. 130: Fechamento J1C da fachada.	109
Fig. 131 Janela JD.	109
Fig. 132: Janela J2.	110

Fig. 133: Janela J3.	110
Fig. 134: Janela J4.	110
Fig. 135: Sacada do Palácio Universitário.	110
Fig. 136: Sacada do Hospício de Pedro II.	110
Fig. 137: Janela J5 fechada.	111
Fig. 138: Janela J5 aberta.	111
Fig. 139: Pátio do Hospício de Pedro II.	112
Fig. 140: Gradil G1A.	113
Fig. 141: Gradil G1B.	113
Fig. 142: Gradil G1C.	113
Fig. 143: Planta de localização dos gradis G1.	113
Fig. 144: Janela J6.	114
Fig. 145: Janela J6A.	114
Fig. 146: Portas PE1, Hospício de Pedro II.	116
Fig. 147: Porta PE1, Hospício de Pedro II, detalhe	116
Fig. 148: Padrão de bandeira extinto.	117
Fig. 149: Porta PE2, Hospício de Pedro II.	118
Fig. 150: Portas PE3.	118
Fig. 151: Porta P1, ombreiras em cantaria.	123
Fig. 152: Porta P1, guarnição em madeira.	123
Fig. 153: Porta P1, madeira pintada.	123
Fig. 154: Porta P2, face.	124
Fig. 155: Porta P2, tardo.	124
Fig. 156: Porta P2a.	124
Fig. 157: Porta P2b.	124
Fig. 158: Porta P2c.	125
Fig. 159: Porta P2d.	125
Fig. 160: Porta P3.	126
Fig. 161: Porta P4 externa.	126
Fig. 162: Destaque da porta interna P4.	126
Fig. 163: Porta P5.	127
Fig. 164: Porta P5, face externa.	128
Fig. 165: Porta P5, face interna.	128
Fig. 166: Cremona e dobradiças.	129
Fig. 167: Ferrolho de uma porta.	129
Fig. 168: Espelhos de fechadura.	129
Fig. 169: Porta P6.	130
Fig. 170: Porta P6.	130
Fig. 171: Porta P6.	130
Fig. 172: Porta P7.	131
Fig. 173: Porta P8, salão Dourado.	132
Fig. 174: Porta P8, salão Vermelho.	132
Fig. 175: Porta P8 do salão Vermelho, detalhe.	133
Fig. 176: Porta P9.	133
Fig. 177: Porta P10.	134

Fig. 178: Encarte da porta P10	134
Fig. 179: Porta P11.	135
Fig. 180: Porta P12.	135
Fig. 181: Porta bloqueada, Editora, FCC.	136
Fig. 182: Escada em uma janela, CCJE.	136
Fig. 183: Óculos em fachada lateral.	136
Fig. 184: Óculo tipo 1 da fachada.	137
Fig. 185: Óculo tipo 2 da fachada.	137
Fig. 186: Porão com óculo em destaque.	137
Fig. 187: Acessos aos porões do prédio.	138
Fig. 188: Parede de tijolos, óculo ao fundo	139
Fig. 189: Fechamento sob uma janela.	139
Fig. 190: Vão sob uma janela.	139
Fig. 191: Cantaria do 2º piso do pórtico.	146
Fig. 192: Arremate da verga da porta P5.	146
Fig. 193: Face inferior do balcão, pórtico.	147
Fig. 194: Base na coluna no térreo.	147
Fig. 195: Pinturas artísticas de 3 fases, capela.	149
Fig. 196: Localização de prospecção, capela.	150
Fig. 197: Prospecção em destaque, capela.	150
Fig. 198: Pintura marmorizada em base de capitel, capela.	150
Fig. 199: Pintura marmorizada em destaque.	150
Fig. 200: Pinturas decorativas junto à escada.	151
Fig. 201: Pintura decorativa, Salão Dourado.	151
Fig. 202: Fase intermediária, salão Dourado.	151
Fig. 203: Pintura mais recente, salão Dourado.	152
Fig. 204: Galeria no FCC.	154
Fig. 205: Localização dos azulejos no térreo.	154
Fig. 206: Localização dos azulejos no 2º pavimento.	155
Fig. 207: Azulejos A: destaque da cercadura.	156
Fig. 208: Fonte do pátio da ECO.	156
Fig. 209: Azulejos B, face externa da fonte.	156
Fig. 210: Azulejos C, face interna da fonte, ECO.	157
Fig. 211: Azulejos C: destaque, azulejo da fonte.	157
Fig. 212: Escada do pátio da ECO.	157
Fig. 213: Azulejo D: reveste a escada.	157
Fig. 214: Sala de professores, IE.	158
Fig. 215: Em destaque, azulejo E da cercadura.	158
Fig. 216: Azulejo F do IE.	158
Fig. 217: Azulejo semelhante encontrado na Bahia.	158
Fig. 218: Circulação com painéis azulejados, IE.	159
Fig. 219: Azulejo G padrão das circulações.	159
Fig. 220: Azulejos junto à escada do FCC.	159
Fig. 221: Localização das escadas no térreo.	164
Fig. 222: Localização das escadas no 2º pavimento.	164

Fig. 223: Escada 01 do pórtico.	166
Fig. 224: Da esquerda para a direita: escadas 06, 07e 08.	166
Fig. 225: Escada 13.	167
Fig. 226: Escada 16.	167
Fig. 227: Escada 14.	167
Fig. 228: Escada 15.	167
Fig. 229: Escada 02.	168
Fig. 230: Escada 11.	168
Fig. 231: Escada 04.	169
Fig. 232: Escada 05.	169
Fig. 233: Escada 09.	169
Fig. 234: Escada 10.	169
Fig. 235: Escada 03.	170
Fig. 236: Escada 03, de frente.	170
Fig. 237: Escada 12.	170
Fig. 238: Escada 23.	172
Fig. 239: Escada 21.	173
Fig. 240: Escada 24.	173
Fig. 241: Escada 27.	174
Fig. 242: Escada 28.	174
Fig. 243: Escada 29.	174
Fig. 244: Escada 25.	175
Fig. 245: Escada 20.	176
Fig. 246: Escada 22.	176
Fig. 247: Planta de cobertura.	179
Fig. 248: Telhado sobre o FCC.	180
Fig. 249: Calhas em fibrocimento.	182
Fig. 250: Duas últimas linhas de telhas planas.	182
Fig. 251: Gárgulas nos pátios internos.	182
Fig. 252: Buzinotes sob as sacadas.	183
Fig. 253: Delfim na terminação do duto de águas pluviais.	183
Fig. 254: Variações de fundições dos delfins.	184
Fig. 255: Estátuas e vasos na cobertura	185
Fig. 256: Avanço de vegetação pela platibanda.	186
Fig. 257: Tesoura 1.	187
Fig. 258: Tesoura 1.	187
Fig. 259: Tesoura 1 do Palácio Universitário.	187
Fig. 260: Pendural, escoras, linha baixa - tesoura 1.	188
Fig. 261: Ligação pernas – linha baixa, tesoura 1.	188
Fig. 262: Tesoura 2 do Palácio Universitário	189
Fig. 263: Tesoura 3 do Palácio Universitário.	189
Fig. 264: Estrutura com pontaletes do Palácio Universitário.	190
Fig. 265: Detalhes construtivos de tesouras.	191
Fig. 266: Detalhes construtivos de tesouras.	192
Fig. 267: Detalhes construtivos de tesouras.	193

Fig. 268: Indicações de regiões com características históricas diferentes em suas estruturas.	194
Fig. 269: Cambotas e fasquias e, ao fundo, compoendo a estrutura da clarabóia.	196
Fig. 270: Planta da estrutura da clarabóia.	196
Fig. 271: Detalhes construtivos da estrutura da clarabóia.	197

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Descrição dos ladrilhos hidráulicos decorados do Palácio Universitário.	83 - 84
---	---------

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Tipologia de janelas do Palácio Universitário.	107
Quadro 2: Tipologia de portas do Palácio Universitário.	120-121
Quadro 3: Características das estruturas do telhado do Palácio Universitário.	194

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas

**CCJE** – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

**COPEDOC** – Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência

**CPM** – Central de Produção Multimídia

**ECO** – Escola de Comunicação

**EEFD** – Escola de Educação Física e Desportos

**FACC** – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis

**FAU** – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

**FCC** – Fórum de Ciência e Cultura

**FE** – Faculdade de Educação

**IE** – Instituto de Economia

**INEPAC** – Instituto Estadual de Patrimônio Cultural

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**MNA** – Museu Nacional do Azulejo

**PVA** – Acetato de polivinila.

**SIBI** – Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRJ

**SPHAN** – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

## APRESENTAÇÃO

O Palácio Universitário da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro foi construído para ser o Hospício de Pedro II. Hospício e palácio marcaram com sua arquitetura e história a autora, fazendo brotar um arraigado instinto protecionista, fruto de sua luta pela preservação do monumento, que teve início em 1995.

Tendo sido então designada por portaria do reitor da UFRJ para a função de arquiteta responsável pela restauração e conservação deste monumento arquitetônico, a autora acolhia pedidos de elaboração de projetos e obras de manutenção e restauração do prédio, ou ainda adaptações para novo uso. Estas demandas partiam de diretores de faculdades, coordenadores de centros ou decanos e se baseavam em necessidades das unidades por eles administradas. Na elaboração de levantamentos de áreas e de registros, foi imprescindível o apoio da reitoria na contratação de estagiários da FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, que se somaram aos desenhistas do Setor de Restauração<sup>1</sup> para desenvolverem, sob a coordenação da autora, projetos de conservação e restauração deste exemplar arquitetônico.

Por se tratar de um edifício tombado, estes projetos eram encaminhados pela autora ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - para análise, tendo sido executados tão somente os projetos, que recebiam a chancela do órgão, tal rotina perdurou de 1995 a 2004. Os planos de conservação incluíam a coordenação de trabalhos de naturezas diversas, dentre os quais citamos:

- Adaptações de salas acadêmicas ou técnico-administrativas para novas funções;
- Prospecções estratigráficas para análise das pinturas;
- Restauração de painéis decorativos, ornatos e lustres;
- Restauração de esquadrias e forros de madeira;
- Recuperação de estruturas de madeira, argamassas e pinturas, telhados e elementos pétreos;
- Conservação dos salões nobres, da capela e limpeza do altar-mor;

---

<sup>1</sup> O Setor de Restauração, originalmente vinculado ao FCC - Fórum de Ciência e Cultura, passou a ser subordinado desde 1999 à Sub-Prefeitura da Praia Vermelha.

A decisão de delegar as obras à equipe de operários da UFRJ ou a firmas empreiteiras cabia à autora. Os trabalhos de difícil acesso ou que dependiam de equipamentos de segurança ficavam a cargo de empresas especializadas em restauração. Estavam também a cargo da autora as seguintes responsabilidades:

- Estabelecer o contacto com o requisitante da obra;
- Coordenar o levantamento e registro métrico-arquitetônico e fotográfico;
- Elaborar projetos de adaptação, conservação e/ou restauração arquitetônica;
- Encaminhar o projeto ao IPHAN para análise;
- Elaborar a previsão orçamentária, especificações técnicas, planilhas de orçamento e cronogramas físico-financeiros para cada licitação;
- Acompanhar, fiscalizar e coordenar as obras.

Este trabalho teve o benefício de proporcionar à autora um íntimo convívio com a edificação; contudo a observação das marcas deletérias imprimidas ao prédio pelo tempo e mau uso gerou um indisfarçável desconforto na mesma.

Era evidente a carência de um levantamento físico de todo o monumento contendo medidas precisas, cálculo de áreas, identificação de seus elementos construtivos, revestimentos, pavimentações e forros. Foi assim realizado o levantamento arquitetônico e registro de todas as áreas do imóvel, que representou o primeiro passo na concretização das ações de intervenção. A partir daí, foram facilitados os planos de adaptações de áreas. Entretanto, para se realizar um plano diretor, que culmine num projeto de conservação de um monumento arquitetônico, como se sabe, é necessário mais do que isto; recomenda-se uma pesquisa histórica, levantamento de bens integrados, análise da composição e tipologia, levantamento do estado de conservação do prédio, além da identificação das técnicas construtivas empregadas.

Nesta dissertação a autora apresenta um breve histórico do Palácio Universitário, analisa sua composição, tipologia e vai além. Descreve e classifica os materiais e técnicas construtivas do prédio, investigando como influenciaram na harmonia de suas formas, sobriedade decorativa, apontando como determinaram as qualidades de sua arquitetura.

## INTRODUÇÃO

Com a transferência da família real portuguesa, em 1808, para o Rio de Janeiro, a cidade colonial tornou-se capital de seu império. O que se deu na seqüência foi bem mais do que um súbito incremento populacional. Os hábitos sócio-culturais dos imigrantes europeus, considerados mais avançados e civilizados que os da população local, impulsionaram ações oficiais de modernizações urbanas e arquitetônicas.

Foi nesse contexto que o Brasil recebeu um grupo de artistas franceses, dissidentes do novo regime, conhecido como Missão Francesa, entre eles o laureado<sup>1</sup> arquiteto Grandjean de Montigny. Coube a estes artistas a incumbência de criar uma Academia Imperial de Belas Artes<sup>2</sup>, que contou com Grandjean no ensino superior de arquitetura. Mesmo tendo tido poucos de seus projetos edificadas, “[...] a historiografia de nossa arquitetura o define como iniciador do neoclassicismo no Brasil” (ROCHA-PEIXOTO, in CZAJKOWSKI, 2000, p.31).

Quando o Brasil se tornou independente politicamente de Portugal, buscou a cisão com a arquitetura tradicional lusitana, adotando um padrão internacional estabelecido pela Escola de Belas Artes<sup>3</sup>. Predominando na “arquitetura do Rio de Janeiro da segunda década até o terceiro quartel do século XIX”, o neoclássico foi o estilo imperial por excelência. Difundiu aqui uma tendência comum a todo o Ocidente “[...] de retorno às formas da Antigüidade clássica greco-romana” (SANTOS, 1981, p.51).

A Missão Cultural Francesa e da Academia, prestigiando a difusão da arquitetura neoclássica, iria favorecer a implantação de tipos mais refinados de construção, contribuindo desse modo para o abandono das velhas soluções coloniais (REIS FILHO, 2004, p.36).

O Neoclassicismo, segundo Summerson (2002, p.94) associa a “simplificação racional” e a apresentação das “ordens com maior fidelidade arqueológica”. No Brasil, mais do que constituir um fato estilístico, exprimia uma intenção simbólica: a opção pelo rigor na composição, austeridade e grandiosidade de suas edificações se inseria num

---

<sup>1</sup> Grandjean obteve a mais prestigiosa láurea artística do mundo na época, o Prix-de-Rome em 1799.

<sup>2</sup> A Academia de Belas Artes foi “criada oficialmente logo em 1816, abriu os cursos em 1826” (ROCHA-PEIXOTO, 2000, p.31).

<sup>3</sup> “École des Beaux-Arts [...] sucedeu na França a Académie Royale d’Architecture depois da Revolução” (FRAMPTON, 2003, p.9).

contexto político e devia “[...] permitir aos cariocas a leitura do programa civilizador da monarquia” (ROCHA-PEIXOTO in CZAJKOWSKI, 2000, p. 30).

Sem se limitarem a reeditar as teorias arquitetônicas européias, os alunos de Grandjean buscavam adaptá-las, aclimatando-as às condições do Rio de Janeiro.

Sente-se que na evolução de mestre a discípulo as maneiras nacionais de existência recobram a sua autoridade, e o galicismo arquitetônico, plantado nas formas greco-romanas, cede espaço à versão tropical do conforto, da pompa, da beleza (CALMON, 2004, p.48).

Dentre os discípulos do mestre bretão dois arquitetos, José Maria Jacintho Rebello e Joaquim Cândido Guillobel, além do sargento-mor do Imperial Corpo de Engenheiros, Domingos Monteiro, foram os autores do primeiro hospital psiquiátrico brasileiro: o **Hospício de Pedro II**. Sua construção, de 1842 a 1852, com recursos obtidos em coleta pública pelo provedor da Santa Casa, foi uma das medidas que celebrizaram a maioridade do Imperador.

O Hospício de Pedro II teve entre seus diretores algumas figuras ilustres<sup>4</sup> e devido à sua notável atividade teve que aumentar sua capacidade de internação. Na República, foi renomeado Hospício Nacional de Alienados, tendo sua área ampliada em 1904. Funcionou como hospício, atendendo, segundo Ramos e Geremias (s/d, p.7) todo o estado do Rio de Janeiro e também o de Minas Gerais, até sua extinção em 1944, quando os internados foram transferidos para o Hospital de Pedro II no Engenho de Dentro, questionou-se o reaproveitamento do edifício. A idéia de demoli-lo para em seu lugar serem erguidos prédios modernos, foi descartada, considerando-se seu valor para a cultura nacional.

O monumento neoclássico foi cedido em 1948, em avançado estado de degradação, pelo governo da república à Universidade do Brasil, hoje UFRJ. Nas obras de restauração, e para adaptar o prédio ao novo uso, o então reitor Pedro Calmon<sup>5</sup> buscou preservar a autenticidade deste **Palácio Universitário**, sua designação atual. A recuperação total do bem se deu em 1953, mas só em 1972 foi tombado pelo IPHAN.

---

<sup>4</sup> Destacam-se: Nuno de Andrade, Souza Lima, Teixeira Brandão e Juliano Moreira.

<sup>5</sup> Pedro Calmon Moniz de Bittencourt foi reitor da atual UFRJ (1948-1966) e ministro da Educação e Saúde (1950-1951).

Esta pesquisa fornece ferramentas para fundamentar um projeto global de restauração e conservação do conjunto arquitetônico, a partir de um breve histórico da edificação, seu uso como sanatório, referências do projeto de arquitetura, construção, tipologia, composição, materiais e procedimentos construtivos, ampliação de áreas e da grande restauração para abrigar a Universidade do Brasil, seu tombamento e dados atualizados. Exibe a eloqüência do vocabulário neoclássico na composição dos elementos arquitetônicos do prédio, a partir do estudo da simetria e constância de suas proporções e construção.

Concentra-se, sobretudo, na identificação, descrição e análise das técnicas construtivas do Palácio Universitário, para exibir seu padrão construtivo de excelência. "Essas qualidades, associadas à implantação, forma e dimensões palacianas, indicam a construção como o melhor resumo dos ideais de arquitetura do segundo reinado" (ROCHA-PEIXOTO, in CALMON, 2004).

A observação desta edificação constituiu importante fonte primária na realização desta pesquisa. O prédio é aqui tratado ora como Hospício de Pedro II, ora como Palácio Universitário, dependendo do período e da referência bibliográfica.

Investigaram-se no monumento cultural os juízos que lhe conferissem historicidade e valor artístico. Porém tamanha é a relevância do prédio que nos surpreendemos, em nossa pesquisa, com a escassez de material, contendo em seu bojo análises críticas vinculadas a soluções e técnicas empregadas na sua construção. Ainda que a história do prédio seja rica e fascinante, esta dissertação objetiva expor os aspectos de sua composição arquitetônica, que o associam indiscutivelmente à semântica neoclássica.

Mais que descrever e investigar os materiais e técnicas construtivas, que agregam valor histórico, cultural e artístico ao Palácio Universitário, esta pesquisa fornece embasamento técnico e teórico necessários à realização de um projeto de preservação e conservação deste que é, indiscutivelmente, um dos melhores "testemunhos dessa fase da arquitetura brasileira" (BARATA, in ZANINI, 1983, p.394).

Este trabalho está distribuído em três capítulos:

O **primeiro capítulo** exibe a localização do prédio do **Palácio Universitário** no Campus da Praia Vermelha. Na seqüência, limita-se a um breve relato de sua história, para justificar a necessidade de se erigir o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro

destinado a tratar exclusivamente de doentes mentais e as ações, que impulsionaram sua criação. O projeto foi “desenvolvido por três dos mais proeminentes arquitetos do Brasil Imperial” (ROCHA-PEIXOTO in CALMON, 2004). Na tipologia analítica deste monumento arquitetônico, investiga-se a composição no nível espacial e funcional, a partir da análise de seus elementos construtivos. Este capítulo se encerra com a descrição dos ambientes de maior destaque da edificação, investigando-se, sobretudo, como os materiais e técnicas disponíveis no período da construção condicionaram esta arquitetura.

O material de pesquisa deste primeiro capítulo reuniu dados do Hospício de Pedro II e de sua construção colhidos por historiadores, entre eles, Moreira de Azevedo (1969), Calmon (2004), Marques dos Santos (in CALMON, 2004), Valladares (1978) e Schnoor (1995) e arquitetos, onde se cita Rocha-Peixoto (2000, s/d, 2000-b, 2004 e in Calmon, 2004) e Caetano (1993). Contribuiu ademais para esta pesquisa a iconografia cedida pela Sub-Prefeitura da Praia Vermelha e do Fórum de Ciência e Cultura.

O estudo do panorama psiquiátrico do Brasil no século XIX que antecedeu a construção do hospício baseou-se em Leme Lopes (1965), Engel (2001) e Salles (1971), nos padrões recomendados pela *American Psychiatric Association* (1969), além de documentos referentes à história e arquitetura do prédio e sua iconografia.

A tipologia deste prédio se apoiou em estudos das fachadas e plantas deste monumento e de outros por Rocha-Peixoto (2000-a, s/d e 2004), Schnoor (1995), Alvim (1999), Távora (s/d), e à avaliação crítica da autora, a partir do estudo de edificações congêneres. As fachadas e os espaços internos, no entanto, não se limitaram ao enfoque estilístico. Buscou-se neste capítulo investigar como os materiais e técnicas construtivas condicionaram a arquitetura deste monumento.

O **segundo capítulo** classifica e exhibe os **materiais e técnicas construtivas** do antigo Hospício de Pedro II, numa abordagem descritiva e analítica, mas vai além.

Adota como ponto de partida informações referentes a dimensões e padrões decorativos de materiais e elementos construtivos colhidos do levantamento arquitetônico do Palácio Universitário. Este mapeamento físico, realizado em 2000, teve a participação da autora na coordenação e alicerçou significativa parcela das descrições contidas nesta pesquisa. Em virtude do tempo transcorrido, estes registros foram revistos e atualizados, e quando não constavam do levantamento citado, foram elaborados pela própria autora.

Os desenhos em autocad foram o ponto de partida para sua edição revista em Photoshop. Da mesma maneira, foram fotografados os elementos construtivos do edifício e agregados antigos registros encontrados no IPHAN.

Na seqüência, cada técnica do antigo hospício foi cadastrada, investigando-se os materiais e sistemas construtivos do prédio. Esta etapa da pesquisa fundamentou-se em visitas a bibliotecas no Brasil e em Portugal. No Rio de Janeiro, as pesquisas a documentos, livros e iconografia incluíram o Real Gabinete Português de Leitura, a Biblioteca Nacional, o IPHAN do Palácio Capanema, o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, a biblioteca Pedro Calmon do FCC – SIBI – Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRJ, a biblioteca da FAU e EBA - UFRJ, Museu da República, biblioteca Paulo Santos, Museu da Imagem e do Som, biblioteca do Museu Histórico Nacional e arquivos do Setor de Restauração. Em Lisboa, além de pesquisa bibliográfica, a autora assistiu a uma aula de história e técnicas no MNA - Museu Nacional de Azulejo. Na biblioteca da Universidade de Évora, foi possível disponibilizar de fontes bibliográficas referentes a manuais de procedimentos construtivos.

Foram assim localizados manuais técnicos, onde ressaltamos: Bellegarde (1848), Segurado (s/d-a, b, c, d, e), Rainville (1880) e Vasconcellos (1961). As referências bibliográficas disponíveis em Rebouças (1885) impulsionaram novos estudos. Além disso, destacamos Alcântara (1980), no estudo de azulejaria e Ribeiro (2003) na pesquisa versando alvenarias históricas, entre os autores que trouxeram para esta dissertação contribuições sobre materiais ou técnicas construtivas específicas. A partir daí, traçou-se um paralelo com descrições detalhadas de características empregadas nas edificações do século XIX, constantes desses guias, objetivando identificar as técnicas usadas da edificação em estudo.

Na caracterização da linguagem arquitetônica, os dicionários ilustrados de arquitetura de Corona & Lemos (1972) e Lima e Albernaz (1998) desempenharam papel essencial.

O estabelecimento de uma analogia entre os padrões construtivos empregados neste palácio e de outras construções brasileiras do período foi possível graças à garimpagem das obras de Santos (1981), Reis Filho (2004), Valladares (1978) e Rocha-Peixoto (2000-a). A hipótese da autora está precisamente nesta questão: demonstrar que

mais do que um típico prédio em estilo neoclássico, este monumento arquitetônico imperial é marcado pelo aperfeiçoamento e apuro no modo de construir, tendo estado sua construção no cenário da arquitetura brasileira à frente de seu tempo.

As causas gerais de degradação do prédio apontam para questões de ordem climática, como a insolação, as chuvas, os ventos e a maresia. Além disto, atuam em sua deterioração: pragas urbanas, como roedores, cupins e brocas e também pássaros e pequenos animais. A poluição atmosférica é igualmente responsável por danos ocasionados na edificação. Entretanto, mesmo sabendo da importância das patologias para se propor ações de conservação, limitou-se à investigação dos materiais e sistemas construtivos, ficando esta questão como sugestão para um outro trabalho de pesquisa.

As considerações parciais que sucedem cada um dos procedimentos construtivos objetivaram estabelecer uma análise crítica, elucidar e enfatizar o valor neles contido.

Nas **considerações finais** demonstra-se que, além de estarem presentes as características arquitetônicas do neoclassicismo, a edificação reúne a excelência das técnicas construtivas do segundo reinado.

CAPÍTULO 1

**O PALÁCIO UNIVERSITÁRIO**

## 1.1. LOCALIZAÇÃO

O Palácio Universitário, monumento arquitetônico construído em estilo neoclássico no século XIX para ser o Hospício de Pedro II (Fig. 1), hoje abriga unidades da UFRJ (Fig. 2).



Fig. 1: Hospício de Pedro II, pintura de Victor Frond, 1859.

Fonte: <http://rjtv.globo.com/RJTV>



Fig. 2: Palácio Universitário.  
Fonte: Foto: Bira Soares, 2002.

Localiza-se na Avenida Pasteur, nº 250, no bairro da Urca, no quarteirão delimitado pelas avenidas Pasteur e Venceslau Brás e pelas ruas Xavier Sigaud, Lauro Müller e Lauro Sodré (Fig. 3).

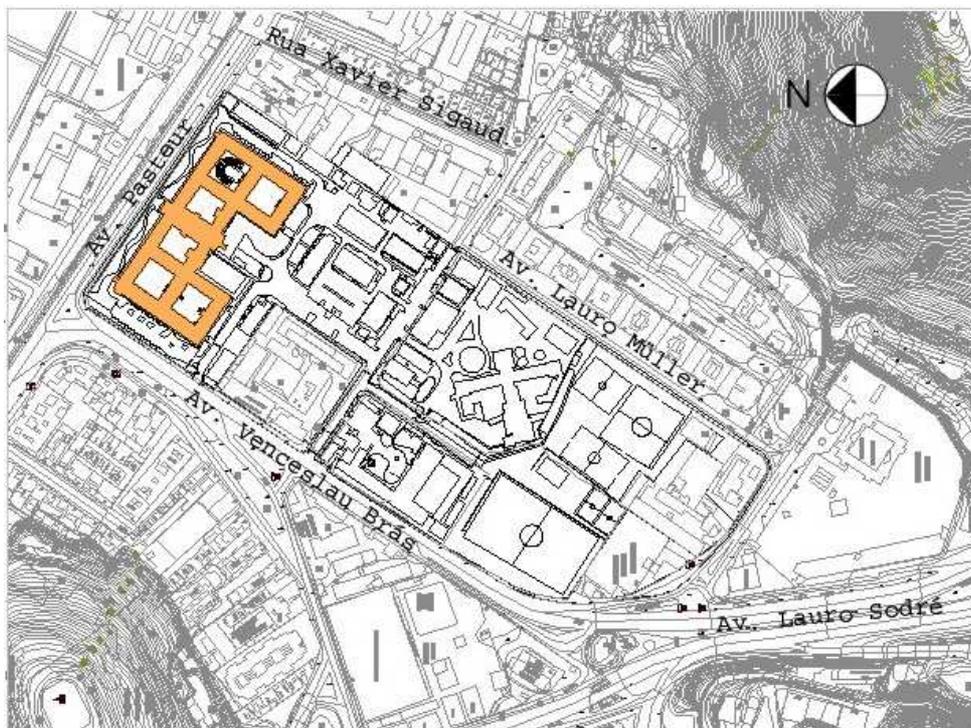


Fig. 3: Localização do Palácio Universitário.  
Fonte: Sub-Prefeitura da Praia Vermelha, 2006.

Maior área construída do Campus da Praia Vermelha da UFRJ (Fig. 4), este prédio histórico, por suas qualidades arquitetônicas, dimensões palacianas e esmero construtivo, destaca-se das demais edificações vizinhas.

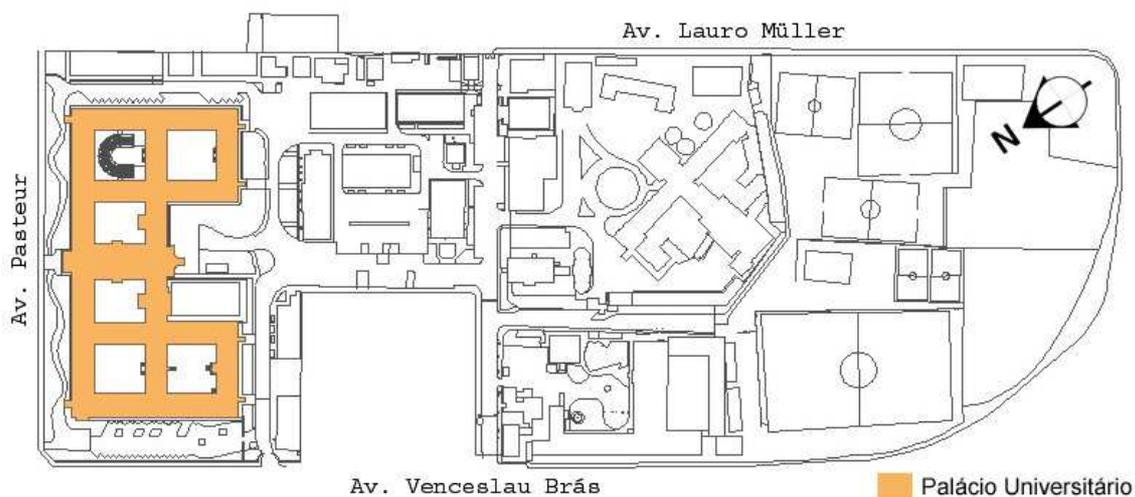


Fig. 4: Planta de situação do Campus da Praia Vermelha.  
Fonte: Sub-Prefeitura da Praia Vermelha, 2006.

Situado na orla da baía de Guanabara<sup>1</sup>, e próximo ao Pão de Açúcar, “ocupa um lugar singular na paisagem carioca, apesar de ter sua visibilidade bloqueada pelo Iate Clube<sup>2</sup>” (MARQUES DOS SANTOS in CALMON, 2004, p.9). Ver Fig. 5.



Fig. 5: Foto aérea do Campus da Praia Vermelha.  
Fonte: Sub-Prefeitura da Praia Vermelha, 2006.

<sup>1</sup> O terreno era originalmente vizinho à antiga praia da Saudade, extinta pelos aterros realizados no local.

<sup>2</sup> A sede do Iate Clube foi construída nos anos 1930, bloqueando, desde então, a visibilidade do prédio.

Lamentavelmente, nem mesmo seu tombamento<sup>3</sup> efetuado em 1972, pelo IPHAN impediu que novas construções e edículas fossem erigidas no entorno.

Este exemplar neoclássico é hoje ocupado pela decania do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), Fórum de Ciência e Cultura (FCC), Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC), Instituto de Economia (IE) Escola de Comunicação (ECO), Faculdade de Educação (FE) e pelos vestiários da piscina da Escola de Educação Física e Desportes (EEFD). Na adaptação do prédio pela UFRJ, não se previu o desgaste ocasionado pelo fluxo contínuo de alunos, professores, funcionários e visitantes. Durante o ano letivo, há faculdades com cursos no período diurno e noturno nos dias de semana, envolvendo atividades de ensino e técnico-administrativas.

Há na edificação hoje: salas de aula, de professores, de reuniões, gabinetes de diretores de faculdades e de decano, além de bibliotecas, auditórios, salões destinados a concertos e recepções, uma capela e áreas de serviço. Os “altíssimos pés direitos conferem ao monumento gravidade e nobreza” (SANTOS, 1981, p.60-61). No térreo, as galerias com iluminação natural (Fig. 6) abrem-se a pátios internos por portas de madeira e praticamente prescindem de sua iluminação artificial; no segundo pavimento, se integram aos pátios por janelas (Fig. 7).



Fig. 6: Galeria do térreo, FCC.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.52.



Fig. 7: Galeria do 2º pavimento, FCC.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.

<sup>3</sup> Livro de tombo do IPHAN: Inscrição 438 de 11 de julho de 1972, número do processo: 0503-T-53.

A ventilação cruzada natural e os pés direitos elevados evidenciam o cuidado do projeto arquitetônico do Hospício de Pedro II, com a criação de ambientes promotores de saúde e atende as recomendações da Associação Psiquiátrica Americana (1969, p.64)<sup>4</sup>, “as instalações de um hospital psiquiátrico devem satisfazer às necessidades fisiológicas e psicológicas de pacientes e funcionários (tradução da autora)”.

## 1.2. BREVE HISTÓRICO

A idéia de se proporcionar um tratamento humanitário aos doentes mentais e a necessidade de um atendimento semelhante ao que recebiam todos os demais pacientes nas suas enfermarias refletiram, desde 1830, uma postura de caridade que tomou no Rio de Janeiro, “a expressão de um protesto público” (CALMON, 2004, p. 27).

Na reabilitação dos insanos já despontavam, então, entre os modelos bem-sucedidos, os hospitais psiquiátricos franceses de Bicêtre de P. Pinel e Salpêtrière, de J.E. Esquirol, que argumentava: “Um hospital de alienados já é ele próprio um instrumento de cura<sup>5</sup>” (tradução da autora).

Os loucos, propriamente ditos, eram mantidos nas cadeias com vagabundos, criminosos ou indiciados. Essa promiscuidade de nenhum modo foi privativa da Colônia, do Vice-Reinado ou do Primeiro Império. Era universal (LEME LOPES, 1965, p. 1).

No Rio de Janeiro, o surgimento do “[...] louco como perigoso em potencial e como atentado à moral pública, à caridade e à segurança” gerou insatisfação dos médicos “[...] contra a situação dos alienados nas ruas e no hospital da Santa Casa da Misericórdia” (MACHADO et al., 1978, apud PORTOCARRERO, 2002, p.18). Este nosocômio abrigou os doentes mentais até a primeira metade do século XIX sem o propósito de tratamento, “visando apenas livrar suas famílias de companhia tão incômoda” (SALLES, 1971, p.124). Eram mantidos nas enfermarias ou, quando mais agitados, trancafiados no porão, “em verdadeiro xadrez infecto”, onde passava um cano conduzindo o esgoto do Hospital da

---

<sup>4</sup> “It must satisfy the physiological as well as the psychological needs of patients and staff” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1969, p.64).

<sup>5</sup> “Un hôpital d’aliénés était déjà lui-même un instrument de guérison” (ESQUIROL apud CALMON, 2004, p.28).

Misericórdia. À precariedade das celas somava-se a inadequada vizinhança com a “seção de dissecação e a porta interna do cemitério” (SIGAUD, 1835 apud ENGEL, 2001, p.188-189). “A crítica do hospital é parte central da argumentação pela necessidade de um hospício” (MACHADO et al., apud PORTOCARRERO, 2002, p.18).

A Santa Casa inovou, transferindo algumas alienadas “[...] num pavilhão anexo à lavanderia geral, construído na Chácara do Vigário Geral do Caminho das Fortalezas da Praia Vermelha” (LEME LOPES, 1965, p.1). Para o provedor José Clemente Pereira, o injusto sistema de reclusão impossibilitava a cura das mentes enfermas; concluiu ser a citada chácara o local mais propício para um grande estabelecimento. Coordenou, então, a iniciativa para adquirir as demais terras foreiras da sobrinha do vigário, além de comprar a Chácara da Capela<sup>6</sup>.

A terra desafogada e fértil da praia Vermelha dividia-se, no começo do século XIX, em duas chácaras: a do Vigário-geral, que limitava com a área de Botafogo, foreira da Câmara e a da Capela, próxima dos quartéis ao pé da montanha, ambas fronteiras ao mar (CALMON, 2004, p.31).

Foi assim dotada pelo provedor a área necessária para a fundação do primeiro hospital psiquiátrico do Brasil, “na paisagem mais bela destes recôncavos entalhados na alta rocha, entre a placidez do golfo e as grandes massas graníticas que o estrangulam e sombreiam” (CALMON, 2004, p.32). As palavras contidas no relatório de Clemente Pereira tornaram-se célebres: “Não sei que espírito de providência me inspira, a Chácara do Vigário-Geral há de um dia converter-se em hospício de alienados<sup>7</sup>” (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p. 469). Tendo o provedor angariado recursos e estando autorizado pelo imperador D. Pedro II a empregar nas obras do hospício o produto da grande subscrição, no dia da coroação do monarca foi assinado o decreto<sup>8</sup>.

Desejando assinalar o fausto dia da minha sagração com a criação de um estabelecimento de pública beneficência: hei por bem fundar um hospício destinado privativamente para tratamento de alienados com a

---

<sup>6</sup> Os dados referentes às aquisições das chácaras e quintas que deram origem ao terreno, onde foi construído o Hospício de Pedro II podem ser encontrados em Moreira de Azevedo (1969, v. I, p. 478-479), Calmon (2004, p. 92-94) e Leme Lopes (1965, p. 2).

<sup>7</sup> Relatório apresentado em 25 de julho de 1840 por José Clemente Pereira.

<sup>8</sup> Decreto 82, de 18 de julho de 1841 (CALMON, 2004, p. 35).

denominação de Hospício de Pedro II, o qual ficará anexo ao hospital da Santa Casa da Misericórdia desta Corte, debaixo da minha imperial proteção [...] (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p.470).

Aceitou-se “[...] a anexação do Hospício à Santa Casa, com a condição de que aquele só serviria para tratamento de alienados [...]”, nunca para outro destino. (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p.471). De acordo com Marco Aurélio Jorge (1997, p.35) a opção por sua construção na Praia Vermelha era marcada pela prática da exclusão, objetivando o afastamento do louco do meio urbano e social, fosse pelo distanciamento ou pela reclusão. Segundo Carvalho (1980, p.19), a densidade demográfica da região só se deu no final do século XIX, com a introdução do serviço de bondes e o incremento das atividades industriais.

Segundo Teixeira Brandão (apud LEME LOPES, 1965, p.2), a área deste estabelecimento de caridade “resultou da integração de dez frações de terrenos”. Situado na Praia Vermelha<sup>9</sup>

[...] o terreno do Hospício foi adquirido para fim específico, [...] sua incorporação, como hoje se diz, resultou de iniciativas sucessivas, coordenadas para prover à instituição a ser construída ao solo adequado e mais ainda [...] isso decorreu da iniciativa imperial, para se ter presente que essa gleba privilegiada da cidade constitui, desde sua integração, num todo, patrimônio nacional (LEME LOPES, 1965, p.2)

Dentre os discípulos de Grandjean de Montigny, dois acumulavam a formação artística da aula de arquitetura civil da Academia Imperial de Belas Artes com a base técnica de engenheiros militares na Escola Central: José Maria Jacintho Rebello e Joaquim Cândido Guillobel. Dentre os predicados destacados por Calmon (p.40-48), Rebello foi um dos arquitetos mais talentosos do seu tempo, enquanto o português Guillobel era dotado do mais fino gosto. Estes dois engenheiros/arquitetos e mais o tenente de engenheiros Domingos Monteiro<sup>10</sup>, foram os autores do monumento arquitetônico construído para ser o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro: o Hospício de Pedro II.

<sup>9</sup> A Praia Vermelha foi em tempos passados “a praia de Santa Cecília, teve também o nome de Praia do Susano, pois se localizava em frente à Chácara da Capela, de Manuel Antunes Susano. Chamou-se ainda Praia da Saudade [...]” (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p.479).

<sup>10</sup> Calmon reuniu importantes dados acerca de Monteiro, Guillobel e Rebello no Palácio da Praia Vermelha, (2004, pp.40-48).

As obras tiveram início em 5 de setembro de 1842 e, no dia 8 de dezembro de 1852, o Hospício começou a funcionar com cento e quarenta alienados. De acordo com Moreira de Azevedo (1969, p.472) só em 1855 as obras foram concluídas.

Este vasto Palácio da Praia Vermelha, monumento de arquitetura imperial que estende a sua pesada massa quase na fímbria do mar, tendo por moldura e contraste a alta montanha carioca, é um símbolo de civilização e sentimento na paisagem histórica do Brasil (CALMON, 2004, p. 17).

Na descrição deste prédio o lirismo de Calmon contrasta com o tom queixoso de um dos internados, Lima Barreto<sup>11</sup> (2002, p.23- 26). “Aborrece-me este hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade”. Em outra passagem de seu diário, o escritor observa os navios livres na enseada e reflete, melancólico: “Eu estava preso, via-os por entre as grades e sempre sonhei ir por aí afora, ver terras, coisas e gentes...”

Embora adotasse o regime de isolamento por grades (Fig. 8 e 9), celas e quartos fortes, o Hospício de Pedro II era considerado um dos melhores do mundo, pois nele “existia um esboço de tratamento ocupacional com instrumentos de música, oficinas para trabalhos manuais e, sobretudo espaço, claridade e pátios arborizados” (LEME LOPES, 1965, p.3). E mais: havia “asseio ordem e disciplina no estabelecimento”, os internados eram “tratados com humanidade” e andavam “decentemente trajados” (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p.477).

---

<sup>11</sup> Em sua luta contra a dependência ao álcool e conseqüências, onde avultam os episódios psicóticos, o escritor Lima Barreto foi um dos mais notórios internados do Hospício de Pedro II e sua vivência no prédio data de 1920.



Fig. 8: Janelas com grades no antigo hospício, s/d.  
Fonte: SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

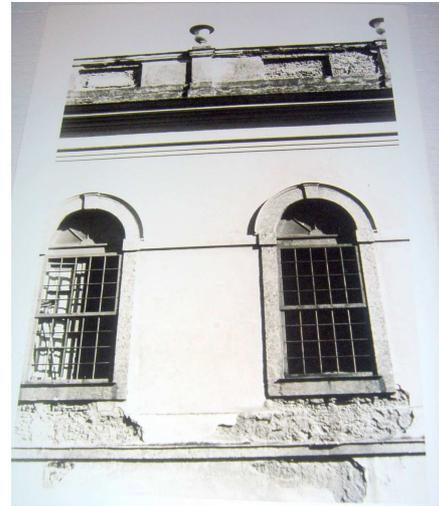


Fig. 9: Janelas com grades em destaque, s/d.  
Fonte: SPHAN.

A ala Pinel, do lado direito do prédio, era ocupada pelos homens, enquanto as mulheres, a Ala Esquirol, no lado esquerdo. O pavimento térreo destinava-se aos loucos furiosos, o superior aos mansos. Os internos eram divididos em três classes de rendas pelo custo das diárias.

Na ala Pinel no térreo, junto ao vestíbulo, ficavam a secretaria e a rouparia. Havia quatro dormitórios, uma enfermaria e oito quartos de pensionistas. Existia um refeitório para os pensionistas e outro para os doentes pobres, cozinha e despensa. Encontravam-se dois pátios com jardim e tanques. Segundo Moreira de Azevedo (1869, p.473), em 1860 foram construídos dez banheiros de mármore para banhos quentes, frios, de chuveiros e a vapor.

Situado numa das mais belas áreas da cidade, o Hospício de Pedro II acabaria transformando-se no século XIX “numa opção para os passeios dominicais” (ENGEL, 2001, p.203). A arquitetura do prédio não constituiu apenas um fato estilístico: sua localização na enseada de Botafogo, em conjunto com as outras construções neoclássicas da orla da baía, indicava a quem chegasse na cidade “a existência de marcos civilizadores da arquitetura civil”. Tal opção estética expressa o período “de construção de uma sociedade nacional, que se pretendia integrada aos cânones ocidentais” (MARQUES DOS SANTOS, in CALMON, 2004, p.11).

Logo se reconheceu o erro daqueles que consideravam inútil construir um palácio para encerrar alienados. A lotação prevista superou as expectativas e, na avaliação de Lima Barreto (2002, p.81), o hospício seria “bem construído e adequado, se não tivesse o hospital psiquiátrico quatro vezes o número de doentes para que o foi planejado”. Os indigentes eram admitidos gratuitamente, assim como os escravos, cujos senhores não possuísem mais de um e nem condições de custear o tratamento. Os marinheiros de navios mercantes também não pagavam, segundo Moreira de Azevedo (1969, p.476).

Era lógico que o crescimento da cidade, o aumento da população, acompanhados da impressionante incidência de doenças nervosas – fato constatado em todos os países – esgotaram a capacidade de atendimento do antigo hospital (SALLES, 1971, p.126).

Conduzido por expoentes da psiquiatria nacional, o hospital de alienados “teve existência memorável e não lhe faltou prosperidade, nos seus créditos de instituição exemplar, pela qual se orientaram as congêneres do País” (CALMON, 2004, p.83).

Foi a sua fase áurea, pois passou a ter o aspecto de autêntica casa de recuperação, com parques bem sombreados para recreio dos internados, salões de leitura, praxiterapia em oficinas diversas, etc. (SALLES, 1971, p.125).

Até a República, o hospital subordinava-se à Santa Casa<sup>12</sup>. Em 1890 “foi dela separado e passou a denominar-se Hospício Nacional de Alienados [...]” (CALMON, 2004, p.106). A ampliação de sua área e o acréscimo de dois novos pátios em 1904 foi efetivada sob a direção do psiquiatra baiano Juliano Moreira e “[...] respeitou rigorosamente a paginação e dimensões originais do prédio” (ROCHA-PEIXOTO, 2004). Ainda assim, uma análise criteriosa das técnicas e materiais empregados nestas novas áreas construídas possibilita a percepção de suas adições.

Embora o Professor Maurício de Medeiros (apud Calmon, 2004, p.107) exalte a remoção das grades em 1904, o Professor de Psiquiatria Leme Lopes (1965, p.4) garante que ainda estavam lá nas janelas e quartos de segurança do hospício, quando em 1943 foi designado para “[...] ver um raivoso”.

---

<sup>12</sup> A partir daí foi vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, como esclarece Calmon (2004, p.84, p.125).

O prédio funcionou como hospital psiquiátrico de 1852 até 1944, quando os doentes foram transferidos para o Engenho de Dentro e as estátuas dos psiquiatras Esquirol e Pinel foram retiradas<sup>13</sup>. O reboco das fachadas solto ou desagregado (Fig. 10) era apenas um dos pontos vulneráveis do prédio. Entre 1944 e 1948<sup>14</sup>

[...] quando se iniciaram as obras para sua recuperação, o casarão da Praia da Saudade ficou vazio, suas paredes manchadas pela lepra do mau uso e do desuso, seus pisos esburacados transformados em tropelias para ratazanas, uma ruína (LEME LOPES, 1965, p.4).



Fig. 10: Estado de uma das fachadas, cerca de 1946.  
Fonte: IPHAN.

A edificação foi cedida pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema em 1948, quando foram regidas pelo reitor Pedro Calmon as obras de sua recuperação para instalar a Universidade do Brasil, hoje UFRJ.

A Reitoria da Universidade radicou-se no edifício em 1949, onde hoje está o FCC. Segundo Caetano (1993, p. 176), em 1950, com a restauração da ala direita, a Escola

<sup>13</sup> As estátuas dos mestres da psiquiatria que associavam o prédio ao seu uso como hospício foram removidas em 1944. De acordo com Leme Lopes (1965, p.3) a de Esquirol teria sido transferida para a Colônia Juliano Moreira, enquanto a de Pinel, para o Instituto de Psiquiatria Adauto Botelho, no Engenho de Dentro.

<sup>14</sup> O hiato se justifica; conforme Caetano (1993, p.170), de 1942, antes mesmo da desativação do Hospício, até 1944 estava nos planos do Ministro Capanema utilizar o prédio para abrigar o Externato do Colégio Pedro II. A idéia foi definitivamente descartada em dezembro de 1945, quando se decidiu por seu uso pela Universidade do Brasil.

Nacional de Educação Física pôde ser transferida para a área atualmente ocupada pela FE e a ECO. Em 1951 e 1952 a ala esquerda, destinada às faculdades de Arquitetura e de Farmácia, foi recuperada. A primeira localizava-se onde hoje estão o IE e a FACC; a última, no local da decania do CCJE. O Palácio Universitário foi inaugurado em 1952, mesmo antes da conclusão de suas obras.

A luta deflagrada pelo reitor Pedro Calmon para tombar o prédio teve início em 1953, mas o processo só avançou depois que a instituição, já como UFRJ, tomou posse definitiva do imóvel<sup>15</sup>. O tombamento pelo IPHAN se concretizou somente em 1972.

De 1972 a 1976 melhorias foram empreendidas na capela e no Salão Pedro Calmon. Em 1977 quando o Palácio Universitário sofreu vistoria pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural – INEPAC, o estado de preservação do prédio foi considerado satisfatório. Em 1988, entretanto, infiltrações no telhado já se haviam transformado em um problema em toda a edificação. Os trabalhos de recuperação do monumento, desde então, foram ações empreendidas em algumas áreas da construção em apreço, sem dispor, contudo, de um levantamento arquitetônico ou plano diretor, em que se pudesse embasar um projeto de preservação para todo o conjunto.

A profecia de Calmon (2004, p.90) concretizou-se parcialmente. Segundo ele: “A Universidade do Brasil mudar-se-á para as vastas instalações da Cidade Universitária, em plena construção neste momento. Deixará um dia esta provisória morada”. Ainda que a reitoria tenha sido transferida para o Campus da Ilha da Cidade Universitária em 1973, a UFRJ continua utilizando este monumento neoclássico com cinco faculdades, cursos de pós-graduação, além de uma decania e do FCC. As palavras de Calmon revelam a lucidez de um reitor, capaz de salvaguardar da demolição e do uso inadequado um exemplar arquitetônico histórico de caráter simbólico do patrimônio nacional, que não vem sendo poupado da degradação.

Entre os agentes de sua deterioração, destacam-se: infiltrações freqüentes no telhado, o avanço das infestações de pragas urbanas, as patologias existentes em seus materiais de construção, o vandalismo e o fluxo excessivo do corpo docente, discente e de funcionários. Contribuem também para seu mau uso a demanda cada vez maior por

---

<sup>15</sup> De acordo com Caetano (1993, p.180), a UFRJ tomou posse definitiva do prédio da Avenida Pasteur n° 250 e dependências anexas em 1968. Antes disso, possuía apenas o usufruto do monumento.

um aumento de carga elétrica, devido aos aparelhos de condicionamento de ar, além de elevadores e o incremento da rede de dados e telefonia. A edificação exhibe sinais de danos, prova irrefutável de que vem sendo usada de maneira inadequada. Ainda que ações fundamentais de recuperação estrutural e artística já tenham sido realizadas, é fato inquestionável que o Palácio Universitário clama por um projeto global de preservação.

É sabido que as ações de preservação num monumento histórico e artístico só podem ser fundamentadas a partir da pesquisa de sua história e de suas técnicas construtivas, sendo o primeiro passo a análise de sua arquitetura e construção.

### 1.3. PROJETO E CONSTRUÇÃO

O estudo investigativo das áreas de atuação dos autores do projeto e construção do Hospício de Pedro II tomou como base a historiografia disponível. Construído de 1842 a 1852 por três dos mais destacados arquitetos do século XIX: Domingos Monteiro, Joaquim Cândido Guillobel e José Maria Jacintho Rebello<sup>16</sup>, o antigo Hospício de Pedro II era originalmente disposto em um grande retângulo, compreendendo quatro pátios internos. Foi só a partir do acréscimo de 1904 que o edifício passou a ter a sua planta atual, com seis pátios e 11.000m<sup>2</sup> de área construída, mas em pelo menos um pátio interno havia uma construção anexa ao prédio, que foi posteriormente demolida.

Sua arquitetura é destacada por Rocha-Peixoto (2004) pela “concepção íntegra e original no vasto terreno vazio da antiga chácara do Vigário Geral”. A crítica de Reis Filho (2004, p.36) à implantação convencional do Palácio Universitário, em relação à via pública, não o impediu de louvá-lo pelos adiantados padrões de sua época, dimensões excepcionais e avanço técnico.

Guillobel e Rebello estavam entre os alunos de Montigny, que aliavam a formação artística da Academia Imperial de Belas Artes à base técnica da Escola Central, destacando-se pela qualidade e quantidade de suas obras, conforme Rocha-Peixoto (2004, p.12).

Para Rocha-Peixoto (2002, p.15) “o pragmatismo econômico e funcional não eliminou diferenças individuais, que conferem uma personalidade à obra de cada

---

<sup>16</sup> Os arquitetos Monteiro, Guillobel e Rebello também atuaram no Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

engenheiro”. Realizador de grandes estruturas, o carioca Rebello (1821-1871) foi um dos arquitetos de maior habilidade e sensibilidade artística de sua época. Guillobel (1787-1859) veio de Portugal, dotado de formação prática. Calmon (2004) descreve Monteiro como construtor experimentado, ainda que lhe faltasse orientação da escola francesa.

A arquitetura do hospício foi marcada pelo “[...] traçado comum, em dimensões formidáveis, dos palácios reais, com a surpresa do corpo central em boa pedra, e a unificar o conjunto esse ar vigoroso e evocativo que têm os velhos sobrados do Rio de Janeiro” (CALMON, 2004, p.48).

Em sua análise da composição arquitetônica do Hospício Pedro II, Rocha-Peixoto (2004) defende a adoção dos princípios de projeção de Jean Nicolas Louis Durand e vai além. Compara-o com a Santa Casa, sustentando a unicidade de soluções das fachadas, que, em sua análise, guardariam entre si “grande coerência nos detalhes construtivos, na manutenção do ritmo e proporção nas plantas e fachadas, da articulação dos espaços internos, na escolha dos materiais de construção e revestimento”. A partir daí, sugere que a composição arquitetônica e ornamental das fachadas e espaços internos, incluindo pórticos e capelas dos dois edifícios, seria da mesma autoria, de Rebello ou Guillobel, ou de ambos.

Paulo Santos (1981, p.60) confere a Rebello a construção do Hospício, mas não lhe credita a autoria do projeto do edifício, como fazem Alfredo Galvão e Pedro Calmon.

A autoria do projeto por Monteiro seria confirmada por Barata (in Zanini, 1983, p. 394), mas a atuação de Rebello não se limitaria ao pórtico (Fig 11), porém, à fachada. Em ambos interviria Guillobel, “dando o risco do zimbório com lanterna, que coroa a parte central do primeiro numa proporção limitada por um espaço pequeno e o risco do pórtico para o segundo, com colunas e frontão”.



Fig. 11: Pórtico de entrada do Palácio Universitário.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.86.

No relato de Calmon (2004, p.44) Rebello teria atuado como “engenheiro construtor do palácio na fase intensiva e final, que se desenvolveu entre 1846 e 1852”, apresentando a José Clemente o desenho de projeto das redes de água e esgotamento em 1848.

É possível reivindicar para José Maria Jacintho Rebello a parte da construção em que a igreja se articula com o corpo principal do prédio, sem dúvida a originalidade mais bela dessa arquitetura monumental, com os pormenores de estilo que a coroam de um esplendor austero (CALMON, 2004, p.45).

De acordo com Moreira de Azevedo (1969, p. 473), Domingos Monteiro teria sido o autor do projeto do edifício, exceto o pórtico creditado a Guillobel, e José Maria Jacintho Rebello, que modificaria o plano primitivo: “o desenho de Monteiro foi ‘felizmente modificado’, acrescentando-lhe Joaquim Cândido Guillobel o ‘pórtico atual’, e José Maria Jacinto Rebello ‘algumas partes’ que emprestaram ao edifício o seu aspecto admirável”<sup>17</sup> (CALMON, 2004, p.36, grifo do autor).

A descrição de Valladares (1978) confirmou o exposto, atribuindo os primeiros projetos do prédio a Monteiro e o desenvolvimento e modificações a Guillobel e Rebello.

<sup>17</sup> Esta crítica teria sido publicada n’O Universo Ilustrado em 1858.

Segundo Calmon (2004, p.59), na retirada dos andaimes, D. Pedro II constatou faltar ao conjunto arquitetônico o destaque de um pórtico, erguido posteriormente pelo provedor Clemente Pereira na frente da fachada primitiva. O acréscimo deste frontão foi o realce clássico, que distinguiu da planta de Domingos Monteiro a concepção acadêmica de Guillobel com a técnica de Rebelo.

#### 1.4. TIPOLOGIA

A tipologia deste monumento foi investigada sob o aspecto analítico, revelando esquemas de bases organizadores da expressão de concepções arquitetônicas de seu tempo, conduzindo à compreensão desta edificação. Além da análise da autora, revela-se a historiografia relativa à tipologia deste prédio, com referências ao seu uso atual. Foram também incluídos os espaços mais relevantes do prédio, buscando-se evidenciar nestas áreas os materiais e técnicas neles empregados.

Na avaliação de Rocha-Peixoto (2000, p.65-66), a terceira fase do neoclassicismo no Brasil, de 1831 a 1855, teria plasmado a mentalidade brasileira em arquitetura, com o surgimento dos “cânones de composição autóctone, a forma imponente e palaciana das edificações de partido constante”: os edifícios públicos, orfanatos e grandes hospitais.

Elaborada sob influência da Academia de Belas Artes e da Missão Francesa, a arquitetura do paradigmático Hospício de Pedro II é marcada pela “clareza construtiva e simplicidade de formas” (REIS FILHO, p.117, 2004).

Conforme Rocha-Peixoto (2000, p.37), a superexaltação da horizontalidade em sua composição “indica o tipo de planta repetitiva conhecido como *enfilade*”<sup>18</sup>. Originalmente havia quatro pátios internos, desenvolvendo-se em alas em torno destes, com galerias amplas, bem ventiladas e iluminadas. A partir de 1904 (52 anos após a inauguração), devido ao incremento do número de internados no antigo hospício, o prédio teve que se expandir, passando a apresentar sua configuração atual, quando lhe foram acrescentadas duas áreas em U e a conseqüente criação de dois pátios internos, conforme se observa na foto de Augusto Malta (Fig. 12).

---

<sup>18</sup> Na “*enfilade* os compartimentos no interior formam uma sucessão linear de salas unidas por um corredor ou varanda interna e apresentam largura constante e comprimentos modulados conforme o ritmo regular de fenestração da fachada” (ROCHA-PEIXOTO, 2000, p.37).



Fig. 12: Hospício Nacional de Alienados, foto de Augusto Malta, 1903.  
 Fonte: Museu da Imagem e do Som.

As Fig.13, 14 e 15 mostram as plantas do térreo, segundo e terceiro pavimentos da edificação com indicações das áreas de expansão. As áreas posteriores dos dois pátios centrais tiveram suas coberturas removidas com o objetivo de serem introduzidas lajes para a execução do segundo piso.

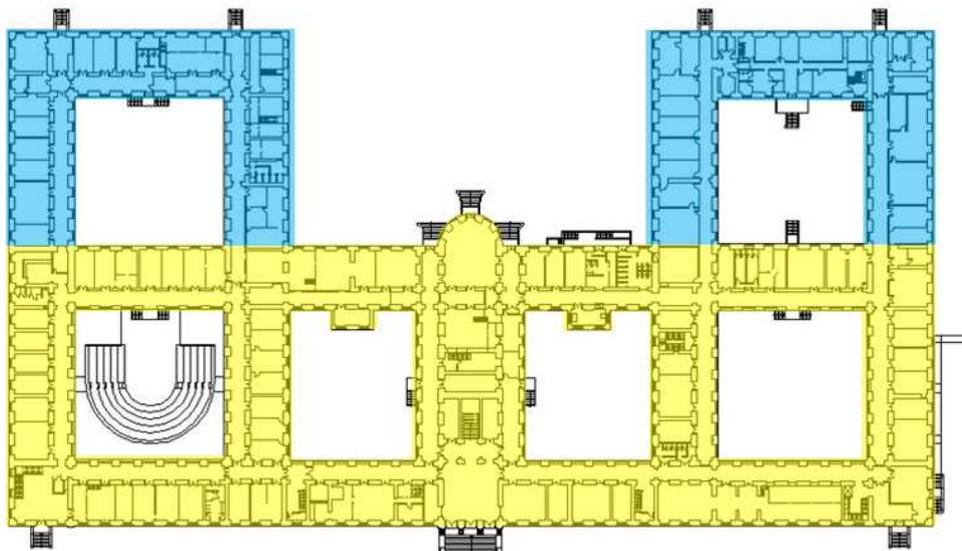


Fig. 13: Planta do térreo, Palácio Universitário.  
 Construção de 1852 em amarelo e acréscimos de 1904 em azul.  
 Fonte: Desenho de Enio Kaippert, 2006, sobre levantamento de Caetano (1993).

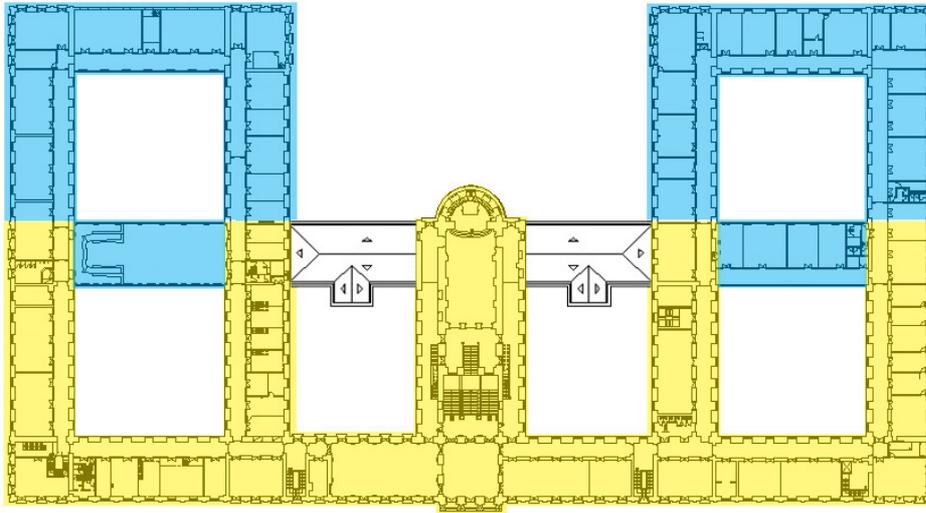


Fig. 14: Planta do 2º pavimento, Palácio Universitário.  
Construção de 1852 em amarelo e acréscimos de 1904 em azul.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert, 2006 sobre levantamento de Caetano (1993).

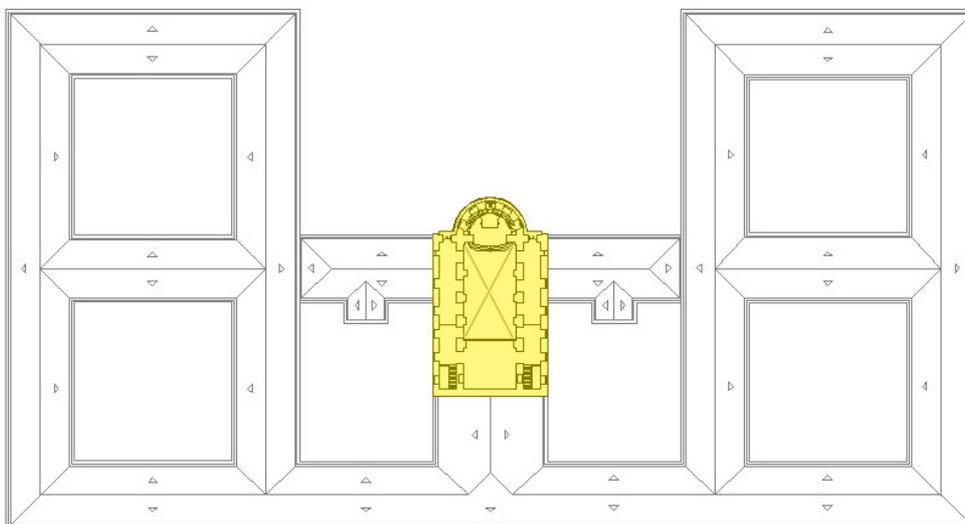


Fig. 15: Planta do 3º pavimento, Palácio Universitário.  
Construção de 1852 em amarelo.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

O aumento de áreas “respeitou rigorosamente a paginação e dimensões do edifício original”, como assinalou Rocha-Peixoto (2004, p.17), embora uma leitura das fachadas e espaços internos possibilite apontar as diferenças entre os aspectos estilísticos e técnicas construtivas originais e as intervenções.

Os aposentos articulam-se com os pátios internos a partir das galerias e estas são originalmente interligadas, entretanto não é raro deparar-se com circulações bloqueadas. O compartilhamento do Palácio Universitário por algumas faculdades e unidades da UFRJ, associado à crescente insegurança do Rio de Janeiro e do número reduzido de porteiros do prédio, conduz a uma situação inusitada: empenhados em salvaguardar o patrimônio da instituição, os diretores de faculdades trancam as portas situadas nos corredores, que comunicam as faculdades, interferindo no trânsito na edificação e, o que é mais grave, dificultando os escapes em caso de incêndio.

O prédio, na maioria das áreas se desenvolve em dois pavimentos (térreo e segundo piso), exceto as duas áreas simétricas de um único pavimento e a de três pertencente à capela, situada no corpo central, cuja nave exibe o único pé direito duplo (Fig. 16), acusando-se na cobertura com zimbório. Todas as janelas dos salões nobres, antes denominados salas de respeito, estão voltadas para a fachada principal, com exceção das pertencentes ao salão Pedro Calmon; originalmente descoberto; suas paredes, coberturas e esquadrias foram construídas após a desativação do hospício.

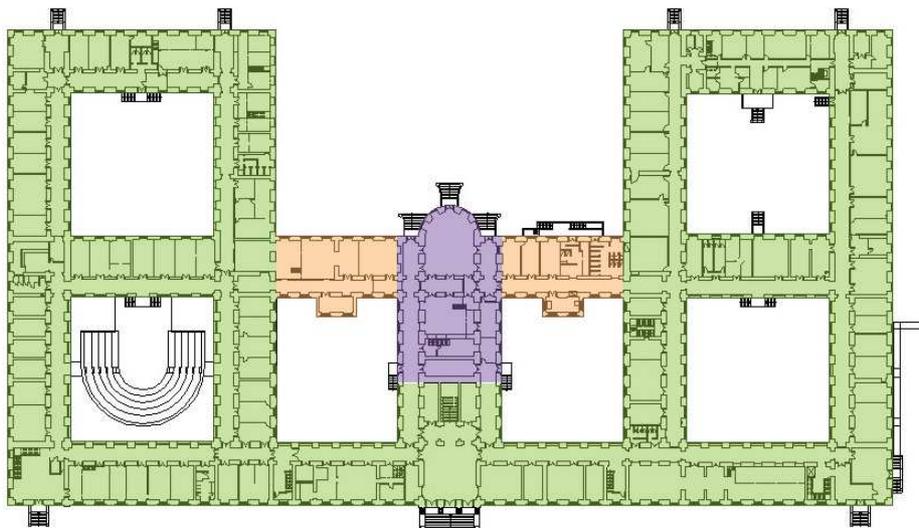


Fig. 16: Planta, indicando área com um pavimento em marrom, dois em verde e três em roxo.  
Fonte: Desenho de Ênio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

A fachada principal mostra pilastras duplas com tratamento estereotômico, dividindo os panos de parede onde se inscrevem as esquadrias; de arco pleno no segundo pavimento, com portas-sacadas e guarda-corpos de balaústres de ferro fundido em parte delas. Todas as do térreo são de peitoril, dispostas ao fundo de nichos, também em arco pleno, mas de maior diâmetro. As exceções são os conjuntos de três esquadrias com vergas retas.

O escoamento das águas do telhado em tubos de águas pluviais em ferro fundido contribui na ornamentação da fachada, com condutores situados junto às pilastras de pedra, apresentando terminais de cabeças estilizadas de delfins.

Na fachada, (Fig. 17) o alto embasamento da edificação é evidenciado pelos óculos de forma circular emoldurados por cantaria em gnaisse bege - destinados à aeração dos porões - situam-se sob o eixo das esquadrias, em todo o perímetro do prédio. Os óculos apenas não existem, onde há escadas externas ou acessos ao porão; estes foram fechados com placas de compensado em 1996 para impedir que pequenos animais aí penetrassem. As faixas de marcação dos pavimentos em cantaria estendem-se por todo o perímetro do monumento, sendo mais estreitas as que dividem o térreo do segundo pavimento, que as situadas entre o térreo e o porão. Além das faixas e da própria volumetria do palácio, acentuam a dominância da horizontal treze gradis em ferro fundido das sacadas.

Assim como na metade das fachadas neoclássicas não-religiosas do Rio de Janeiro, a do Palácio Universitário é “composta por um corpo central destacado e duas alas laterais” (ROCHA-PEIXOTO, 2000, p.36).

A principal característica da arquitetura clássica é a composição a partir dos elementos sustentados e sustentantes, nos quais a ornamentação se subordina aos esquemas de representação estrutural. Assim, é natural que estes elementos sejam expressos através da diferenciação de cor e textura dos materiais [...] (ALVIM, 1999, p.105).

A edificação ostenta cantarias, estabelecendo o ritmo. O corpo central é saliente, induzido por um pórtico principal, com pequeno templo todo revestido em gnaisse bege e coroado por um frontão reto. A cornija jônica exhibe dentículos sob o lacrimal. Contrastando com o paramento branco, são também de gnaisse os cunhais, embasamentos, pilares, ombreiras, peitoris, vergas, sobrevergas, faixas de divisão entre

os pavimentos, óculos, patamares e escadarias da edificação. As galerias são interligadas e amplas, alguns pátios ainda são sombreados pelas copas de árvores, as salas são espaçosas.



Fig. 17: Fachada do Palácio Universitário, cerca de 2000.

Fonte: [www.ufrj.br](http://www.ufrj.br)

No térreo do pórtico quatro colunas de gnaiss com capitéis dóricos sustentam a balaustrada elegantemente elaborada em mármore branco, e entre as colunas há três vãos em arco pleno de gnaiss, com tratamento estereotômico e rematados por chaves<sup>23</sup>. O segundo pavimento recebe tratamento de *loggia* italiana com quatro colunas de capitéis jônicos; três janelas se abrem entre estas sustentações. São vãos em arco pleno com tratamento da cantaria semelhante ao do térreo, mas, como são menores os vãos das janelas no segundo, ali a superfície pétreo é maior. Os fustes das colunas deste duplo porticado são maciços, lisos e elegantemente executados numa peça única de pedra. O tímpano helênico era originalmente ornado por “armas imperiais trabalhadas em mármore”. Com a extinção do Hospital de Alienados e a doação do prédio para a Universidade, a reitoria encaminhou requisição em 1948 ao SPHAN para retirada deste ornamento, substituindo-o, desde então, pelas “letras em bronze do dístico ‘Universidade do Brasil’ na frisa do entablamento do pórtico”<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Chave é a “última pedra, aduela ou cunha que firma e sustenta um arco” (CORONA & LEMOS, 1972, p.126).

<sup>24</sup> Cx.0400, P1717 e cx 563, P1630, COPEDOC – Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e referência do Palácio Capanema.

Conforme Rocha-Peixoto (2000, p.34): “As fachadas do neoclassicismo carioca restringiram sua escolha a três das cinco ordens<sup>25</sup>, ignorando a dórica e a compósita”. Seu pensamento contrasta com a análise estilística de Moreira de Azevedo (1969, p. 472), segundo a qual a arquitetura do térreo do pórtico de entrada do Palácio Universitário seria da ordem dórica do teatro Marcello (Fig. 18) em Roma e a do segundo pavimento da ordem jônica, do sistema do templo de Minerva<sup>26</sup> Políada na Grécia. Na visão de Schnoor, esta última referência trataria do Templo Atena Polias, em Priene (Fig. 19). O fuste das colunas do Palácio não é canelurado.



Fig. 18: Fachada frontal do Teatro Marcello de Roma  
Fonte: [www.romaviva.com/Fori-Imperiali/teatro\\_marcello.htm](http://www.romaviva.com/Fori-Imperiali/teatro_marcello.htm)

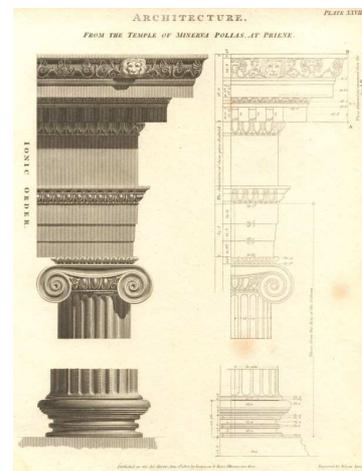


Fig. 19: Desenho da coluna do Templo de Minerva Polias, Priene.  
Fonte: [www.thesciencebookstore.com/print.asp?pid=800076](http://www.thesciencebookstore.com/print.asp?pid=800076)

Consoante Santos (1961, p.60), a fachada do hospital psiquiátrico obedece às ordens da Renascença, mas sua análise se contrapõe à de Schnoor (1965, p.14): “Se no Hospício, as ordens, individualmente, derivam-se de obras greco-romanas, sua superposição em pórtico com frontão, cercado por alas distendidas, configura uma sintaxe arquitetônica maneirista”. É evidente o intuito do historiador de estabelecer uma oposição da semântica das construções renascentistas com a modenatura adotada no Palácio, cuja malha se divide em vãos, alternando três e sete janelas. O pensamento de Rocha-Peixoto

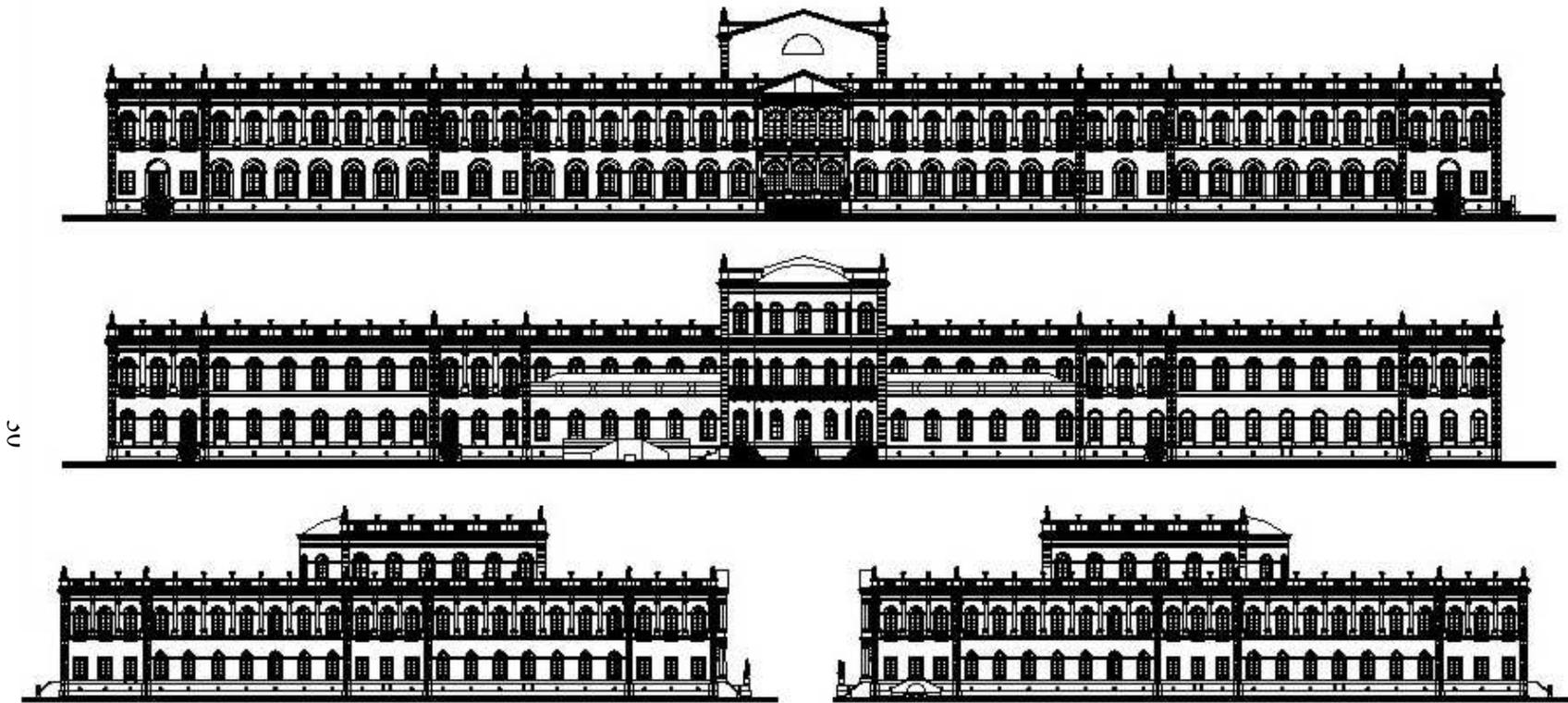
<sup>25</sup> Há cinco ordens clássicas, sendo três gregas e duas romanas. A dórica, jônica e coríntia são gregas enquanto a toscana e a compósita, romanas, segundo Corona e Lemos, 1972, p.347.

<sup>26</sup> Isto parece incongruente, porque a deusa Atena era assim chamada na Grécia; Minerva era o nome dado em Roma.

(2004) segue outro rumo; para ele a fachada do prédio seria a expressão natural da distribuição interna e seu arranjo alternado de três e sete vãos não poderia ser atribuído a uma intenção neomaneirista, mas, sim, a uma prescrição apoiada na metodologia de Durand<sup>27</sup>. A Fig. 20 exibe as fachadas da edificação.

---

<sup>27</sup> O arquiteto e professor francês Durand (1760-1834) criou em seu *Précis des leçons d'architecture données à l'École Polytechnique de Paris*, um método próprio de ensino da arquitetura, a partir de comparação de edifícios.



30

Fig. 20: Fachadas do Palácio Universitário.  
De cima para baixo: fachada principal (nordeste), fachada posterior, fachadas laterais.  
Fonte: Contribuição de Enio Kaippert sobre levantamento de 2000, Damstruc, 2005.

Um aspecto formal abordado por Barata (in ZANINI, 1983, p.391-394) é a adoção dos “ritmos de colunas que só se daria em palácios, teatros e outros edifícios monumentais [...]”. O esmero das proporções, o aspecto purista e severo associado ao jogo de grandes planos e superfícies retangulares das construções, que agregaram valor estético ao neoclassicismo brasileiro estão presentes neste monumento arquitetônico.

Santos (1981, p.59) afirma que a planta em quadra, com pátios extensos e agradáveis, obedeceu a um partido comum nos hospitais psiquiátricos de Paris, mas Calmon é mais específico: Monteiro teria se inspirado no antigo hospital de Charenton<sup>28</sup> para o projeto básico do Hospício de Pedro II, o que pode ser confirmado na confrontação das fotos aéreas recentes dos dois hospitais psiquiátricos<sup>29</sup> (Fig. 21 e 22). Ambos compõem-se de um corpo central, com um grande desenvolvimento de galerias, contornando pátios internos. Na análise de Calmon (2004, p.35), o sanatório brasileiro superaria o francês no sentido de proporções, simetria, espaços abertos ao sol e distribuição interna.



Fig. 21: Foto aérea do Hospital Esquirol, antigo Charenton, 2000.  
Fonte: Centro de Pesquisa Documental do Hospital Esquirol.

<sup>28</sup> Criado no séc.XVII, o *Hôpital Esquirol* é assim designado desde 1973 em homenagem a seu criador; situa-se na cidade francesa Saint-Maurice. Além de sua antiga denominação *Maison de Charenton* também foi denominada *Maison Royal de Charenton* e *Maison National*. Sua nova construção em 1838 foi concebida pelo arquiteto Emile Gilbert (<http://crd.hopital-esquirol.fr/>).

<sup>29</sup> A foto do *Hôpital Esquirol* da Fig. 20 foi gentilmente cedida pelo *Centre de Recherche Documentaire*, situado em Saint Maurice Cedex.



Fig.22: Foto aérea do Palácio Universitário. Foto: Marcos Gusmão, 2005.  
Fonte: Sub-Prefeitura da Praia Vermelha.

As fachadas do Palácio Universitário são atualmente caiadas de branco, algumas permanecem com a pigmentação rosada de outro período. A pintura de Henri Nicolas Vinet (Fig. 23) exibindo a entrada da baía de Guanabara com os fundos do Hospício de Pedro II, na cor rosa, poderia fornecer indícios acerca da cor original do prédio, já que o quadro foi pintado cerca de 1867 (aproximadamente doze anos depois da conclusão de sua construção). Entretanto, a pintura de Sebastien Sisson de cerca de 1858, do Hospício D. Pedro II em tom amarelado (Fig. 24) suscita dúvidas. Na avaliação de Ribeiro (2005), seria possível que, em algumas pinturas do final do século XIX, de caráter mais romântico, o aspecto colorístico das fachadas tenha sido fortemente alterado pelos efeitos da luz solar. A pesquisa realizada não conseguiu determinar a cor original.

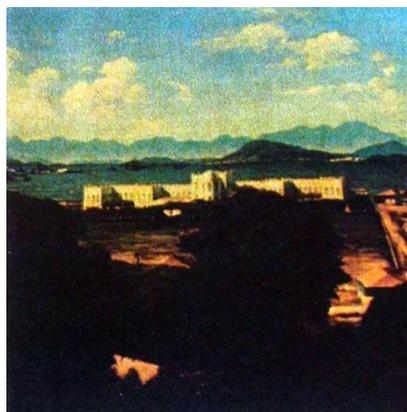


Fig. 23: Vista do Hospício de Pedro II, Vinet, cerca de 1867.  
Fonte: Valladares (1978).



Fig. 24: Hospício D. Pedro II na Praia Vermelha de Sisson, cerca de 1858.  
Fonte: Ribeiro (2005).

A Fig.25 evidencia o contraste de tons na fachada, onde as molduras são visivelmente mais claras que as superfícies planas. As paredes externas não eram brancas quando Malta fez o registro do prédio. Ainda que a foto em questão não esteja datada, é sabido que o fotógrafo atuou no governo de Pereira Passos a partir de 1903.



Fig. 25: Hospital Nacional de Alienados, foto de Malta, s/d.  
Fonte: Museu da Imagem e do Som.

Santos (1981, p.60) informa que a fachada teria sido revestida de pó de pedra pelos anos de 1930, sendo depois restabelecida. Este revestimento deve ter removido qualquer vestígio da cor original. O mesmo partido, adotado nas fachadas do Hospício de Pedro II e da Santa Casa, compreendendo um pórtico central todo de cantaria, com dupla colunata no térreo e no sobrado, arrematada por frontão, repetiu-se na antiga Casa da Moeda em 1853, com o acréscimo nesta última de dois frontões. No hospital psiquiátrico

[...] as alas laterais (que com este pórtico formam a fachada) são constituídas, cada uma, por quatro tramos esquadrihados por pilastras rusticadas. Sete janelas, três, sete, três, somando assim vinte janelas em cada um dos dois andares, ou seja, oitenta janelas na fachada (!) (SCHNOOR, 1995, p.15).

As salas de aula do Palácio Universitário foram adaptadas às necessidades de ensino de cada uma das faculdades a que se destinavam, por isso não ostentam um padrão decorativo único. As ombreiras em cantaria de suas janelas, antes gradeadas no período do hospício, ainda conservam vestígios das suas perfurações.

Rocha-Peixoto (2000, p.38) ressalta a rica ornamentação classicizante da capela e dos salões. Além destes dois espaços, as áreas a seguir, se sobressaem na edificação, reservando interesse por seu esmero decorativo. Estão assim localizadas no térreo: (Fig. 26): teatro de arena Carvalho Netto (1), pátio do FCC (2), pátio da ECO (3), vestíbulo (4), biblioteca Pedro Calmon (5) e salão Anísio Teixeira (6). No segundo pavimento (Fig. 25): gabinete da coordenação do FCC (7), sala do Quarteto (8), salão Moniz Aragão (9), salão Vermelho (10), salão Dourado (11), auditório Pedro Calmon (12) e, ocupando o segundo e terceiro pavimentos, Fig. 27 e 28, a capela São Pedro de Alcântara (13).

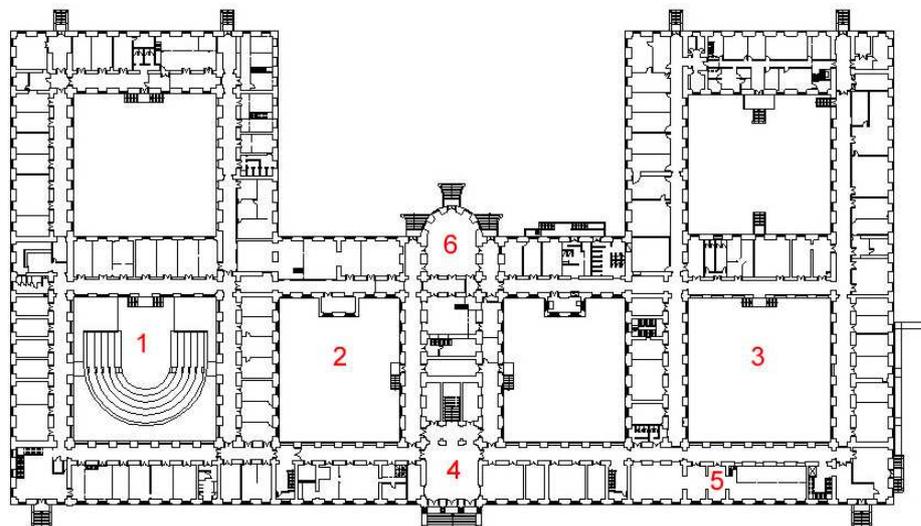


Fig. 26: Planta de áreas em destaque do térreo.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert, 2007.

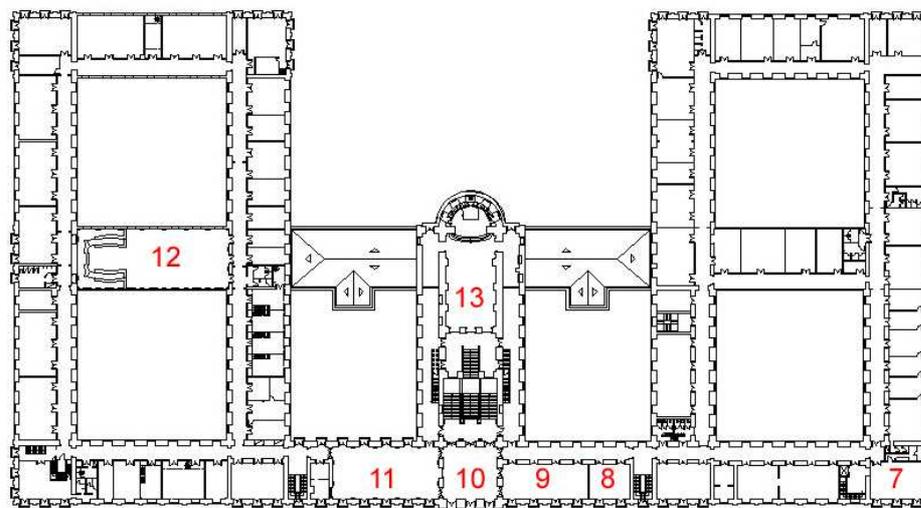


Fig. 27: Planta de áreas em destaque no 2º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert, 2007.

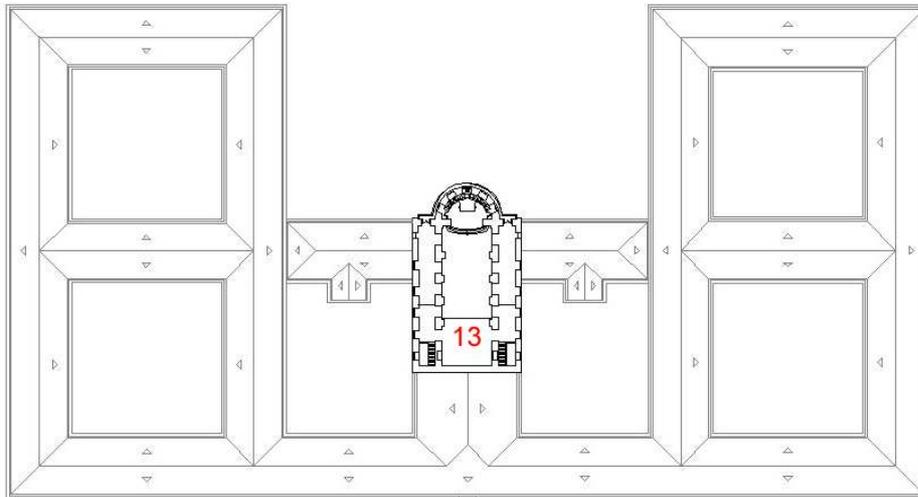


Fig. 28: Planta de áreas em destaque no 3º pavimento.  
Fonte: Desenho de Ênio Kaippert, 2007.

O **vestíbulo** (Fig. 29) ostenta pavimentação toda em mármore, os portais duplos são revestidos com gnaiss e seu forro de estuque é decorado. Completa a decoração do vestíbulo um belo lustre com doze braços curvos, lâmpadas e pingentes de cristal. No teto, onde se fixa este lampadário, há uma decoração fitomórfica (Fig. 30).

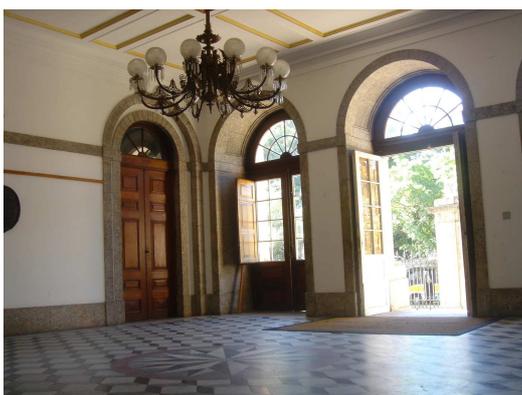


Fig. 29: Vestíbulo do Palácio Universitário.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 30: Lustre do vestíbulo.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.

Na análise de Calmon (2004, p.60), a majestade do palácio foi acentuada pela entrada imponente e esplêndida articulação com a **capela**, cuja inserção, no corpo central, reforçou-o com uma dimensão imprevista: a intenção mística. Situada no segundo e terceiro pavimentos da edificação, é hoje freqüentemente utilizada em cultos religiosos e casamentos; tem capacidade para cerca de 150 pessoas e área de 182,00m<sup>2</sup>. De acordo com Moreira de Azevedo (1969), as quatro tribunas abertas de cada lado eram, no período do hospital psiquiátrico, reservadas aos doentes, que podiam assistir missa.

A capela de gosto simples e grave, sem ornato de luxo, impressiona quem busca semelhante recinto; encerrado em uma rotunda está o altar com a imagem de mármore de São Pedro de Alcântara (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p.473).

Referindo-se a esta pequena igreja, o crítico d'O Universo Ilustrado<sup>30</sup> (apud CALMON, 2004, pp.44 - 45) a destaca como a melhor obra deste gênero, mas esclarece que seu altar ainda não estava concluído, quando da inauguração do hospício. A Fig. 31. exhibe a decoração da capela: um conjunto estatuário em madeira, conferindo ao recinto uma atmosfera de respeito. Fazem parte de sua ornamentação os capitéis coríntios, quatro lustres em cristal, que pendem a partir do teto.

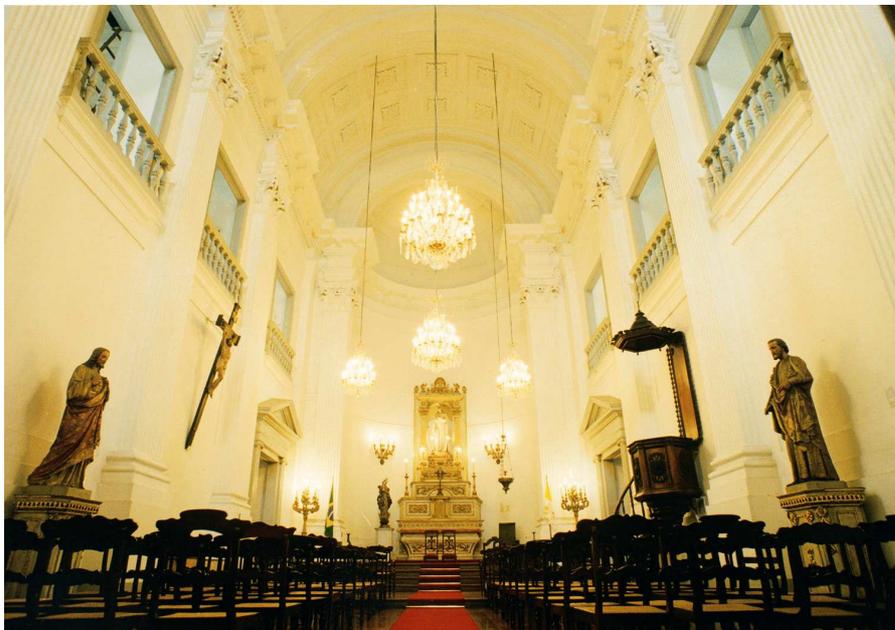


Fig. 31: Nave da Capela São Pedro de Alcântara. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon (2004, p.56).

<sup>30</sup> Crítica publicada no número 16 d'O Universo Ilustrado em 1858.

O altar-mor da capela de São Pedro de Alcântara do Palácio Universitário mostra na Fig. 32 a imagem em mármore de seu santo. Na comparação deste retábulo com o da Santa Casa da Misericórdia, da mesma equipe de arquitetos (Fig. 33), é evidente a similaridade. Além da ornamentação em madeira dourada sobre fundo branco, a semelhança pode ser observada nos seus tocheiros e apliques.



Fig. 32: Palácio Universitário, altar mor da capela São Pedro de Alcântara.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.22.



Fig. 33: Santa Casa, altar-mor da capela, s/d.  
Fonte: [www.almacarioca.com.br/hist09.htm](http://www.almacarioca.com.br/hist09.htm).

Este espaço religioso passou por obras de recuperação em 1975, segundo Caetano (1993, p.182), quando teve todas suas partes executadas em gesso restauradas, além de pintura de paredes e esquadrias pela face interna, execução de pedestal em madeira no altar, deslocamento da estátua de São Pedro, deslocamento das arandelas que ladeiam o altar, e deslocamento do lustre do altar. O púlpito (Fig. 34 e 35) é uma nota de elegância. O refinamento deste elemento em madeira possibilita destacá-lo como um dos trabalhos de marcenaria de maior requinte do prédio. Sua escada ostenta linhas sinuosas, os espelhos de seus degraus são entalhados com ornatos florais, e seu corrimão apóia-se

em delicados balaústres, ambos em madeira. A imagem de N. S<sup>a</sup> da Conceição<sup>31</sup> é do início do século XIX (Fig. 36).



Fig. 34: Púlpito da capela.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.24



Fig. 35: Ornato em madeira do púlpito da capela. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.80.



Fig. 36: Imagem de Nossa Senhora da Conceição, capela, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.23.

No térreo do FCC está o SIBI, Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRJ. Lá está a **biblioteca Pedro Calmon** (Fig. 37), onde além do esmerado trabalho de marcenaria das estantes, há um espaço de leitura e pesquisa; as mesas de estudo em madeira escura maciça recebem a iluminação de lustres, que pendem do teto.

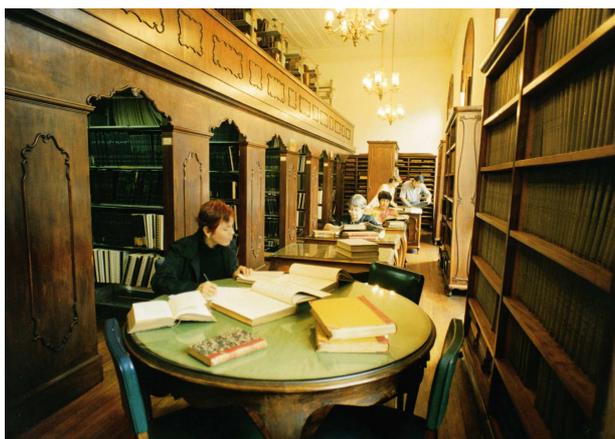


Fig. 37: Biblioteca Pedro Calmon. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.

<sup>31</sup> Esta imagem foi adquirida em 1977 pela UFRJ.

O **salão Vermelho** (Fig.38), com 98,00m<sup>2</sup> situa-se no segundo pavimento, defronte à capela. Sua designação atual justifica-se pela coloração do estofamento de seu mobiliário; é comumente utilizado para recepções de casamentos e coquetéis de eventos acadêmicos. Suas esquadrias são de abrir, de madeira escura encerada, com folhas duplas, encimadas por bandeiras. Um conjunto de portas abre-se para a sacada do pórtico da fachada principal do prédio. Na parede paralela há portas duplas comunicando o salão à escada de acesso ao vestíbulo. As outras portas, localizadas nas paredes perpendiculares ligam este espaço à circulação do FCC e no outro extremo ao salão Dourado. O piso exibe tábuas largas de madeira enceradas. O teto de gesso ostenta sancas em todo seu perímetro e ornamentação fitomórfica no centro, de onde um lustre em metal e cristal se destaca, Fig. 39.



Fig. 38: Salão Vermelho. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.



Fig. 39: Lustre do salão Vermelho. Foto: Bira Soares.  
Fonte: Calmon, 2004, p.111.

O espaço hoje denominado sala do **Quarteto** (Fig. 40), com 47,00m<sup>2</sup> é uma homenagem ao notório Quarteto<sup>32</sup> da Escola de Música da UFRJ e dispõe em seu acervo de documentos, que narram sua história. Situado no segundo pavimento, integra-se às áreas do FCC. Seu piso é constituído por tábuas corridas enceradas, seu forro e cimalkas, de madeira pintada. As portas de folhas duplas se abrem para a circulação. O mobiliário antigo em madeira escura lhe confere uma decoração sóbria, constando de

<sup>32</sup> O Quarteto Brasileiro percorreu o mundo apresentando-se nos mais eminentes centros culturais da Europa, de Israel e do continente americano ([http://www.funceb.org.br/revista3/rc3\\_entrevista\\_niremberg.pdf](http://www.funceb.org.br/revista3/rc3_entrevista_niremberg.pdf)).

uma mesa de reuniões, cadeiras com assento e espaldar em couro. Dentre os demais móveis, cita-se a cristaleira e o bufê. Sua decoração é complementada por lustres em cristal, quadros e objetos de arte.



Fig. 40: Sala do Quarteto. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.58.

O antigo auditório do Conselho Universitário, atual **salão Moniz Aragão**”, com quase 100,00m<sup>2</sup>, (Fig. 41), abre-se a seminários, congressos, cursos e conferências. No teto, as molduras douradas se harmonizam com as das paredes, destacando-se do fundo branco. Há um exuberante lustre em cristal. Suas portas em madeira encerada, com folhas duplas e bandeira de vidro, ligam-se com a circulação do FCC, possibilitando a ventilação cruzada com as outras esquadrias das sacadas, que se voltam para a fachada principal e também para as que se abrem para o pátio interno. Sem mobiliário fixo, permite que cadeiras sejam trazidas, em número variável, dependendo da quantidade de espectadores dos cursos ou seminários. Situa-se no segundo pavimento, entre o salão Vermelho e a sala do Quarteto.



Fig. 41: Sala Moniz Aragão. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.

O espaço designado atualmente **salão Dourado** (Fig.42) situa-se no segundo pavimento. Com 180,00m<sup>2</sup>, é ainda hoje um “espaço repleto de significados, atualmente destinado a concertos e cerimônias acadêmicas especiais” (MARQUES DOS SANTOS, 2004, p.11). Além disso, é utilizado para celebrações ou eventos acadêmicos. Nele foi realizada uma recuperação estrutural do piso em 1997, que se somou à restauração das paredes, teto e esquadrias. A prospecção estratigráfica das paredes revelou a existência de pinturas murais de três fases. Os rodapés ostentam pintura marmorizada em *trompe l’oeil*. As poltronas são estilo Luis XV. É relevante a análise estilística de Santos (1981, p.61) deste salão:

No salão principal sobressai a beleza das guarnições das portas e as elegantes bandeiras de pinásios radiais destacadas sobre as paredes; estas são decoradas com pilastras caneluradas da Ordem Coríntia, e o teto, discretamente estucado, com sancas em volta.

Como se verá no estudo de forros, o estuque do teto pode ter sido substituído por gesso em outra fase. Em uma das extremidades está a estátua de D. Pedro II, em rara aparição imberbe, e, na outra, a do provedor da Santa Casa José Clemente Pereira. A Fig. 43 exhibe este espaço com sua antiga mobília.

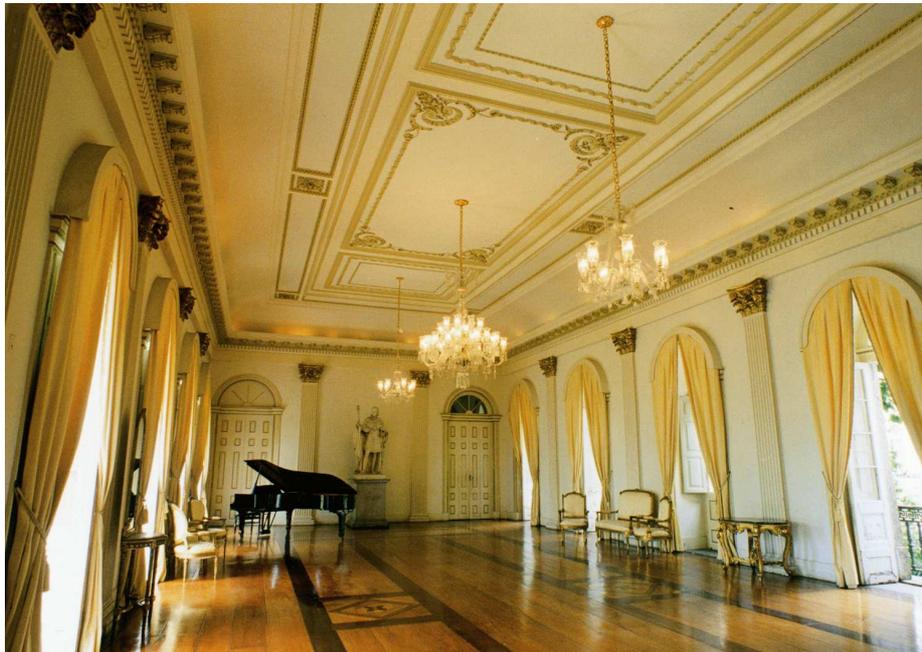


Fig. 42: Salão Dourado. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.



Fig. 43: Salão Dourado, antes denominado sala do fundador, s/d.  
Fonte: IPHAN.

O auditório **Pedro Calmon** (Fig. 44), com aproximadamente 270,00m<sup>2</sup> é utilizado em solenidades, congressos, conferências e palestras, com capacidade para cerca de 150 pessoas. Seu teto é em gesso, com luminárias embutidas nas sancas. As poltronas são em madeira e couro negro na platéia e em veludo caramelo na tribuna.



Fig. 44: Auditório Pedro Calmon. Foto Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo

Além dessas salas, destaca-se o **salão Anísio Teixeira** (Fig. 45), um auditório localizado no térreo da FE com cerca de 100,00m<sup>2</sup>. Situado sob a capela e a abside<sup>33</sup> de ambas, revela-se na fachada posterior da edificação.



Fig. 45: Salão Anísio Teixeira.  
Fonte: Foto da autora. 2006.

<sup>33</sup> Na definição de Corona e Lemos, (1972, p.14) pode-se designar por abside qualquer abóbada ou nicho de planta semicircular ou poligonal. Houaiss (2001, p.30) emprega o vocábulo sem acento, paroxítono, portanto.

Há no Palácio Universitário seis pátios internos. São extensos e agradáveis e seguiram o partido comum de hospitais psiquiátricos de Paris, segundo Santos (1981, p. 59). Nestes recintos descobertos, de acordo com Engel (2001, p.215), os homens internados no Hospício de Pedro II se ocupavam em trabalhos no jardim. De acordo com o paisagista Enio Kaippert da Sub-Prefeitura da Praia Vermelha, todos deles vêm recebendo tratamento paisagístico desde 2003. Muito utilizado atualmente como recanto de lazer dos alunos, no intervalo das atividades acadêmicas, o “pátio do laguinho”, como é vulgarmente conhecido, ostenta um chafariz octogonal. Este pátio concentra a maior variedade de padrões de azulejo da edificação.

O pátio hoje ocupado pelo Teatro de Arena Carvalho Netto, usado para espetáculos ao ar livre (Fig.46), ocupa um deles e tem testemunhado momentos marcantes da música popular brasileira. Em outro, junto à Editora, há pouca vegetação e fonte circular em pedra. Estas áreas descobertas são freqüentadas por alunos e visitantes para estudo e lazer.



Fig. 46: Pátio do Teatro de Arena. Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Calmon, 2004, p.88.

Dentre os espaços do Palácio Universitário aqui apresentados, a piscina, incorporada ao entorno deste monumento tombado, foi aqui evidenciada por se tratar de um apêndice inadequado. Construída junto à fachada posterior do prédio, é utilizada por estudantes e aberta à comunidade. As janelas das salas de aula da FE e da ECO, situadas na fachada norte inferior, não isolam o ruído das atividades na piscina.

Os compartimentos internos foram enfatizados por apresentarem bens móveis e integrados, a serem preservados pelo seu valor histórico e artístico. Em alguns deles, o estilo neoclássico se sobressai nos elementos arquitetônicos e decorativos.

Esta pesquisa constatou ter havido uma modificação na volumetria do prédio. A Fig.47 exhibe este espaço, situado entre os dois pátios centrais, junto à abside da capela. A construção foi demolida e situava-se anexa ao prédio principal. Não se pôde determinar o momento exato da incorporação deste apêndice ao Hospício de Pedro II. É provável que tenha sido demolido para adaptar o prédio à sua nova função.



Fig.47: Volume suprimido do Hospício Nacional de Alienados. Foto: Malta, s/d.  
Fonte: Museu da Imagem e do Som.

No capítulo seguinte, os materiais e técnicas construtivas da edificação serão descritos, classificados e estudados.

## CAPÍTULO 2

# **MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS**

Este capítulo buscou estabelecer uma analogia entre os procedimentos construtivos e materiais empregados no Palácio Universitário com os manuais técnicos, contendo descrições de técnicas similares às deste monumento. A classificação, identificação, mapeamento e análise de tais sistemas de construção forneceram o fio condutor desta pesquisa para se investigar as singularidades deste monumento que lhe conferem valor histórico.

## **2.1. ESTRUTURAS**

Esta seção trata das estruturas da construção. Nas áreas construídas em 1852 as sustentações de piso dividem-se em estruturas de alvenarias de pedra com arcos de tijolo e barotes de madeira. Nas áreas onde se deu a expansão da edificação de 1904 foram inseridas lajes e vigas em concreto armado.

Foram também citadas as vigas de aço agregadas a algumas salas.

As fundações não foram examinadas por falta de dados e impossibilidade de prospecções locais.

O prédio não apresenta um sistema estrutural independente de seus fechamentos. Forma como um todo um conjunto estrutural único.

### **2.1.1. Estruturas do prédio**

As técnicas construtivas e os materiais empregados na estrutura do prédio construída em 1852 incluem os arcos em tijolo dos porões e vigamento em madeira dos pisos do segundo e terceiro pavimentos.

Em 1996 foi realizada uma remoção de parte do entulho existente nos porões. A combinação dos sistemas construtivos foi revelada graças a incursões no local (Fig. 48).



Fig. 48: Acesso do porão, av. Venceslau Brás.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Segundo Mateus (2002, p.77), as alvenarias de pedra ou tijolo, empregadas desde a mais remota Antigüidade, eram utilizadas na construção de arcos. “Constituídas de blocos de pedra irregular ou de blocos modulares de tijolo, funcionavam associadas a argamassas de cal e areia [...]”. Os arcos são abóbadas de pequeno comprimento e “servem para descarregar sobre os pés direitos o próprio peso e o da construção que lhe fica superior” (SEGURADO, s/d-b, p.143). No Palácio Universitário, além desta função, estes elementos arqueados vencem o vão entre os apoios e resistem ao peso descarregado sobre seus extradorsos.

Tanto na construção de 1852 como na mais recente, as paredes e pisos apóiam-se sobre estruturas no porão, compostas por paredes de alvenaria de pedras, rasgadas por arcadas de alvenaria de tijolos, mas alguns aspectos construtivos diferenciam os porões primitivos dos demais:

#### **2.1.1.1. Porões das áreas construídas em 1852**

Não se pôde determinar a constituição das paredes e teto dos porões das áreas de 1852. É possível que sejam compostos de pedra, com argamassa de cal, areia e terra. A amarração entre as pedras pode ser a mesma descrita por Ribeiro (2003, p.73), garantida por lascas ou cunhas de pedra – os escassilhos – inseridas sob pressão, entre frestas e

juntas. A parede da fachada voltada para a Avenida Venceslau Brás ostenta 1,40m de espessura.

O único arco analisado da área erguida em 1852 (Fig. 49) tem 30cm de distância de intradorso a extradorso e 90cm de vão livre na base. É composto por tijolos compostos por anéis sobrepostos, mas travados entre si. Não se pôde compará-lo com os demais porões originais, cujos acessos estão bloqueados por entulhos, terra ou pedras.

As alvenarias mistas abordadas nos tratados são na maioria as de pedra irregular e de tijolo que são capazes de realizar economicamente qualquer ordem de espessura pretendida para as paredes portantes (MATEUS, 2002, p.103).

Não foi possível determinar se o uso de alvenarias mistas de pedra e tijolo estivesse nesta edificação vinculado a aspectos econômicos, já que no período da construção original o Brasil não produzia tijolos em larga escala. Este material pode ter sido empregado para aliviar o peso da construção, evitando-se, assim, usar parte das pedras previstas na execução de uma parede comum de alvenaria de pedras; além disso, não se exclui a possibilidade de sua construção possibilitar a ventilação nos vãos arqueados.



Fig. 49: Arco no porão original.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

#### 2.1.1.2. Porões das áreas mais recentes

Nos porões situados nas áreas mais recentes as cargas das paredes e pisos dos três pavimentos distribuem-se no porão sobre conjuntos de quatro arcos de descarga

semicirculares, que em projeção formam retângulos. Cada arco é composto por tijolos maciços homogêneos, medindo 20 x 7 x 10cm. É possível serem tijolos Viúva Guedes (Fig. 50), de fabricação nacional, os que compõem os arcos dos porões das áreas mais recentes. Ainda que não esteja visível o nome do fabricante nos tijolos assentados, foram encontrados exemplares soltos desta marca e dimensões, em entulhos do porão.



Fig. 50: Tijolo Viúva Guedes encontrado em porão do Palácio Universitário.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

O parecer emitido pelo Clube de Engenharia sobre a qualidade dos tijolos da fábrica da Viúva Guedes destacado por Rebouças (1885, p.69-71) exhibe suas qualidades, mas, apresenta restrições:

[...] é um bom tijolo de construção, bem cozido, sonoro, de cor agradável, resistente ressentindo-se, porém algum tanto da falta de homogeneidade em sua massa e, da mesma maneira que os tijolos Bastos e Anhangá, na crescida porosidade.

No mesmo laudo, entretanto, quando confrontado com seu competidor sério, o tijolo Santa Cruz, tanto o de barro lavado como o de barro comum (apanhado a esmo) por sua sonoridade extrema, perfeita homogeneidade da massa, perfeição nas arestas, diminuta porosidade e maior resistência, o tijolo da Viúva Guedes lhe é considerado superior.

Foram classificados dois tipos de arcos; a autora convencionou denominar *maior*, cada um dos que se situam paralelos às fachadas voltadas para as Avenidas Pasteur e Venceslau Brás, à esquerda, na Fig. 51. Foi designado *menor* (à direita) o que sustenta

paredes perpendiculares a estas fachadas; suas impostas<sup>35</sup> são constituídas de alvenaria de pedras de mão embutidos nas colunas de alvenaria de pedra dos arcos maiores.

Estes elementos estruturais maiores ostentam panos de duas vezes e meia de tijolo, quer dizer, sua espessura corresponde à soma de dois comprimentos (20 + 20cm) e uma largura de tijolo (10cm), totalizando 50cm, acrescidos de sua argamassa de fixação. Os tijolos são dispostos ao cutelo, ou seja, a observação frontal do arco revela as dimensões do comprimento pela sua espessura. Os arcos menores, uma vez e meia de tijolo (20 + 10cm), mais a argamassa. Segundo Mateus (2002, p.92), o aparelho por anéis independentes foi sendo substituído gradativamente, a partir do Renascimento, pelo travamento de vários anéis entre si. É esta a característica dos arcos do Palácio Universitário: são extradorsados paralelamente, ou seja, as curvas do intradorso e do extradorso são paralelas e concêntricas. Segundo assinala (s/d-b, 145), tratar-se de uma característica das arcadas clássicas. O sistema de arcos difundiu-se durante o período Romano e, conforme Prudêncio (2005, p.5), foi iniciado por assírios e egípcios em 4.000aC; os primeiros utilizavam blocos de adobe e os últimos incorporavam palha picada, para reduzir as fissuras.



Fig. 51: Arcos do porão, acesso pela avenida Venceslau Brás.  
Fonte: Foto da autora. 2006.

Tanto as alvenarias de tijolo, como as de pedra deste monumento são aglutinadas com argamassa de cal; as de pedra são irregulares e suas fiadas, dispostas em placas (as caudas das pedras, que as formam são inferiores à espessura das paredes). A Fig. 52 mostra as dimensões e formatos irregulares destes elementos pétreos. São de granito as

<sup>35</sup> Impostas são as paredes onde se apóia o arco, conforme Segurado (s/d-c, p.143).

alvenarias das estruturas no porão. Na Fig. 53 notam-se dois outros arcos unidos ao que está em primeiro plano, uma característica construtiva, que pode se repetir nos demais arcos dos porões deste edifício.



Fig. 52: Estrutura mista no porão.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 53: Arco em primeiro plano ligado a dois arcos ao fundo.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Há hoje arcos emparedados por alvenarias de pedra de um período posterior à construção primitiva. Apesar do porão ter pé direito de 1,70m, seu trânsito está bloqueado em grande parte de sua área, devido a vedações e entulhos depositados no local. Entretanto, estes espaços situados entre o solo e o térreo devem ter sido áreas de livre acesso em 1920. Lima Barreto (2002, p.32), internado do hospício, relata um fato pitoresco: “Um pequeno meteu-se no porão, armou-se de tijolos e ameaçou não sair de lá. Os guardas entraram lá com escudos de travesseiros”.

Na maioria dos porões o acesso é impraticável. A Fig. 54 revela uma das entradas do porão com vedações em tijolos furados e tubulações e a Fig. 55 mostra outro acesso bloqueado por pedras. São ambas entradas de áreas de construção mais recentes.



Fig. 54: Acesso a porão bloqueado por tijolos.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 55: Tubulação e pedras no acesso ao porão.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

### 2.1.2. Estrutura de piso em pedra e argamassa

Não se pôde determinar a constituição do piso do térreo das áreas originais do prédio. Pela análise dos tetos dos porões é provável que inclua em sua composição: areia, terra, pedra e cal, talvez fora apoiado em terra e entulho em algum período. Esta observação é possível a partir do teto dos porões, que exhibe uma superfície compacta e rígida, mas com irregularidades.

### 2.1.3. Estrutura de piso em madeira

Em todas as áreas originais do segundo pavimento do Palácio Universitário o piso em tábuas corridas é sustentado por barrotes de madeira, disposto paralelamente e com intervalos entre si e suas pontas embutidas nas paredes, compondo um conjunto estrutural integrado. As vigas são engastadas, não podendo ser removidas, sem que haja uma queda da resistência das paredes. Estas peças de madeira apresentam dimensão média de 25 x 25cm, sendo encontradas seções variáveis, chegando a 30 x 30cm.

Uma vistoria de rotina, realizada pela autora em 1996, mostrou a existência de tábuas corridas de madeira soltas. Para identificar as causas desta má fixação foram extraídos os pregos forjados, que as fixavam às vigas, para verificação de sua capacidade de sustentação. A análise visual por perfurações, ou ainda percussão<sup>36</sup>, apontou para a deterioração de algumas dessas vigas por ataques de cupins, brocas e fungos. A

<sup>36</sup> Na análise da percussão, o impacto por ferramentas como martelos permitiu a análise auditiva dos pontos de maior ou menor vulnerabilidade das vigas de madeira, o que pôde ser detectado pelas gradações de som grave ou agudo associados a madeiras íntegras ou ocas. As furadeiras elétricas permitiam avaliar a extensão das cavidades nas peças afetadas pelas pragas.

infestação foi estimulada por defeitos no telhado ou pela sua inadequada manutenção, propiciando sucessivas infiltrações de águas pluviais pelas alvenarias, atingindo as cabeças dos barrotes, ponto de maior vulnerabilidade subjacente às calhas que contornam todo o perímetro da cobertura.

Uma equipe multidisciplinar criada pela autora reuniu engenheiros de estruturas, biólogos especializados em pragas urbanas e uma empresa especializada na restauração de prédios históricos. Antecedendo-se à remoção das tábuas corridas, seu mapeamento foi efetuado, e só então um projeto de recuperação estrutural foi encaminhado ao IPHAN. Lamentavelmente, sem recursos financeiros para proceder à restauração das estruturas dos pisos de madeira de todas as áreas da edificação, dois pontos foram determinantes na prioridade dos ambientes a serem recuperados: a instabilidade dos pisos e a elevada frequência de pessoas, que nele transitam.

Nas três salas estudadas observou-se que cada uma apresentava características construtivas próprias:

**Sala da coordenação da pós-graduação da Faculdade de Educação:** Seu piso mede 5,65 x 7,20m. É sustentado por vigas, onde também se fixa o forro de madeira do pavimento inferior. O espaçamento entre os barrotes é de 45cm, aproximadamente. Notou-se, com a retirada do forro, que as vigas sustentam ao mesmo tempo piso e forro (Fig. 56). Nesta sala adotou-se uma solução estrutural mista (aço e madeira).



Fig. 56: Vigas do piso superior e forro da FE.  
Fonte: Foto da autora, 1996.

**Gabinete do coordenador do Fórum de Ciência e Cultura:** Mede 6,45m x 9,10m. Suas vigas guardam 60cm de distância de eixo a eixo, sendo a estrutura do piso independente da que suporta o forro do pavimento inferior, esta última com 15cm x 15cm.

A Fig. 57 expõe o madeiramento como encontrado em 1996. As peças de madeira, onde se fixava o piso estavam comprometidas pela ação de cupins e fungos.



Fig. 57: Sobre as vigas estão as peças onde se apóiam as tábuas.  
Fonte: Foto da autora, 1996.

**Salão Dourado:** Mede 9,10m x 18,14m. Na direção da dimensão de 9,10m o vão é subdividido no térreo em dois espaços: 6,04m e 2,36m. Suas vigas mantêm um espaçamento entre si de 64cm; suportam as cargas de piso e estão apoiadas em uma parede intermediária. Nestes mesmos barrotes fixa-se o forro do piso inferior.

Para evitar deformações diferenciais, que poderiam ocorrer em virtude do grande vão, a ligação das vigas neste salão é feita por meio de outras peças transversais de madeira (Fig. 58). No manual de Segurado (s/d-d, p.59) esta ligação é denominada sambladura de malhete (Fig. 59); caracteriza-se pela união de duas peças em madeira, entalhando-se uma para alojar a outra, possibilitando seu perfeito encaixe.



Fig. 58: Vigas em sambladura de malhete, salão Dourado.  
Fonte: Foto da autora, 1996.

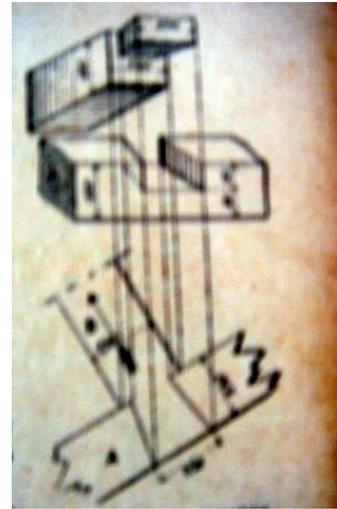


Fig. 59: Sambladura de malhete.  
Fonte: Segurado (s/d-d, p.59)

#### 2.1.4. Estruturas de concreto

Não foi possível determinar a data em que este material foi inserido na edificação, mas não foi quando do acréscimo da parte posterior, visto que esta foi executada no início do século XX, como pode ser constatado na foto da Fig.12, de 1903, e neste período não existia concreto armado no Brasil. O aumento de áreas no térreo e segundo pavimento promoveu um maior número de vagas para internados e criou dois novos pátios internos.

Nas áreas mais recentes dos porões (Fig. 60) nota-se por um orifício do teto em concreto (Fig. 61), que o piso de madeira do térreo está assentado diretamente sobre esta laje.



Fig. 60: Piso em concreto (visto do teto do porão).  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 61: Laje em concreto; orifício mostra as tábuas se assentando direto sobre ela.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Empregou-se concreto armado para cobrir dois terraços, cuja sustentação deve estar oculta nas paredes erguidas no mesmo período. As Fig.62 e 63 retratam as estruturas de piso: as áreas não coloridas pertencem à construção de 1852; as marcadas em cinza claro indicam as lajes executadas; em cinza escuro são os espaços do térreo, cuja cobertura foi removida para a execução de novo piso em concreto armado. Este material não foi empregado no piso do terceiro pavimento (área da capela), todo ele original.

A execução de lajes em concreto sobre a área onde hoje se situa o salão Pedro Calmon e sobre a área contígua na FE fez desaparecerem os dois únicos terraços da edificação.

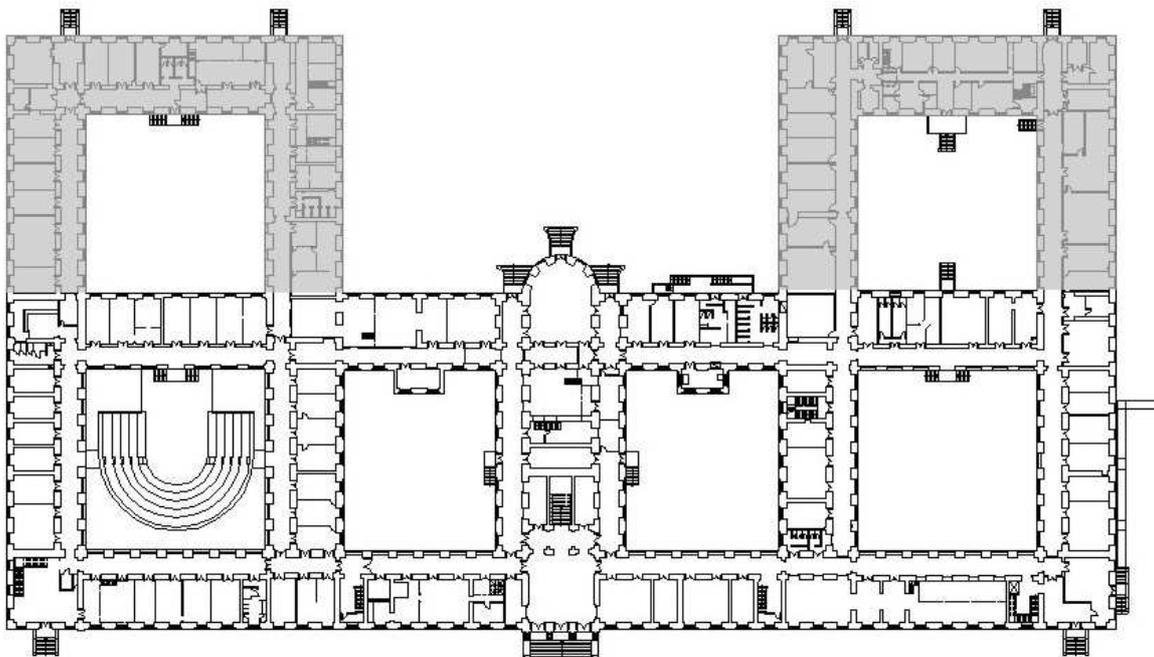


Fig. 62: Localização das estruturas em concreto no piso do térreo.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

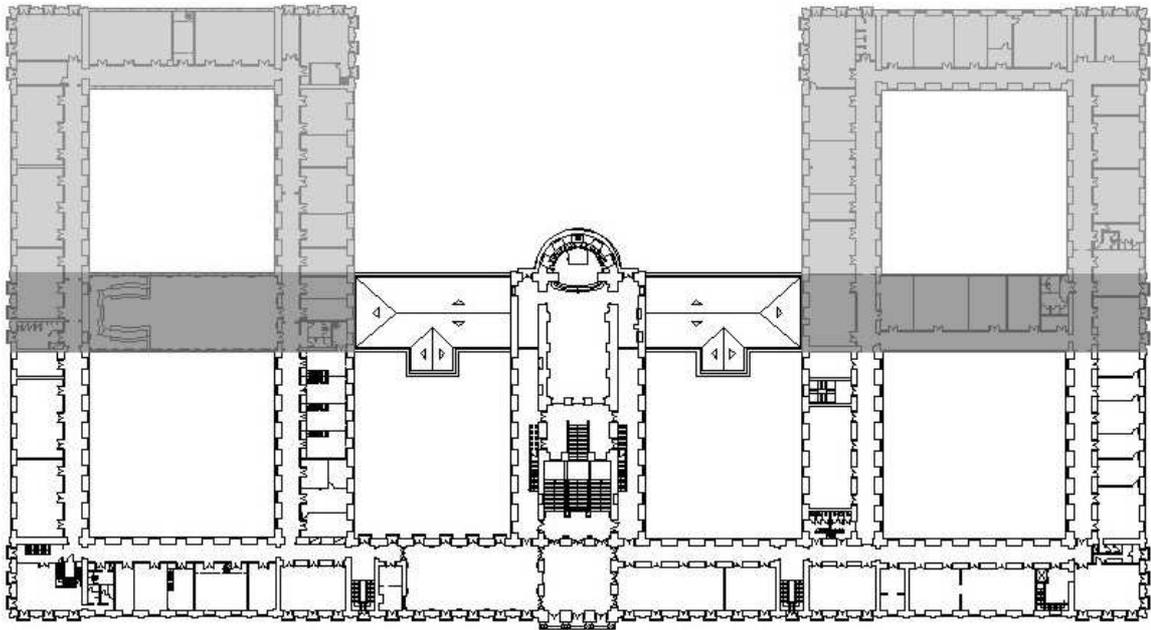


Fig. 63: Localização das estruturas em concreto no piso do 2º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

A Fig. 64 expõe uma circulação do IE, onde vigas do segundo pavimento da área mais recente do prédio podem ser vistas a partir do teto do térreo, sustentando a laje do piso superior.



Fig 64: Vigas e laje em concreto no teto.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

### **2.1.5. Estruturas de aço**

Em pelo menos um ambiente da edificação foram introduzidas vigas de aço. No gabinete da coordenação da pós-graduação da FE foi feita 1996 uma recuperação das estruturas de seu piso e, além de reforços nas vigas de madeiras a serem mantidas, com outras sobressalentes, foram utilizados perfis I de aço na substituição aos barrotes, que não exerciam mais sua função estrutural.

### **2.1.6. Considerações acerca das estruturas**

Ribeiro (in BRAGA, 2003, p.81) esclarece que só a partir da segunda metade do século XIX foram produzidos tijolos em escala industrial no Brasil. Portanto, devem ter sido importados da Europa todos os tijolos empregados nas áreas primitivas deste monumento. A alvenaria em pedra e cal constitui inovação em relação à argamassa em pedra e barro. Quando a cal se torna disponível, substitui o barro. O tijolo era uma opção nas alvenarias de cal e pedra por sua resistência, leveza e, sobretudo, à boa execução de um arco de descarga.

O emprego de madeiras serradas é citado por Reis Filho (2004, p.50) como uma das características do avanço tecnológico, que só se deu quando se aproximava o período da abolição da escravatura, o que indicaria que a edificação teria inovado no uso de madeiras serradas, pois foi construída quase cinquenta anos antes deste evento. Observando-se a longa extensão das vigas do salão Dourado e da sala da coordenação do FCC, seus acabamentos, entalhes e encaixes precisos, fica evidente o uso de procedimentos avançados para o período da edificação do monumento. Os longos pregos de ferro forjados empregados na fixação do soalho e a dimensão avantajada das vigas de madeira, ambos encontrados pela autora na fiscalização das obras de recuperação estrutural destes pisos fornecem indícios de serem estes barroteamentos originais.

A técnica construtiva de estrutura em vigas de madeira é mais freqüente no século XIX que, na observação de Rainville (1880, p.34), permitia escutar no andar superior o que se passava no inferior. Mesmo sem isolamento acústico no piso de madeira, as aulas ministradas atualmente no térreo do Palácio Universitário não chegam a causar desconforto às classes do pavimento superior. No entanto, ouve-se com facilidade o ruído de percussões e serras em obras executadas na edificação de um andar para outro.

Durante o uso do prédio como hospício não é difícil imaginar a perturbação ocasionada pelos gritos dos loucos furiosos do térreo aos mansos do segundo pavimento.

Quanto aos arcos dos porões das áreas construídas em 1852, não se pôde comprovar se a mesma configuração se repete nos demais espaços originais, ou se as áreas mais recentes apresentam características idênticas às que foram vistoriadas pela autora. Sem a determinação dos materiais que constituem a estrutura dos pisos do térreo, tampouco se pôde determinar com exatidão o procedimento construtivo adotado.

## 2.2. VEDAÇÕES

As vedações do prédio se dividem em alvenarias mistas de pedra com arcos de tijolos, de tijolos maciços, de estuque e de gesso. Estudou-se sua localização e aplicação no prédio. Os painéis divisórios, sujeitos a constantes mudanças de disposição e adaptação de salas para novos usos, não foram investigados por não trazerem contribuição para esta pesquisa.

### 2.2.1. Alvenaria mista de pedra e tijolo

As paredes de alvenarias das áreas originais do Palácio Universitário são todas estruturais, ou seja, além de realizarem vedações, sustentam em toda sua extensão as cargas da construção, aí incluídas: paredes, forros e pavimentos superiores. As vedações originais externas, tanto no térreo, quanto no segundo e terceiro piso têm em média, 1,00m de espessura, enquanto as internas, em torno de 0,70m, nos três pavimentos. São constituídas de pedras irregulares em tamanhos variáveis e argamassa de cor clara, possivelmente de cal e areia, reforçadas com arcos de descarga de tijolos maciços nos vãos. A Fig. 65 exibe uma parede externa, desprovida de reboco, situada na copa do FCC. A disposição dos tijolos nestes vãos das esquadrias é semelhante a dos arcos do porão.



Fig. 65: Parede em alvenaria de pedra, com arco em tijolos.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

As paredes externas das áreas de acréscimo do antigo hospital psiquiátrico foram executadas em alvenaria de pedra argamassada com arco de tijolos, à semelhança das

originais, conforme pode ser observado nas Fig. 66 e 67 da fachada da ECO onde o reboco se soltou.



Fig. 66: Fachada da ECO, junto à piscina.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig. 67: Alvenaria em destaque.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

As pedras oriundas de Portugal foram utilizadas com frequência nos monumentos brasileiros de maior importância e também nas edificações próximas ao litoral devido à facilidade de transporte em navios. Mesmo assim, nas alvenarias deste palácio podem ter sido empregadas rochas brasileiras, em virtude da profusão do material em quase todo o território nacional.

O uso de alvenarias mistas de pedras e tijolos, onde há aberturas para arcos, óculos ou esquadrias pode ser assim explicado:

Geralmente, nas alvenarias de pedra irregular, os tijolos serviam para regularizar as aberturas dos vãos de janelas e portas, definindo a forma geométrica das molduras das diversas aberturas e realizando a “passagem” entre a precisão permitida pelos blocos irregulares (da ordem dos vários centímetros), e a precisão do centímetro necessária ao revestimento em cantaria dos aros das portas e janelas ou à instalação direta dos caixilhos de madeira (MATEUS, 2002, p.103).

### 2.2.2. Alvenaria de tijolos

Nas áreas de expansão do antigo hospício, no térreo e no segundo pavimento, há alvenarias de tijolos maciços de meia vez e de uma vez apenas nas paredes internas. Não se pôde comprovar a composição da argamassa empregada em sua fixação.

### 2.2.3. Alvenaria de estuque<sup>37</sup>

Pelo menos uma parede deste patrimônio histórico foi executada em estuque. Na retirada do reboco necessária à troca de tubulações durante a reforma do sanitário do segundo piso do IE/FACC, em 1998, encontrou-se esta técnica construtiva (Fig. 68). Algumas madeiras que a compunham estavam em mau estado por infestação de cupins. Não se pôde determinar o período de sua inserção no monumento. É possível que este procedimento tenha sido adotado nesta parede divisória e sem função estrutural para possibilitar a criação de uma parede mais delgada e mais leve que as demais. Não se descarta a possibilidade de que o estuque esteja oculto sob o revestimento de outras paredes.



Fig. 68: Sanitário do IE.  
Fonte: Foto da autora, 1998.

<sup>37</sup> “Convém destacar as duas significações distintas de estuque, a primeira das quais refere-se a panos de vedação de pouca espessura e a segunda, a relevos de massa sobre as paredes, com caráter decorativo” (VASCONCELLOS, 1961, p.58).

De acordo com Bellegarde (1848, p.50), na execução do estuque de paredes usa-se o mesmo reboco dos tetos; sua descrição para a execução desta técnica coincide com a empregada na parede desta edificação: as tábuas são entremeadas por fasquias de madeira, para melhor sustentar o reboco. No caso específico desta parede o contraventamento foi feito com ripas dispostas em X.

#### **2.2.4. Considerações acerca das vedações**

As paredes externas primitivas, tanto quanto aquelas das áreas de expansão, dão o tom da magnitude e imponência que se pretendeu conferir a este monumento arquitetônico. São robustas e de grande espessura. Sua sólida execução possibilitou às vedações protegidas por rebocos uma boa conservação ao longo dos anos. Portentosas, estas alvenarias exercem de maneira eficaz sua função estrutural, além de vencerem grandes pés direitos, garantindo de maneira impecável as vedações deste edifício.

A desagregação de rebocos deixou à mostra o assentamento dos elementos pétreos que constituem as paredes desta edificação. São pedras bem assentadas, apoiando-se umas nas outras, com argamassa que preenche os espaços deixados entre as pedras de vários tamanhos. As espessuras encontradas nas paredes externas originais deste edifício são iguais nos três pavimentos. Estas vedações foram executadas em alvenarias de pedras de tamanhos e formas irregulares. É freqüente encontrar pequenas variações ao longo de uma mesma parede. No Levantamento do Palácio Universitário (2005) suas medidas foram tiradas a 1,50m de altura, a partir do piso executado.

A alvenaria de pedra com argamassa de areia e cal dos arcos dos porões originais é, provavelmente, a mesma das paredes primitivas. As platibandas são executadas em tijolos maciços. No térreo, segundo e terceiro pavimentos as alvenarias são auto portantes, sendo as pontas dos barrotes de cada piso embutidas nas paredes, compondo um conjunto estrutural integrado.

A ampliação de áreas do antigo hospital psiquiátrico, em 1904 foi executada em pedra e argamassa de cal nas paredes externas. Em todo o edifício, os tijolos estão nos arcos que contornam os vãos das esquadrias. As paredes internas foram construídas com tijolos, não tendo sido possível determinar a causa do emprego deste material em paredes internas e de pedra argamassada nas externas. Ambos são descritos por

Bellegarde já no período da construção do prédio, mas é sabido que o tijolo confere maior leveza às paredes, portanto é provável que este material tenha sido evitado nas fachadas externas e pátios internos para seguir a espessura das paredes primitivas, acompanhando as características arquitetônicas do edifício original.

As alvenarias se apresentam revestidas por cantarias, madeira, azulejos e, na maioria das áreas, por argamassas destinadas a receberem caiação. Posteriormente, foram executadas no lugar das caiações e recomposições com argamassas de cal, intervenções com pinturas em PVA<sup>38</sup> ou acrílica. Nota-se a existência de paredes que receberam, em outro período, cimento na vedação de cavidades onde foram inseridas instalações. O resultado, como é sabido, é a incompatibilidade destes materiais modernos com os originais e a conseqüente deterioração das áreas contíguas ao cimento e descolamento da camada de pintura.

Devido à poluição atmosférica e agentes de deterioração como a salinidade e infiltração ocasionadas por defeitos no telhado, as superfícies parietais deste prédio histórico aparecem muitas vezes sem as proteções adequadas. Os rebocos soltos ou em avançada desagregação nem sempre foram substituídos, sendo por vezes apenas removidos (Fig. 69).



Fig. 69: Parede desprotegida, FCC.  
Fonte: Foto da autora. 2005.

<sup>38</sup> Acetato de polivinila, ou PVA, é um polímero sintético.

Estas paredes foram envernizadas, deixando à mostra os procedimentos construtivos de pedra e argamassa, facilitando o estudo das técnicas, mas trazendo a reboque um gravíssimo inconveniente, pois as torna desprotegidas. Estando tão expostas, as alvenarias passam a sofrer degradação semelhante a dos revestimentos. Além disso, o verniz introduzido para impermeabilizar a parede impede-a de “respirar”, dificultando a evaporação da umidade interna, estimulando, assim, o surgimento de fungos.

### 2.3. PISOS

Os pisos do Palácio Universitário compõem-se de tabuado de madeira, mármore, gnaïsse bege, ladrilhos mosaicos cerâmicos e ladrilhos hidráulicos. Sua distribuição no térreo está na Fig. 70 e no segundo pavimento, Fig. 71. O terceiro pavimento é todo em madeira (Fig.72), com exceção das varandas em mármore. As características de cada uma das técnicas construtivas empregadas nestas pavimentações estão aqui descritas, bem como seus padrões decorativos, dimensões e localizações.

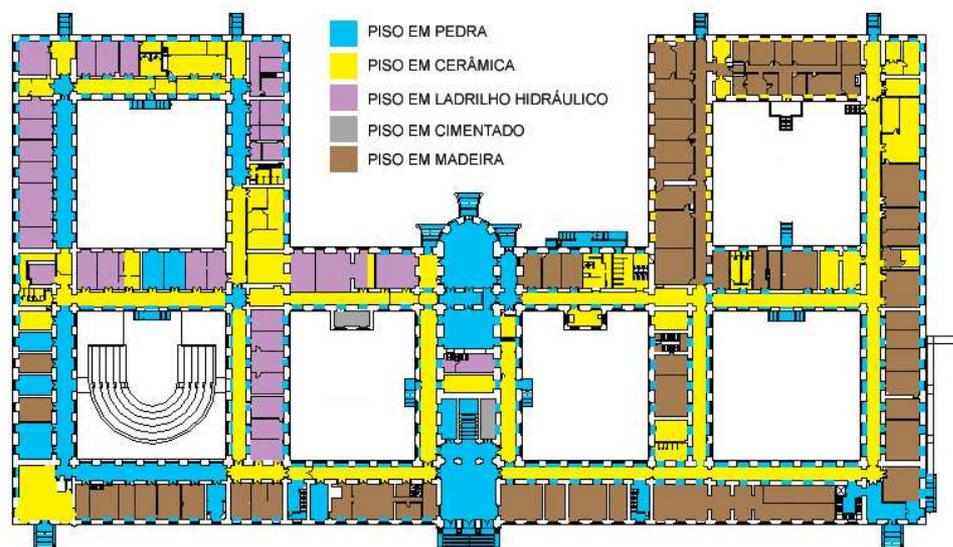


Fig. 70: Planta de pavimentações do térreo.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.



Fig. 71: Planta de pavimentações do 2º pavimento.  
Fonte: Desenho de Ênio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

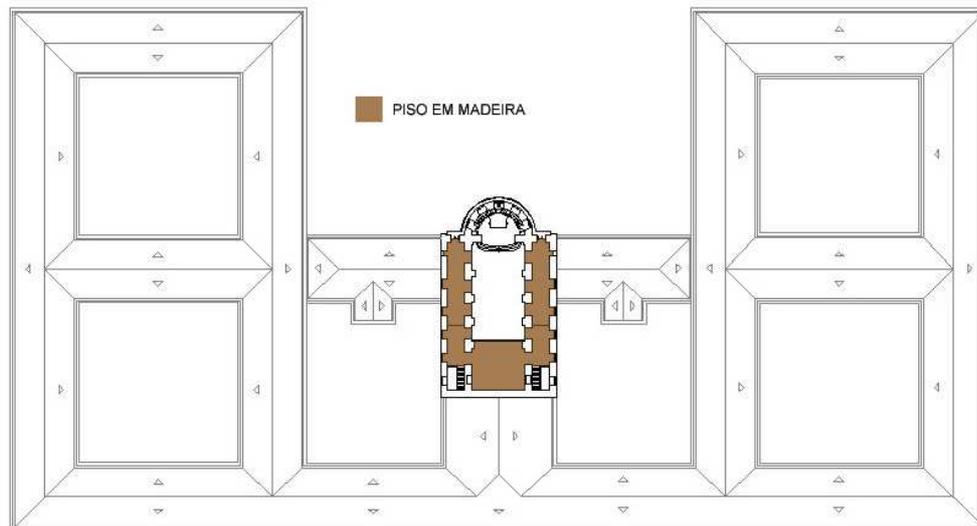


Fig. 72: Planta de pavimentações do 3º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

### 2.3.1. Tabuado

Os tabuados, no século XIX, tiveram sua largura reduzida para 10 a 15cm, passando a ser conhecidos como frisos, de acordo com Vasconcellos (1961, p.60). No Palácio Universitário, as áreas do térreo, com soalho de madeira se constituem por tábuas de 10cm e de 20cm de largura e estão indicadas na Fig. 73.

Como se pode notar, os pisos das áreas internas voltadas para a fachada principal são em madeira; constituindo exceção o piso do vestíbulo, o hall de cada extremidade do prédio, daqueles situados junto às escadas internas e de áreas de serviço. Além disso, é interessante observar que na área da construção de 1852 do primeiro pavimento do prédio, nenhuma das galerias apresenta pavimentação em madeira. Dentre as circulações, a única com este material está na ECO, no térreo, onde se deu a expansão do antigo hospício.

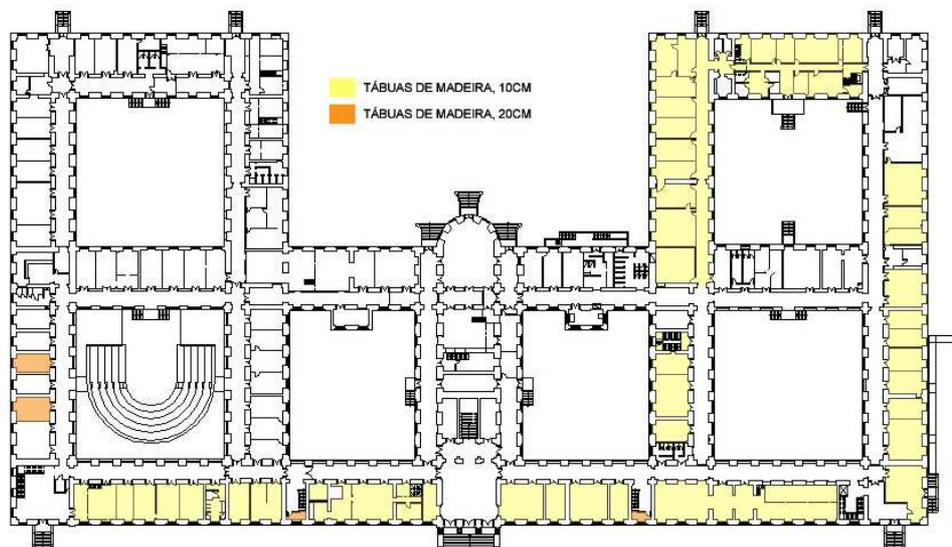


Fig. 73: Pisos de madeira no térreo.

Fonte: Desenho de Enio Kaipert baseado em levantamento da autora, 2006.

No segundo pavimento, na maioria das áreas, a pavimentação é feita em madeira. Há tábuas de 20 e 34cm e uma pequena área com piso de 10cm de largura, distribuídas em planta, conforme Fig. 74. Grande parte da área de construção apresenta ainda hoje tábuas largas no piso, como é o caso do terceiro pavimento do prédio com madeiras entre 24 e 30cm (Fig.75).

Quando da remoção do soalho para recuperação das estruturas de pisos do segundo pavimento do Palácio Universitário, coordenada pela autora, de 1996 a 1997, foi possível comprovar o acabamento de excelente qualidade das superfícies perfeitamente desempenadas e planas das tábuas e das vigas de madeira, cuja beleza e acabamento são dignos de menção. Pôde-se notar também a ligação das tábuas de áreas originais do segundo pavimento desta obra monumental: o soalho à inglesa ou de macho e fêmea, empregado nos pisos em questão, garante uma excelente fixação e durabilidade, sendo considerado por Segurado (s/d-e, p.120) o mais perfeito de todos os modos de ligar as tábuas de madeira. Na fixação destas tábuas são cravados, do lado da fêmea, pregos de forja rebatidos, de modo que a fêmea fique livre para alojar o macho. Só então as tábuas são apertadas de encontro às outras.

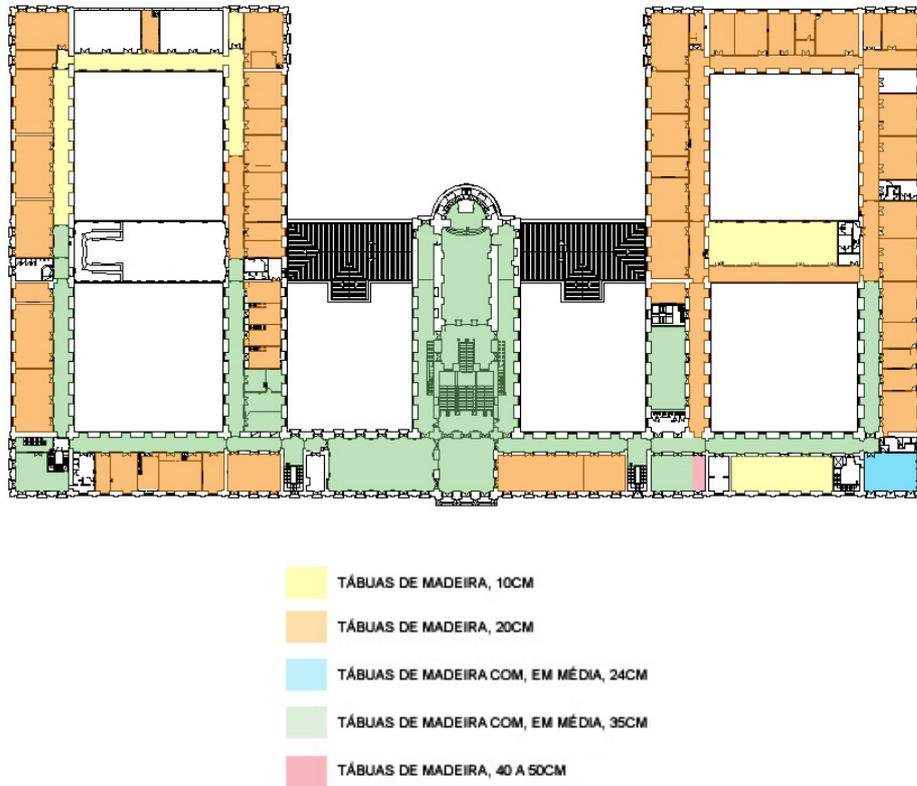


Fig. 74: Pisos de madeira no 2º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert baseado em levantamento da autora, 2006.

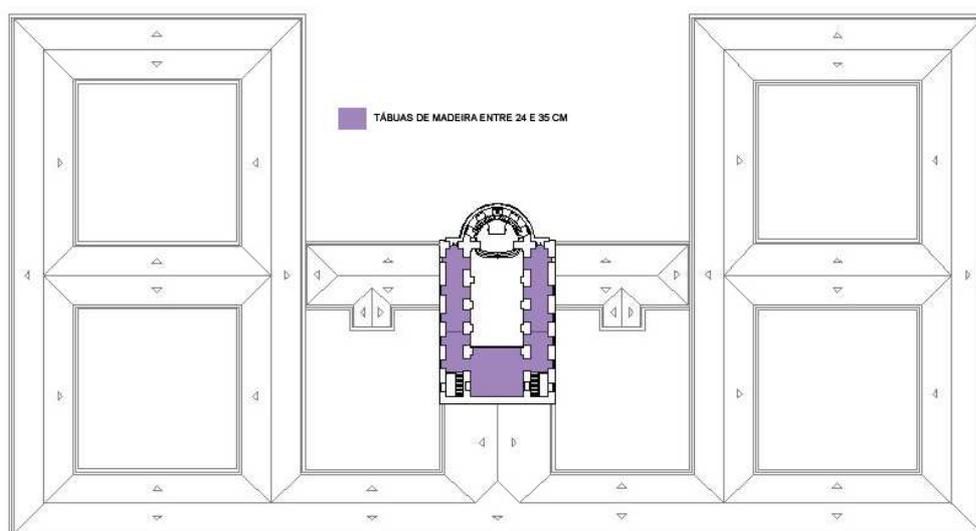


Fig. 75: Pisos de madeira no 3º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert baseado em levantamento da autora, 2006.

Os soalhos originais dos salões do segundo pavimento deste exemplar arquitetônico recebem o arremate de tabeiras<sup>39</sup> de tonalidade mais escura que as demais madeiras do tabuado. Sua ligação com as tábuas é feita a macho e fêmea. Nos ângulos retos das paredes unem-se à meia esquadria. De acordo com Segurado (s/d-e, p.127), o soalho com tabeiras ostenta um belo aspecto, principalmente usando-se estreitas tiras de soalho à inglesa, mas o seu custo é alto.

O parquet emprega pedaços de madeira de variados tamanhos e formas, possibilitando a formação de desenhos em mosaicos geométricos. Conforme Vasconcellos (1961, p.68), sua introdução no piso é feita por “[...] painéis, com os desenhos já armados, sendo assentados por placas já compostas”. Deve ter sido assim a execução do parquet do salão Dourado, em ornamentação fitomórfica, ressaltando ao centro um duplo losango, com frisos dispostos em diagonal e paralelos entre si. Estas madeiras se apresentam em três tons e refinado acabamento (Fig.76).

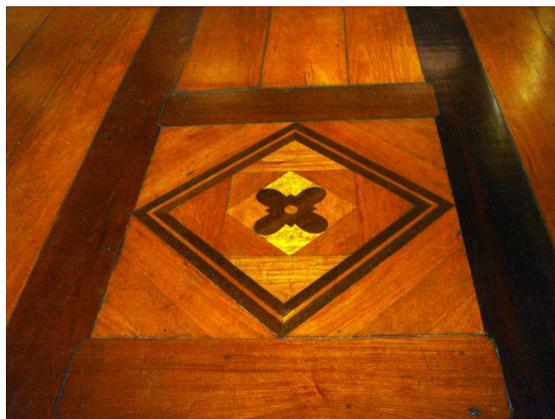


Fig. 76: Ornamentação do piso do Salão Dourado, FCC.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Os elegantes e altos rodapés do segundo e terceiro pavimento são em madeira.

Nas áreas não originais do prédio, onde a estrutura do piso é constituída por lajes e vigas em concreto armado, os frisos apóiam-se sobre ganzepes.

### 2.3.2. De pedra

Há dois tipos de pisos originais em pedra no Palácio Universitário: mármore e gnaisse.

<sup>39</sup> Cabeira ou tabeira é a “moldura de arremate nos soalhos ou forros de madeira. Nos soalhos, incorpora-se ao rodapé” (CORONA e LEMOS, 1972, p.91).

### 2.3.2.1. De mármore

Os pisos de mármore<sup>40</sup> são usados em “obras de luxo”, no dizer de Rainville (1880, p.222). Estes têm a função de proteger e impermeabilizar os pisos, além de decorá-los; podem ser de uma só cor ou formar desenhos ao estilo de parques.

Vasconcellos (1961, p.66) ensina que na arquitetura brasileira o mármore é manufaturado “por canteiro<sup>41</sup>, com forma geométrica, quadrada ou retangular, ou apenas com sua face aparente trabalhada. Podem, quando quadradas e de duas cores, pretas e brancas, ser dispostas à feição de xadrez”.

Foram mais aplicados nas escadarias externas, soleiras de entrada, saguões e nas peças de circulações dos edifícios públicos, sejam administrativos ou religiosos, como vestíbulos, escadas, naves, etc. (VASCONCELLOS, 1961, p.66).

Os pisos com este material são encontrados no interior da obra em apreço. Estão distribuídos nos três pavimentos da edificação. Descrevendo os aposentos do térreo do Hospício de Pedro II, Moreira de Azevedo (1969, p.473) assinala serem seus corredores e vestíbulo ladrilhados de mármore. No térreo, este átrio tem o piso decorado por rosáceas e ornamentação em perspectiva. Estes pisos devem ser originais, à exceção de algumas peças substituídas por danos. Além destas belas e esmeradas pavimentações, este material orna o piso do patamar da escada que liga este aposento à capela em algumas salas, galerias e também varandas do segundo e terceiro pavimentos.

As pavimentações que empregam esta pedra no edifício ostentam basicamente cinco padrões: 4A, 4B, 4C, 4D e 4E.

Os tipos 4A (Fig. 77) e 4B (Fig. 78) são dispostos em diagonal, com desenhos de xadrez de 22 x 22cm; diferem pela cor: o 4A é branco e preto, o 4B, branco e cinza.

---

<sup>40</sup> Rocha metamórfica calcária de textura compacta e cristalina, susceptível de bom polimento, segundo Corona e Lemos (1972, p. 314).

<sup>41</sup> De acordo com Corona & Lemos (1972, 105), “canteiro é o oficial que desbasta, corta e aperfeiçoa as pedras que irão constituir uma cantaria”.



Fig. 77: Mármore padrão 4A.  
Fonte: Foto da autora, 2003.



Fig. 78: Mármore padrão 4B.  
Fonte: Foto da autora, 2005.

Os padrões 4C e 4D e 4E apresentam composições esmeradas, que conjugam quatro cores: branco, preto, cinza e vermelho. O padrão 4C (Fig. 79), em desenho e Fig. 80, fotografia) é parte da decoração do piso do vestibulo, em branco e preto com cubos em perspectiva; no centro sobressai uma rosácea com dezesseis pontas e moldura em círculo vermelho.

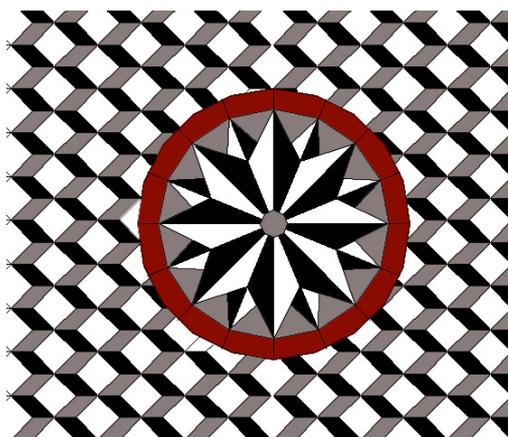


Fig. 79: Mármore padrão 4C, desenho.  
Fonte: Levantamento do Palácio, 2000.



Fig. 80: Mármore padrão 4C.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A decoração 4D (Figs. 81 e 82) situada no acesso à escada, que liga o vestíbulo à capela, ostenta temas geométricos e, ao centro, novamente aparece a rosácea de dezesseis pontas.

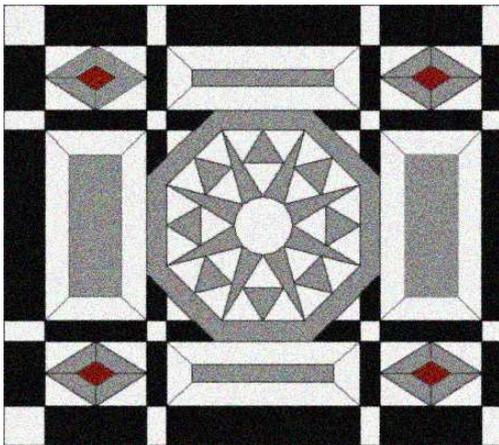


Fig. 81: Mármore padrão 4D, desenho.  
Fonte: Levantamento do Palácio, 2000.



Fig. 82: Mármore padrão 4D.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Oculto sob um tapete, o padrão 4E (Figs. 83 e 84) exibe no centro o esplendor de uma ornamentação em volutas na cor cinza sob fundo vermelho. Localiza-se no patamar da escadaria, que liga o vestíbulo à capela e aos salões nobres da edificação.

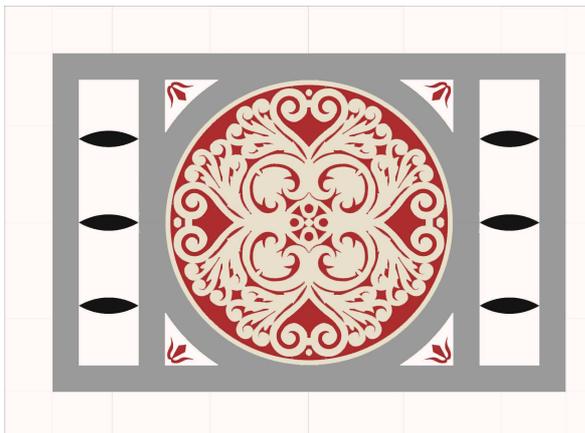


Fig. 83: Mármore padrão 4E, desenho.  
Fonte: Levantamento do Palácio, 2000.



Fig. 84: Mármore padrão 4E.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

### 2.3.2.2. De gnaissе bege

Valladares (1978) assevera que “na construção do Hospício Pedro II utilizou-se o gnaissе lenticular<sup>42</sup> dito pedra-de-galho ou pedra-do-país, oriundo de jazidas locais, do Vigário Geral e Pasmado”.

Além de sua aplicação nas fachadas e escadas, esta pedra foi empregada no térreo do monumento, nas soleiras (Fig. 85), rodapés (Fig. 86) e molduras de pisos (Fig. 87) que contornam as pavimentações em mármore.



Fig. 85: Soleira em gnaissе.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 86: Rodapé em gnaissе.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

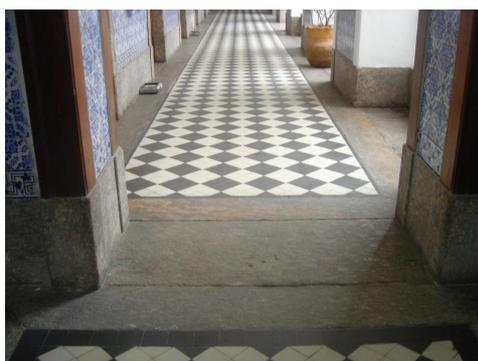


Fig. 87: Molduras de piso em gnaissе.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

<sup>42</sup> “Do alemão *gneiss*, refere-se à rocha metamórfica feldspática laminada, nitidamente cristalina, de composição mineralógica muito variável” (VALLADARES, 1978).

### 2.3.3. Ladrilhos cerâmicos<sup>43</sup>

O processo primitivo da fabricação de ladrilhos cerâmicos, assim como dos tijolos incluía a escolha da argila para avaliar sua pureza e plasticidade:

Uma antiga regra empírica consistia em caminhar por cima de um monte de barro depois de uma chuva. A melhor argila era 'gorda', plástica, que se colava bem aos sapatos. Seria ainda aquela que fosse difícil de separar depois de ter sido moldada à mão (MATEUS, 2002, p.168).

“As argilas gordas eram escolhidas para o fabrico de telhas e tubos que deveriam ser pouco porosos, as magras usavam-se no fabrico de tijolos e ladrilhos” (MATEUS, 2002, p.172). Na técnica tradicional de manufatura de ladrilhos cerâmicos, de acordo com Segurado (s/d-c, p.170-171), a correção da argila gorda era feita com pó de tijolo cozido, agregando-se o corante de origem mineral, que lhe conferia a cor pretendida. Amassava-se o barro, moldando-o seguidamente em formas de madeira, similares aos dos tijolos. Eram secos, “rebatidos em prensas de alavanca ou de balanceiro”, cortados nas medidas e formas pretendidas “ajustando-lhes um molde metálico, retirando-se o excedente da pasta, segundo o perímetro do molde”, e depois secos e cozidos. Quanto às estrias ou desenhos salientes do tardo, “para facilitar a aderência da argamassa no seu assentamento”, eram obtidos “passando a pasta de barro entre dois cilindros, sendo um liso e o outro canelado, ou com estrias apropriadas”.

Segundo Mateus (2002, p.169), a mecanização no fabrico de ladrilhos surge a partir da industrialização, e, no final do século XIX, quando a moldagem manual foi sendo substituída por “máquinas de moldagem de feira, laminagem e trefilagem”. Movidas por tração animal, foram depois substituídas por equipamentos a vapor.

A atenção especial recomendada por Segurado (s/d-c, p.171) na “preparação da pasta, moldagem, secagem e cozedura” para a obtenção de produtos uniformes não exclui a possibilidade de que venham a ser encontradas variações nas dimensões dos ladrilhos, ocasionadas pela “contração irregular da pasta e desigualdade de temperatura dos fornos”.

---

<sup>43</sup> “Os ladrilhos propriamente ditos são tijolos de pequena espessura e forma quadrada, hexagonal, octogonal e retangular, de dimensões variáveis, empregados para o revestimento de pavimentos”. (SEGURADO, s/d-c, p.170).

Ao se instalar a Reitoria da Universidade do Brasil<sup>44</sup>, a pavimentação de suas galerias estava em avançada degradação, como se vê na Fig. 88. Os corredores com ladrilhos cerâmicos podem ter sido intervenções para substituir a um menor custo os mármorees originais, ou pavimentar as áreas construídas em 1904. Seguem a disposição semelhante dos pisos primitivos em mármore. Estes ladrilhos em branco e preto são “impermeáveis e duros ao atrito e ao choque” (CORONA e LEMOS, 1972, p.294). Revestem pisos de circulações e varandas.

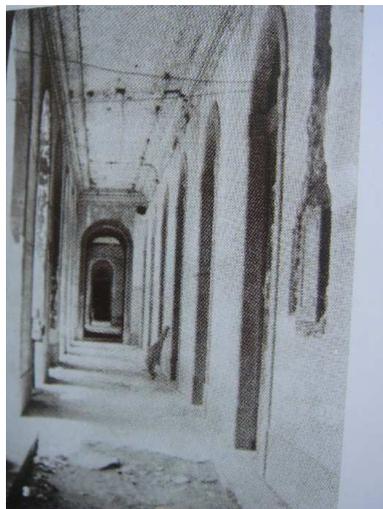


Fig .88: Estado de uma galeria em 1947.  
Fonte: Calmon (2004, p.52).

Neste exemplar neoclássico, a localização no térreo sobre estruturas de arcos nos porões não foge à regra:

Os revestimentos de piso de edifícios antigos têm a predominância da madeira, de acordo com exceção dos pavimentos térreos, e de certos pavimentos sobre estruturas de abóbada, em que se observa com freqüência o recurso a lajedos de pedra, ou revestimentos de tijoleiras e ladrilhos cerâmicos (APPLETON, 2003, p.62).

São sete os conjuntos de ladrilhos cerâmicos do Palácio Universitário. LC1, LC2, LC3, LC4, LC5, LC6 e LC7. Todos combinam ladrilhos lisos brancos com pretos. A maioria dos ladrilhos tem 10 x 10cm, com variações em suas composições.

---

<sup>44</sup> Atual UFRJ.

O conjunto LC1 (Fig. 89) ostenta ladrilhos de 10 x 10cm, dispostos em diagonal numa combinação de quatro brancos para quatro pretos, emoldurados com o próprio elemento na cor branca, com uma faixa mais estreita de peças retangulares contornando todo o conjunto. Nas molduras estão dispostos na horizontal ou na vertical, paralelos à parede e onde o conjunto se encontra com o arremate, exibem a forma triangular.

O padrão LC2 (Fig. 90) traz um desenho semelhante ao LC1, com peças quadradas de 10 x 10cm, dispostas em diagonal, mas são as brancas que estão junto à cercadura de ladrilhos na cor preta, contornada por uma faixa em gnaisse bege.

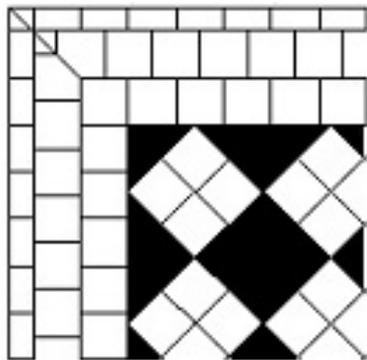


Fig. 89: Ladrilhos LC1.

Fonte: Levantamento do Palácio Universitário, 2000.

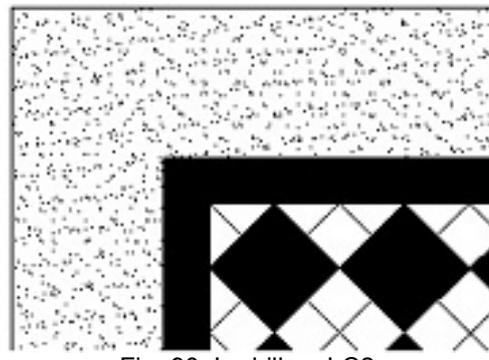


Fig. 90: Ladrilhos LC2.

Fonte: Levantamento do Palácio Universitário, 2000.

O modelo LC3 (Fig. 91) é o mesmo do LC2, mas ao invés da moldura em cantaria, sua cercadura exhibe ladrilhos retangulares pretos. O tipo LC4 apresenta elementos brancos e pretos em formato de tabuleiro de xadrez. São seis peças brancas para cada seis pretas, ambos de 10 x 10cm, sem moldura (Fig. 92).

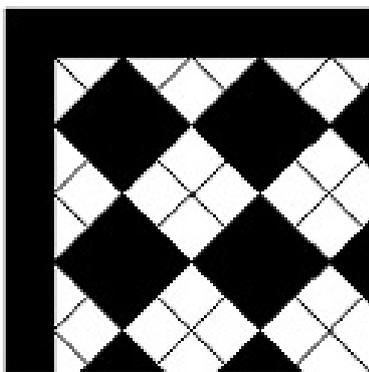


Fig. 91: Ladrilhos LC3.

Fonte: Levantamento do Palácio Universitário, 2000.

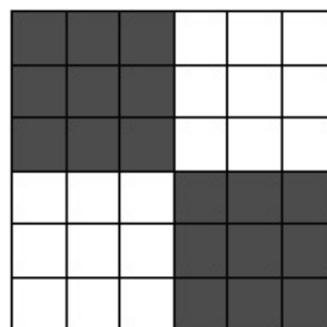


Fig. 92: Ladrilhos LC4.

Fonte: Levantamento do Palácio Universitário, 2000.

O painel cerâmico LC4 é semelhante ao LC5 (Fig. 93), mas, neste último os ladrilhos pretos e brancos se dispõem na proporção de um a um. O modelo LC6 (Fig. 94) combina uma peça octogonal branca com um quadrado na cor preta. Junto às paredes, as cerâmicas pretas são triangulares. Ambas têm 7cm de lado.

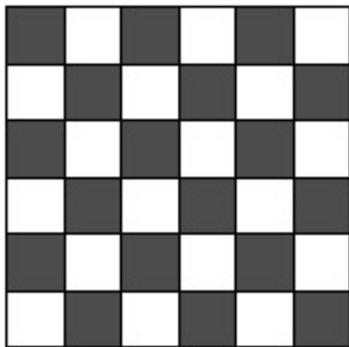


Fig. 93: Ladrilhos LC5.  
Fonte: Levantamento do Palácio  
Universitário, 2000.

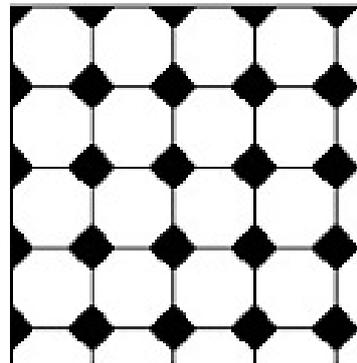


Fig. 94: Ladrilhos LC6.  
Fonte: Levantamento do Palácio  
Universitário, 2000.

#### 2.3.4. Ladrilhos hidráulicos<sup>45</sup>

O ladrilho hidráulico surgiu no século XIX, na Europa, onde foi largamente empregado. Chegou ao Brasil, inicialmente importado de Portugal, França e Bélgica no terceiro quartel do século IX. Conforme Farias (2005, p.20), a mais antiga notícia de importação deste material no Brasil, comprovada por livros de alfândega, data de 1887.

A criação das primeiras fábricas brasileiras se deu, quando um cônsul suíço ensinou a técnica de sua manufatura aos italianos residentes em São Paulo. Na análise de Machado (<http://www.mcb.sp.gov.br>), seu processo de produção continua rudimentar, “com quase nenhuma divisão do trabalho e dependente da habilidade de artesão para a perfeita execução dos desenhos e cores”.

<sup>45</sup> “Os ladrilhos de cimento comprimido, quase sempre decorados, recebem o nome de ladrilhos hidráulicos” (CORONA & LEMOS, 1972, p.294).

Mesmo sem se dispor de dados referentes à sua origem, pode-se afirmar que este material é uma herança clara dos azulejos. Todavia, enquanto o azulejo é manufaturado a partir do barro, o ladrilho é produzido com cimento. A técnica de elaboração do ladrilho hidráulico, utilizando moldes de metal para produzir reentrâncias, se assemelha à técnica de aresta<sup>45</sup> dos azulejos.

A norma 9.457 da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas - resalta suas propriedades mecânicas: “alta resistência ao desgaste para acabamento de paredes e pisos internos e externos, contendo uma superfície com textura lisa ou em relevo, retangular ou de outra forma geométrica definida”.

Os ladrilhos hidráulicos são constituídos por argamassa hidráulica de cimento e areia fina, formando a parte inferior do ladrilho com 18 mm de espessura, [...] coberta por uma camada de 2 a 3mm de cimento puro em pasta, podendo-se agregar um pouco de areia fina (SEGURADO, s/d-c, p.174).

Na consulta a Segurado (s/d-c, p.174-175), constata-se que a camada superficial forma a face aparente do ladrilho, a qual pode ser branca ou colorida uniformemente, ou ainda apresentar desenhos muito diversos. Nas orientações de Segurado (s/d-c, p.179) para a obtenção das cores do ladrilho branco ou cinza usa-se cimento no mesmo tom.

Para as demais cores lisas, limita-se a citar os pigmentos, sem descrever a maneira de obtê-los: ocre natural, amarelo, vermelho, castanho e preto, misturando-se mecanicamente à pasta de cimento nas proporções do tom desejado. Nos ladrilhos policrômicos com desenhos recomenda-se o uso de divisores de finas lâminas para compor o desenho, lançando-se a pasta colorida em cada uma destas divisões. É interessante comparar suas recomendações com as de Farias (2005, p.35), que omite a areia fina citada por Segurado na composição dos ladrilhos, este menciona o emprego de pó de mármore e indica as seguintes etapas para sua produção:

- As formas são untadas com óleo de linhaça e querosene, para facilitar a posterior retirada da forma;

---

<sup>45</sup> Segundo Farias (2005, p.33), a técnica de aresta consiste na utilização de um molde de madeira ou gesso, com reentrâncias e impresso em barro mole, previamente tratado e estirado, produzindo relevos.

- No interior do molde, acrescenta-se uma mistura de tinta composta de pó de mármore, cimento branco ou Portland e óxido de ferro (ou o óxido adequado para a coloração desejada);
- Adiciona-se o secante à mistura, colocando-se sobre o molde;
- Coloca-se outra camada de massa úmida;
- Prensa-se com tampa de metal sobre o molde, manual e criteriosamente para os ladrilhos saírem perfeitos;
- Desenforma-se, deixando-se secar por doze horas, molhando-se com água, para adquirir consistência;
- Os ladrilhos passam por uma secagem de dez a quinze dias.

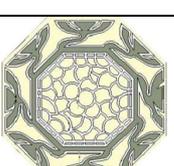
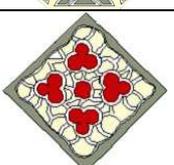
Conforme Vasconcellos (1961, p.68), as dimensões dos ladrilhos hidráulicos variam de 15 x 15cm a 20 x 20cm e sua espessura é de cerca de 2mm. O mais comum tem 20 x 20cm, segundo Segurado (s/d-c, p.175). Quanto ao padrão de prensagem, podem ser planos, de prensagem com aresta ou de prensagem plana alicatado, segundo Farias (2005, p.45). Exibem uma única cor ou variações de cores ou matizes, alguns menos, outros mais decorados.

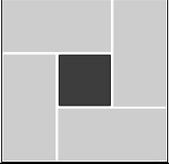
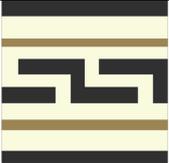
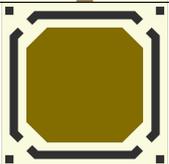
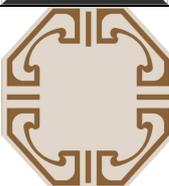
Na arquitetura brasileira os ladrilhos hidráulicos foram “mais aplicados nos pisos exteriores e varandas e pátios ou nas peças de serviços, cozinhas e sanitários”, como informa Vasconcellos (1961, p.68).

No Palácio Universitário pavimentam algumas áreas hoje ocupadas por atividades administrativas e de ensino da FE, do IE, e são também encontrados no piso da biblioteca da decania do CCJE. São 18 tipos de ladrilhos hidráulicos, sendo 15 decorados (Tabela 1), além de três lisos: preto, sépia e branco. São peças de 7 x 7cm, 17 x 17cm, 20 x 20cm e até mesmo octogonais, com 7cm de lado. Todos são padrões de prensagem plana, com exceção dos 7 e 8, de prensagem com aresta.

**Tabela 1 – Descrição dos ladrilhos hidráulicos decorados do Palácio Universitário.**

Fonte: Desenhos de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

ladrilhos	dimensões	descrição
	17 x 17cm.	Ladrilho 1: Nas cores branca, cinza e preta, formando ao centro um cata-vento, emoldurado por uma forma octogonal, composta por quatro losangos pretos.
	17 x 17cm.	Ladrilho 2: Ostenta forte marcação em diagonal, com núcleo cinzento e azul em losangos, contrastando com as volutas em amarelo e marrom.
	17 x 17cm.	Ladrilho 3: Representa uma ornamentação floral conjugada com linhas retas e curvas, exibindo uma flor em tons pastéis terrosos e com fundo de cores primárias vibrantes.
	17 x 17cm.	Ladrilho 4: Núcleo flanqueado em diagonal e, ao centro, motivo floral. Os tons do ladrilho 4 são os mesmos do 3.
	17 x 17cm.	Ladrilho 5: Apresenta motivo fitomórfico, sendo encontrado em cercaduras nas cores ocre, preto e branca.
	17 x 17cm.	Ladrilho 6: Marcado por uma diagonal na cor amarela, com ornatos curvos sobre fundo preto. Nos dois cantos há temas florais na cor azul, arrematados por moldura no mesmo tom do amarelo da faixa diagonal. O fundo é amarelo claro.
	7cm de lado	Ladrilho 7: Octogonal, os contornos de sua ornamentação são em baixo relevo, com núcleo também de oito faces e, em seus limites, padrões vegetais entrelaçados nas cores verde e branco.
	7cm de lado	Ladrilho 8: Em baixo relevo, pode ser visto em conjunto com o ladrilho 7 e exibe decoração fitomórfica no mesmo tom de verde do anterior.

	20 x 20cm.	Ladrilho 9: Os retângulos cinzas associados a um quadrilátero central preto sobre fundo branco sugerem um cata-vento.
	20 x 20cm.	Ladrilho 10: apresenta motivo de gregas em preto e branco, com três faixas de arremate horizontais nas cores sépia, branco e preto.
	20 x 20cm.	Ladrilho 11: Exibe um quadrilátero disposto em diagonal e um x, de onde parecem brotar pássaros vistos de cima. Nas cores: ocre, preto e branco.
	20 x 20cm.	Ladrilho 12: Este octógono central em sépia é emoldurado com linhas pretas interrompidas e quadrados pretos no vértice.
	20 x 20cm.	Ladrilho 13: Composto por dois triângulos pretos e dois em negativo.
	7cm de lado.	Ladrilho 14: Marrom e cinzento caracterizam a ornamentação em volutas.
	7cm de lado.	Ladrilho 15: Faz conjunto com o ladrilho 16 e apresenta-se na cor verde, ocre e cinzento, com ornamentação floral.

Estes ladrilhos estão distribuídos nas seguintes combinações:



Fig. 95: Conjunto A: Ladrilhos padrão 1.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 96: Conjunto B: Ladrilhos padrão 2.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 97: Conjunto C: combinando ladrilhos  
padrão 3, 4 e 5.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 98: Conjunto D: ladrilho padrão 5  
na moldura e 6 no conjunto.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 99: Conjunto E: ladrilhos 7 e 8.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 100: Conjunto F: ladrilhos padrão 9.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 101: O conjunto G de padrão 11 e cercadura 10, em gregas.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 102: O mesmo conjunto G, em destaque, padrão 11.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

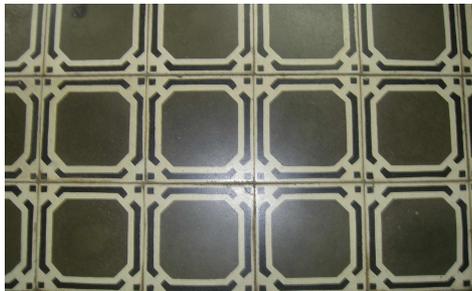


Fig. 103: Conjunto H de ladrilhos do tipo 12.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 104: Conjunto I de ladrilhos padrão 13.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 105: Conjunto J de ladrilhos 14 e 15.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Estes ladrilhos estão assim distribuídos no térreo (Fig.106) e no segundo pavimento (Fig. 107) do Palácio Universitário. Não há ladrilhos hidráulicos no terceiro pavimento da edificação.

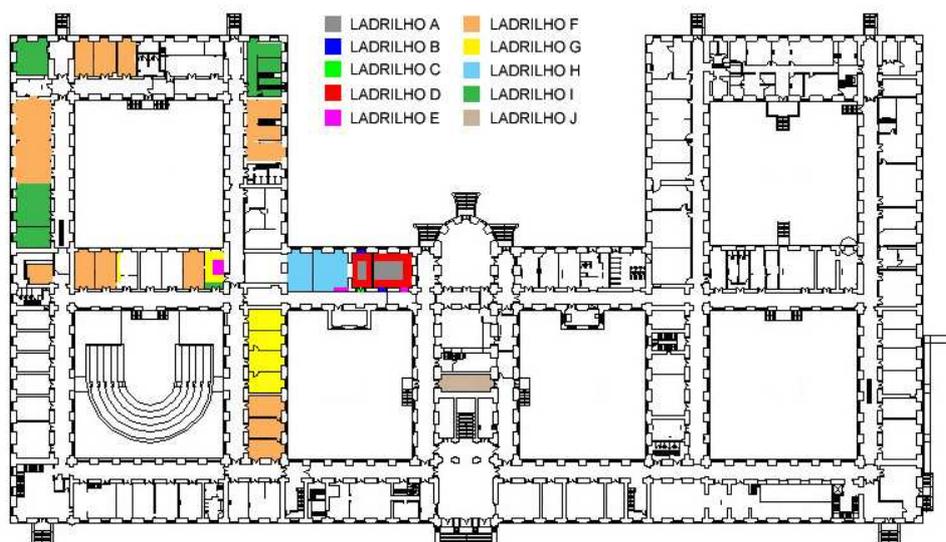


Fig 106 : Ladrilhos hidráulicos no térreo.

Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

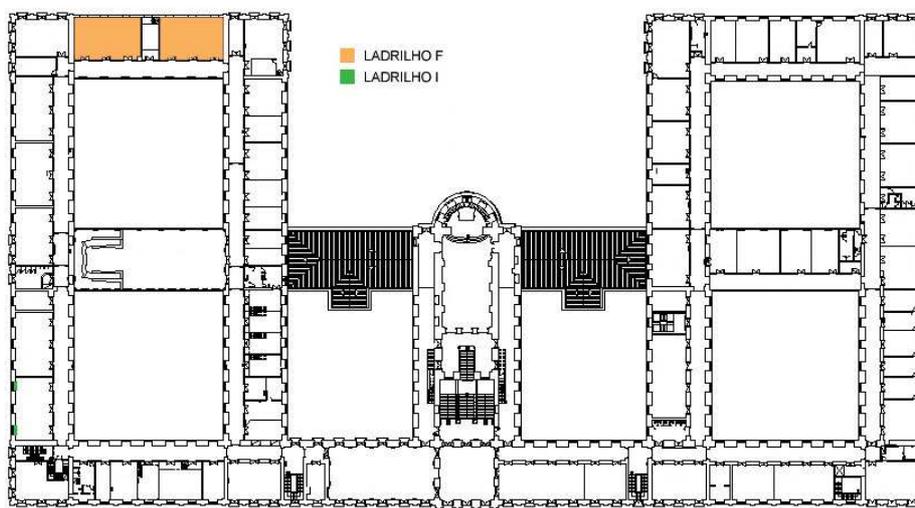


Fig. 107: Ladrilhos hidráulicos no 2º pavimento.

Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

Foram encontrados em Farias (2005, p. 46 - 49), os seguintes ladrilhos hidráulicos do Palácio Universitário em São Luis, Maranhão:

- Padrões 1 e 13: na Igreja de São João Batista
- Padrões 4 e 15: no Palácio dos Leões, sede e residência oficial do governador

O padrão 13 data de 1932, conforme registro em placa de mármore no local.

Os ladrilhos hidráulicos pavimentam cerca de 750,00 m<sup>2</sup> do térreo e de 170,00m<sup>2</sup> do segundo pavimento do Palácio Universitário. Ainda que alguns padrões aqui revelados sejam dotados de atributos estéticos irrefutáveis, numa edificação de 11.000 m<sup>2</sup>, a área de 920,00m<sup>2</sup>, menos de 10% da área total de piso, poderia ser considerada pouco significativa.

Esta pesquisa indica que a primeira importação de ladrilhos hidráulicos no Brasil foi posterior à construção em 1852 do Hospício de Pedro II. Observando-se a planta baixa contendo a localização dos ladrilhos no Palácio Universitário, fica claro que a maior parte situa-se nas áreas de expansão do prédio. Mesmo sem dispor de dados que confirmem a data da pavimentação destas áreas, pode-se admitir duas hipóteses para a sua aplicação no prédio:

- Quando da ampliação do hospital psiquiátrico em 1904;
- Quando da utilização do edifício pela Universidade do Brasil, a partir de 1952. Neste caso estas pavimentações teriam sido feitas nos cômodos da Faculdade de Farmácia e da Arquitetura.

### **2.3.5. Considerações acerca dos pisos**

Ocupando a maior área de pavimentações, as madeiras conferem elegância a este edifício. É evidente o avanço técnico das pavimentações em tábuas corridas do segundo piso. O soalho usa a técnica inglesa, com encaixe macho e fêmea, mais avançada que a portuguesa e considerada incomum por Vasconcellos (1961, p.60). O assentamento sem encaixes ou de juntas secas, assim como em meia madeira, mais comuns, não é encontrado nas ligações do segundo pavimento, onde as tábuas são mais largas, chegando a alcançar 50cm em algumas áreas.

A técnica de encaixe macho e fêmea exige um cuidado maior em sua execução pois, ao mesmo tempo em que possibilita uma boa amarração das tábuas contíguas, se mal trabalhada, cria um ponto de fragilidade ao longo de toda a peça. Cabe ressaltar o esmero do aparelhamento e fixação das tábuas e tabeiras, que pavimentam este edifício. Observou-se que as tábuas largas não sofreram retrações ou dilatações ao longo dos anos, mantendo seu aspecto impecável.

Decorando os pisos das galerias e sacadas do Palácio Universitário, os mármorees originais apresentam-se em ladrilhos xadrez. O destaque maior, entretanto, está na esmerada concepção e execução dos motivos que ornaram o vestíbulo e também em um patamar da escadaria monumental deste monumento. “São decorações incomparavelmente superiores aos vulgares ladrilhos de mosaico, apesar de mais caros”; um “[...] vestíbulo e escada decorados com belos mármorees por um artista de bom gosto e talento dão a um palácio o aspecto de grandeza” (SEGURADO, s/d-c, 63-64).

Consoante Moreira de Azevedo (1969, p.473), os corredores do antigo Hospício de Pedro II eram ladrilhados de mármore. Com exceção dos padrões LC6, os demais pisos cerâmicos podem ter sido introduzidos nas circulações do Palácio Universitário para guardar semelhança com os padrões originais em mármore preto e branco.

As pavimentações em placas de mármore dispostas em xadrez foram encontradas em estado de ruína quando o prédio se tornou sede da reitoria da Universidade do Brasil. Estes pisos devem ter sido substituídos por ladrilhos cerâmicos, obedecendo-se aos mesmos padrões dos pisos originais. A justificativa pode estar na insuficiência de recursos para repor as partes quebradas ou ausentes pelo mesmo material.

Devido à falta de documentação, não se pôde determinar o período em que parte dos pisos foi revestida com ladrilhos hidráulicos, nem mesmo se estes foram agregados ao edifício quando o prédio era ocupado pelo antigo hospital psiquiátrico ou já durante sua ocupação como instituição de ensino.

## 2.4. TETOS<sup>47</sup>

Os tetos servem para proteger os compartimentos da poeira e da eventual entrada de pequenos animais pelo telhado. Controlam o condicionamento térmico e acústico, ao mesmo tempo em que têm função decorativa. Os forros desta edificação são de madeira, estuque e placas de gesso. Há áreas desprovidas de forro, em laje de concreto, protegidas por reboco e pintura.

Esta pesquisa trata dos forros de madeira, estuque e gesso. Este último pode ter sido inserido para substituir os forros degradados em estuque ou madeira, ou para revestir áreas acrescidas como o salão Pedro Calmon.

Não foram estudadas as modernas técnicas empregadas na execução das placas e sancas de gesso liso das áreas de serviço, destinadas a reduzir o pé direito, permitindo a passagem de instalações. Pela mesma razão os forros modulares suspensos padrão colmeia e em placas de fibras de madeira não foram aqui analisados. As Figs. 108, 109 e 110 mostram o mapeamento dos forros em cada pavimento.

---

<sup>47</sup> “A face inferior, que olha para baixo, dos forros dos compartimentos, delimitando superiormente o espaço abrigado” (CORONA & LEMOS, 1972, p.451).

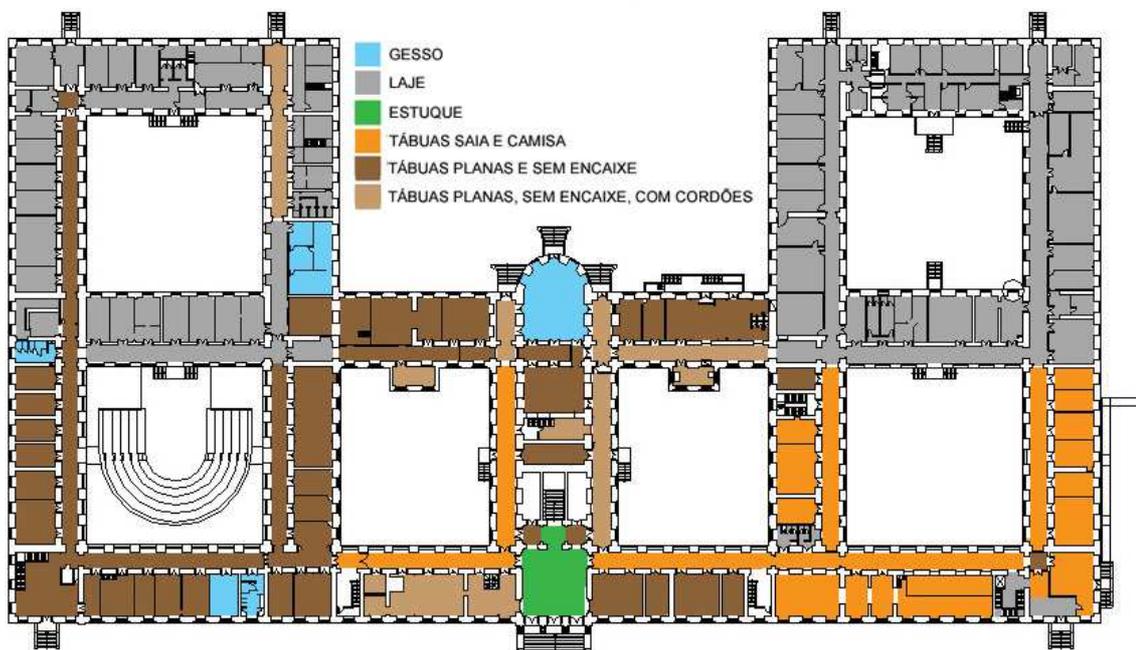


Fig. 108: Tetos do térreo.

Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

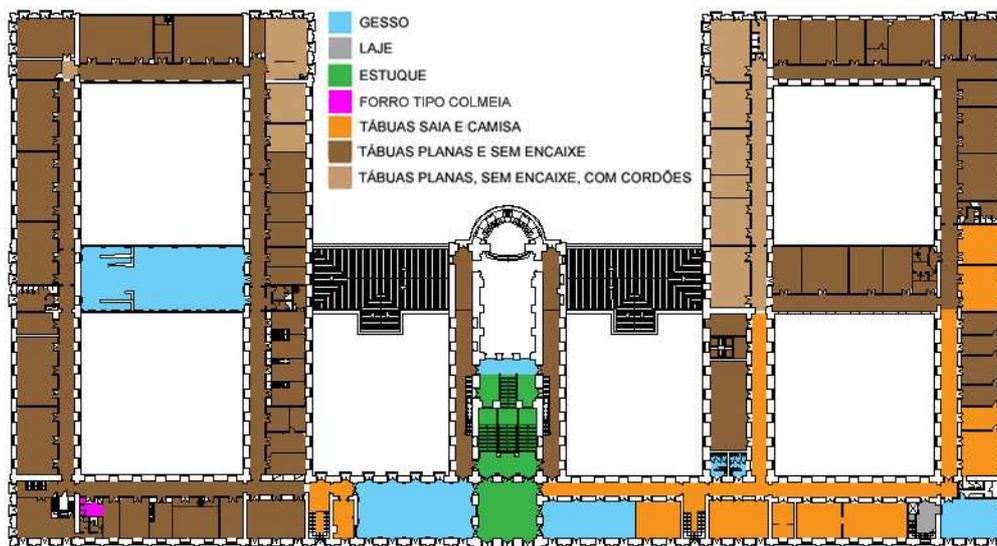


Fig. 109: Tetos do 2º pavimento.

Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

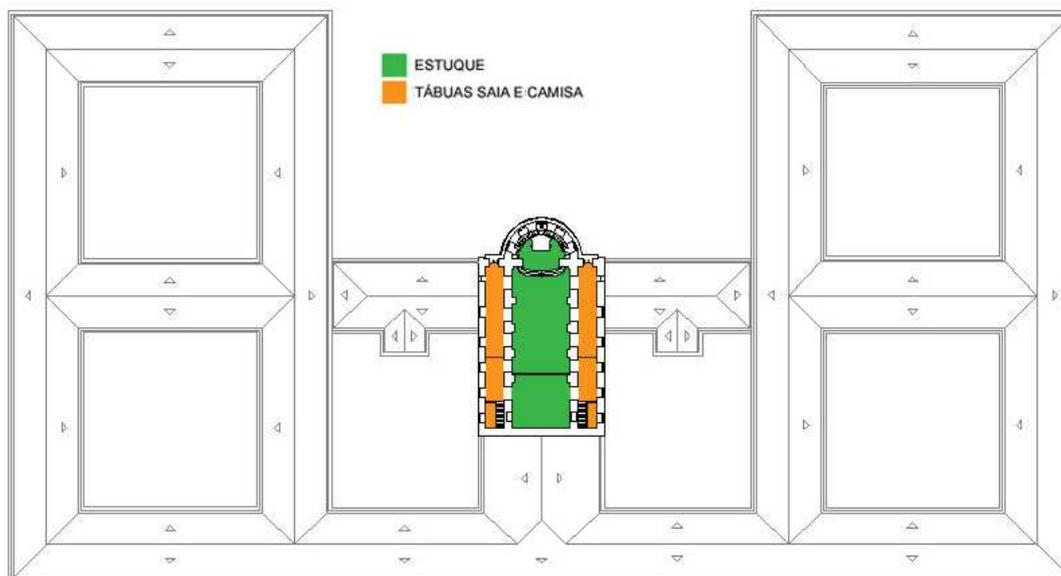


Fig. 110: Tetos do 3º pavimento.

Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

No térreo, as forrações em tábuas de madeira ocupam a maior parte das áreas construídas em 1852, enquanto a área acrescida apresenta, em sua maioria, o teto não forrado, sendo suas vigas e lajes protegidas com reboco e pintura. Comparando-se a planta de tetos do térreo (Fig.108) com a das áreas originais da edificação (Fig.13), nota-se que as áreas cobertas por laje no térreo, tanto dos espaços mais recentes do prédio, como as que foram destelhadas para receberem mais um pavimento, foram em sua maioria apenas preparadas para ganhar pintura, sendo muito pequena a área de lajes, que recebeu forro de madeira. Neste andar o teto estucado restringe-se à clarabóia e vestíbulo.

O pé direito é bastante variável no térreo; de acordo com a sala ou circulação, medem de 4,70m a 5,50m. No segundo pavimento, a distância entre piso e forro é em torno de 5,00m e na capela, com pé direito duplo.

No segundo piso todas as áreas são forradas, a maior parte em madeira; há gesso no gabinete da coordenação do FCC e respectivo hall, nos salões Pedro Calmon, Dourado, Vermelho e Moniz Aragão. No terceiro pavimento há gesso no teto curvo da nave, altar e coro da capela, porém nas tribunas os forros planos são de madeira.

### 2.4.1. Tetos com forros em madeira

Na iconografia do Hospício de Pedro II há registros de forros com tábuas planas de madeira, com molduras de abas e cimalthas. Na Fig. 111 as madeiras do teto do antigo hospital psiquiátrico estão dispostas paralelas à menor dimensão de uma circulação, diferentemente da Fig 112.



Fig. 111: Forro de uma circulação.  
Fonte: IPHAN, s/d.

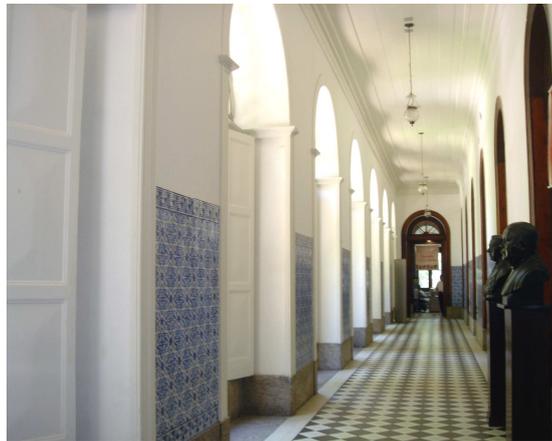


Fig. 112: Forro atual de uma circulação, FCC.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

Os forros de madeira do Palácio Universitário são todos horizontais. Foram encontradas fixações de dois tipos:

- No térreo os tetos são sustentados por estrutura de barrotes independentes ou por um mesmo vigamento destinado à sua fixação e aos pisos do pavimento superior.
- No segundo andar sua cravação é feita diretamente nos frechais e nas linhas do telhado que correm sobre as paredes.

Revestem compartimentos e corredores e seguem duas distintas técnicas construtivas: tabuado liso e saia e camisa<sup>48</sup>. O que difere estes procedimentos é a maneira de se colocar as madeiras: no primeiro sistema as tábuas situam-se no mesmo plano e no segundo, as madeiras são sobrepostas. O forro com mata-juntas, também presente no prédio é uma variante do tabuado liso, onde as fendas entre as madeiras são evitadas pela fixação de delgados cordões do mesmo material. Na edificação há forros com molduras compostas por abas e cimalthas (Fig. 113) ou apenas cimalthas com filetes (Fig. 114).



Fig. 113: Forro com cimalthas e abas.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 114: Forro com cimaltha com filetes  
Fonte: Foto da autora, 2006.

No forro saia e camisa são pregadas tábuas no viga, a de baixo transpassa em 1" a 2" as tábuas de cima. Vedando os espaços situados entre estas primeiras tábuas, as chamadas camisas, eram colocadas, sobrepondo-se um pouco de cada lado, outras tábuas, que passavam a receber o nome de saias. De acordo com Bellegarde (1848, p.95), o forro saia e camisa foi muito usado em construções comuns, porquanto os forros planos tendiam a desunir-se: comumente as madeiras de construção neste período não estavam suficientemente secas, e, assim, sujeitas a alterações de largura com as mudanças de estações.

Segundo Vasconcellos (1961, p.73), nesta técnica construtiva as tabeiras estão sempre presentes, ressaltadas no plano das saias, exibindo saliência. A Fig. 115 mostra uma sala de aula da ECO, localizada no térreo, onde a transição entre o teto e paredes é feita com abas e cimalthas de madeira, pintadas com tinta a óleo na mesma cor do

<sup>48</sup> Também designado em Portugal, forro de esteira sobreposto, segundo Corona e Lemos (1972, p.225).

restante do tabuado. Todos os forros de madeira são pintados com tinta a óleo, mas, por vezes, estes arremates são destacados por uma cor diferente.



Fig. 115: Forro saia e camisa na ECO.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Em alguns espaços foram encontrados dois forros (original e inserido posteriormente). A cravação do novo teto, nestes casos, atravessa as tábuas do teto primitivo para prender-se nos barrotes com pregos longos.

#### **2.4.2. Tetos com forros em estuque**

Conforme Corona & Lemos (1972, p. 208), estuque é toda argamassa que depois de seca adquire grande dureza e resistência ao tempo, sendo usada para revestir paredes e tetos. No Palácio Universitário este material pode ser visto apenas em alguns tetos. Sem se dispor de ensaios laboratoriais para avaliar sua composição, é possível estimar o emprego de gesso e areia finíssima, cujo uso é comum no Brasil do período da construção deste prédio, pelas informações contidas em Bellegarde (1848, p.50).

Neste edifício os forros em estuque limitam-se ao vestíbulo e clarabóia. Na primeira área nota-se hoje a decoração com florões. Na abóbada sob a clarabóia o forro é de tabique fasquiado. De acordo com o Levantamento do Telhado do Palácio Universitário

(2005), a hipótese destas duas áreas terem sido mantidas com seu forro original baseia-se na existência de técnicas compatíveis com as da construção do prédio.

Em prospecções estratigráficas realizadas junto à clarabóia foram encontradas pinturas artísticas, que podem ter adotado o afresco. Esta técnica muito disseminada na Itália do século XIX era pouco empregada no Brasil. De acordo com Bellegarde (1848, p.51), seu pouco uso deve-se possivelmente à umidade de nosso país ou à má qualidade do gesso e cal aqui produzidos. Este raciocínio conduz a uma suposição. As pinturas artísticas foram inseridas no período da construção do prédio, tratando-se assim de uma técnica inovadora para o período, ou então, foram inserções posteriores.

### 2.4.3. Tetos com forros em gesso

Os forros em gesso decorado estão no vestíbulo, escada junto aos salões, capela, salão Vermelho, sala Moniz de Aragão, gabinete da coordenação do FCC, salão Anísio Teixeira, salão Pedro Calmon e salão Dourado. Este último espaço traz a mais elegante ornamentação de teto de toda a edificação, em branco com dourado, como se pode observar na Fig. 116.



Fig. 116: Forro em gesso decorado, salão Dourado. Foto: Bira Soares.  
Fonte: Acervo do fotógrafo, 2002.

O Levantamento do Telhado do Palácio Universitário (2005) informa que no Salão Dourado foram encontrados indícios de fasquiado e esclarece que o forro não segue

plenamente a forma de cambota, com indícios de pregos na face inferior. É possível concluir, portanto, que o forro de gesso atual tenha sucedido o original em estuque.

#### **2.4.4. Considerações acerca dos forros**

De acordo com o Levantamento do Telhado do Palácio Universitário (2005), os forros de madeira são suportados por barrotes modestos, se comparados aos usados em meados do século XIX, sendo fixados às madres com pregos industrializados. Este dado já poderia indicar serem os forros de madeira do Palácio possivelmente da época da grande restauração realizada no prédio por Pedro Calmon, entre 1948 e 1949.

O resquício de estuque fasquiado encontrado no salão Dourado aponta para a hipótese de que esta técnica tenha sido adotada em outros compartimentos, enquanto que os forros de gesso são produto de reformas. Segundo o relatório do Levantamento do Telhado (2005) o forro do salão Dourado é em gesso, mas pode ter sido em estuque, em função dos resquícios de fasquios lá encontrados. A mesma situação é análoga em outros espaços internos.

Assim como em outras técnicas e materiais, nos forros se observa a carência de registros relatando as intervenções sofridas neste monumento arquitetônico, com dados acerca de modificações nos novos forros. Por isso, não se pôde determinar com precisão em que períodos estes elementos foram inseridos na edificação.

Os tetos de gesso decorado tentaram reproduzir com técnicas modernas os originais em estuques, adotando em seu lugar um procedimento moderno. Os forros deste prédio, de uma maneira geral, exibem bom estado de conservação, ainda que muitos deles já tenham sofrido restaurações anteriores. A única estrutura que requer uma reforma urgente é a que sustenta a clarabóia.

## **2.5. VÃOS**

Segundo Corona e Lemos, (1972, p.467) vão é a “abertura ou rasgamento numa parede para colocação de uma porta ou janela”. No estudo destes elementos do Palácio Universitário foram incluídos, além das esquadrias, óculos e acessos ao porão.

### **2.5.1. Esquadrias**

Foram pesquisadas as portas e janelas do referido monumento, a partir de quatro vertentes: esquadrias originais, classificação das existentes fundamentando-se em uma análise tipológica, localização das mesmas no edifício e avaliação de suas técnicas construtivas.

Foram investigadas exclusivamente as esquadrias em madeira e vidro; não sendo considerados os portões em ferro do interior do prédio. As esquadrias industrializadas dos painéis divisórios foram excluídas, pela inexistência de valor artístico.

Apresenta-se na seqüência a planta baixa do térreo (Fig.117), segundo (Fig.118) e terceiro pavimento (Fig.119) da edificação, com a distribuição das janelas e portas existentes.

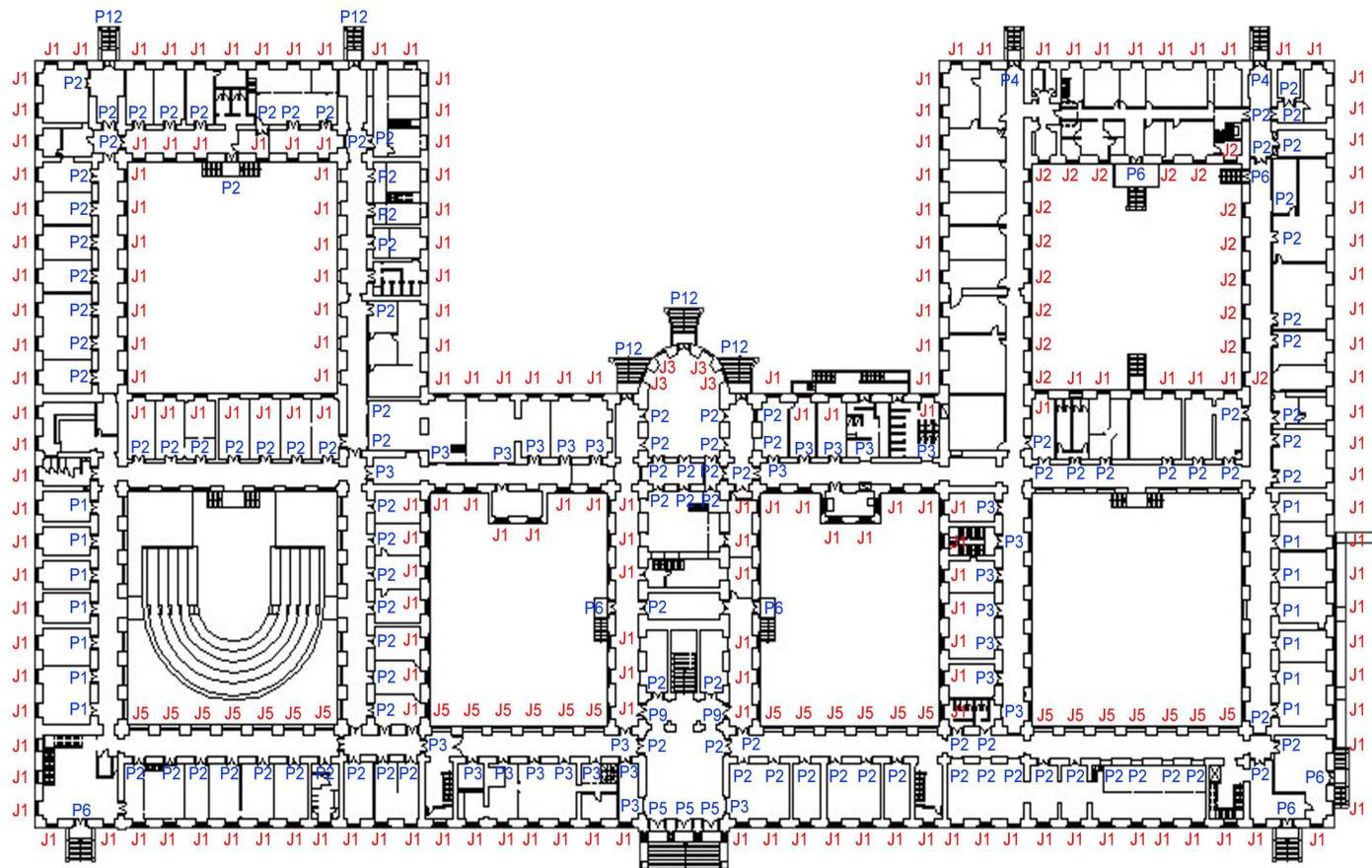


Fig. 117 – Planta de localização das portas e janelas do térreo.  
 Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2007.

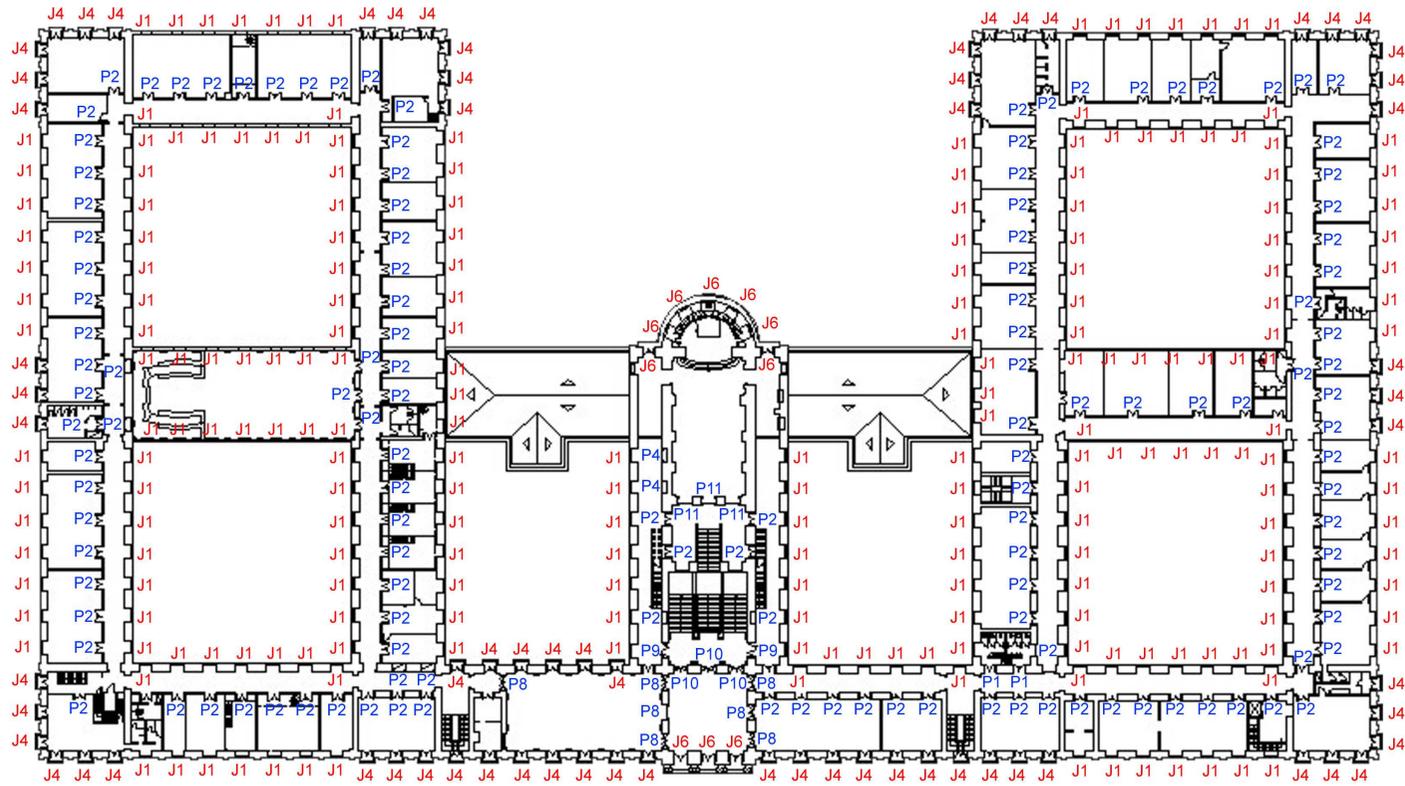


Fig. 118 – Planta de localização das portas e janelas do 2º pavimento.  
 Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2007.

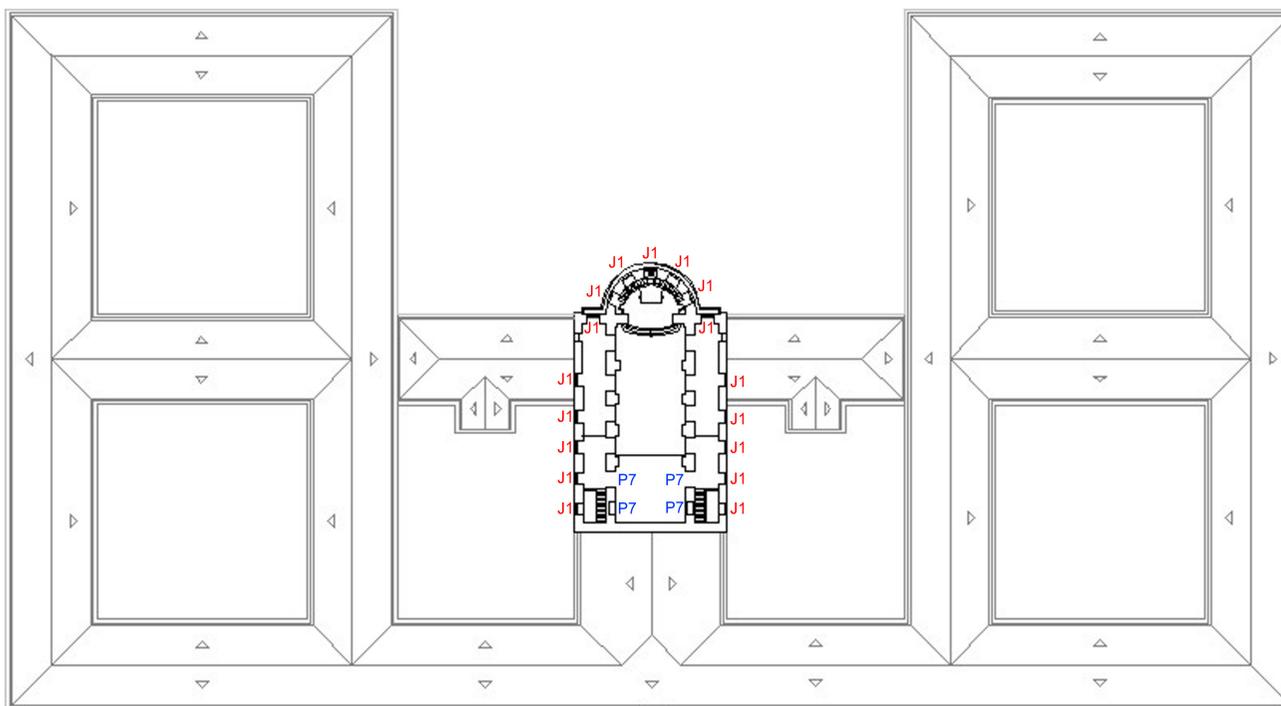


Fig. 119 – Planta de localização das portas e janelas do 3º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2007.

### 2.5.1.1. Janelas

Na distinção entre janelas e portas, adotou-se a definição de Corona & Lemos (1972, p.280): “Janela é o nome genérico que se dá a qualquer abertura ou vão destinado a patrocinar iluminação e ventilação aos ambientes internos, facilitando, ao mesmo tempo, a visibilidade para o exterior. Difere da porta por não ser um vão de acesso”. Seguindo por este raciocínio, a esquadria que chega até o piso e abre-se para uma sacada ou balcão foi aqui tratada como janela, tanto quanto a de peitoril.

Para se determinar, dentre as esquadrias presentes no prédio, quais seriam originais, foram pesquisadas fotos antigas e documentos encontrados no Arquivo da COPEDOC – Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência do IPHAN - Palácio Capanema, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional. A iconografia das fachadas do Hospício de Pedro II não exhibe com clareza a tipologia das esquadrias primitivas; suas grades encobrem seu aspecto. Além disso, as folhas de madeira, abrindo-se para dentro da edificação, nem sempre estão à mostra. Cabe ressaltar que nos registros antigos foram encontradas duas grades distintas: numa delas há dois quadros que podem ser fixos ou de guilhotina (Fig. 120) e na outra as barras se engastam nas ombreiras (Fig.121). Os indícios atuais apontam, entretanto, para perfurações de um único tipo nas ombreiras; não se pôde elucidar como se fixava a grade do primeiro padrão citado.

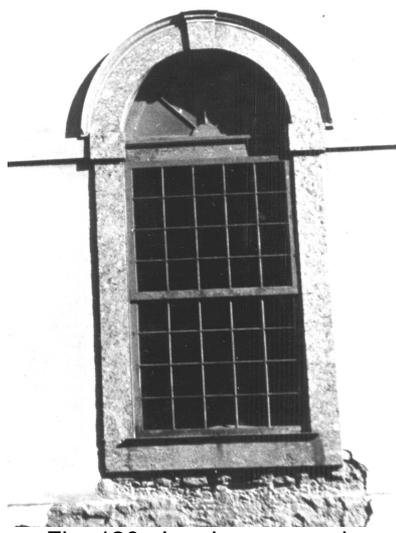


Fig. 120: Janela com grade.  
Hospício de Pedro II.  
Fonte: IPHAN, s/d.



Fig. 121: Janela sacada com grade.  
Hospício de Pedro II.  
Fonte: IPHAN, s/d.

Pelo estudo das fotos ampliadas do antigo hospital de alienados foi possível encontrar dados, apontando para a existência de pelo menos um padrão de esquadria distinta das presentes no monumento. A construção que foi demolida e situava-se anexa ao prédio principal, (Fig.122) ostenta este tipo de janela, cuja dimensão, se comparada às da fachada do prédio é mais avantajada. Seu sistema de abertura é basculante, com uma bandeira superior fixa. Não se pôde determinar o momento exato da incorporação deste apêndice ao Hospício de Pedro II. É provável que tenha sido demolido para adaptar o prédio à sua nova função como instituição de ensino. Em nenhum dos seis jardins existe tal construção anexa, por isso esta esquadria foi aqui designada janela extinta ou JE. A presença de outro padrão de bandeira retirada dá uma noção das intervenções sem registro de que a edificação foi vítima (Fig.123).



Fig. 122: Janela extinta da torre.  
Fonte: IPHAN, s/d.

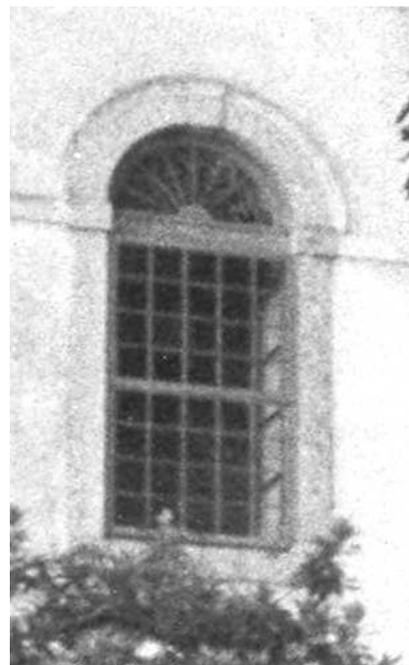


Fig. 123: Janela J1 do Hospício de Pedro II.  
Fonte: Ampliação da autora em foto do IPHAN, s/d.

Nesta edificação as esquadrias são de duas modalidades: de peitoris e rasgadas. Nas primeiras, (Fig.124, à esquerda), o vão aberto no pano da parede leva peitoril cheio.

Ambas são abertas em paredes maciças de grande espessura e fixadas na face externa das mesmas. As da Fig. 124 à direita são janelas de sacadas, em que os guarda-corpos projetam-se para fora das ombreiras. O segundo pavimento ostenta a alternância de ambas, o térreo e terceiro piso apenas as de peitoris. Estas trazem tábuas de peito<sup>49</sup> com rebaixo longitudinal e canálculos oblíquos com pingadeiras, determinando o escoamento externo das águas pluviais, prevenindo infiltrações para o interior do prédio. Na parte interna exibem alizar em madeira, e na externa, cercadura de pedra ou argamassa.



Fig. 124: Janelas de peitoris e janelas rasgadas.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Todas as janelas das fachadas deste imóvel são em madeira, formando postigo com almofadas e bandeiras, ambos com caixilho fixo de vidro pelo lado de fora. Os autores do projeto arquitetônico seguiram nas fachadas deste patrimônio edificado o padrão estético da época, no qual, de acordo com Corona & Lemos (1972, p.383), as portas deveriam ter a mesma altura das janelas.

A Fig.125 mostra a fachada principal e parte da lateral do antigo Hospício de Pedro II, no século XIX, com a disposição primitiva de suas esquadrias, coexistindo no térreo as de vergas retas com as de arco pleno. Estas últimas constituem maioria, sendo arrematadas por fechos salientes, com molduras situadas no plano das impostas. A

<sup>49</sup> Tábua-de-peito é a tábua de madeira que reveste em parte ou totalmente o peitoril da janela (LIMA e ALBERNAZ, 1997, p. 444).

característica destas cercaduras coincide com as descritas por Vasconcellos (1961, p. 97) para as introduzidas no século XIX: “[...] As ombreiras prolongam-se pela verga sem solução de continuidade, na linha de junção ocorrendo pequenas cimalthas à feição de capitéis”. A partir da análise do conjunto dos edifícios mais típicos do neoclássico erudito da cidade do Rio de Janeiro, Rocha-Peixoto detecta (in CZAJKOWSKI, 2000-a, p.35), “Em três quartos das fachadas há vãos arrematados com arco pleno. Em metade há vergas retas”.



Fig.125: Hospício de Pedro II, pintura de Victor Frond, 1859.

Fonte: <http://rjtv.globo.com/RJTV>

O gnaisse bege foi amplamente empregado nas ombreiras, vergas e peitoris das esquadrias deste prédio. Sua disseminação nas guarnições pode ser uma das características que eleva este edifício à categoria de construção esmerada de seu período.

Nas construções comuns, é o próprio tijolo que forma a cercadura das portas e das janelas. Não se emprega a pedra senão para as soleiras e, mesmo aí, a madeira a substitui freqüentemente. Mas, nas construções mais cuidadas, a pedra se torna obrigatória para as ombreiras e as vergas das portas e janelas, bem como para os peitoris destas últimas (VAUTHIER, 1975, p.51).

Das extintas grades de ferro do hospital psiquiátrico restam apenas as cavidades agora vedadas nas ombreiras de cantaria (Fig. 126) de cada janela, vestígio de uma época em que se confundiam hospício e prisão, bem como doente mental e periculosidade.

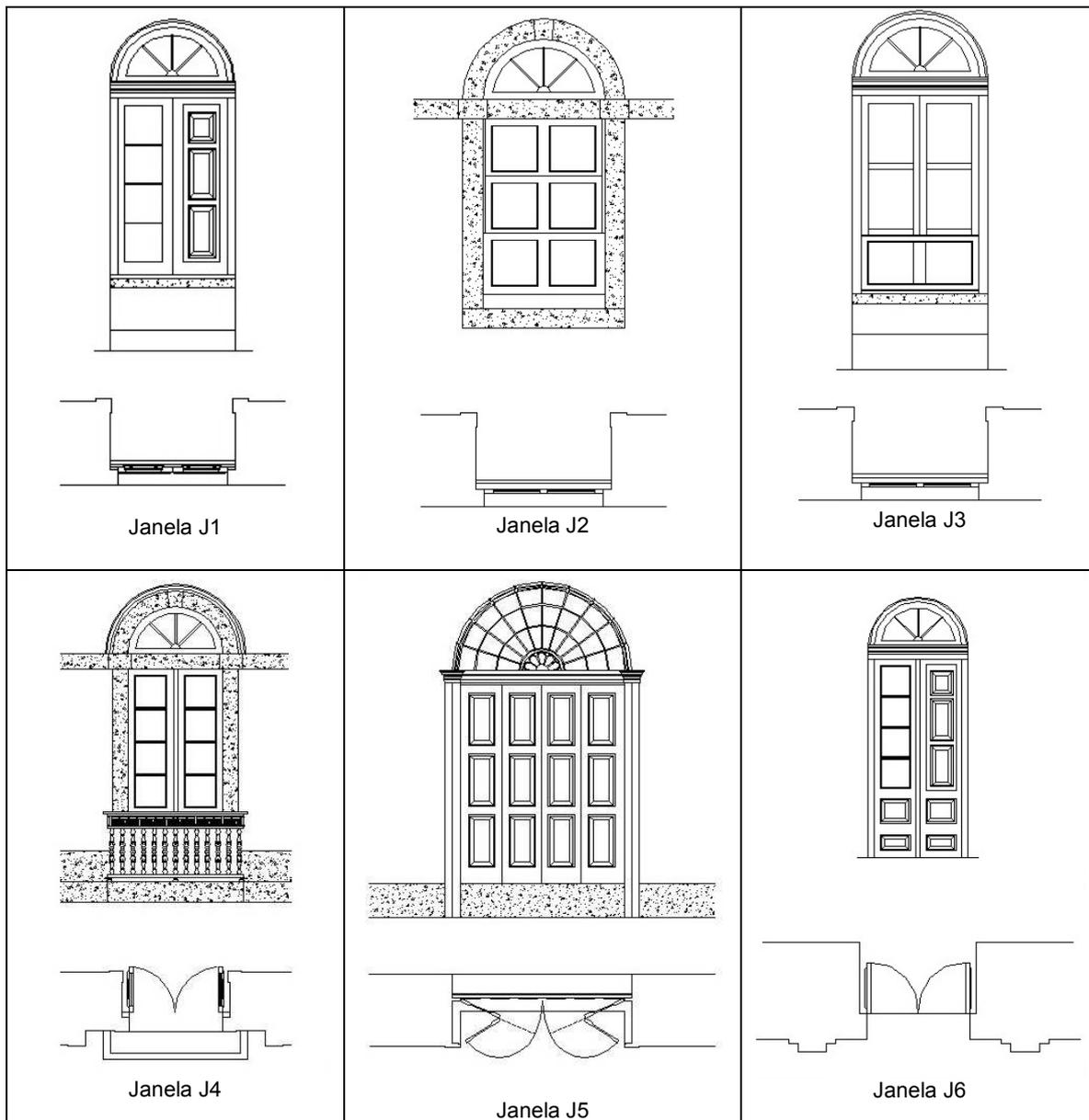


Fig. 126: Furações das ombreiras.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

O Quadro 1 traz um levantamento tipológico das esquadrias da edificação. A representação de suas elevações e plantas baixas é apenas esquemática, sem escala definida.

**Quadro 1: - Tipologia de janelas do Palácio Universitário.**

Fonte: Levantamento da autora em nov/ 2006, baseado em Damstruc (2005). Contribuição nos desenhos: Luiz Fernando Santos e Enio Kaippert.



No estudo das esquadrias do Palácio Universitário, foram classificados seis tipos distintos de janelas: J1, J2, J3, J4 e J5 e J6. O primeiro deles pode ser original, pois revela características similares às das esquadrias primitivas da iconografia do antigo hospital psiquiátrico: trata-se do conjunto tipo **J1**. Medindo em média 1,33 x 2,15m, repete-se com muita frequência nas fachadas, com variações nos vãos em que estão inseridas, acarretando diferenciação nas bandeiras das esquadrias: a **J1A** (Fig. 127), é de peitoril, composta por duas folhas de abrir, caixilhos de quatro vidros em cada batente e postigos almofadados na face interna. Exibe ombreiras, peitoril e verga em gnaiss bege. Um fecho saliente na mesma cantaria arremata o arco pleno, com uma cornija de massa destacando conjunto.

A **J1B** (Fig.128) difere da J1A pela cercadura com verga reta em cantaria e pela ausência de bandeira. As janelas originais com vergas retas das duas extremidades da fachada principal foram substituídas por portas durante o programa de adequação do prédio, como será elucidado na subseção 2.1.1.2. A Fig. 129 mostra o fechamento em alvenaria da bandeira de uma janela J1B na face interna.



Fig. 127: Janela J1A.  
Fonte: Foto da autora, 20



Fig. 128: Janela J1B.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 129: Fechamento externo em alvenaria da bandeira da janela J1B.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

A **J1C** (Fig.130) pode ser considerada uma simplificação do padrão J1A. Ali aparece verga reta encimada por outra em arco pleno; o vão entre ambas é preenchido com alvenaria na fachada, que corresponde internamente a uma bandeira.

O tipo **J1D** (Fig.131) situa-se no térreo da fachada principal e é a única disposta em nicho. Sua verga reta é em cantaria, assim como o são seu peitoril e ombreiras, mas sua sobreverga em arco pleno tem acabamento em massa.



Fig.130: Janela J1C, fachada.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig 131: Janela J1D.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

O conjunto de janelas **J2** (Fig.132) com em média 1,33m x 2,15m é o único da edificação, diferente dos demais pelo sistema de abertura. Só encontrado no pátio interno da ECO, apresenta duas partes basculantes em madeira e vidro na parte superior e uma fixa com dois vidros na parte inferior.

A **J3** (Fig.133), só é vista na fachada posterior; situa-se no auditório Anísio Teixeira da FE e é composta por duas folhas de abrir e caixilhos fixos com vidro na parte inferior. Suas dimensões médias são de 1,33m x 2,26m.

As esquadrias do tipo **J4** (Fig. 134), com 1,32m x 3,04m apresentam caixilhos e postigos análogos ao da J1; com a ressalva de que suas folhas vêm até o nível do piso, com almofadas na parte inferior; trata-se de janelas rasgadas com sacadas, até o chão.



Fig. 132: Janela J2.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig. 133: Janela J3.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig. 134: Janela de sacada J4.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

As grades das sacadas em ferro fundido do Palácio Universitário (Fig.135) formam balaústres com uma faixa horizontal contendo motivo de gregas e arremate de barras horizontais do mesmo material. São guarnecidas superiormente por peças em madeira, servindo de corrimão e fixadas à bacia<sup>50</sup> das janelas.

A antiga (Fig. 136) e a atual guardam entre si grande semelhança. Entretanto, não se pode afirmar que as presentes na edificação sejam primitivas. É possível que parte dos guarda-corpos tenham sofrido corrosão por maresia ou poluição atmosférica. Podem ter sido substituídos por outros de semelhante padrão executivo.



Fig.135: Sacada do Palácio Universitário.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig.136: Sacada do Hospício de Pedro II.  
Fonte: IPHAN, s/d.

<sup>50</sup> De acordo com Corona & Lemos (1972, p.65), bacia é a base de pedra onde se apóiam os balaústres das sacadas ou os peitoris dos púlpitos.

externa, voltam-se para um pátio interno. Sua bandeira ostenta fina ornamentação metálica vazada, com motivo floral no centro da composição.



Fig. 137: Janela J5 fechada.  
Foto da autora, 2006.



Fig. 138: Janela J5 aberta.  
Foto da autora, 2006.

Todas as janelas apresentam bandeiras com caixilhos de vidro no topo, com exceção da J5. Este padrão foi inserido na edificação, já que a iconografia do hospital psiquiátrico traz os mesmos vãos voltados para os pátios internos com grades decorativas, destituídas de fechamento em madeira. A Fig.139 mostra um espaço interno descoberto do hospício, usado para secar roupas ao sol, tendo estes mesmos elementos decorativos em ferro nos arcos, porém, neste caso, sem qualquer esquadria a vedá-los.



Fig.139: Pátio do Hospício de Pedro II.  
Fonte: IPHAN, s/d.

Estas arcadas localizam-se ao longo de uma varanda descoberta deste patrimônio edificado. É possível que se trate do pátio onde hoje se localiza o pátio da ECO. As Figs 140, 141 e 142 exibem três variações do mesmo gradil. Comparando-se os desenhos das elevações com a fotografia, observa-se que cada um dos elementos decorativos presentes na edificação revela características que destoam do modelo antigo. O padrão original extinto não ostenta a travessa sustentando a bandeira, como os outros três. No G1B esta travessa é simplificada. Não se dispôs de iconografia para avaliar o elemento decorativo em ferro, mas nota-se que o tipo G1C traz pequenas esferas de ferro em sua base, distintas dos demais.

A Fig.143 mostra a localização do gradil G1 nos arcos das galerias do monumento.

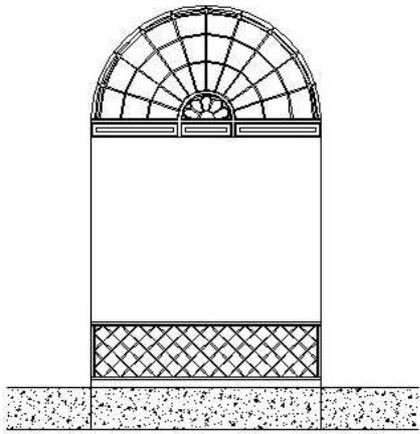


Fig. 140: Gradil G1A  
Fonte: Levantamento do Palácio (2005).

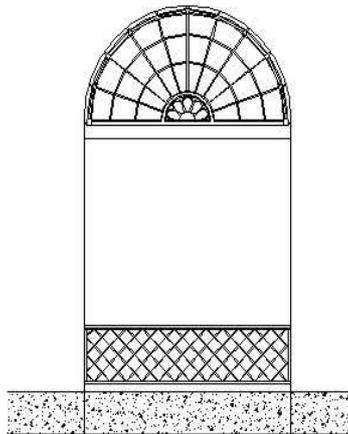


Fig. 141: Gradil G1B.  
Fonte: Levantamento (2005).

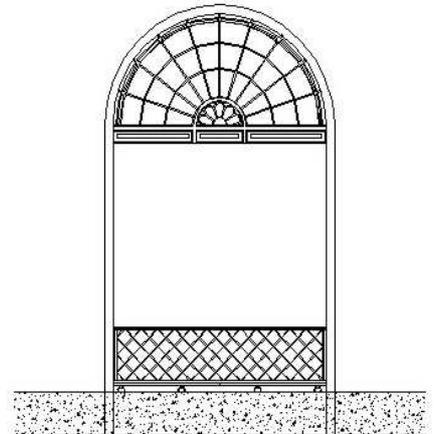


Fig. 142: Gradil G1C.  
Fonte: Levantamento (2005).

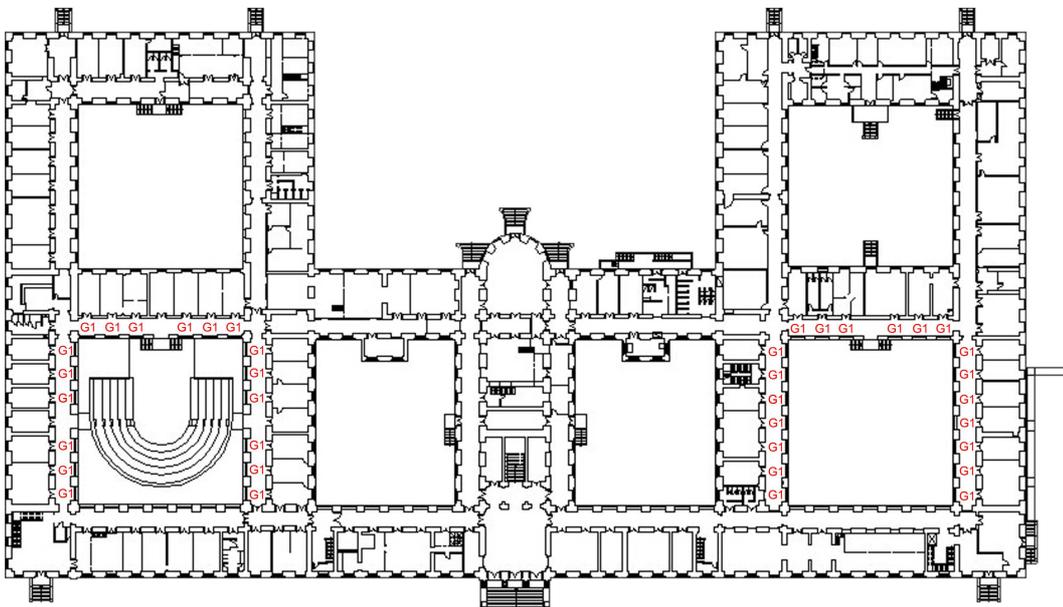


Fig. 143: Planta de localização dos gradis G1 no prédio.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2007.

“Há no segundo pavimento quatro colunas de ordem jônica, coroando o corpo um frontão reto, e ornando o tímpano as Armas Imperiais trabalhadas em mármore; entre as colunas abrem-se três janelas”. A descrição de Moreira de Azevedo (1969, p.472) refere-se a um conjunto de esquadrias **J6** (Fig. 144) situadas no pórtico, que se abre para um balcão<sup>51</sup> da construção limitado por balaústres em mármore polido branco; com corrimão em cantaria bege. Esta peça sacada em pedra é em balanço e situa-se sobre a porta P5. O contorno interno do arco que cerca esta J6, é um trabalho esmerado em cantaria, destacando-se da maioria das esquadrias da edificação, em que são feitos de alvenaria de tijolos com acabamento para pintura. Há outras esquadrias deste mesmo padrão; é o caso da J6A (Fig. 145), situada no segundo pavimento da capela, que se abre para um balcão em cantaria, sem cobertura, com grade de ferro fundido, circundando externamente o perímetro do segundo pavimento da abside da capela. Este elemento em balanço em cantaria apóia-se sobre cães<sup>52</sup> do mesmo material.



Fig. 144: Janela J6.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig. 145: Janelas J6A.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

<sup>51</sup> Segundo Vasconcellos (1961, p.125), as sacadas, “[...] mesmo quando corridas, podem ser de largura mínima, não proporcionando praticamente trânsito no seu maior sentido (0,30m) ou ter largura maior, constituindo-se em balcão”.

<sup>52</sup> “Cão de pedra que sustenta alguma parte do edifício, ou friso, ou varanda ou sacada, conforme Bluteau” (apud CORONA & LEMOS, 1972, p.93).

### 2.5.1.2. Portas<sup>53</sup>

As esquadrias deste exemplar neoclássico fazem jus ao deslumbramento provocado em um dos internados mais famosos do antigo hospital psiquiátrico. Assim escreveu Lima Barreto (1953, p.90): “[...] que magníficas e fortes portas eram aquelas do hospício! De canela com fechos e guarnições deste de cobre!”. Ainda hoje há portas muito resistentes, que podem ser primitivas do prédio, mas, se as ferragens foram de cobre em outra época, hoje nem todas o são. Parte das esquadrias provavelmente foi preservada, mas muitas foram substituídas, e com elas, suas ferragens.

Uma pesquisa confirmou a existência, em outro período, de pelo menos três modelos de portas extintas, não identificados nos dias de hoje: PE1, PE2 e PE3. A Fig.146 retrata uma das alas do asilo, num corredor do térreo, como se nota pelo piso ladrilhado em mármore, existente apenas nas circulações deste pavimento.

As vigas de madeira expostas, destinadas à sustentação do forro, podem indicar sua localização na edificação original, já que na área mais recente o piso do segundo pavimento foi executado, como vimos, em laje. O foco inicial de interesse desta seção, porém, está na porta extinta aqui designada PE1 (Fig.146 e 147).

Eram esquadrias de abrir, com alizares<sup>54</sup> e fechamento em madeira, de uma única folha. Conforme a medição dos vãos, onde se situavam, pode-se afirmar que elas teriam cerca de 1,32m, o que contraria a recomendação de Bellegarde (1848, p.108); segundo ele, a porta que excede seis palmos deve ter duas folhas; tendo como corolário, “mais elegância e simetria, cada meia porta pesa menos sobre as dobradiças, e acomoda-se melhor depois de aberta”. Contudo, é possível que neste caso visasse garantir uma eficiência maior no controle dos alienados. Na parte superior, a folha exibe uma tela metálica vazada, que pode ter sido concebida ao mesmo tempo, para promover a ventilação dos aposentos e assegurar o controle dos insanos do antigo hospício. No centro da composição há um painel emoldurado.

<sup>53</sup> “Nome da abertura feita nas paredes, muros, muralhas ou panos envidraçados, rasgada até o nível do pavimento, que serve para dar acesso às pessoas e veículos” (CORONA & LEMOS, 1972, p.382).

<sup>54</sup> “Em alguns lugares como no Rio de Janeiro designa-se alizar apenas a guarnição de fora das portas ou janelas, diferenciando-a do marco que constitui a parte interna. Entretanto, aqui se adotou o conceito genérico de alizar: “É a guarnição de madeira da parte interna das portas e janelas” (CORONA & LEMOS, 1972, p.31).



Fig. 146: Portas PE1, Hospício de Pedro II.  
Fonte: IPHAN, s/d.



Fig. 147: Porta PE1, Hospício de Pedro II,  
detalhe.  
Fonte: IPHAN, s/d.

Na comparação da esquadria PE1 com as existentes atualmente no edifício, fica evidente serem elas distintas. Na substituição destas portas por outras de duas folhas, aumentou-se o espaço interno das salas; como se sabe, as folhas das esquadrias, quando divididas, ocupam menos espaço ao serem abertas. Foram mantidas as bandeiras em arco pleno, preservando-se assim as características neoclássicas. Contudo, a feição das subdivisões de seus caixilhos de vidros (Fig. 148) era distinta do que se vê hoje; com diferentes ornamentos, ou mesmo variação na apresentação de seus pinázios<sup>54</sup>. Não se pôde determinar quais esquadrias tiveram suas bandeiras modificadas, nem se algumas delas eram desprovidas de vidro, para facilitar o arejamento dos interiores.

<sup>54</sup> “[...] identifica cada uma das fasquias que, nos caixilhos das portas ou janelas, seguram os vidros, separando uns dos outros” (CORONA & LEMOS, 1972, p.374).

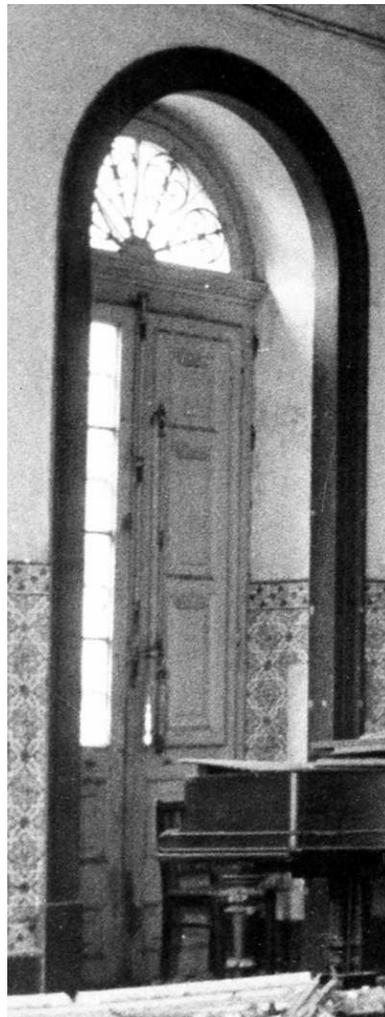


Fig. 148: Padrão de bandeira extinto.  
Fonte: IPHAN, s/d.

O segundo padrão de porta extinto foi designado PE2. A fotografia da fachada do antigo hospício voltada para um pátio interno a exhibe, arrematada por verga reta (Fig. 149).

Não foi encontrado qualquer registro escrito referente a estas intervenções que promoveram mudanças nos padrões das esquadrias do prédio e, conseqüentemente, no próprio monumento. Não se pode afirmar, tampouco, ter sido este o único tipo eliminado; é provável que o mesmo tenha ocorrido com outros. A autora fundamentou suas análises tão-somente na observação das fotos de arquivos, relacionando-as com a tipologia das esquadrias existentes.



Fig. 149: Porta PE2, Hospício de Pedro II.  
Fonte: IPHAN, s/d.

Outro padrão extinto foi o PE3 (Fig. 150). Nele observa-se que a luz penetra por um caixilho de vidro sobre as almofadas; além disso, sua bandeira e almofadas são distintas das outras portas; este padrão não é encontrado na edificação, como se constatará no inventário que se segue.



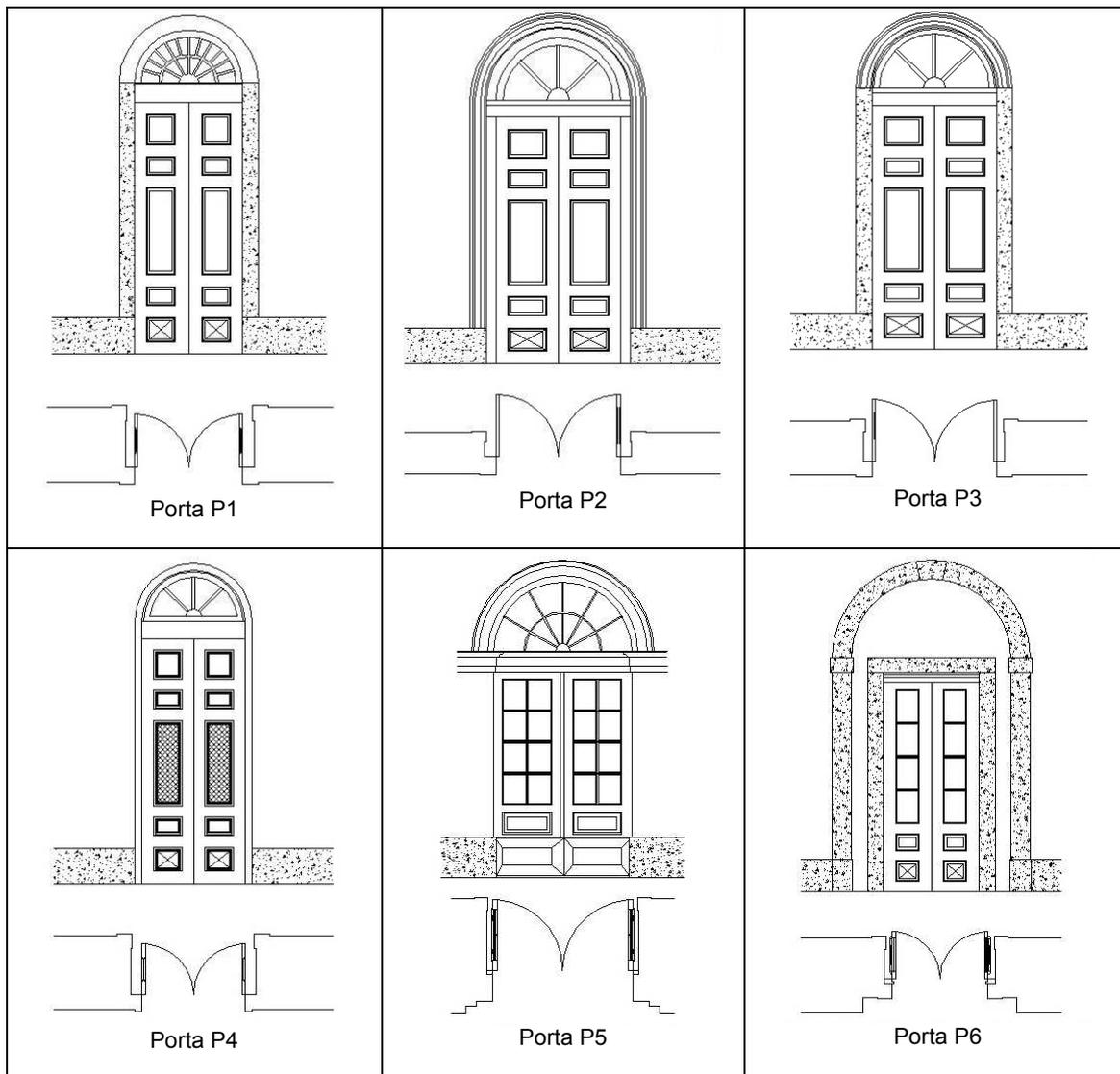
Fig.150: Portas PE3.  
Fonte: IPHAN, s/d.

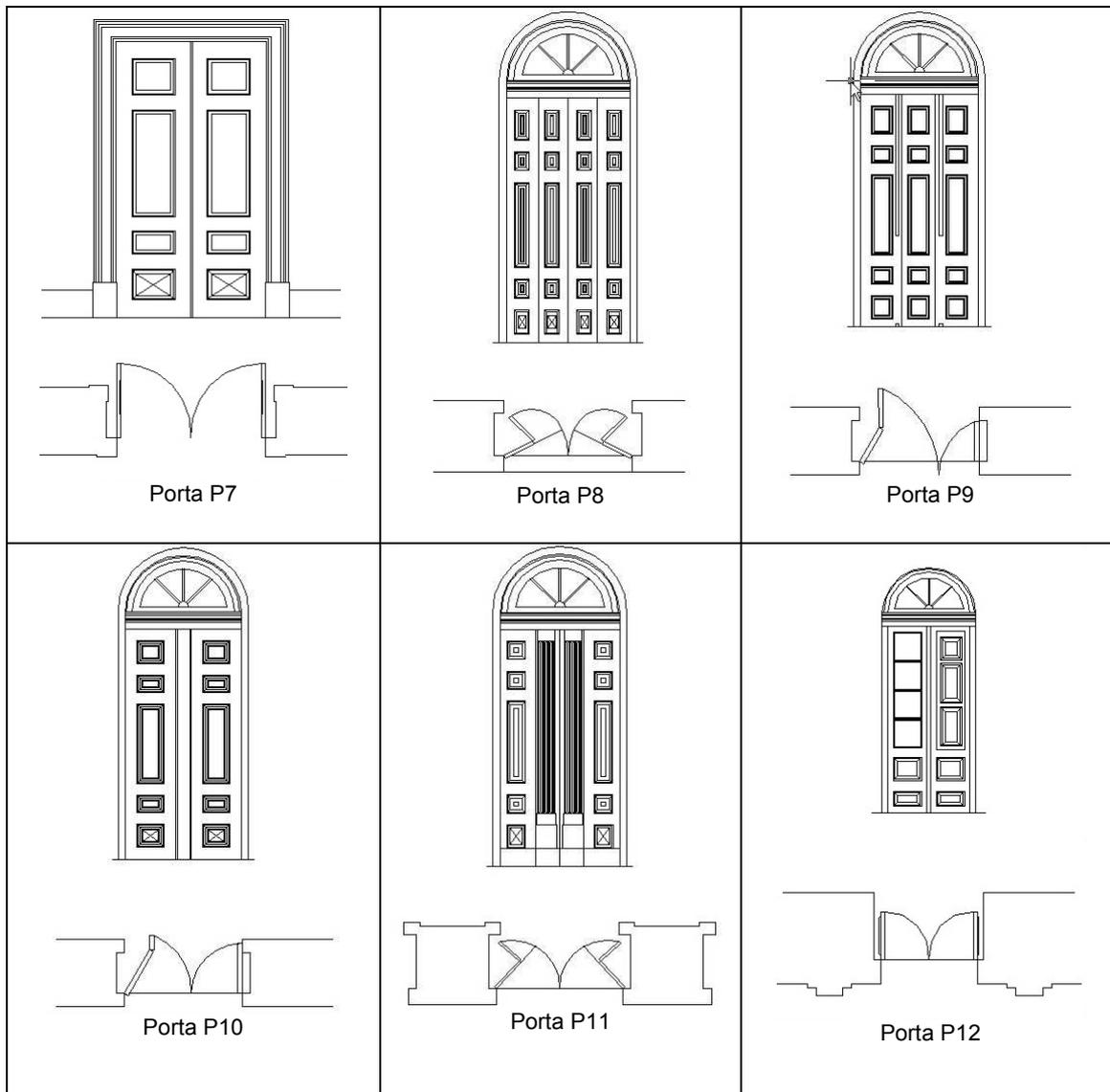
O que se vê no Palácio Universitário atualmente são doze padrões diferentes de portas de abrir: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11 e P12. Pequenas variações nas dimensões, características de construção e acabamento poderiam facultar um número ainda maior de tipos; no entanto, para evitar aumentar desnecessariamente a tipologia destes elementos e concentrar esta investigação em seus materiais e técnicas construtivas, optou-se pela criação de subdivisões de alguns exemplares. Há casos em que um único modelo ostenta cercaduras variadas.

Apresenta-se na seqüência uma classificação e descrição das portas existentes no monumento. A representação de suas elevações e plantas baixas do Quadro 2 é apenas esquemática, sem escala definida.

**Quadro 2: - Tipologia de portas do Palácio Universitário.**

Fonte: Levantamento da autora em nov/ 2006, baseado em Damstruc (2005). Contribuição nos desenhos: Luiz Fernando Santos e Enio Kaippert.





As portas desta edificação histórica são em madeira ou em vidro e madeira; almofadadas ou envidraçadas. As exclusivamente em madeira são engradadas<sup>55</sup>,

<sup>55</sup> Conforme Segurado (s/d, p.334-338), as portas engradadas são as mais perfeitas e sólidas; são formadas por uma grade, constituída por duas couceiras e três travessas, com caixas em todo o comprimento para alojar as tábuas que completam a porta, ligadas geralmente a macho e fêmea e tendo às vezes juntas emolduradas.

guarnecidas de almofadas ou painéis emoldurados nos vãos deixados entre as travessas e as couceiras<sup>56</sup>.

Apesar de não se ter disponibilizado o projeto arquitetônico, contendo detalhes executivos destas esquadrias, nota-se que algumas apresentam maior cuidado construtivo do que outras. É o caso das que exibem as tábuas externas emolduradas. Já as portas de acabamento mais simplificado ostentam régua com molduras postiças, isto é, pregadas com travessas contornando as almofadas. De um modo geral, as folhas das esquadrias deste patrimônio têm painéis salientes ou reentrantes de um lado e planos no tardo, ou salientes em ambos os lados. As quinas de seus quadros e painéis podem ser de dois tipos: vivas ou em meia cana<sup>57</sup>

As almofadas altas são pelo menos chanfradas em liso ou levam moldura tornijada, terminando o centro em plano ou pirâmide, à feição de lapidado, quando são conhecidas como ponta de diamante (VASCONCELLOS, 1961, p.110).

Assim como as janelas deste prédio, alguns padrões de portas apresentam almofadas móveis formando postigo, acrescido de caixilho fixo de vidro pelo lado de fora. É o caso das esquadrias envidraçadas voltadas para as fachadas, e também de algumas, que se abrem aos pátios internos.

Quase todos os padrões são divididos verticalmente em duas partes: a superior, menor, forma a bandeira fixa, destinada a permitir a entrada de luz nos ambientes; é separada da porta por uma travessa. Segundo Vasconcellos (1961, p.110), estes caixilhos situados na parte superior das portas são típicos das esquadrias excessivamente elevadas.

O critério adotado na classificação das portas deste exemplar arquitetônico objetivou reunir, num mesmo conjunto, aquelas cujo fechamento revela um mesmo padrão visual. Como se observará, as diferenças entre as guarnições não impediram que estas esquadrias permanecessem na mesma categoria; as distinções entre suas folhas é que determinaram as subdivisões dos padrões aqui classificados.

---

<sup>56</sup> “Nas folhas de portas compostas de tábuas verticais, nome das tábuas externas, onde é fixada a dobradiça e onde é instalada a fechadura” (CORONA & LEMOS, 1972, p.151).

<sup>57</sup> Meia-cana é a moldura que apresenta concavidade longitudinal.

As portas **P1** (Fig.151) em madeira são constituídas por duas folhas de abrir com dimensões médias de 1,32m x 3,06m. Pela face<sup>58</sup> suas almofadas são reentrantes, com exceção da situada no trecho inferior, saliente, com forma de diamante. Pelo lado interno é liso. Esta esquadria exibe ombreiras de gnaisse bege e verga em massa ressaltada do paramento da parede. Caracteriza-se por exibir a única bandeira sem vidros da edificação, mas, em alguns casos uma chapa de compensado foi pregada para garantir sua vedação, impedir a saída de ar condicionado, isolar o som ou não permitir o acesso de pequenos animais. Seus caixilhos exibem verniz em tonalidade escura. Na Fig.152 o mesmo padrão com verniz em outro tom na cercadura de madeira. Ainda que coberta por tinta, nota-se que o modelo da esquadria da Fig.153 assemelha-se às demais P1. Contudo, em alguns casos, suas molduras e almofadas carecem do mesmo esmero construtivo. Situa-se na ECO, enquanto as duas primeiras estão no IE.



Fig.151: Porta P1, ombreiras em cantaria.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig.152: Porta P1, guarnição em madeira.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 153: Porta P1, madeira pintada.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

As portas **P2** aparecem com mais freqüência neste monumento; mais largas que as anteriores, em média 1,54m x 3,07m, o almofadado reentrante de ambas se assemelha. Neste exemplar do IE, (Fig. 154) nota-se a diferença da bandeira da P1. A Fig. 155 mostra seu tardo<sup>59</sup> liso. No padrão P2a, os vidros das bandeiras fixam-se por rebaixos no caixilho e pinázios. De acordo com Segurado (s/d-d, p.359), em trabalhos mais perfeitos,

<sup>58</sup> “Numa porta externa chama-se face a superfície que olha para fora” (CORONA & LEMOS, 1972, p.213).

<sup>59</sup> “Tardo<sup>z</sup> é a superfície interna da folha da porta” (LIMA E ALBERNAZ, 1997, p. 596).

ao invés da massa de vidraceiro, substitui-se por régua triangular ou emoldurada aparafusadas ao caixilho. Neste patrimônio arquitetônico algumas bandeiras trazem cordões, outras, massas de fixação, podendo constituir uma intervenção posterior. Comumente, as portas deste imóvel se prestam à ligação de salas com corredores. Entretanto, esta é uma das poucas que comunica duas circulações: a do interior da biblioteca Eugênio Gudim do CCJE e a que conduz a um dos pátios.



Fig. 154: Porta P2, face.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 155: Porta P2, tardoz.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Situada na decania do CCJE, a porta P2a (Fig. 156) deixa ver a mesma característica construtiva da P2 distinguindo-se, porém, pela travessa emoldurada da bandeira. A porta P2b é outra variação, com venezianas fixas no lugar de painéis e almofadas. Sua cercadura é em cantaria (Fig. 157).



Fig. 156: Porta P2a.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 157: Porta P2b.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A porta P2c (Fig. 158), localizada na ECO, construção mais recente do prédio, por sua vez já não tem uma moldura com o mesmo esmero de acabamento das outras P2. Pode ser que suas couceiras não sejam arrematadas, e estas almofadas reentrantes apenas se encaixem nas fêmeas de seus quadros, com régua a contorná-las, tornando a execução mais simplificada. A porta P2d (Fig. 159) foi confeccionada e instalada em 1995. Com tardoiz igualmente almofadado, diferencia-se das demais pela cor da madeira, detalhes executivos, ferragens e dimensões. Pode ter sido concebida propositadamente distinta das outras para marcar a intervenção.



Fig. 158: Porta P2c.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 159: Porta P2d.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A **P3** apresenta as mesmas dimensões da P2, em média 1,54m x 3,07m; porém, enquanto a anterior traz almofadas reentrantes, nesta são salientes (Fig. 160). Além disso, suas ombreiras são em cantaria. Neste exemplar do vestíbulo nota-se o cuidado na execução de sua dupla cercadura em pedra, com refinado tratamento estereotômico.



Fig. 160: Porta P3.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

A porta **P4**, encontrada em fachadas e no interior do prédio, tem em média 1,28m x 3,05m. Em madeira almofadada de abrir, com duas folhas, uma tela metálica decorativa a difere do padrão P2, em substituição a um dos painéis emoldurados. A Fig.161 a apresenta na fachada posterior, com ombreiras e verga em cantaria, construída durante a ampliação do antigo hospício; pertence a um dos acessos da ECO, enquanto a da Fig.162 situa-se nas dependências da FE. Os vãos com telas são fechados internamente com postigos.



Fig 161: Porta P4 externa.  
Fonte: Foto da autora. 2007.



Fig. 162: Destaque da porta interna P4.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Algumas das portas se sobressaem, dentre os demais elementos construtivos deste edifício, pelo refinamento do estilo neoclássico. É o caso da porta **P5**, a principal do edifício, que por seu esmero construtivo e localização no pórtico (Fig. 163), junto à escadaria de entrada do edifício, sobressai entre as demais. É mais reforçada e avantajada que as outras, com dimensões médias de 2,04m x 2,97m. Não se dispôs de uma imagem do pórtico primitivo suficientemente aproximada, todavia, pelo elevado esmero executivo de suas almofadas, caixilhos e postigos, podem ser originais, do período da construção do hospital psiquiátrico. Entretanto, na comparação desta esquadria com a do pórtico da Santa Casa de Misericórdia, nota-se que, no hospital geral, a porta, cujo padrão se assemelha a esta e traz uma bandeira com subdivisões distintas da P5. É possível que fossem do mesmo tipo, já que, como se sabe, estas edificações, construídas pelos mesmos arquitetos, guardam vários aspectos em comum. A Fig. 164 a apresenta em destaque, na sua face externa, enquanto na Fig.165 é vista a partir do vestíbulo.



Fig.163: Porta P5.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A porta P5 pode ser descrita como luxuosa. É em madeira encaixilhada na parte superior, e com almofadas e rodapé no terço inferior. Seus postigos almofadados, quando abertos, permitem a passagem de iluminação natural no átrio pelos oito vidros presentes em cada uma de suas folhas. É encimada pela maior bandeira do edifício. Na face inferior externa, suas folhas compõem-se de painéis emoldurados. Sua execução traz consigo magnitude e apuro construtivo. Tanto as ombreiras como a verga em arco pleno ostentam um cuidadoso trabalho em gnaisse bege. Seu contorno interno em gnaisse bege destaca-

se da maioria das esquadrias da edificação, completando o rigor deste trabalho estereotômico.

O emprego de um conjunto de três portas na entrada principal não constitui caráter excepcional em construções neoclássicas no Rio de Janeiro. Outros edifícios do período tiraram partido desta mesma solução, adotando portas de maiores dimensões na fachada principal para destacar um corpo esta parte fazia uso de um conjunto de portas de maiores dimensões.



Fig.164: Porta P5, face externa.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig.165: Porta P5, face interna.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

Suas duas folhas encostam uma na outra, por intermédio de um batente<sup>60</sup> pregado na que fecha primeiro encobrendo a fresta da reunião das folhas. Suas ferragens, tanto as dobradiças dos postigos como as das portas, são robustas, assim como são dignas de destaque as demais ferragens originais do prédio: fortes, elegantes e resistentes (Fig. 166, 167 e 168).

<sup>60</sup> Batente é aqui empregado, tomando-se uma das conceituações de Corona & Lemos (1972, p.73-74): “[...] dá-se o nome de batente à régua presa a uma meia porta e que “espera” a outra meia porta, impedindo que uma saia fora da linha da outra.



Fig. 166: Cremona e dobradiças.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 167: Ferrolho de uma porta.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 168: Espelhos de fechadura.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Cabe ressaltar que atualmente se encontram muitas esquadrias primitivas, cujas ferragens destoam das originais.

A porta **P6** (Fig. 169, 170 e 171) com dimensões médias 1,32 x 2,90m, ostenta duas folhas e caixilhos com vidros, permitindo a passagem de luz na abertura de seus postigos. Encontrada nas fachadas do prédio ou nos pátios internos, este padrão de esquadria ostenta ombreiras e vergas em cantaria. Estes elementos incorporados às laterais da

fachada principal tiveram seu projeto aprovado pelo SPHAN em 1949<sup>61</sup>, desde que seguissem o mesmo padrão da P5. A Universidade seguiu a orientação do patrimônio, intervindo na fachada primitiva para substituir, em cada extremidade da fachada frontal uma janela J1B por portas P6 com bandeiras, onde havia vergas retas, numa evidente simplificação das do pórtico. Parece ter sido esta precisamente a vocação da P6: não fazer sombra à P5, nem se lhe equiparar. Nos anos 1990, com a restauração de algumas fachadas, optou-se pela manutenção das portas laterais, com a vedação em alvenaria da bandeira da janela J1B. Em alguns casos, este fechamento corresponde no interior da edificação a bandeiras com vidro. No hall do IE, os tijolos foram mantidos aparentes juntamente com as bandeiras, para registrar a intervenção. Estas investigações fundamentaram-se na iconografia das fachadas originais.



Fig. 169: Porta P6.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 170: Porta P6.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 171: Porta P6.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A porta **P7** (Fig. 172), de dimensões 1,47m x 2,74m tem duas folhas em madeira de abrir, compostas por painéis emoldurados e almofadas salientes. As únicas portas deste tipo não ostentam bandeira e encontram-se na sacristia e no coro, segundo e terceiro pavimentos, na capela São Pedro de Alcântara.

<sup>61</sup> Fonte: Arquivo do COPEDOC, IPHAN, caixa 563, p1630 e caixa 0400, p. 1717.



Fig. 172: Porta P7.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Na descrição das esquadrias do século XIX, Bellegarde (1848, p.106) esclarece que as portas podem ser de uma ou duas folhas e, tanto a primeira como as outras podem ser dobradas, ou seja, suas folhas dividem-se verticalmente e são unidas por dobradiças, para ocupar menor espaço, quando abertas. Emprega-se, neste caso, freqüentemente, acomodações nos nembros<sup>62</sup>, para aí se alojarem as folhas depois de dobradas. Pertence a esta categoria a porta **P8** de abrir, que comunica o salão Dourado com o Vermelho. Com dimensões médias de 1,40m x 3,04m, exibe duas folhas de madeira dobradas, formadas por folhas que se dividem, ligando-se duas a duas por dobradiças. No interior do salão Dourado, (Fig. 173) são decoradas com frisos, formando capitéis, harmonizados na forma e pintura com a ornamentação neoclássica deste espaço nobre da edificação. A preocupação com o aperfeiçoamento técnico, presente no período neoclássico exibe seu esplendor nas portas que comunicam estes dois espaços.

<sup>62</sup> Pano de parede ou maciço de alvenaria situado entre dois vãos de portas (CORONA & LEMOS, 1972, p.337).

Nas portas dobradas de luxo, e nos portões, cada batente se forma de um caixilho composto de duas tábuas verticais ou montantes, e de três travessas reunidas de rebaixo, de meio fio, ou de rabo de minhoto, de modo que as cinco peças fiquem todas no mesmo plano: os quadros vazios são tapados por almofadas que sobressaem [...] (BELLEGARDE, 1848, p.107).

No salão Dourado, este esmero sobressai também nas guarnições das esquadrias; cabe a descrição feita por Bellegarde (1848, p.109) para as construções refinadas: “Os alizares apresentam nas construções de gosto, filetes, molduras e cornijas, imitando os ornatos de arquitetura das portas, conforme a ordem que se tem adotado”.

O lado que se volta para o salão Vermelho apresenta a mesma característica no almofadado emoldurado de suas folhas, mas com simplificação formal de sua guarnição e da travessa de sua bandeira (Fig. 174). A Fig. 175 tem a porta P8 em destaque; nota-se o elevado padrão do acabamento dos frisos e almofadas sobrepostas.



Fig 173: Porta P8, salão Dourado.  
Fonte: Foto da autora, 2006



Fig. 174: Porta P8, salão Vermelho.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 175: Porta P8 do salão Vermelho, detalhe.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A porta **P9**, com três folhas dá a impressão de ter sido concebida durante a construção para harmonizar-se com a P8. É dobrada sobre si com dobradiças; de um dos lados, suas folhas alojam-se na espessura da parede em caixa de madeira especialmente criada para este fim. Entre os exemplares deste modelo, somente os que ligam o corredor do segundo pavimento à escada de acesso ao vestíbulo parecem ser originais (Fig. 176), os outros, sem permitirem o alojamento das folhas depois de dobradas, e sem ferragens em cobre, devem ser simplificações da primitiva.



Fig. 176: Porta P9.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

A porta **P10** (Fig. 177), de 1,54m x 3,04m, comunica o salão Vermelho à escada de acesso ao vestíbulo. Suas duas folhas se fecham graças ao batente com friso emoldurado, que a diferencia das demais; suas folhas se encartam nas paredes, formando aduelas para os vãos (Fig. 178). Deve ser uma das esquadrias primitivas da edificação, o que se nota por seu refinado acabamento.



Fig. 177: Porta P10.  
Foto da autora, 2006.



Fig. 178: Encarte da porta P10.  
Foto da autora, 2006.

As três portas do tipo **P11** (Fig. 179), com dimensões de 1,60m x 3,04m possuem duas folhas em madeira. Talvez fossem planejadas especialmente para a entrada da capela São Pedro de Alcântara e situam-se no segundo pavimento deste imóvel. Este padrão, além de constituir elaborado trabalho de marcenaria com suas almofadas sobrepostas, diferencia-se dos demais pelas caneluras no centro das duas folhas e por uma chapa de cobre, que reveste e protege a parte inferior desta esquadria. Só é encontrado no fechamento de vãos deste espaço religioso. Sua bandeira traz caixilhos de vidro.

A porta **P12** (Fig. 180), com postigos e caixilhos de vidro é similar à P6, mas, observa-se diferença entre suas almofadas na parte inferior.



Fig. 179: Porta P11.  
Foto da autora, 2006.



Fig. 180: Porta P12.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

São estes basicamente os padrões presentes na edificação. Quanto às técnicas construtivas e características, todas são engradadas, sendo seus espaços retangulares preenchidos por almofadas decoradas, painéis emoldurados ou caixilhos de vidros.

Na distribuição das portas nos três pavimentos deste exemplar neoclássico não foram apresentadas as localizações de seus subgrupos. É o caso das portas P2a, P2b e P2c, que trazem em planta baixa apenas a designação genérica P2.

Dentre estes vãos, há situações dignas de menção, por seu aspecto inusitado. A Fig. 181 apresenta um depósito de livros da Editora, bloqueando a porta de acesso a um dos pátios internos. A Fig. 182 faz notar uma janela, que era utilizada como porta, por meio de uma escada metálica. Em 2005 a escada foi retirada e a janela voltou a ter o uso adequado.



Fig. 181: Porta bloqueada, FCC.  
Fonte: Foto da autora, 2003.



Fig. 182: Escada em uma janela, CCJE.  
Fonte: Foto da autora, 2003.

### 2.5.2. Óculos

O piso do térreo é elevado com relação ao nível do meio fio neste edifício. Seu acesso é feito por meio de escadas de cantaria e, abaixo deste pavimento, situam-se os porões. Sua presença na construção pode ser detectada por vãos de acesso e óculos de ventilação, situados nas fachadas laterais sob algumas janelas (Fig. 183) e na fachada principal no eixo de todas elas.



Fig 183: Óculos em fachada lateral.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A construção em dois andares, sobre alto embasamento com óculos para aeração dos porões, e escada para acesso central, como se vê no Hospício, inicia-se na arquitetura européia, por monumentos maneiristas como o Palácio do Campidoglio, de Michelangelo e Della Porta, ou a Villa Rotonda, de Palladio (SCHNOOR, 1995, p.14).

Há mais de um padrão destas cavidades. Um deles localiza-se na área primitiva da edificação, e o outro na área de expansão do antigo hospital psiquiátrico. Ambos são compostos por dois círculos concêntricos em cantaria, mas, o padrão construtivo do tipo 1 (Fig. 184) supera visivelmente o do tipo 2 (Fig. 185).



Fig.184: Óculo tipo 1 da fachada.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig 185: Óculo tipo 2 da fachada.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Quando visto a partir do porão, cada óculo emoldura uma cavidade, inserindo uma seção cônica formada por um arco de tijolos maciços (Fig. 186).



Fig. 186: Porão com óculo em destaque.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

### 2.5.3. Acessos aos porões

São sete os acessos aos porões do prédio (Fig. 187) Apenas dois deles estão sob as áreas da construção original, 01 e 07. Todos estiveram cheios de entulhos e foram parcialmente esvaziados para promoverem a ventilação do edifício em 1995. Entretanto, os deteriorados portões de ferro, ainda hoje existentes na entrada de alguns deles, fornecem indícios de que sua entrada foi possível em algum período de uso deste edifício, tanto como hospital de alienados, como instituição de ensino. A possibilidade dos porões terem permanecido cheios de entulhos em alguns períodos e esvaziados em outros pode ser comprovada pela Fig. 188, que exhibe um porão, onde uma parede de tijolos foi construída do meio da altura até o teto. Hoje suspensa, deve ter sido executada em outro período sobre uma base de terra ou entulho, posteriormente retirada. Só isto justificaria tal forma de execução.

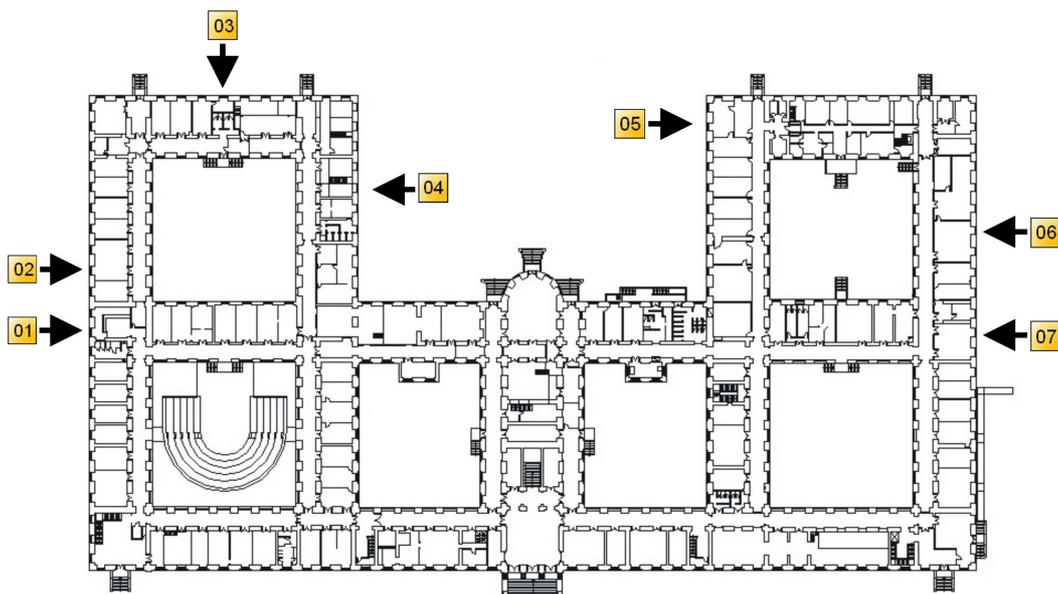


Fig. 187: Acessos aos porões do prédio.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.



Fig. 188: Parede de tijolos, óculo à direita.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Na comparação de duas fachadas da edificação, nota-se que um acesso ao porão da área mais recente pode ter sido fechado com alvenaria (Fig. 189), enquanto o número 03 (Fig. 190), com as mesmas características, permanece aberto.



Fig. 189: Fechamento sob uma janela, ECO.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig 190: Vão sob uma janela, CCJE.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

#### **2.5.4. Considerações acerca dos vãos**

Esta edificação tem nas esquadrias de suas fachadas uma das mais marcantes características do neoclássico. A repetição das janelas J1 confere um ritmo constante em grupamentos, que se alternam. Os módulos de três e sete janelas são arrematados na maioria dos casos por arcos plenos.

Na análise de esquadrias, assim como de qualquer elemento construtivo, é mister dedicar-se especial atenção à vocação do prédio. Construído para ser o Hospício de Pedro II, a instituição inovou ao prestar um tratamento mais humano aos alienados sob sua tutela, mas também para proteger a sociedade de alguns loucos perigosos, que até então, vagavam pelas ruas. No estudo das fachadas, nota-se que a proporção de cheios e vazios não fugiu ao padrão existente em meados do século XIX em nosso país. Até poderia ser um prédio com menos vãos, já que foi erigido para ser um hospital psiquiátrico. O espírito misericordioso do jovem imperador aliado ao do provedor da Santa Casa podem ter sido preponderantes na determinação da proporção das aberturas existentes para promover um conforto ambiental mais apropriado ao edifício. Contudo, as grades de ferro em cada uma das janelas, não se limitavam às enfermarias dos doentes furiosos, demarcando o regime de reclusão dos enfermos. O que se sabe é que os pátios internos, destinados a aumentar a ventilação e iluminação do prédio, contavam com as portas e janelas para realizar a ventilação cruzada.

Em seu uso atual, as fortes e resistentes esquadrias deste patrimônio histórico cumprem as funções básicas de abrir com facilidade e fechar com segurança, permitindo a entrada de ar e luz natural. Com a tendência ao aquecimento do planeta, porém, esta ventilação natural revelou-se insuficiente. É freqüente a demanda por aparelhos de ar condicionado; alguns foram instalados acima das janelas das fachadas removendo-se os vidros de suas bandeiras para assegurar seu funcionamento.

As janelas de abrir são todas de duas folhas. A de peitoril J1 é a que desponta com maior freqüência nos três pavimentos desta edificação, seguida da janela de sacada J4. Entre estas esquadrias, os padrões primitivos neste imóvel tombado são a J1, J4 e J6. A J3 também pode ser original. A J2 é também basculante, mas constitui seguramente uma intervenção, apresentando-se apenas na área mais recente do edifício. A J5, como já foi demonstrado, é também uma inserção posterior.

A definição de portas de luxo de Bellegarde (1848, p.107) coincide com as características das esquadrias mais esmeradas do Palácio Universitário. Nelas, cada folha consiste em um caixilho formado por duas tábuas verticais ou montantes, e três travessas reunidas de rebaixo, à meia-madeira, possibilitando que todas fiquem no mesmo plano. Os quadros vazios são preenchidos por almofadas que sobressaem, pregadas do lado da rua nas portas externas, e do lado das salas nas internas. Estas almofadas são mais ou menos decoradas. Sobre elas há filetes, às vezes pregados no centro, destinados a lhes conferir maior relevo. “O almofadado mais ou menos trabalhoso depende do grau de suntuosidade que se quer dar ao edifício” (SEGURADO, s/d-d, p.347).

As portas mais robustas e refinadas devem ser originais, estando todas situadas no eixo central deste patrimônio edificado. Estas esquadrias primitivas exibem grande apuro decorativo; seus detalhes de acabamento, de encaixe, sistema de abertura, ferragens, tanto quanto a harmonia de suas formas, incrementam o valor arquitetônico da construção. Não há reproduções de nenhum destes tipos no restante do prédio. Este conjunto inclui apenas um padrão no térreo: a P5, situada no pórtico; as restantes localizam-se no segundo pavimento: a P8 no salão Dourado, P9 nos corredores junto ao salão Vermelho, P10 do salão Vermelho e P11 da capela. Não se confirmou a autenticidade da porta P7, do segundo e terceiro pavimentos. Quanto às esquadrias P1, P2, P3, P4, P6 e P12, é possível que haja exemplares primitivos da construção do prédio, mas não se pôde identificá-los.

As esquadrias originais desta edificação ostentam características decorativas do neoclassicismo, segundo Santos (1981, p.52). São de madeira, com folhas duplas, abrindo-se à francesa, tendo as internas almofadas, e vidros nas que se voltam para o exterior. Em sua maioria com postigos para controlar a entrada de luz natural nos recintos. Embutem-se nas paredes, formando aduelas para os vãos.

As portas deste monumento têm, na maioria das vezes, duas folhas: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P11 e P12, sendo algumas dobradas, isto é, cada folha divide-se verticalmente em duas partes unidas por dobradiças, como a porta P8. Na P9, as folhas são divididas verticalmente em três. A P10 ostenta um sistema especial de abertura: ao mesmo tempo em que tem duas folhas, exhibe uma peça também em madeira entre elas, ligando-as por dobradiças, permitindo sua acomodação depois de aberta, em ambos os

lados dos panos de parede. Este sistema de encaixe, em que as folhas se dobram, alojando-se em molduras elaboradas em madeira junto às paredes, permite não só um melhor acabamento, como também uma economia de espaço, depois de abertas. São características da primeira metade do século XIX.

As folhas engradadas desta edificação revelam painéis de almofadas rebaixados no tardo e salientes na face, ou em ambos os lados. Por estarem muitas vezes ocultas sob molduras ou frisos de madeira, nem sempre é possível determinar com precisão a técnica construtiva empregada nas junções do engradamento com os painéis de almofadas. Podem ser sobrepostas com juntas em meio fio ou de duas fêmeas. Quando uma das superfícies é lisa, evidentemente é possível detectar se as partes que compõem as folhas estão em plano único com encaixes em macho e fêmea.

Quase todas as portas existentes na edificação abrem-se para dentro das salas e compartimentos internos do edifício, exceto as destinadas a controlar o fluxo de algumas circulações.

As esquadrias almofadadas voltam-se para as galerias, enquanto as envidraçadas, para fachadas ou escadas dos pátios internos. As primeiras são de abrir, de duas, três ou quatro folhas, inteiramente em madeira, com caixilhos de vidro em suas bandeiras, ou não. De acordo com Segurado (s/d-d, p.334), sua característica é a mesma da engradada, sendo que os vãos deixados entre as couceiras<sup>63</sup> e as travessas são guarnecidos por almofadas ou painéis emoldurados. As portas envidraçadas se assemelham às de madeira almofadadas, em que um ou mais painéis foram substituídos por caixilhos de vidros.

Há esquadrias com guarnições de madeira em ambas as faces, mas a maioria delas pela parte interna é composta por alizares de madeira, e pela externa, de pedra ou argamassa.

As dimensões das esquadrias dependem basicamente dos objetos e pessoas que irão por ela transitar. É sabido que suas proporções conferem elegância ao edifício; pelo amplo vão das portas cumpre não só a função de embelezar e conferir monumentalidade ao prédio, como facilitar o trânsito em seu uso atual como instituição de ensino. Aliado ao

---

<sup>63</sup> Couceira, segundo Lima e Albernaz (1997, p.188) é cada uma das peças de madeira verticais dispostas nas extremidades laterais de uma porta. Forma juntamente com as travessas horizontais um requadro onde se ligam almofadas.

grande pé direito dos ambientes, garante uma ventilação cruzada com as janelas e conforto ambiental, considerando-se um país tropical como o nosso.

No estudo destas esquadrias, as portas lisas não foram incluídas por não apresentarem valor artístico.

A ausência de grande parte dos registros do período em que cada esquadria foi inserida, restaurada ou substituída por outra, suscita várias questões, dentre as quais destacamos:

- a) Quais as originais da edificação?
- b) As primitivas permanecem integralmente com as mesmas características de fechamento e cercadura ou foram parcialmente modificadas?
- c) A substituição por outros padrões ocorreu em que circunstâncias?
- d) Além da JE e da PE, houve outros modelos extintos? Quais?
- e) Os novos padrões buscavam estabelecer uma linguagem formal similar às primitivas?
- f) Na reprodução de um modelo baseado nas primitivas, em que casos foram adotados propositadamente sistemas construtivos mais modernos que as originais?
- g) Quais delas visaram adaptar o monumento ao novo uso, e quais foram vítimas da degradação do prédio?
- h) Quais tiveram suas ferragens preservadas e quais são reproduções?
- i) Por que algumas bandeiras foram modificadas?

Estas perguntas instigam algumas suposições: durante a gestão do Hospício de Pedro II podem ter ocorrido danos no prédio que corresponderam, já naquele período, a modificações de suas características construtivas. Ademais, o incremento de áreas, fosse para atender à crescente demanda ou porque desde o início a capacidade já se revelasse insuficiente, o antigo hospital psiquiátrico foi forçado a expandir seus domínios, fazendo, como é óbvio, surgir novas esquadrias. Estas inserções foram de modelos distintos das primitivas.

O estado de degradação da edificação quando de sua cessão à Universidade do Brasil implicou em reformas de vários materiais e elementos construtivos. Some-se a isto a necessidade de adaptação do prédio do antigo asilo psiquiátrico ao novo uso como instituição de ensino, e possivelmente modificações ulteriores tenham sido inevitáveis. Fonte de informação primária, o Palácio Universitário propicia uma “leitura” de seus elementos, materiais e técnicas construtivas tal qual se apresentam atualmente. Entretanto, a carência de uma documentação precisa constitui um entrave na resposta a estes questionamentos, já que não se dispôs de dados, além da iconografia consultada, acerca dos elementos construtivos removidos ou substituídos.

Neste contexto, assim como as esquadrias JE, PE1, PE2 e PE3 foram extintas, o mesmo pode ter ocorrido com outros padrões. Por conseguinte, não se descarta a possibilidade de reproduções intencionais das originais com o fito de preservar a mesma linguagem arquitetônica. A alternativa é estes elementos terem sido executados propositadamente com características construtivas ou acabamento parcialmente diferente dos demais; neste caso, o objetivo teria sido outro: distinguir os procedimentos construtivos novos dos antigos, diferenciando-se os tipos originais dos inseridos a posteriori, visando caracterizar a intervenção. No entanto, como isto não ficou registrado, surgem outras dúvidas em relação a elementos que possuam espessura de almofadas diferentes.

Ainda que o foco desta investigação seja o material e a técnica construtiva de cada esquadria, devido à ausência de um projeto arquitetônico detalhado do prédio nem sempre foi possível estabelecer uma diferenciação precisa entre os sistemas construtivos de cada uma delas. Isto porque, sendo alguns painéis ou almofadas sobrepostos, embutidos, emoldurados ou com frisos, há limitações na análise visual para a distinção destes procedimentos. Como corolário, foi por vezes impossível precisar, por exemplo, se as régua foram pregadas ou embebidas nas couceiras.

A autora não se deteve no estudo minucioso dos metais empregados, bronze e latão. Estas duas últimas, segundo Bellegarde (1848, p.112) eram encontradas no século XIX em edifícios luxuosos. Assim como muitas esquadrias da área mais recente foram reproduções das primitivas, é possível que o mesmo tenha-se passado com as respectivas ferragens.

No que diz respeito aos óculos, não se pôde confirmar se as diferenças dos padrões originais, com relação aos demais, tiveram a intenção de demarcar intervenções posteriores. Rocha-Peixoto (In: CZAJKOWSKI, 2000, p.35) informa que seu formato redondo é raramente encontrado nas construções neoclássicas cariocas.

A análise dos porões desta edificação não trouxe dados conclusivos acerca de seus acessos. Não se pôde precisar quantas aberturas permitiam a entrada nos porões, ou, se a partir destes acessos, havia adequada aeração do prédio em qualquer período.

A investigação dos vãos do Palácio Universitário mostra que a tipologia, aliada ao estudo dos materiais e tecnologias construtivas, pode preencher uma importante lacuna no estudo de um edifício de magno valor histórico. Entretanto, é evidente a necessidade de uma iconografia ou documentação de seu passado, relatando cada uma das fases que determinou intervenções sofridas por este monumento arquitetônico, possibilitando assim alavancar um projeto de conservação e restauração deste edifício.

## 2.6. ACABAMENTOS

Os revestimentos das paredes em alvenaria incluem cantaria, argamassas de revestimento, pintura e azulejos.

### 2.6.1. Em cantaria

Este monumento apresenta grande profusão decorativa de revestimentos em cantaria. Nas fachadas, há gnaisse bege, revestindo integralmente o pórtico principal da edificação, além dos embasamentos, óculos, ombreiras, vergas, soleiras, peitoris, além de bacias e cães das sacadas. São do mesmo material os amplos rodapés do térreo, as faixas de divisão dos pavimentos, pilastras e cunhais e também todas as escadas, que ligam o térreo ao terreno, com exceção de uma situada num pátio interno da ECO. São também em elementos pétreos as bases das estátuas e vasos e estátuas da platibanda e os plintos das estátuas da Ciência e da Caridade. Além disso, um delicado balaústre em mármore branco decora um balcão no segundo pavimento do pórtico.

Além da cantaria empregada em revestimentos, há elementos inteiramente em pedra, que se destacam na edificação. Os fustes das colunas cilíndricas do pórtico são dignos de realce por terem sido plasmados a partir de um bloco único. A Fig. 191 traz a ornamentação da fachada do pórtico, contendo revestimentos e estruturas pétreas no segundo piso, enquanto a Fig. 192 mostra o decorado arremate da verga da porta principal (P5) no térreo, com elegantes marcações, a partir de sua face interna, no vestíbulo.



Fig. 191: Cantaria no 2º piso do pórtico.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig.192: Arremate da verga da porta P5.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

A Fig. 193 permite notar os elegantes frisos, que adornam a face inferior do balcão, com a coluna do térreo. A Fig.194 traz o trabalho estereotômico em anéis curvos da base da coluna, em harmonia com outro arremate arredondado no pórtico.



Fig. 193: Face inferior do balcão, pórtico.  
Fonte: Foto da autora, 2007.



Fig. 194: Base da coluna no térreo.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

O emprego em larga escala da cantaria serve para marcar com enquadramentos o ritmo das fachadas, subdividindo vãos e pavimentos, cria vãos modulados e garante o seu aprimoramento plástico. Trata-se de uma tendência inspirada nas ordens clássicas, que possibilita criar traçados reguladores conferindo, no caso deste exemplar neoclássico, o caráter monumental e imponência pretendidos. Além disso, sua função prática está vinculada à proteção das fachadas.

A magnificência da obra é exaltada pela profusão de elementos decorativos em pedra com tão elevado requinte executivo e decorativo.

### 2.6.2. Argamassa de revestimento

As alvenarias de pedras irregulares devem a proteção e regularização de suas superfícies às argamassas de revestimentos. De acordo com Segurado (s/d-a, p.122), esses acabamentos incluem emboços de cal e areia e rebocos de cal em pasta. Apesar de não terem sido realizados ensaios de laboratórios, é provável, pela análise visual, que seja à base de cal o acabamento das alvenarias desta edificação. As argamassas não se limitam a tornar lisas as paredes, nivelando-as:

[...] devem comunicar intenções arquitetônicas e proteger a parede da ação da água, da ação direta dos agentes climáticos, de ações mecânicas de choque e erosão, da ação química da poluição e dos sais solúveis contidos nos materiais, na água e no solo (VEIGA et al, 2004, p.13).

Consoante Vasconcellos (1961, p.25), é característica do século XIX a execução de falsas pilastras ou cunhais, recobertos por massa, imitando a cantaria pela inserção de riscos regulares, como é o caso das fachadas do prédio. Na fachada principal deste patrimônio histórico a ornamentação com argamassa pode ser vista em molduras delicadas, que arrematam os nichos onde se inserem as esquadrias, em contornos das vergas em arco pleno, remetendo ao estilo jônico no segundo pavimento, criam almofadas nas platibandas e atuam na marcação do ritmo modulador dos conjuntos de esquadrias e também na imitação dos cunhais em pedra. Mais comum no período eclético é um sistema construtivo inovador no neoclássico, segundo Rocha-Peixoto (In CZAJKOWSKI, 2000, p.38).

### 2.6.3. Pintura

As pinturas parietais originais deste prédio eram à base de cal. Como já foi dito, esta pesquisa não determinou a cor primitiva das fachadas. No entanto, devem ter sido sempre na cor branca as paredes internas de salas e também das galerias acima dos painéis azulejados, como se pode deduzir a partir de fotos.

Na descrição dos elementos, que compõem harmonicamente o interior do edifício e elevam esta edificação à condição de monumento arquitetônico de destacada carga simbólica, deve ser enaltecido o valor artístico contido nas pinturas decorativas de

algumas paredes. Cobertas durante anos com camadas de tinta branca, que ocultavam pinturas de cor lisa (Fig. 195) ou de esmerado trabalho artístico, foram parcialmente reveladas em 1994, graças à contratação pela UFRJ de uma empresa especializada em restauração de pinturas decorativas. Os artistas plásticos procederam à remoção criteriosa das camadas de tinta com bisturis e outros instrumentos de precisão em pequenas “janelas”, que possibilitavam a análise das camadas de pintura.



Fig. 195: Pinturas de 3 fases, capela.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Uma pintura se sobrepunha a outras, marcando a história da edificação em três períodos. Nestas situações não se descartou nenhuma das fases, deixando-se à mostra os registros de cada período. Estas prospecções estratigráficas foram realizadas em alguns trechos das paredes da capela, do salão Dourado e contornando a escadaria interna, que liga o vestíbulo aos salões do segundo piso. Sem recursos para a restauração das pinturas das paredes, a UFRJ apenas documentou as três fases de pintura marmorizada encontradas na capela, na Fig. 196 e em destaque na Fig 197. A Fig. 198 mostra uma base de capitel com uma pintura imitando mármore e em destaque na Fig. 199.



Fig. 196: Localização de prospecção, capela.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 197: Prospecção em destaque, capela.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 198: Pintura marmorizada em base de capitel, capela.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 199: Pintura marmorizada em destaque.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A Fig. 200 ilustra a prospecção estratigráfica reveladora, em 1995, de um padrão de pintura decorativa situada no canto inferior direito do que possivelmente é um grande painel oculto sob a pintura branca da parede, junto à escadaria, que liga o vestíbulo aos salões.



Fig. 200: Pinturas decorativas junto à escada.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Foram igualmente encontradas ornamentações pictóricas de três épocas no salão Dourado. Estão em uma mesma parede deste espaço. A decoração parietal mais antiga está na Fig. 201 com uma maior elaboração decorativa; a segunda fase traz um trabalho um pouco menos elaborado, mas, com moldura (Fig. 202).



Fig. 201: Pintura mais antiga, salão Dourado.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 202: Fase intermediária, salão Dourado.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A pintura mais recente (Fig. 203) apresenta uma simplificação formal, comparada às épocas anteriores. Cada decoração ocupava toda a parede; portanto foram pinturas artísticas realizadas em sobreposição às demais (uma etapa sobre a outra).



Fig. 203: Pintura mais recente, salão Dourado.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

#### 2.6.4. Azulejos<sup>66</sup>

No século XIX o azulejo no monumento arquitetônico protegia as paredes das águas, umidade e atrito; usado em rodapés e barras, garantia seu asseio. Além disso, bloqueava a infestação de insetos, típica do clima.

De acordo com Barata (1955 p. 226-227), os edifícios do Rio de Janeiro, que teriam utilizado a maior quantidade de azulejos portugueses de padrão dos meados do século XIX, foram o hospital da Santa Casa da Misericórdia e o Hospício de Pedro II. Esta informação não esclarece o período exato do revestimento de azulejos no prédio. Não se pôde determinar, tampouco as datas em que este acabamento foi inserido nas áreas posteriormente construídas da edificação.

<sup>66</sup> Na definição de Corona & Lemos (1972, p.60), azulejo é a “placa de cerâmica vidrada que serve para guarnecer paramentos”.

As composições do período eram na maioria das vezes em azul e branco. Entre os azulejos franceses e portugueses encontram-se azuis, brancos e amarelos. O roxo claro é uma de suas variantes.

Apesar de o azulejo nas fachadas<sup>67</sup> constituir uma inovação desta fase, no Palácio Universitário decora, sobretudo, circulações cobertas que circundam os pátios internos. São encontrados em áreas descobertas revestindo fonte e escadas.

Os padrões decorativos dos azulejos deste edifício, típicos desta fase, exibem formas geométricas e vegetais estilizados, baseados em quadriláteros, octógonos de lados retos ou ainda retos e côncavos, alternados. Utilizam a diagonal no traçado regulador do desenho, que surge ainda no período colonial e cresce com os padrões do séc. XIX. Círculos entrelaçados ou se tangenciando, diagonais cruzadas, polígonos e gregas ou ondas nas cercaduras. Estão presentes os temas florais estilizados ou geométricos. Neste período o azulejo como arte se liga ao tapete ornamental.

As cerâmicas de produção semi-industrial se desenvolvem ao mesmo tempo em que ocorre a perda gradativa das qualidades de desenho, composição e originalidade dos azulejos de figuras em azul e branco. Mesmo estampilhados, de produção semi-industrial, os azulejos do período revelam uma beleza de grande efeito, sobretudo quando vistos em conjunto: com valorosas linhas e cores.

A presença de portugueses no Brasil-colônia acarretou um nível de exigência alto do mais fino gosto com relação a azulejaria, à disposição da aristocracia e também das massas, que podiam admirá-los em locais públicos. Para decorar fachadas e interiores, o Brasil importou de Portugal azulejos artísticos, hoje parcela significativa de seu patrimônio. O início da construção do antigo Hospício Dom Pedro II coincide praticamente com os primórdios do azulejamento de fachadas em São Luis do Maranhão; lá se deu “a mais antiga informação de venda de azulejos em cores” (DORA ALCÂNTARA, 1980, p.19).

---

<sup>67</sup> De acordo com Santos Simões (1965, p.36), foram os construtores brasileiros os primeiros a fazerem uso de azulejos nas fachadas, para proteger e impermeabilizar as edificações da ação inclemente do clima quente e úmido do Brasil. Graças aos brasileiros regressados a Portugal, os prédios urbanos portugueses novos e antigos buscam esse revestimento. Verifica-se assim, o incremento da importância do uso da azulejaria no Brasil e, por reflexo, nas fachadas portuguesas.

Parte das galerias e salas deste monumento ostentam painéis cerâmicos que se destacam nas suas paredes caiadas, à meia-altura, constituindo um aspecto estilístico indissociável da edificação em estudo (Fig. 204).



Fig. 204: Galeria no FCC. Foto: Bira Soares, 2002.

Nas fig. 205 e 206 apresenta-se a distribuição no térreo e segundo pavimento dos azulejos na edificação em estudo. Este material não está presente no terceiro pavimento.

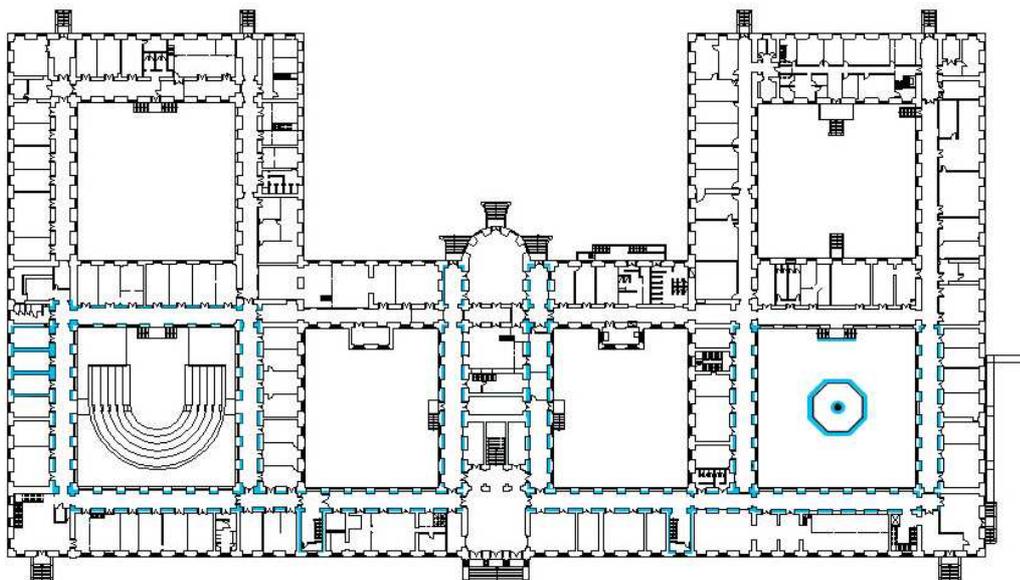


Fig. 205: Localização dos azulejos no térreo.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2007.

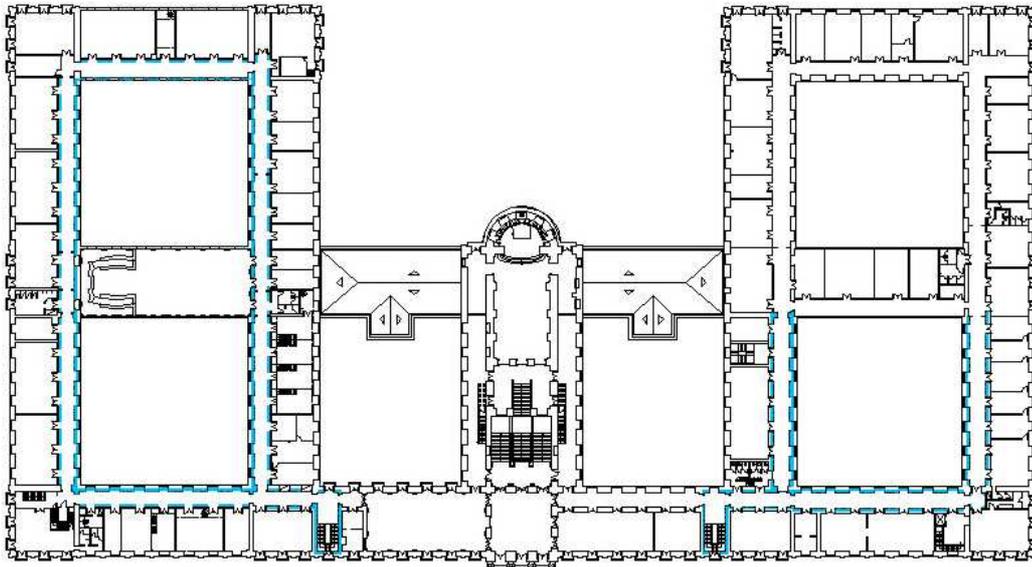


Fig. 206: Localização dos azulejos no 2º pavimento.  
Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2007.

No térreo os azulejos revestem paredes das galerias e escadas de grande parte das áreas primitivas e de algumas salas de professores também. No segundo pavimento, estão presentes em circulações e escadas de áreas originais. Sua inserção em uma das áreas de expansão do prédio surpreende. Estão dispostos sempre à meia-altura nas paredes, que se completam até o teto por pintura branca.

No estudo dos azulejos do edifício fez-se uso de dois tipos de fontes históricas, o próprio azulejo foi fonte primária das informações. Os documentos escritos e iconográficos constituíram as fontes secundárias de nossa pesquisa. Foram registrados sete padrões diferentes. Para Valladares (1978), os azulejos estampilhados das galerias deste monumento teriam sido fabricados na Holanda e exportados para o Brasil e Portugal. Sem a análise do tardo para certificação da fábrica de origem, concluiu-se que os azulejos deste prédio seguem os padrões decorativos portugueses e franceses.

#### **A. Azulejos de padrões franceses**

Os quatro padrões A., B, C e D identificados na iconografia exibida por Barata (1955) como franceses datam da segunda metade do século XIX, têm 11 x 11cm de lado e são encontrados no pátio interno da ECO.

Os azulejos franceses se diferenciavam dos demais da segunda metade do século XIX pelos motivos compostos por pontos, traços, pequenos arabescos, círculos ou curvas. A razão dessa opção decorativa era a possibilidade do uso da estampilha, sem retoques manuais, o que se tornava dispensável, por exemplo, no gênero dos padrões adotados pelos azulejos portugueses. (ALCANTARA, 1997. In [www.fec.unicamp.br/renatabp/azulejaria.htm](http://www.fec.unicamp.br/renatabp/azulejaria.htm)).

O azulejo A nas cores azul e branca é constituído por decoração em faixa, linhas sinuosas e serpenteantes, podendo ser visto na cercadura do painel cerâmico, em destaque na Fig. 207. Reveste a face externa da fonte da Fig. 208. O mesmo azulejo está também na decoração de muitos conjuntos azulejados da Bahia, segundo nos informa Knoff (1986), ao expor um padrão idêntico ao deste monumento.

O azulejo B cobre a face externa da fonte é branco, azul e roxo claro e marcado por círculos pontilhados e ornatos florais em forma de “X”. Em destaque, Fig. 209.



Fig. 207: Azulejos A: destaque da cercadura.  
Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 208: Fonte do pátio da ECO.  
Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 209: Azulejos B, face externa da fonte.  
Fonte: Foto da autora, 2005.

O azulejo C adorna a face interna da alvenaria da fonte, Fig. 210 e Fig. 211. Apresenta um motivo de pétalas de flores roxas, circundado por dupla moldura azul sinuosa em traço e ponto.



Fig. 210: Azulejos C, face interna da fonte, ECO.

Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 211: Azulejos C: destaque, azulejo da fonte.

Fonte: Foto da autora, 2005.

O azulejo D é marcado pela diagonal de seu conjunto floral e losangos de seus vazios, em azul e branco, revestindo parte da escadaria do pátio da ECO, de gnaisse bege, Fig. 212 e Fig. 213.



Fig. 212: Escada do pátio da ECO.

Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 213: Azulejo D: reveste a escada.

Fonte: Foto da autora, 2005.

## B. Azulejos portugueses

Há no Palácio Universitário três padrões descritos como portugueses na iconografia de Barata (1955). Os padrões E, F e G datam da segunda metade do século XIX; sua cercadura e azulejo de padrão foram decorados com a técnica da estampilha. Apresentam pequenas variações nas suas dimensões, de 13 a 13,5cm.

De acordo com a análise de registro fotográfico pelo historiador João Pedro Monteiro, responsável pelo Departamento de Investigação do MNA<sup>68</sup> em Portugal, este tipo de azulejo foi usado para interiores, como é o caso, e também para fachadas. Ele afirma ser muito provável terem sido fabricados no norte de Portugal: possivelmente em Carvalhinho, no Porto ou Devezas, em Vila Nova de Gaia:

O azulejo E pode ser visto em cercaduras e contém motivos de gregas e ramagens. Os painéis da Fig. 214 valorizam as paredes caiadas, rompendo a monotonia do branco; revestem as paredes até 1,99m, a partir do piso de algumas salas de professores e pesquisadores do IE, térreo (Fig. 215). Esta moldura também está nas circulações do FCC, FE, FACC e IE, a partir do rodapé de madeira ou cantaria do térreo e segundo pavimento e também é encontrada no Pará.



Fig. 214: Sala de professores, IE.  
Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 215: Em destaque, azulejo E da cercadura.  
Fonte: Foto da autora, 2005.

Os azulejos F (Fig. 216) ostentam cor azul e branca; seu tema combina geométrico e ornato. A Fig.217 exhibe o desenho de uma variação holandesa do padrão encontrado na Bahia.



Fig. 216: Azulejo F do IE.  
Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 217: Azulejo semelhante encontrado na Bahia.  
Fonte: Knoff, (1986).

<sup>68</sup> MNA – Museu Nacional do Azulejo, de Lisboa.

Os azulejos G da Fig. 218 são elementos vinculados à linguagem estética deste exemplar arquitetônico. Referindo-se a este padrão, Santos (1981, p. 60) não oculta seu deslumbramento: “[...] introduzem, no desdobramento austero das lindíssimas galerias, uma nota alegre e fresca”. Tem ornatos florais, de repetição de quatro azulejos, com unidade decorativa. Em destaque na Fig. 219 Estes painéis cerâmicos acompanham a inclinação das escadas internas, como se observa na Fig. 220.



Fig. 218: Circulação com painéis azulejados, IE.  
Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 219: Azulejo G padrão das circulações.  
Fonte: Foto da autora, 2005.



Fig. 220: Azulejos junto à escada do FCC.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

### **2.6.5. Considerações acerca dos acabamentos**

A restauração realizada, de 1992 a 1995, da edificação incluiu a caiação na cor branca de apenas parte de suas fachadas. É possível que não tenha havido verbas para a recuperação e pintura das demais; estas últimas foram, portanto, mantidas na cor rosa, testemunhando uma intervenção anterior.

Nesta edificação, a cantaria indiscutivelmente impera na ornamentação das fachadas externas, pátios internos e galerias, criando um vivo contraste com as superfícies caiadas. É reconhecidamente um material típico do neoclássico do Rio de Janeiro. O trabalho em cantaria mais esmerado de toda a construção está no eixo central, onde o gnaisse bege reveste todo o pórtico, fazendo sobressair majestosamente este elemento ao centro da composição.

As argamassas desta obra singular são ornamentais ou de proteção. Mesmo assumindo um papel coadjuvante, cabe lançar uma luz sobre a intenção plástica da argamassa decorativa deste monumento arquitetônico. Imitando em alguns casos os elementos de cantaria, tendência comum no século XIX, contribui na marcação de ritmo, complementando a decoração externa, onde sobressaem as colunetas jônicas no segundo pavimento, molduras e almofadas das platibandas, cimalthas e também frisos contornando os vãos em cantaria das janelas. Além disto, os cunhais em massa imitam os padrões dos existentes em cantaria com subdivisões.

As argamassas de proteção, destinadas a proteger as paredes históricas deste edifício, vêm sofrendo degradação, vítimas da deposição de agentes poluentes da atmosfera. Em muitos casos, estes revestimentos se desagregam ou desprendem das fachadas, tornando-as frágeis e desprotegidas.

As paredes com caiações do Palácio Universitário são típicas do neoclassicismo carioca, com superfícies brancas, contrastando com esmeradas cantarias, pinturas ornamentais em paredes e azulejos.

Os painéis pictóricos parietais valorizam a decoração dos salões, capela e escada de ligação entre o vestíbulo e o segundo pavimento. Foram encontradas ornamentações, que datam de três fases distintas. Na capela são três padrões de marmorizados em “trompe l’oeil” em paredes, colunas e rodapés. A pintura primitiva foi sensivelmente mais escura que as demais, indicando que o aspecto original da capela seria de uma

austeridade quase lúgubre. Um segundo período testemunhou uma pintura que também imitava o mármore e se sobrepunha à anterior, mas nestas já se notam em fortes tons vermelhos e amarelos. A terceira camada, a mais recente de todas, recobre as demais, ostentando uma evidente simplificação formal. Apesar da prospecção estratigráfica ter revelado estas fases, não se procedeu à remoção da pintura branca, que recobre as pinturas decoradas.

No salão Dourado também foram encontradas decorações artísticas de três épocas diferentes. Uma pesquisa no local mostra inquestionável delicadeza nos três padrões, com nítida simplificação formal no modelo de datação posterior. Diferentemente da capela, onde imitam mármore, no antigo salão do fundador estes delicados trabalhos remetem a papéis de parede decorados. Quando se procedeu à restauração destas pinturas foram mantidas as três fases, ao invés de se optar por apenas uma delas. No local onde se situa a estátua em mármore do provedor da Santa Casa José Clemente Pereira estão as três fases de pintura artística do mais bem decorado salão do monumento. As demais paredes, possivelmente, ocultam pinturas decorativas sob camadas de tinta branca, mas foram mantidas encobertas.

Os azulejos são tão abundantes que freqüentemente se associam à imagem do próprio Palácio Universitário. Localizados em circulações voltadas para salas e pátios internos, é natural que sejam muito admirados, visto que é grande o número de pessoas que transitam nestas áreas. Estes elementos, além de protegerem as paredes, contribuem na ornamentação destas galerias.

Infelizmente, há conjuntos azulejados com rachaduras ou mesmo quebrados, cuja degradação está associada a poluentes atmosféricos ou danos sofridos por seus suportes, decorrentes de umidade oriunda de vazamentos por defeitos do telhado. Os painéis cerâmicos situados nas paredes voltadas para os pátios estão na mesma prumada das calhas de escoamento de águas pluviais, que já apresentaram vazamentos em vários períodos. Conseqüentemente, quando estufadas, as argamassas podem ter promovido o descolamento ou mesmo fraturas nos azulejos. O sol de inverno é outro fator a danificar o vidro; por sua incidência direta podem afetar de maneira inclemente estes planos verticais. Somam-se os ventos e a maresia, cuja ação é estimulada pela localização da edificação na costa do Rio de Janeiro e temos aí alguns fatores responsáveis pela degradação deste primoroso patrimônio azulejado.

Esta pesquisa não tem como objetivo investigar os fatores específicos que conduzem a patologias construtivas neste edifício, mas pode servir de ponto de partida para um trabalho importantíssimo de mapeamento de danos, tanto em acabamentos, como nos demais materiais e elementos deste importante monumento.

## 2.7. ESCADAS<sup>69</sup>

Na avaliação de Rainville (1880, p. 369), as escadas são a parte mais importante de um edifício; seu projeto é um problema importante e difícil para o arquiteto, tanto quanto sua execução o é para o carpinteiro, quando em madeira. A escolha do desenvolvimento e forma depende do espaço disponível, podendo ser retas ou curvas e ainda apresentar um número de degraus variável de patamar a patamar.

Nos projetos arquitetônicos de escadas no século XIX destaca-se a atenção à segurança e comodidade de seus degraus; usava-se de 0,25 a 0,27m de piso para 0,16m de espelho, mas se o piso tivesse 0,30m, o espelho poderia ser reduzido para 0,13m. Os pisos estreitos deviam ter maior altura, assim como os mais largos podiam ter menor largura, porque, conforme Rainville (1880, p. 369), o subir de uma escada deveria “corresponder a um passo ordinário”.

Para um melhor entendimento das descrições a seguir, apresentamos as plantas do térreo e segundo pavimento do Palácio Universitário com a localização das escadas. A Fig. 214 ostenta as escadas externas e as internas. As primeiras ligam o terreno ao térreo, enquanto as últimas comunicam o térreo ao segundo pavimento. Na Fig. 215 podem ser vistas as escadas de acesso do segundo ao terceiro piso.

---

<sup>69</sup> “A escada é um elemento de composição arquitetônica cuja função é proporcionar a possibilidade de circulação vertical entre dois ou mais pisos de diferentes níveis” (CORONA e LEMOS, 1972, p. 191).

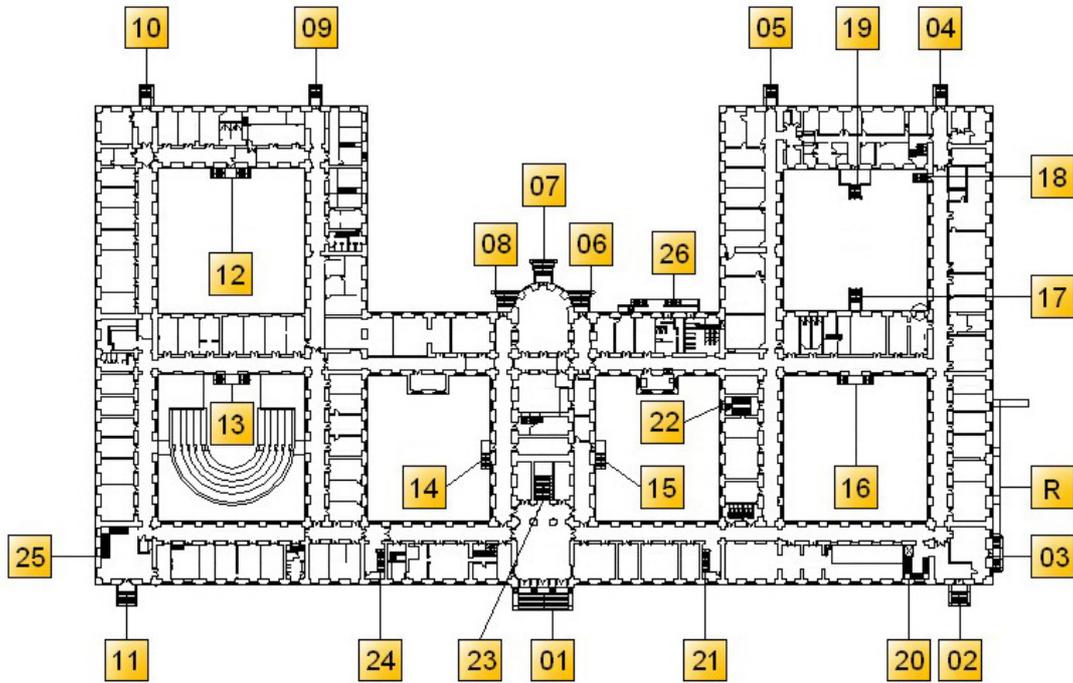


Fig. 221: Localização das escadas no térreo.  
 Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

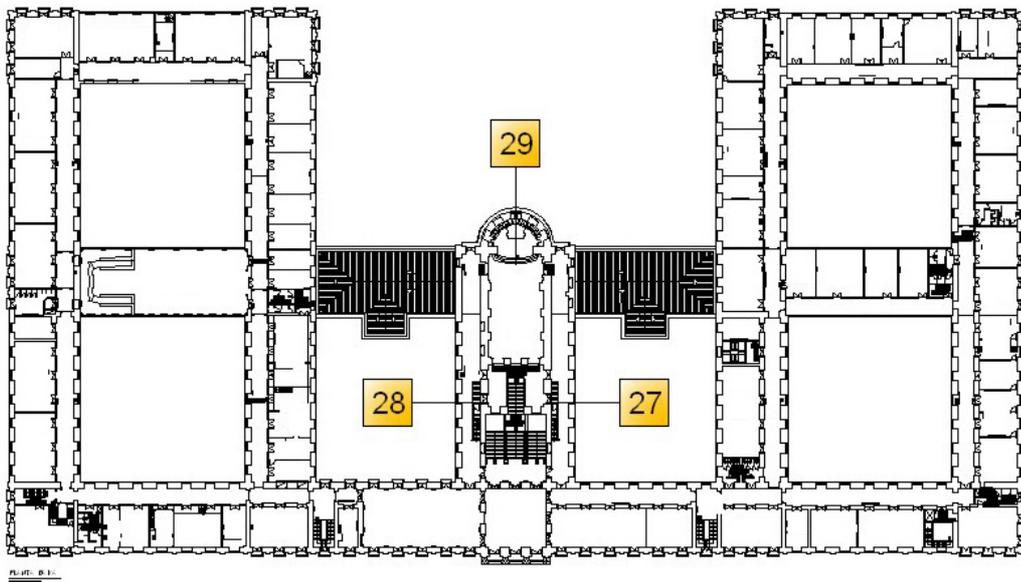


Fig. 222: Localização das escadas no 2º pavimento.  
 Fonte: Desenho de Enio Kaippert sobre levantamento da autora, 2006.

### 2.7.1. Escadas externas

As escadas externas do Palácio Universitário dividem-se em dezenove originais e treze intervenções, todas em pedra, exceto a escada n° 17, em alvenaria com cimento. A Fig. 221 traz a planta do térreo com a localização das escadas neste patrimônio e a Fig. 222 apresenta a distribuição de escadas no segundo piso. As originais de pedra estão numeradas de 01 a 19, são em gnaiss bege e ligam o terreno exterior ao térreo. Diferenciam-se das intervenções pelo maior esmero construtivo. Uma análise visual permite notar essa diferença: as inseridas posteriormente à construção têm degraus em ângulo reto, enquanto os perfis dos degraus das escadas do século XIX são em “*focinho saliente*, isto é, o piso apresenta uma saliência moldurada”, na definição de Segurado (s/d-b, p.217, grifo do autor).

Na fachada principal da edificação há apenas uma escada original: a escada 01 (Fig. 223) é elegante e reta, desenvolve-se em um único lance de dez degraus e é encimada por um patamar também em pedra, de igual largura. Situa-se no pórtico principal, no eixo central da construção e liga a calçada ao vestíbulo do térreo por três portas duplas, as principais da edificação. Tem de 8,60m de largura. Perpendicular à fachada e entalada entre os dois muros paralelos, seus degraus com juntas verticais não coincidentes acompanham as reentrâncias dois imponentes plintos em cantaria, onde se apóiam as estátuas em mármore: Ciência e Caridade.

De acordo com Vasconcellos (1961, p.166), o século XIX testemunharia o surgimento de novos tipos de escadas. Ostentam “curvas graciosas e têm seus parapeitos de ferro, com sistema idêntico aos estudados nas varandas [...]”. Há três escadas originais descobertas, curvas, com larguras variáveis em seus degraus, que aumentam de comprimento de cima para baixo, desenvolvendo-se em um lance e patamar de chegada também em cantaria, junto à torre da fachada posterior do Palácio Universitário. As escadas 06, 07 e 08 estão situadas no eixo central do prédio, na fachada posterior (Fig.224).

A escada 06 dá acesso à circulação da FE. Encaixada entre a abside e a sinuosidade da mureta de cantaria, onde se fixa a bela balaustrada de ferro, os degraus apresentam juntas não coincidentes. A escada 07 chega por um patamar no Salão Anísio Teixeira e tem muros laterais curvos, de ambos os lados, onde se fixam balaustradas de

ferro dos dois lados, de mesmo padrão da escada 06. A escada 08 permite a entrada para a Editora da UFRJ. É evidente a sua simetria com a escada 06, ainda que nesta permaneçam apenas os orifícios na cantaria, possíveis indícios de guarda-corpo de padrão semelhante, o que permite concluir pela observação das escadas vizinhas.



Fig. 223: Escada 01 do pórtico.  
Foto: Bira Soares, 2002.  
Fonte: Acervo do fotógrafo.



Fig. 224: Da esquerda para a direita:  
escadas 06, 07 e 08.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

São quatro os pátios internos originais e, em igual número, as escadas originais que os acessam. O perfil de seus degraus é de *focinho* e não têm guardas ou corrimãos. Característica comum entre estas quatro escadas é sua disposição paralela às fachadas dos pátios internos. Como se pode observar em planta, as escadas 13 e 16, assim como a 14 e 15 guardam simetria no seu desenvolvimento e localização.

A escada 13 (Fig. 225) liga uma das galerias do prédio ao Teatro de Arena Carvalho Netto. É dupla, de cada lado do patamar também em cantaria descem lances simétricos, paralelos à fachada do pátio interno do edifício. Seus degraus com perfis de focinho em cantaria são moldurados lateralmente e encaixados na parede do prédio e o outro lado se apóiam num muro de vedação, revestido externamente com argamassa de cal e um rodapé em cantaria.

O jardim interno com chafariz junto à ECO é acessado pela escada 16 (Fig. 226). Seu acabamento difere da escada 13 pelo revestimento em azulejos do tipo D (ver item 2.6.4) na face externa do muro onde se apóia.



Fig. 225: Escada 13.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 226: Escada 16.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Como se pode observar nas Fig. 227 e 228, as escadas 14 e 15 são simétricas entre si e paralelas à fachada do pátio interno. São retas, com um lance e patamar de chegada e os perfis de seus degraus são de focinho. A escada 14 permite o acesso a um dos pátios internos pela Editora da UFRJ. A escada 15 desenvolve-se no pátio, onde está a subestação.



Fig. 227: Escada 14.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 228: Escada 15.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

A inclusão das escadas 02 e 11 (Fig. 229 e Fig. 230) na fachada principal em 1949 foi uma conseqüência natural da abertura de duas portas durante a adaptação do ex-Hospício Nacional de Alienados para abrigar a Universidade do Brasil. Ambas são retas,

perpendiculares à fachada, em gnaiss bege, mais estreitas que a escada 01, e entaladas entre dois muros inclinados, formando o que Segurado (s/d-b, p.221) denomina guarda-chapins. Há plintos, onde se fixam ou apenas se apóiam os vasos de mármore originais remanescentes. Os perfis de seus degraus acompanham o da escada 01, sendo de focinho. Têm disposição perpendicular à fachada.



Fig.229: Escada 02.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 230: Escada 11.  
Fonte: Foto da autora. 2006.

As escadas 04, 05, 09 e 10, não originais, na fachada voltada para a Central de Produção Multimídia da ECO, foram inseridas para acessar as áreas acrescidas do antigo hospício. Todas são retas, perpendiculares à fachada e com patamar também em gnaiss bege. São entaladas entre guarda-chapins e seus degraus são blocos de pedra em forma de paralelepípedos. Como se pode observar pela confrontação entre as fotos, as escadas 04 (Fig. 231), 05 (Fig 232), 09 (Fig. 233) e 10 (Fig. 234) não exibem o mesmo esmero construtivo das escadas 02 (Fig. 229) e 11 (Fig. 230) da fachada principal que, mesmo não sendo originais, seguem o padrão da escada 01.



Fig. 231: Escada 04.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 232: Escada 05.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 233: Escada 09.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 234: Escada 10.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Ainda que haja outras escadas paralelas, ligando as galerias aos pátios internos, a escada 03 (Fig. 235 e 236) é a única exterior paralela ao prédio; situando-se na fachada da rua Venceslau Brás e servindo o térreo. É uma escada dupla, dela descendo dois lances simétricos laterais, paralelos à parede do edifício. Seus degraus, em perfis de *focinho*, em um dos lados, encastram na parede, e, do outro, apóia-se num muro alto revestido parcialmente na face externa com azulejos do tipo F (ver item 2.6.4), também

encontrado no interior do prédio. O primeiro degrau tem espelho sensivelmente menor que os demais, praticamente assentando-se sobre a calçada.



Fig. 235: Escada 03.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 236: Escada 03, de frente.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

No pátio interno da FE e decania do CCJE está a escada 12, em gnaisse, dupla. De cada lado de seu patamar descem lances simétricos, sem guardas, paralelos à parede do edifício. Nota-se pela análise comparativa com as escadas originais 13 e 16 que a escada 12 (Fig. 237) segue o mesmo padrão. A técnica construtiva, com degraus em focinho, pode apontar para uma escada original do prédio reconstruída em novo local ou de uma cópia do tipo das duas originais citadas.



Fig. 237: Escada 12.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

As escadas 17, 18 e 19 ligam um único pátio interno à ECO. Todas são retas, desenvolvem-se em um lance e têm disposição perpendicular ao prédio. Apenas as duas últimas apresentam patamar de chegada. As escadas 18 e 19 são em cantaria, mas têm

patamar em concreto. Ainda que sejam entaladas em guarda-chapins, estes exemplares têm características e acabamento muito inferiores às demais intervenções do conjunto arquitetônico.

### **2.7.2. Escadas internas**

Em meio às escadas internas deste edifício, seis originais e três construídas em intervenções posteriores. Entre as escadas originais internas, três são de madeira e pedra, enquanto que três são apenas de madeira.

#### **2.7.2.1. De madeira e pedra**

Assim como em outras edificações nobres da arquitetura civil, as escadas do Palácio Universitário, além de desempenharem sua função na comunicação e ligação entre os pavimentos, se “apresentam como elemento decorativo [...] de expressão muito marcante (APPLETON, 2003 p.47)”.

De acordo com Barata (In: ZANINI, 1983, p.394), novas técnicas construtivas seriam disseminadas no Brasil desde Dom João VI: “O espaço interior admitiu [...] os típicos vestíbulos com escadarias e clarabóia [...]”.

Em frente à porta principal está a escada que conduz à capela e que, dobrando-se no seu centro em dois lances, vai dar ao andar superior onde estão as salas de respeito. [...] esta escada é iluminada por uma cúpula primorosamente feita segundo o sistema de Emy, e sob imediata direção do Sr. Rebelo, então arquiteto dessa obra, que a fez construir com a mais severa perfeição. É um modelo digno de exame que exprime um passo dado a favor da carpintaria nacional (CALMON, 2002, p.44).

Este texto faz alusão à escada 23; (Fig. 238), que é a de maior importância deste exemplar neoclássico: monumental, desenvolve-se a partir do átrio da edificação e os degraus do seu primeiro lance - o principal - são inteiramente em cantaria, com perfis em *focinho*. Nos edifícios antigos é “[...] freqüente que seja de pedra o primeiro lanço de escadas, até o rés-do-chão alto (APPLETON, 2003, p.48)”.

Arrematando e protegendo as duas paredes junto aos degraus de todo este primeiro lance, há rodapés escalonados da mesma cantaria, a cada dois degraus, do nível do vestíbulo até o patamar. Ali a escada se trifurca. Ao mesmo tempo em que prossegue, com o segundo lance mais estreito, subindo na mesma direção do primeiro, agora não

mais em pedra, mas em madeira, com rodapés do mesmo material, desdobra-se em dois outros lances laterais, no mesmo material, paralelos e simétricos ao primeiro, terminando no andar superior em três diferentes chegadas. Entretanto, é ainda em cantaria o primeiro degrau após o patamar, de onde se desenvolve cada um dos três lances.

Na descrição de Santos (1981, p.60) esta escada encerra um certo lirismo: “A escada nobre, de acesso ao sobrado, é de jacarandá escuro, de bela aparência e tem lanço central ladeado de ‘dois outros’ em sentido contrário [...], mas pelo seu arranque, já ensaia desprender-se das paredes”.

O primeiro lance desta escadaria, assim como o que a ele se segue na mesma direção, apresenta corrimãos ornamentais tubulares em latão dourado; cada um é sustentado em quatro pontos por elegantes alças em ferro fundido, fixadas nas duas paredes. Nas que ladeiam o lance principal da escada há pinturas artísticas. As paredes laterais dos demais lances estão cobertas por camadas de tinta branca, mas janelas de prospecções estratigráficas realizadas no local, em 1995, revelaram a existência de pinturas artísticas, referidas no item 2.6.3.

O relato de Moreira de Azevedo (1969, p.473) do prédio destaca o desenvolvimento da escadaria 23: “Há no fundo do vestíbulo três portas, começando na do centro uma escada, que vai ter à capela, e nas laterais outras duas, que se dirigem ao andar superior. A escadaria é iluminada por uma clarabóia primorosamente construída pelo arquiteto Rebelo”.



Fig 238: Escada 23.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

As escadas 21 (Fig. 239) e 24 (Fig. 240) são simétricas. O primeiro lance de ambas é curvo, com degraus de larguras variáveis, aumentando de cima para baixo; Segue-se um patamar, mais alguns degraus, outro patamar, sendo o segundo lance paralelo ao primeiro e conduzindo ao pavimento superior. Pelo lado da *bomba*<sup>70</sup> há um elegante corrimão balaustrado de madeira maciça. O primeiro degrau das duas escadas é em cantaria, com cantos arredondados, os demais em madeira.



Fig. 239: Escada 21.  
Foto da autora. 2006.

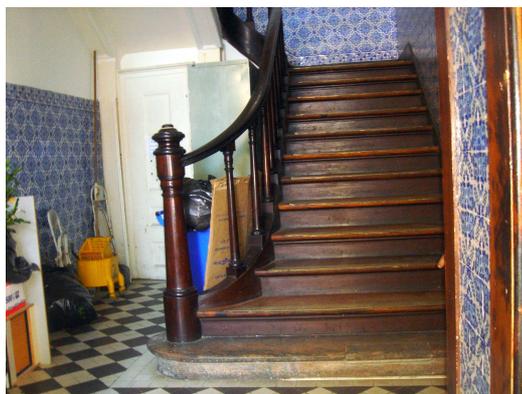


Fig. 240: Escada 24.  
Foto da autora, 2006.

### 2.7.2.2. De madeira

Na capela “[...] abrem-se de cada lado quatro tribunas, donde ouvem missa os doentes, que podem assistir a este ato” (MOREIRA DE AZEVEDO, 1969, p. 473). São inteiramente de madeira as escadas 27 (Fig. 241) e 28 (Fig. 242), que ligam a sacristia aos balcões arrematados por balaústres de madeira.

Ambas guardam entre si rigorosa simetria, seguem junto às paredes, avançam em dois lances na mesma direção, com patamar intermediário. Localizados do lado da bomba, os guarda-corpos destas escadas têm balaústres de madeira torneados, sem seguir a inclinação do corrimão. Os vãos sob estas escadas são usados como depósitos e no caso da escada 28 o acúmulo de material atualmente dificulta seu acesso. Os balcões destas escadas são também protegidos por guarda-corpos com balaústres de madeira maciça.

<sup>70</sup> “Dá-se o nome de bomba ao espaço situado ao lado de uma escada que pelo outro flanco está engastada ou encostada em uma parede. O mesmo termo é empregado para designar o espaço compreendido por dois lances de escadas de sentidos opostos [...]” (CORONA E LEMOS, 1972, p.80).



Fig. 241: Escada 27.  
Fonte: Foto da autora, 2006.



Fig. 242: Escada 28.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

São apenas quatro os degraus arredondados da escada 29 (Fig. 243), que cresce em importância por ligar a nave ao altar da Capela São Pedro de Alcântara.



Fig. 243: Escada 29.  
Fonte: Foto da autora, 2006.

Por trás do altar-mor há dois acessos em madeira que acompanham a curvatura da capela, vencendo o pé direito e possibilitando a visita ao madeiramento do telhado.

Situada no hall de entrada do IE, a escada 25, formada por dois lances, exibe uma mudança de direção em ângulo reto, com patamar intermediário. Pode-se observar na Fig. 244 a existência de uma viga sob o piso do segundo pavimento. O reforço estrutural em aço foi recoberto por madeira e pintado, acompanhando o acabamento do forro do

térreo, e pode ter sido incorporado, quando do recorte da área para a introdução da escada.



Fig. 244: Escada 25.  
Foto da autora, 2006.

Cabe aqui mencionar uma escada de madeira da FE que foi desmontada. Há hoje no local uma laje, vedando o vão do piso, onde se desenvolvia a mesma.

### **2.7.2.3. De concreto e mármore**

O projeto da escada 20 (Fig. 245) foi aprovado pelo SPHAN em 25 de fevereiro de 1949. Executada em concreto, os degraus de seus três lances são revestidos em mármore branco, lustrado e polido. Apresenta mudanças de direção, com patamares também em mármore, acompanhando as paredes. Um dos lances se desenvolve junto à parede, onde bloqueia parcialmente uma esquadria da fachada principal, dificultando sua abertura e limpeza. Junto às paredes existentes há rodapés também em mármore branco e, do lado do lanternim, guarda-corpos metálicos com ornatos modernos de varas e linhas sinuosas seguem a inclinação dos corrimãos e se fixam nos guarda-chapins.



Fig. 245: Escada 20.  
Foto da autora, 2006.

#### 2.7.2.4. De aço e madeira

O projeto da escada 22 (Fig. 246) foi planejado pela autora, orientado pelo IPHAN em 2001. Executada em aço e madeira, sua concepção visava atender a solicitação da FE, onde se localiza, e seguia a orientação do órgão de proteção ao bem tombado, no sentido de torná-la confortável, com seus patamares, distanciando-a da parede, onde há uma esquadria. A escada 22 foi montada em substituição à escada existente não original em concreto armado, pavimentada com vinil.



Fig. 246: Escada 22.  
Foto da autora, 2006.

### **2.7.2.5. Escadas para mezaninos**

Em estrutura metálica, madeira ou concreto armado, estas escadas têm sido usadas para comunicar pavimentos intermediários utilizados como depósitos, espaços de estudo ou trabalho, objetivando promover o aumento de áreas úteis no prédio. Caetano (1993, p.181) informa que uma delas - em concreto revestida por mármore - foi considerada irregular pelo IPHAN em 1972. Concebida para acessar um mezanino executado em laje de concreto, no Instituto de Economia, dificulta o acesso e limpeza de algumas portas e janelas, já que esta laje está alinhada com as bandeiras fixas das portas e janelas destas salas.

Os demais mezaninos ou jiraus inseridos em salas do primeiro e segundo pavimento do Palácio Universitário são também fruto da necessidade de espaço para ensino ou atividades técnico-administrativas e exibem escadas, que não serão aqui estudadas por não constituírem foco desta pesquisa.

### **2.7.3. Considerações acerca das escadas**

No estudo dos acessos verticais desta edificação, destaca-se a imponente escada 1 de gnaisse situada no pórtico central da fachada, típica do estilo neoclássico. Além desta, são originais e de grande esmero construtivo as escadas da fachada posterior do prédio.

Procedem do início do século XX as quatro novas escadas incorporadas à fachada posterior, que permitem a comunicação do terreno com as áreas posteriormente construídas em 1904, para atender ao incremento do número de internados do antigo hospital psiquiátrico.

Duas escadas se agregaram à fachada principal, durante as obras de adaptação do ex-Hospício Nacional de Alienados, para abrigar a Reitoria da Universidade do Brasil; nelas, nota-se a simplificação da técnica construtiva adotada na escada 1.

Dentre as escadas situadas no interior do edifício, a de caráter mais simbólico é a 23, ligando o vestíbulo à capela e salões. Seu primeiro lance em pedra é ladeado por paralelogramos do mesmo material, recobrendo parte da escada junto às paredes. Para vencer esta primeira seqüência de degraus, conta-se com ornamentais corrimãos em latão dourado. Seus demais lances em jacarandá são protegidos por guarda-corpos, com

balaustradas em madeira maciça. Toda esta escada constitui um indubitável avanço técnico para o período, além de sofisticado trabalho de marcenaria; mas seu valor não se limita a isto. Revestida em mármore decorado em um dos patamares, e também junto ao degrau de subida, esta circulação é ladeada por painéis de pinturas decorativas que enaltecem sua beleza.

Há escadas originais em madeira no interior da edificação de elevado padrão construtivo com guarda-corpos de elegantes balaústres, que acompanham sua sinuosidade.

Nas escadas não originais introduzidas no interior da edificação, foram utilizados diversos procedimentos construtivos: aço e madeira, ferro, concreto e mármore ou madeira. Estes elementos de circulação vertical não buscaram reeditar as técnicas construtivas originais. A falta de unicidade das soluções adotadas cria um conjunto de acessos verticais pouco harmônico. Entretanto, a análise visual das escadas internas do prédio possibilita distinguir as originais das que lhe foram acrescentadas. Evitou-se, assim, gerar um falso histórico, pois cada escada deixa marcada sua intervenção.

## 2.8. COBERTURA

De acordo com Corona e Lemos (1972, p.133), cobertura define o “conjunto dos elementos dos sistemas de proteção dos edifícios”. Esta seção trata, além do telhado, da clarabóia, do zimbório e respectivas estruturas.

O Palácio Universitário tenha uma área de 11.000m<sup>2</sup>, a área coberta da edificação distribui-se em cerca de 6.800m<sup>2</sup>. A Fig. 247 apresenta a planta de cobertura deste monumento. Devido à complexidade desta cobertura a autora optou por apresentar os pontos de maior relevância.

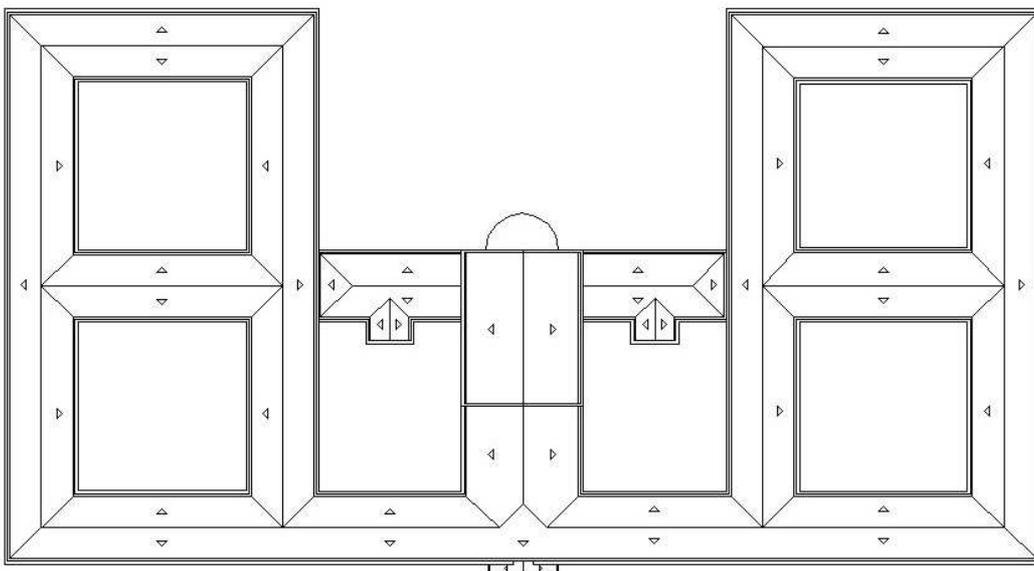


Fig. 247: Planta de cobertura.  
Fonte: DAMSTRUC (2005).

### 2.8.1. Telhado

A planta deste monumento apresenta corpos que se cruzam. Como consequência, seu telhado (Fig.248) é formado por trinta e nove superfícies inclinadas de escoamento das águas pluviais: são apenas duas tacaniças<sup>71</sup> e trinta e sete planos trapezoidais, interceptando-se por meio de calhas e rincões. Estas reentrâncias, formadas pela conjugação de águas<sup>72</sup> seriam encontradas “nas construções de maior importância, entre

<sup>71</sup> Tacaniça é a superfície inclinada limitada por triângulo nas coberturas (CORONA & LEMOS, 1972, p.436).

<sup>72</sup> A água de um telhado é a “superfície, em geral plana e inclinada, constituída pela cobertura do telhado, sobre a qual escoam as águas pluviais numa única direção” (LIMA E ALBERNAZ, 1997, p. 20).

as quais, as que dispunham de pátio interno” (VASCONCELLOS, 1961, p.130-133). Os planos desta cobertura também se unem por espigões e cumeeiras, estas últimas paralelas às fachadas externas e às dos pátios internos.



Fig. 248: Telhado sobre o FCC.  
Fonte: Foto de Enio Kaippert, 2006.

Nesta cobertura as águas são constituídas por telhas de barro, conhecidas como francesas, introduzidas no século XIX em nosso país, após a chegada da família real, importadas possivelmente da França, uma vez que o Brasil ainda não as fabricava e, mesmo as empregadas em Portugal, durante muito tempo vinham daquele país.

Bellegarde (1848, p.86) esclarece que a telha plana não era utilizada no Brasil em construções da metade do século XIX. A edição de seu compêndio, contemporânea à edificação do Hospício de Pedro II, não deixa dúvidas de que as telhas de Marselha constituíam uma inovação tecnológica para o período em nosso país. Há indícios, no entanto, de que fossem coloniais todas as telhas primitivas do antigo hospital psiquiátrico, sendo só posteriormente substituídas por telhas francesas.

O recolhimento de águas pluviais era feito em 1990 por calhas de cobre de 23cm, junto às platibandas, em todo o perímetro da edificação. Ligadas a caixas coletoras, conduziam as águas para os tubos de descida das fachadas externas ou para os

buzinotes<sup>73</sup> nos pátios internos. Considerado de custo elevado, o uso da folha de cobre é recomendado por Bellegarde, apenas quando se trata de tetos curvos. No Palácio, no entanto, este material não se limitou ao zimbório da capela, sendo usado também em calhas e rincões da construção original.

Na tentativa de sanar infiltrações oriundas do telhado, em 1994, foram realizadas pela UFRJ as seguintes reformas na cobertura<sup>74</sup>.

- Substituição das calhas de cobre originais da edificação por outras em fibrocimento, com 0,30<sup>5</sup> m de largura, com a preservação apenas das calhas da capela e dos telhados sobre as áreas com um só pavimento.
- Troca das peças que compõem o frechal de 0,15m x 0,15m, por outras de 0,07<sup>5</sup>m x 0,15m.
- Recuo das peças de madeira em bom estado para comportar a nova calha.

Foram mantidas apenas as calhas de cobre primitivas nos telhados da Biblioteca do CCJE e da área administrativa da FE onde o prédio tem um único pavimento.

A substituição de calhas, se tinha o benefício de ser mais largas que as primitivas, possibilitando uma maior captação de águas, por outro lado, por ter sido executada em nível mais elevado que as primeiras, teve como lamentável consequência a perda quase total da inclinação das duas últimas fiadas de telhas junto à nova calha. Em algumas áreas, as telhas apresentam inclinação invertida, fazendo com que as águas refluem, um dos mais graves defeitos que um telhado pode apresentar, pois as águas se infiltram para o interior da edificação. Além disso, esta intervenção, forçou um deslocamento de parte da última fiada para baixo da penúltima, numa tentativa improvisada de se liberar a nova calha do avanço da última para o escoamento das águas, medida, que revelou comprovadamente ineficaz, visto como nem as calhas ficam livres, nem impede que as águas retornem (Fig. 249 e 250).

---

<sup>73</sup> “Cano situado na parte mais baixa dos balcões ou sacadas destinado a recolher e lançar as águas pluviais” (CORONA & LEMOS, 1972, 87).

<sup>74</sup> Não foi encontrado nenhum documento, contendo a aprovação do IPHAN para esta obra.



Fig. 249: Calhas em fibrocimento.  
Fonte: Foto da autora, 2003.



Fig. 250: Duas últimas linhas de telhas planas.  
Fonte: Foto da autora, 2003.

Atualmente, as águas pluviais continuam a ser lançadas para o exterior do prédio, pelas mesmas vias: gárgulas<sup>75</sup> nos pátios internos (Fig. 251), buzinetes<sup>76</sup> sob as sacadas e tubos de quedas nas fachadas externas.



Fig. 251: Gárgulas em pátio interno.  
Fonte: Foto de Enio Kaippert, 2006.

<sup>75</sup> “Nas construções, nome do cano situado na extremidade dos beirais ou cimalkas, que recolhe e escoas as águas pluviais acumuladas nas calhas, impedindo que escorram pelas paredes” (CORONA & LEMOS, 1972, p.238).

<sup>76</sup> “Cano situado na parte mais baixa dos balcões ou sacadas destinado a recolher e lançar as águas pluviais” (CORONA & LEMOS, 1972, p.87)

Os buzinos apresentam a forma de trombeta. A Fig 252 apresenta-os sob as janelas sacadas de uma das fachadas.



Fig. 252: Buzinotes sob as sacadas.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

Os condutores verticais de águas pluviais, apresentando terminais de cabeças estilizadas de delfins são feitos em ferro fundido e situam-se junto às pilastras de pedra, coincidindo com os cunhais e marcações verticais em gnaiss bege.



Fig. 253: Delfim na terminação do duto de águas pluviais.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

Estas terminações apresentam algumas variações. A Fig. 254 traz tipos encontrados nas fachadas. Lamentavelmente, alguns foram muito degradados, outros, descaracterizados, se comparados aos originais e são até mesmo encontrados recobertos por camadas de argamassa.



Fig 254: Variações de fundições dos delfins.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

A observação frontal deste exemplar arquitetônico mostra haver na cobertura fortes elementos, que lhe conferem características neoclássicas. As paredes desta edificação são arrematadas por coroamento<sup>77</sup> livre, constituído por platibandas em todo o perímetro e por um majestoso frontão triangular situado no pórtico central da composição. As platibandas ocultam o telhado com um entablamento<sup>78</sup>, compreendendo almofadas, intercaladas de estilóbatas e, para coroar o edifício e aliviar-lhe visualmente o peso, estátuas e vasos esculpidos em mármore branco apóiam-se sobre peanhas. As primeiras situam-se nas prumadas dos cunhais e pilastras, enquanto os últimos despontam em marcações intermediárias, coincidentes com as colunetas de argamassa em estilo jônico, do segundo pavimento (Fig. 255). As únicas platibandas sem o conjunto estatuário e vasos nas platibandas localizam-se nos telhados das áreas de um único pavimento deste monumento.

<sup>77</sup> “Remate, ornato ou elemento construtivo ou ainda decorativo que coroa um edifício” (CORONA & LEMOS, 1972, p.149).

<sup>78</sup> “Nome do conjunto de molduras que ornamentam o cimo da fachada de um edifício [...]. O mesmo que coroamento” (CORONA & LEMOS, 1972, p.187).



Fig. 255: Estátuas e vasos na cobertura.  
Fonte: Foto da autora, 2007.

A abertura dos portos possibilitou a entrada no país de novos materiais, alterando o aspecto das edificações nos grandes centros, respeitado, no entanto, o primitivismo das técnicas tradicionais. De acordo com Reis Filho, (2004. p. 37), as importações se revelam “nas construções pelo uso de platibandas, que substituíam os velhos beirais, por condutores ou calhas [...]”.

Valladares (1978) também contribui para a compreensão desta cobertura, tratando-a como um dos fundamentos casuais do neoclássico carioca. Segundo ele, a escassez no fabrico de materiais de construção locais de padrão europeu implicaria em soluções inadequadas como é o caso da telha canal, adotado nas “coberturas coloniais solarengas”, e que subitamente seriam requisitadas na leveza do telhado escondido por platibanda.

O “desaparecimento dos beirais de telhas à vista” é também citado por Santos, (1981, p.37) como uma das características do Neoclassicismo brasileiro, que agrega:

Os telhados são encobertos por platibandas de almofadas, intercalados de estilóbatas que sustentam estátuas ou vasos de mármore ou louça. Nos entablamentos, aparecem modilhões, mísulas, dentículos, óvulos (SANTOS, 1981, p. 53).

Na análise de Reis Filho (2004, p.38) o “[...] gosto neoclássico revelava-se pela existência de vasos e figuras de louça do Porto, marcando nas fachadas, sobre as platibandas, a prumada das pilastras” (grifo do autor). Gradativamente surgiram “soluções de cobertura mais complicadas, [...] com suas calhas e condutores importados”.

Estas platibandas alojam atualmente indesejáveis fícus, cujas raízes vem avançando pelo reboco da edificação, abrindo gretas e não raro, permitindo infiltrações de águas do telhado (Fig. 256).

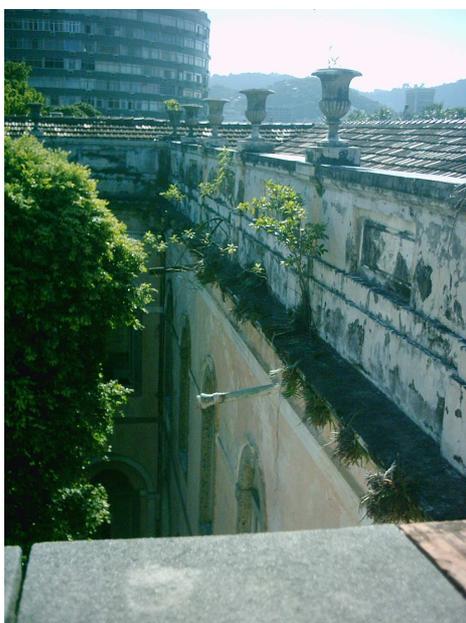


Fig. 256: Avanço de vegetação pela platibanda.  
Fonte: Foto de Enio Kaippert, 2006.

### 2.8.2. Estrutura do telhado

Conforme Bellegarde (1848, p.89) o madeiramento comum que sustenta uma cobertura no século XIX é formado por tesouras, cujo espaçamento varia de 2,40m a 4,80m. A maior parte da estrutura do telhado desta edificação é constituída por vãos de cerca de 8,50m, vencidos por tesouras romanas simples de madeira maciça, perfazendo dez por pano de telhado. Estas tesouras suportam, além da cumeeira, duas terças e um contra-frechal de cada lado, sendo apoiadas sobre frechais, que distribuem a carga nas paredes de alvenaria de pedra.

Entre as tesouras existentes na construção, apenas algumas unidades seriam originais (Fig. 257 e 258); situam-se sobre os salões Vermelho e Dourado; as outras de modelos diferentes podem ter sido substituídas na reforma dos anos 1940. São estruturas bastante simples, constituídas apenas por duas pernas, uma linha e um pendural.



Fig. 257: Tesoura 1.

Fonte: Levantamento do Telhado (2005).



Fig. 258: Tesoura 1.

Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

A tesoura 1 (Fig.259) é original e constituída por duas pernas reforçadas por contrapernas, uma linha baixa, uma alta e sob a cumeeira, até encontrar a linha alta, um pontalete.

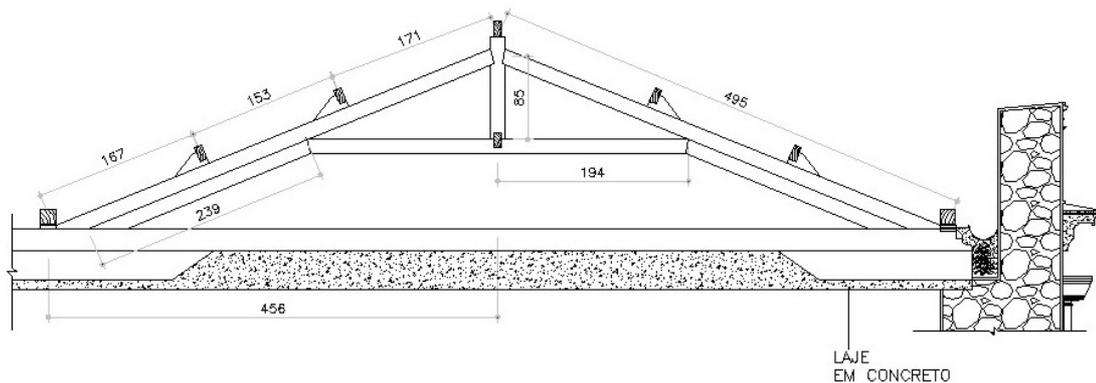


Fig. 259: Tesoura 1 do Palácio Universitário.

Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

Além do tipo primitivo, o Levantamento do Telhado (2005) exhibe outros padrões de tesouras presentes na edificação. Este estudo destaca, além da primitiva, duas outras. A

linha baixa está sujeita a esforços de tração, para compensar, sua suspensão é feita pela introdução de chapuzes<sup>79</sup> de ferro batido, como se pode observar em destaque nas fotos da Fig.260. Na Fig.261 o mesmo elemento em metal faz a amarração da perna com o tensor. A ligação das peças de madeira neste edifício deve ter sido toda executada em sambladuras à meia-madeira<sup>80</sup>.



Fig.260: Pendural, escoras, linha baixa - tesoura 1.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).



Fig. 261: Ligação pernas – linha baixa, tesoura 1.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

A tesoura 2 (Fig.262), denominada asna de Paladio, é considerada por Segurado (s/d-d, p.213) o tipo clássico, a armação mais comum de todas. Consta de duas pernas, cujas extremidades superiores encaixam-se no topo do pendural e as inferiores na linha baixa. É formada por duas escoras, que unem as pernas à extremidade inferior do pendural, constituindo um quadro rígido, de modo que o pendural pode sustentar a linha baixa no seu ponto mais desfavorável.

<sup>79</sup> “Chapuz é a tábuca ou placa metálica usada para reforçar emendas” (LA PASTINA FILHO, 2005, p.74).

<sup>80</sup> Nestas sambladuras as peças a serem encaixadas são rebaixadas até a metade da espessura para se obter uma superfície resultante sem saliência. Meia-madeira é o mesmo que meia-espessura, segundo Corona & Lemos, 1972, p.318.

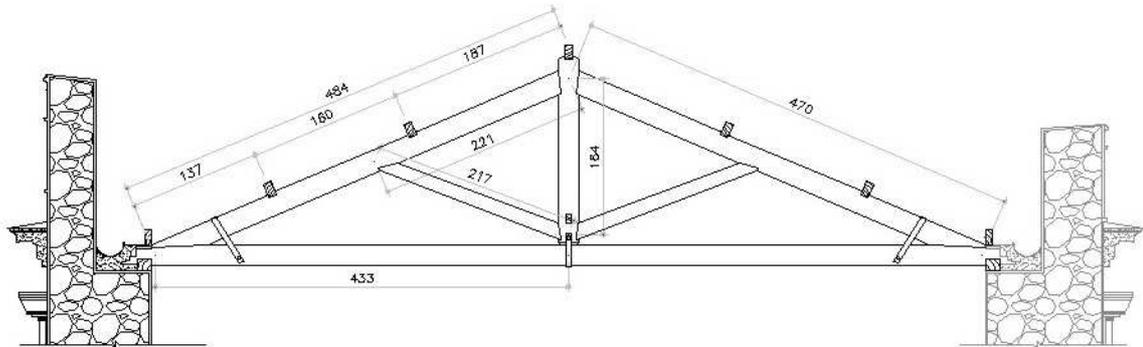


Fig. 262: Tesoura 2 do Palácio Universitário.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

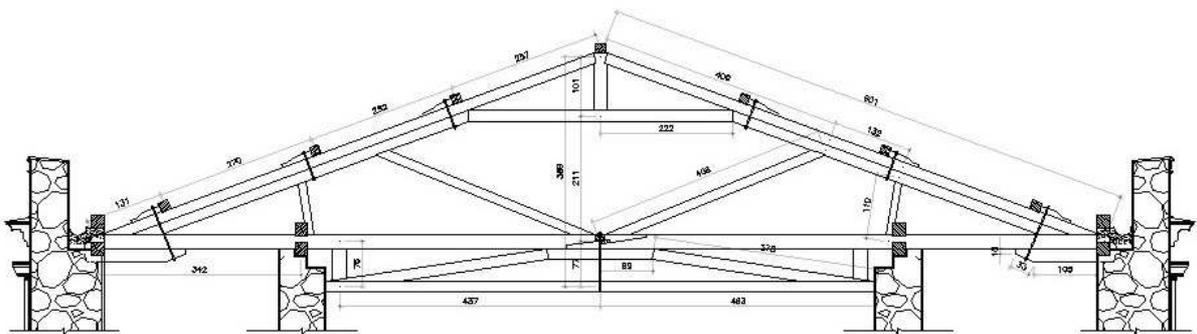


Fig. 263: Tesoura 3 do Palácio Universitário.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

Outra estrutura (Fig. 264) é formada por duas pernas, um pendural e quatro pontaltes, apoiada diretamente sobre uma base de alvenaria.

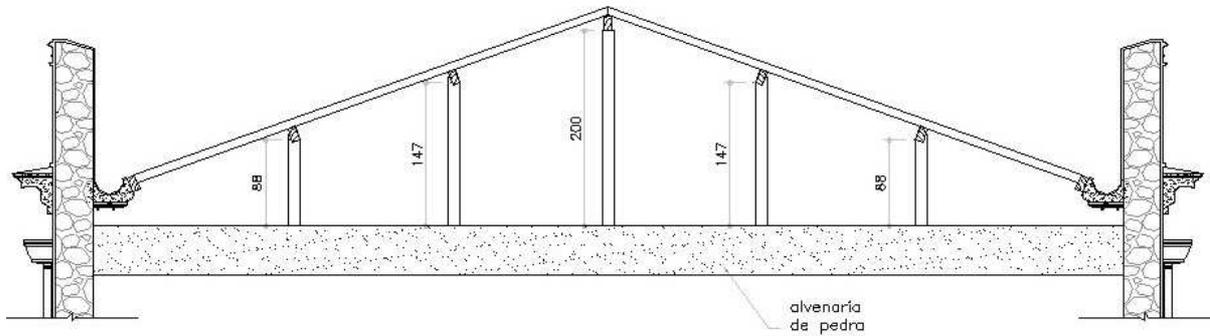


Fig. 264: Estrutura com pontaletes do Palácio Universitário.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

Ainda que sejam comuns nas construções de meados do século XIX, estas tesouras, mesmo as mais simples, como o modelo original deste monumento, eram decorrência de novos recursos tecnológicos importados da Europa, que possibilitavam o uso de madeiras aparelhadas oriundas de serrarias mecânicas.

Algumas destas tesouras mais elaboradas inseridas posteriormente fazem uso de tecnologias ainda mais modernas, e não por acaso datam de uma fase mais recente, quando a estrutura passou por reformas nos anos 1940. As Fig.265, 266 e 267 trazem detalhes construtivos das tesouras.

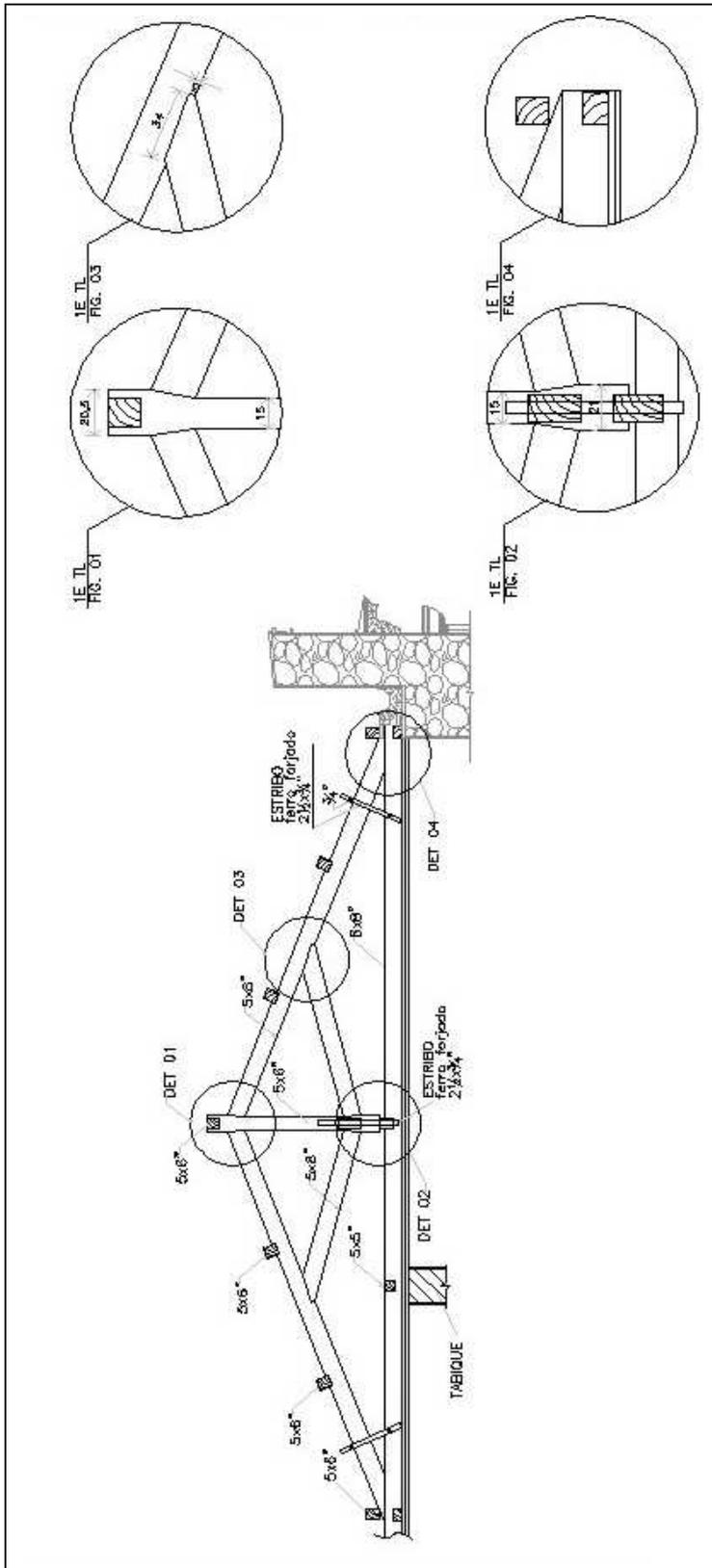


Fig.265: Detalhes construtivos de tesouras.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

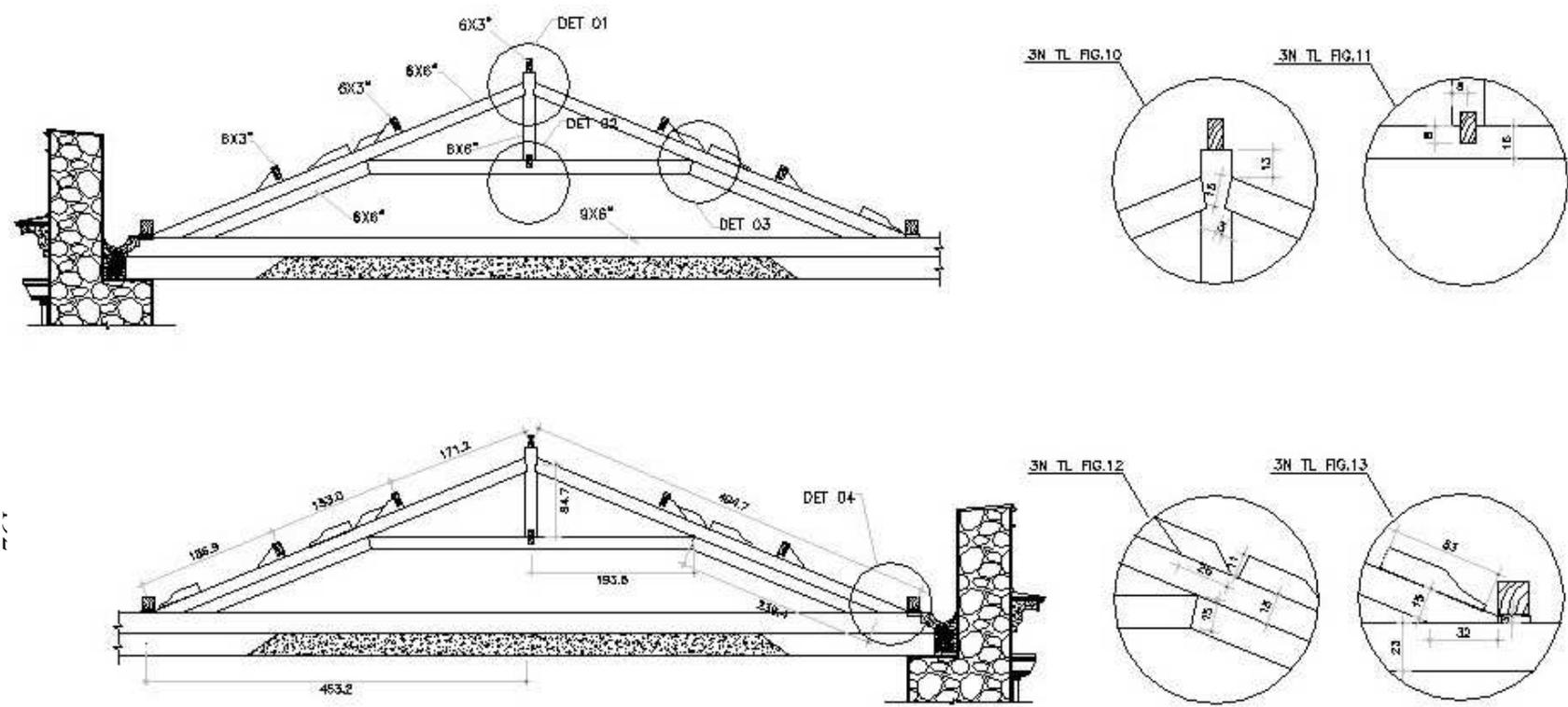


Fig.266: Detalhes construtivos de tesouras.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

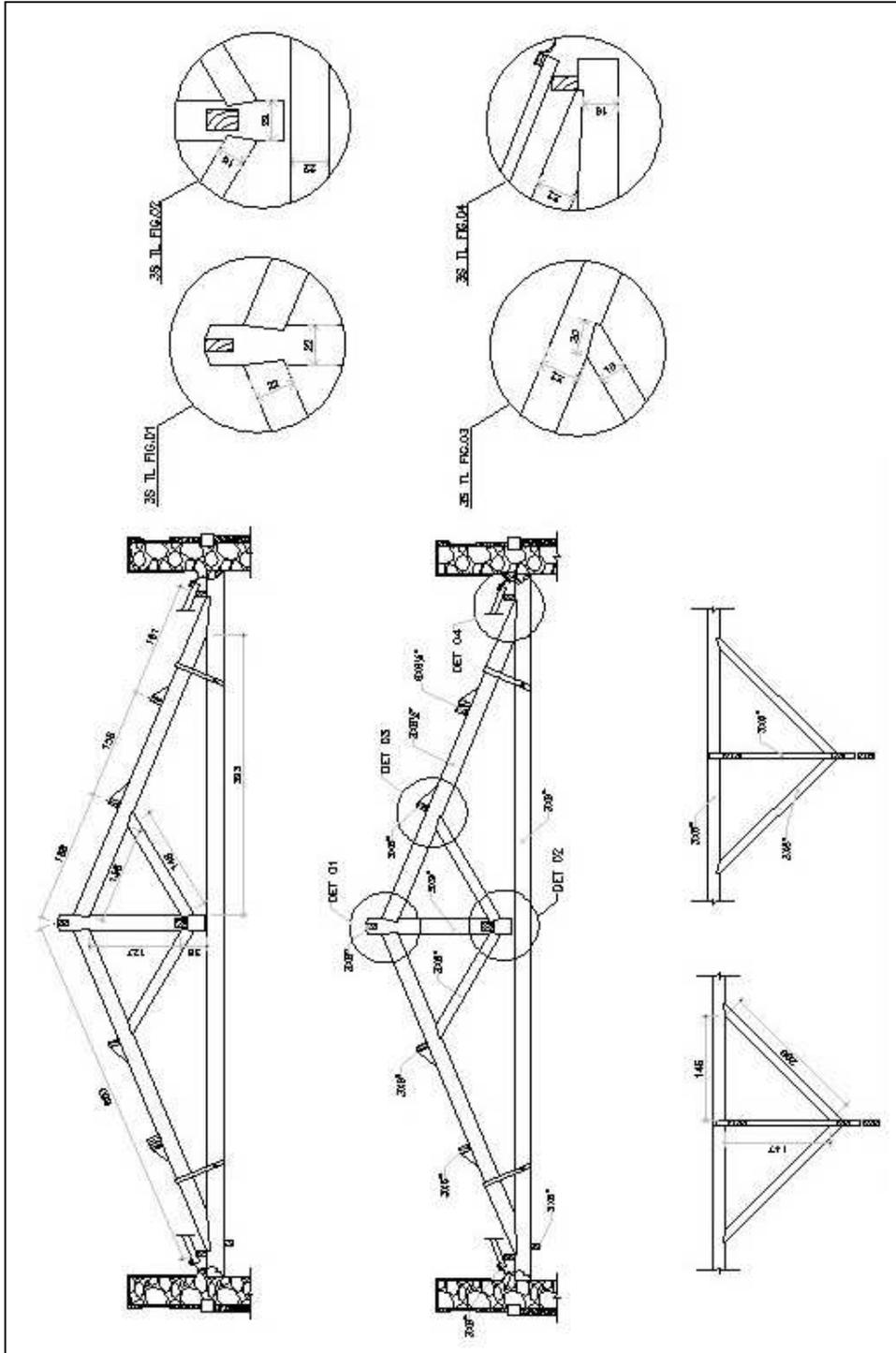


Fig.267: Detalhes construtivos de tesouras.  
 Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

A Fig. 268 apresenta as regiões do telhado com características históricas diferentes em suas estruturas e foram extraídas do Levantamento do Telhado do Palácio Universitário (2005).

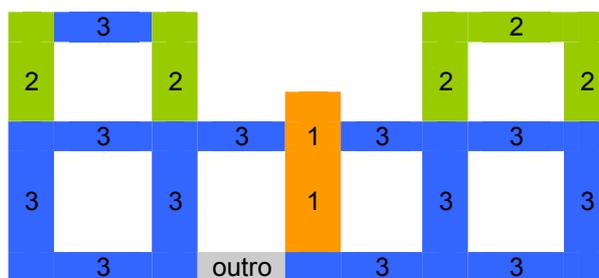


Figura 268 – Indicações de regiões com características históricas diferentes em suas estruturas.  
Fonte: Levantamento do Telhado do Palácio Universitário (2005).

Quadro 3: Características das estruturas do telhado do Palácio Universitário.  
Fonte: Levantamento do Telhado do Palácio Universitário (2005).

Característica	Região 1	Região 2	Região 3
<b>Solução estrutural</b>	Tesouras não formam treliças no conceito da engenharia atual.	Treliças no sentido estrito.	Treliças no sentido estrito.
<b>Ferragens</b>	Poucas, forjadas a mão. Cravos, estribos e barras com rosca.	Poucas, forjadas à mão. Cravos, estribos, barras com rosca.	Poucas, forjadas. Uso comum de pregos. Presença de porcas sextavadas.
<b>Seções das peças</b>	Quadradas	Quadradas	Retangulares
<b>Corte</b>	Enxó, serra reta.	Enxó, serra reta ou de grande diâmetro.	Serra circular convencional
<b>Acabamento</b>	Óleo pesado aplicado (pixe ou creosoto p.e.) à superfície da estrutura e de alguns caibros.	Óleo pesado aplicado (pixe ou creosoto p.e.) à superfície da estrutura e de alguns caibros.	Madeira nua.
<b>Encaixes</b>	Elaborados e justos. Até mesmo os calços das terças possuem um desenho.	Elaborados e justos. Pendural apresenta uma "cintura" pouco convencional	Elaborados e justos.
<b>Outras observações</b>	Uso de telhas francesas fabricadas no Brasil, freqüentemente em outros estados.	Uso de telhas francesas fabricadas no Brasil, freqüentemente em outros estados. Resquícios de 2 tesouras originais, sobre a entrada principal.	Telhas francesas similares aos demais.. Encontrada uma telha colonial artesanal entre entulhos no telhado. Presença de antigas linhas de tesoura.

### 2.8.3. Clarabóia

A clarabóia é um elemento criado para permitir a entrada de luz natural nos cômodos e escadas, quando não é possível fazê-lo por janelas. Seu uso é freqüente nas edificações do Neoclassicismo brasileiro.

Tais construções interrompem os madeiramentos, e este é o seu maior defeito; porém colocando-as nos pontos mais altos do telhado, o curso das águas não é prejudicado, restando o trabalho de coordenar o seu travejamento com a cobertura (BELLEGARDE, 1848, p.93).

A única clarabóia do Palácio Universitário situa-se no nível mais elevado do telhado deste edifício histórico e sua primorosa construção é atribuída ao arquiteto Rebello, segundo Moreira de Azevedo (1969, p.473). Destinada a clarear a caixa da escadaria interna, liga o vestíbulo do térreo à Capela e salões do segundo pavimento, mas seus vidros lisos e coloridos não são originais; estes elementos e sua estrutura em ferro foram substituídos numa restauração entre 1991 e 1994<sup>81</sup>. Na observação do madeiramento da cobertura, constata-se que sua estrutura é feita pela interrupção das cambotas de madeira, onde se pregam fasquias. Interiormente há um teto abobadado estucado, contornando este dispositivo envidraçado. Uma prospecção estratigráfica realizada em 1996 revelou pinturas decorativas sob as camadas de tinta branca existente.

Lamentavelmente, naquele mesmo ano, a umidade ocasionada por freqüentes infiltrações, oriundas de defeitos no telhado e associadas à grande infestação de cupins, levou à ruína de parte do teto. O IPHAN autorizou a execução de um tapume horizontal de proteção, sustentado por vigas de aço, engastadas nas paredes, para impedir o desmoronamento do restante do forro e da clarabóia, objetivando evitar acidentes graves. Infelizmente, devido à falta de recursos para dar início às obras de recuperação do teto, este tapume, instalado em caráter provisório, oculta até hoje a plástica da única clarabóia do edifício.

A estrutura de sustentação de forros de estuque abobadados é a cambota. Seu sistema estrutural compõe-se por tábuas de madeira cortadas para acompanhar o formato e perfil da forração. A Fig. 269 traz a sustentação da clarabóia enquanto a Fig. 270 a exhibe em planta baixa.

---

<sup>81</sup> Informação fornecida pelo FCC.



Fig. 269: Cambotas e fasquias e, ao fundo, compoem a estrutura da clarabóia.  
 Fonte: Foto da autora, 2004.

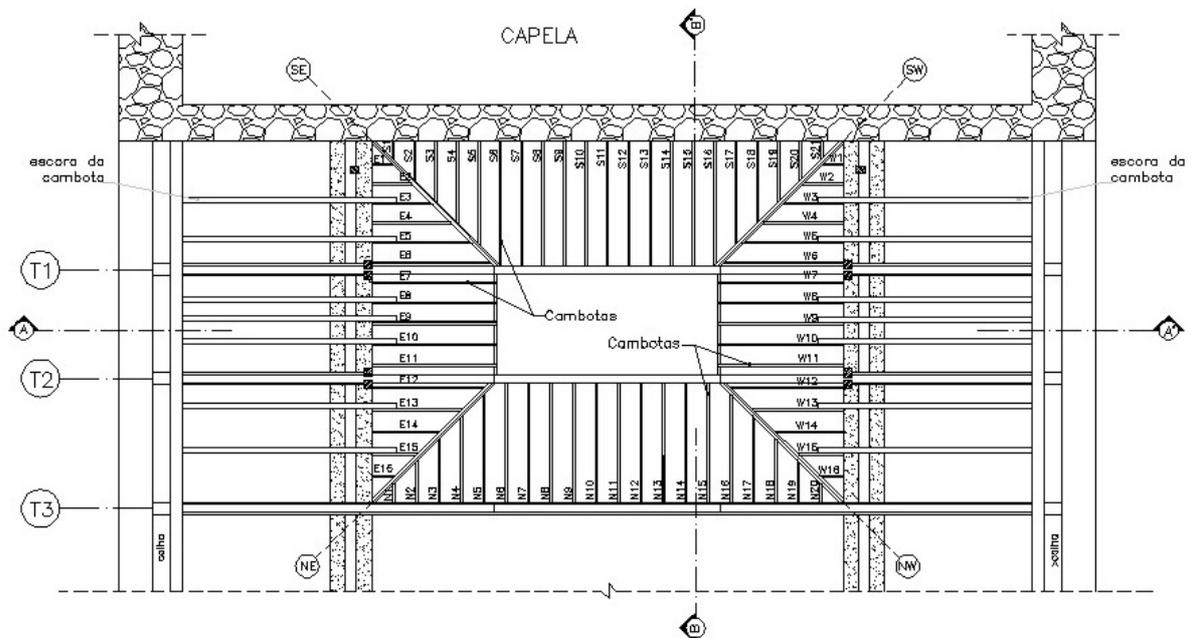


Fig.270: Planta da estrutura da clarabóia.  
 Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

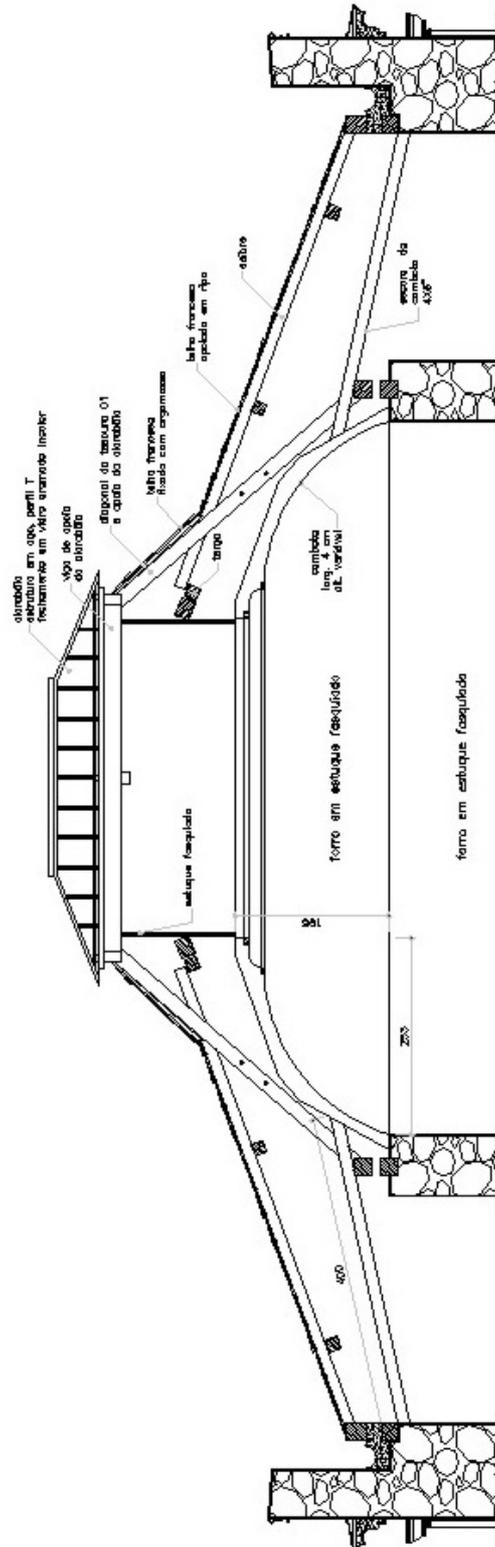


Fig.271: Detalhes construtivos de da estrutura da clarabóia.  
Fonte: Levantamento do Telhado (2005).

#### **2.8.4. Considerações acerca das coberturas**

Na estrutura da cobertura deste edifício, em meio a algumas das inovações tecnológicas procedentes da Europa, foram empregadas madeiras aparelhadas. As folhas de cobre usadas nas calhas e rincões eram de procedência européia. Entretanto, podem não ser originais as estruturas e telhas deste edifício. É o que sugere o Levantamento do Telhado do Palácio (2005), que cita as áreas da capela e escadaria como sendo as únicas a preservarem as estruturas originais da edificação.

O registro do prédio por Vitor Frond (Fig. 125), contudo, mostra apenas suas platibandas, típica das coberturas neoclássicas, com estátuas e vasos em mármore, ocultando suas telhas. Entretanto, devem ter sido de telhas canal a cobertura original deste monumento. A sugestão baseia-se em sua contemporaneidade com a edificação e numa telha colonial encontrada no entulho do forro.

Este patrimônio histórico vem sofrendo um processo gradual de degradação pela reforma inapropriada de seu telhado, gerando pontos de infiltração e estimulando a infestação de microorganismos, insetos, fungos, brocas e pragas, em todas as zonas onde a umidade se faz presente.

Há atualmente uma equipe de funcionários da Sub-Prefeitura da Praia Vermelha da UFRJ realizando a manutenção da cobertura deste monumento. São efetuados os seguintes serviços: encaixe ou troca de telhas quebradas ou em mau estado, limpeza das calhas e desobstrução dos ralos. Lamentavelmente, o telhado não dispõe de um sistema de passarelas que possibilitem sua conservação com a adequada segurança. Não resta aos servidores e à fiscalização alternativa senão o trânsito sobre o telhado, sem qualquer proteção para eles próprios e com o risco freqüente de fraturas ou trincas nas telhas. Estes danos permanecem muitas vezes invisíveis em seus encaixes, só se revelando, quando se inicia uma nova temporada de chuvas na cidade.

Na tentativa de se promover uma recuperação dos defeitos existentes na cobertura desta edificação, muitos esforços foram realizados, mas nenhum surtiu o efeito desejado. Tornar o telhado efetivamente estanque permite evitar o surgimento de novas goteiras que surgem a cada temporal, e conseqüentemente o surgimento de diversas patologias na edificação, provenientes de defeitos e de inadequada manutenção do telhado.

As patologias existentes na edificação merecem um estudo aprofundado. Entretanto, esta pesquisa limitou-se a destacar alguns dos principais defeitos no telhado e de seu madeiramento, já que aí reside a origem de várias degradações no palácio:

- Telhas rachadas, quebradas, ou deslocadas. Falta uma passarela para forçar os servidores a caminhar sobre ela, impedindo, assim, o trânsito sobre as telhas ao se efetuar a manutenção da cobertura.
- Deficiência do escoamento de águas, devido à inclinação inadequada das últimas fiadas de telhas.
- Entupimento de canais, calhas, rincões e condutores, ocasionado pelo deslocamento de tampas dos ralos “abacaxi”.
- Obstrução de dutos de águas pluviais por plantas, sementes trazidas por pássaros, cacos de telhas e dejetos.
- Deterioração de peças da armação do telhado devido à umidade oriunda do próprio.
- Rachaduras nas argamassas de fixação das telhas cumeeiras, motivadas por fatores climáticos e intempéries.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O período da edificação deste monumento coincide com o momento da arquitetura no Brasil em que os construtores se esforçam por atingir uma independência tecnológica e cultural do Império, apesar dos aspectos sócio-econômicos não diferirem do período colonial. A arquitetura de orientação neoclássica, que predominou em nosso país até em torno de 1870, atingiu um alto nível estilístico e de construção, mas fazia uso, sobretudo de materiais e tecnologias trazidos da Europa. Devido ao custo elevado, é natural que tenha ficado restrita aos meios oficiais. É neste contexto que o Hospício de Pedro II é erigido com materiais e sistemas construtivos inovadores.

Esta pesquisa revela dados acerca da história e das tipologias dignas de interesse do tema Palácio Universitário, mas concentra-se em suas técnicas e materiais de construção. Estes elementos foram descritos, passando por um primeiro escrutínio, para discernir os que pertenceram à edificação original dos posteriormente inseridos. A análise de cada etapa construtiva e projetual baseou-se em manuais técnicos brasileiros e portugueses, que elucidaram sua execução, permitindo, por vezes, datá-los.

A busca de documentos referentes às transformações físicas ocorridas no edifício ao longo dos anos, contudo, revelou-se escassa, promovendo uma mudança nos rumos desta investigação. Em muitos casos, o próprio prédio serviu de testemunho primário no confronto e diferenciação entre os elementos primitivos e suas inserções, associados à iconografia disponível.

Este trabalho teve como ponto de partida os alicerces do palácio e se encerrou na análise de seu telhado, mas a ordem dos subitens nem sempre segue a cronologia executiva. O sumário de Sylvio Vasconcellos (1961) foi tomado como base, mas a autora ousou subverter-lhe um pouco a ordem, fazendo com que, por exemplo, as pinturas se incluam no acabamento das paredes e o estudo de escadas anteceda a investigação de sua cobertura. No primeiro caso, não pareceu adequado realçar a importância das pinturas mais do que a de outros acabamentos das paredes. Quanto à complexa cobertura, cujos aspectos construtivos exibem elevado caráter simbólico neste monumento, ganhou o destaque pretendido no arremate desta pesquisa.

As conclusões, apresentadas a seguir, analisam as considerações parciais referentes aos materiais e técnicas de cada subitem, para investigar os procedimentos empregados na construção original que constituíram um domínio na maneira de construir

deste patrimônio. Os materiais e procedimentos do prédio e também os agregados ao edifício são examinados, bem como aspectos da restauração regida por Calmon. Enquanto o capítulo 2 enfocou separadamente cada um dos subitens desta pesquisa, aqui a autora investiga como a interação dos materiais e técnicas contribuiu para produzir neste edifício um significativo avanço na arte e ciência de construir.

A fundação, oculta no subsolo, não pôde ser estudada. Nas estruturas de sustentação do prédio, situadas no porão empregou-se alvenaria de pedra com argamassa de areia e cal. São sólidas e espessas paredes, cujo peso foi reduzido na base, graças aos tijolos formando arcos. Nos porões das áreas mais recentes observa-se um aprimoramento desta técnica, com contornos mais definidos nas arcadas.

No período neoclássico, a elevação das edificações sobre porões aponta para um aperfeiçoamento construtivo e se denuncia pela existência de fileiras de óculos nas fachadas, possibilitando a aeração do edifício. Contudo, sua utilidade vai além: modifica o uso do pavimento térreo, antes destinado à criadagem, lojas e armazéns.

No térreo, os pisos de terra batida e de pedra, outrora empregados no período colonial, dão lugar nesta edificação a pavimentações em tábuas largas, sustentadas por robustos vigamentos de madeira.

Os barrotes de madeira, que sustentam o piso do segundo pavimento, são superdimensionados, robustos e resistentes. Nos salões do segundo pavimento mais de 50% das peças foram substituídas, pois suas seções sofreram o ataque de cupins. Formam ainda hoje um conjunto estrutural integrado com as alvenarias de pedra, areia e argamassa de cal.

Nas alvenarias, os vãos destinados a receberem as esquadrias são contornados por elaborados arcos de tijolos maciços. São paredes espessas, que por sua robustez, vencem pés direitos elevados e promovem o caráter monumental à edificação.

Apesar do uso em larga escala de tijolos em 1904, seguiu-se nas paredes externas das áreas acrescidas deste edifício a mesma disposição das primitivas, possivelmente para preservar as características construtivas da obra original. Não se furtou, contudo, a adotar o concreto armado em pisos das expansões do segundo pavimento.

Nos arcos plenos das áreas primitivas do térreo, segundo e terceiro pavimentos, os tijolos conferem excelente acabamento aos vãos; de tão elevado padrão quanto os arcos mais recentes do porão. As alvenarias cumprem o papel de dar solidez ao edifício e, por terem sido bem construídas, resistiram à ação do tempo. Sua execução de grande espessura nas paredes externas, e em parte das paredes internas originais, garantem um conforto ambiental adequado a este exemplar neoclássico por minimizarem o calor externo. A ventilação natural é facilitada pelo pé direito elevado e ventilação cruzada de portas voltadas para os pátios internos e janelas das fachadas.

Toda a pavimentação de madeira do térreo parece ter sido inserida em etapa posterior à edificação do monumento, já que são de um padrão mais estreito que o empregado em meados do século XIX. Os pisos frios, encontrados em grande parte deste pavimento, podem ter sido usados para facilitar a limpeza, e sua utilização era comum no período. Contudo, o que acentua o caráter simbólico deste monumento arquitetônico são as esmeradas composições em mármore localizadas no vestíbulo e patamar da escada de acesso à capela. As cerâmicas foram inseridas possivelmente na expansão do antigo hospício e também na restauração realizada por Calmon. Os ladrilhos hidráulicos, que decoram áreas internas do prédio, pavimentam pisos desde o século XX, mas, não se pôde precisar desde quando. As tábuas corridas do segundo e terceiro piso são largas, bem executadas e com encaixes adequados e firmes. Estes tabuados apresentam, mesmo hoje, boa fixação na estrutura do piso, a não ser nos casos em que o próprio barroteamento apresente avarias. Há rodapés de grande altura e parquets de mais de duas cores, característicos do período neoclássico.

Os forros em madeira ocupam grande parte da construção original no térreo e segundo piso, assim como do terceiro pavimento. É possível que a degradação dos tetos originais tenham forçado a sua substituição por outros do mesmo material. Nas áreas mais recentes há compartimentos em laje de concreto e, onde o forro era em estuque, estão substituídos por técnicas mais modernas em gesso, seguindo possivelmente a mesma disposição dos originais. Ainda que os frisos nos tetos de saia e camisa, com cornijas e abas, contornando o cômodo ou circulações, sejam característicos do período neoclássico, nesta edificação é provável que sua inserção tenha sido feita em etapas posteriores.

As portas primitivas estão situadas no eixo central desta edificação, o que pôde ser demonstrado pela observação da autora, a partir da análise da solidez de sua execução, entre outros critérios. Estas esquadrias robustas exibem almofadas encaixadas nos planos das portas adornados por caneluras ou frisos delicados e molduras, cujo padrão decorativo demanda especial esmero de uma obra de marcenaria, pelo elevado nível de acabamento. O acesso ao monumento se faz por três portas iguais entre si e mais avantajadas que as demais.

Os padrões posteriormente introduzidos trazem características de acabamento inferior e nem sempre ostentam almofadas embutidas; muitas vezes são apenas sobrepostas. Não foi possível datar os padrões inseridos, pois as cópias por vezes não objetivam marcar a intervenção.

A maioria das janelas desta edificação é original ou reproduz padrões primitivos. Cabe abordar a esmerada construção de esquadrias com postigos na face interna, bandeiras fixas com vidros e resistentes ferragens.

A inexistência de registros de intervenções consumadas no prédio, além de impedir a determinação das esquadrias primitivas, discernindo as originais das inserções, inviabilizam a confirmação das modificações efetuadas, não permitindo o esclarecimento de dúvidas conceituais de discussão obrigatória. Algumas esquadrias existentes no Palácio apresentam desenho semelhante, mas suas almofadas, por exemplo, têm espessura um pouco menor. Decorreria de uma esquadria não original propositadamente executada para diferenciá-la da original, ou por falta de mão de obra adequada ou ainda verba escassa para confeccioná-la apropriadamente? Até que ponto a introdução de distintos detalhes executivos poderia ser a marca diferencial de um produto original? Muitas vezes trata-se de detalhe tão sutil que não alcança o seu objetivo. Na substituição de um elemento de um edifício histórico deve realmente existir esta diferenciação, conforme apontam muitas Cartas Patrimoniais? Até que ponto este procedimento pode transformar o resultado final numa “colcha de retalhos”? Estas questões não são objeto desta dissertação, mas chamaram a atenção da autora para a importância de se avaliar os limites de uma intervenção, quando da restauração de um monumento da magnitude do Palácio Universitário.

O domínio de técnicas e materiais de construção possibilita o aprimoramento dos aspectos formais. Dentre os elaborados trabalhos, ressaltamos as cantarias aparelhadas em gnaisse bege de cunhais, frisos ornamentais e revestimentos das fachadas externas com bossagens, também valorizando todo o pórtico da edificação. Os elementos pétreos assinalam a divisão entre os pavimentos e o ritmo de fenestração nas fachadas. A inovação dos procedimentos construtivos possibilita a execução de colunas cilíndricas, cujos fustes são executados a partir de um único bloco de pedra. As superposições das ordens dórica e jônica no pórtico central são típicas do neoclássico.

O frontão triangular da fachada, uma das mais marcantes características da arquitetura religiosa e civil do neoclássico, é um primoroso trabalho de estereotomia e arremata com frisos e dentículos o pequeno templo do pórtico.

A modenatura plasmada em argamassa, rara nos exemplares neoclássicos do período e mais comumente encontradas no eclético, segundo Rocha-Peixoto (In CZAJKOWSKI, 2000, p.38), representa uma contribuição inovadora para o período, muito presente nas fachadas desta edificação.

A escada externa principal, localizada no pórtico, conduz a um vestíbulo de imponentes feições palacianas, pavimentado por decoração em mármore de delicado acabamento e excelente execução. O nicho das paredes exibia estátuas na construção original, outra tipicidade estilística do neoclássico, só exequível graças ao domínio das técnicas inovadoras. A escadaria interna principal, que se desenvolve a partir do vestíbulo, garante a elegância decorativa e ao mesmo tempo agrega ao edifício um complexo trabalho de carpintaria.

As pinturas murais artísticas da capela, de três períodos, imitam o marmorizado, em elaborados trabalhos artísticos. No salão Dourado, os painéis pictóricos reproduzem papéis de paredes com decorações de fases distintas.

A simetria das plantas, com repetição dos dois lados do eixo central, com as galerias se destacando na composição e modulações marcando o ritmo das fachadas, segue os padrões de projeção de Durand, criando harmonia de formas e exaltando a horizontalidade deste conjunto edificado.

A cobertura complexa utiliza tesouras de madeiras de variados modelos, e a sustentação da única clarabóia da edificação é também em madeira. O telhado é coberto

atualmente por telhas de Marselha e na construção original, podem ter sido usadas telhas coloniais; suas águas desembocavam para calhas de cobre. Uma platibanda típica do neoclássico oculta o telhado, e sobre ela se assentam vasos e estátuas de mármore branco.

Este trabalho poderá ser complementado com a participação de um museólogo e um historiador que procedam ao estudo dos elementos artísticos móveis e integrados desta edificação, objetivando a descrição e análise de seus materiais e técnicas. Outro aspecto que mereceria uma investigação aprofundada, as patologias e suas causas, poderá contribuir para sanar os problemas existentes, na medida em que servem de base à elaboração de um plano de conservação preventiva deste exemplar arquitetônico.

Os registros e documentações, como se sabe, tanto quanto as informações vinculadas às intervenções já realizadas numa edificação histórica, fornecem subsídios para a elaboração de projetos e ações de intervenção. A carência documental referente aos elementos construtivos pode implicar em projetos e execuções equivocados que, além de acarretarem deduções errôneas e criarem falsos históricos, arriscariam danificar o monumento ou confundir a leitura de suas intervenções e pátinas de modo indelével.

Esta pesquisa não pretende esgotar tema tão vasto, porém tenciona contribuir com a melhor compreensão dos materiais e sistemas construtivos de um monumento que reúne dimensões palacianas e refinado padrão edificado. Concebido para homenagear um monarca e marcar época, seu notável esmero executivo e decorativo agrega ao valor histórico tal carga simbólica que permite classificá-lo como um dos mais importantes exemplares arquitetônicos do Império. Esta dissertação é uma iniciativa pioneira ao descrever elementos pertinentes à construção do Palácio Universitário, mas vai além: na análise dos materiais e técnicas de construção, a autora, ao mesmo tempo em que enaltece suas qualidades construtivas, fornece dados que viabilizam a fundamentação de um projeto de conservação e restauração.

É Lima Barreto (2000, p.6) quem arremata este trabalho, com sua visão do hospital psiquiátrico:

O hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com sua capacidade e destino, tudo bem arejado,

com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais...

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALCÂNTARA, Dora de. **Azulejos portugueses em São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fontana, 1980.

ALMEIDA, Frederico Faria Neves. **Conservação de Cantarias: manual**. Brasília: IPHAN, 2005.

ALVIM, S. P. F. **Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro: Volume 2 - plantas, fachadas e volumes**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999.

APPLETON, João. **Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais, vol. 1**. Lisboa: LNEC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais, vol.2**. Lisboa: LNEC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e tecnologias de intervenção**. Amadora: Edições Orion, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.

BARATA, Mario. **Arquitetura Neoclássica**. In: ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983.

\_\_\_\_\_. **Azulejos no Brasil Séculos XVII XVIII e XIX. Tese apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil para o concurso de professor catedrático de História da Arte**. EBA, UFRJ, Rio de Janeiro, 1955.

BELLEGARDE, Pedro D'Alcantara. **Compendio de Architectura Civil**. Rio de Janeiro: Typ. De M. A. da Silva, 1848.

BÉRGUA, Juan. **Mitologia Universal**. Madrid: Ediciones Ibéricas, 2 vol., 1960.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. São Paulo: Atelier Editorial, 2004.

CAETANO, Lucinda. **Palácio Universidade do Brasil, ex-Hospício de Pedro II, Imagens e Mentalidades**. Dissertação de Mestrado EBA, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. **Levantamento do telhado do Palácio Universitário e proposta de intervenção do lado direito**, Ofício 002/95, encaminhado ao IPHAN em 27/1/1995.

CALMON, Pedro. **O Palácio da Praia Vermelha**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: EDART Livraria Editora Ltda., 1972.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro**. Casa da Palavra/ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

UCHER, Robert. **Características dos Estilos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENGEL, Magali G. **Os Delírios da Razão: médicos loucos e hospícios**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FARIAS, Svetlana. **Ladrilhos Hidráulicos de São Luís: Reflexos estéticos de uma época**. São Luís: SESC, 2005.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

HOIRISCH, Marisa. **Restauração das Estruturas de madeira em prédio Histórico da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2005. In: 4th INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE BEHAVIOR OF DAMAGED STRUCTURES, Anais do DAMSTRUC 2005, João Pessoa, p. 1159 a 1178.

HOIRISCH, Marisa e RIBEIRO, Rosina T. M.. **Restoration of Wood Structures at Federal University of Rio de Janeiro**. In STRUCTURAL ANALYSIS OF HISTORICAL CONSTRUCTIONS, 2006. Ed. Macmillan, New Delhi.p.1511 a 1517.

HOIRISCH, Marisa e HERMES; Maria Helena F. **Levantamento Arquitetônico do Palácio Universitário**, 2005, In, 4th INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE BEHAVIOR OF DAMAGED STRUCTURES, João Pessoa. Anais do DAMSTRUC 2005 João Pessoa, p.1040 a 1054, distribuição em cd-rom, 2005.

HOIRISCH, Marisa; NAJJAR Rosana P. M., RIBEIRO; Rosina Trevisan. **Azulejos do Palácio Universitário**. ENCONTRO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUITETURA E TURISMO, Anais do 8º Cidade Revelada Itajaí, distribuição em cd-rom, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

JORGE, Marco Aurelio Soares. **Engenho dentro da casa: sobre a construção de atenção diária em saúde mental**. Dissertação apresentada na Escola Nacional de Saúde Pública para obtenção de Título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 1997. In <http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1997/jorgemas/capa.pdf>, acessado em 07/06/2006.

KNOFF, Udo. **Azulejos da Bahia**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1986.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LA PASTINA FILHO, José. **Manual de Conservação de Telhados**. Brasília: IPHAN, 2005.

LEME LOPES, José. **A Psiquiatria e o Velho Hospício**. Rio de Janeiro: Conferência publicada no Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 14 (1-2). 1965. In: [http://www.abpbrasil.org.br/historia/galeria/a psiquiatria e o velho hospicio.pdf](http://www.abpbrasil.org.br/historia/galeria/a%20psiquiatria%20e%20o%20velho%20hospicio.pdf), acessado em 12/06/2006.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. **Cemitério dos Vivos**. Pará de Minas: Virtualbooks Online, 2002. In [http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/o cemiterio dos vivos.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/o_cemiterio_dos_vivos.htm), acessado em 07/06/2006.

LIMA Cecília Modesto e ALBERNAZ, Maria Paula. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997.

- MACHADO, Zeila M. O. Azulejo: Arte Milenar Que Encanta Nossa Cultura. In: BRAGA, Márcia. **Conservação e restauro**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.
- MARQUES DOS SANTOS, Afonso Carlos. Entre a forma e o ideal: um emblema da civilização. In CALMON, Pedro. **O Palácio da Praia Vermelha**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- MATEUS, João Mascarenhas. **Técnicas Tradicionais de Construção de Alvenarias**. Lisboa: Livros Horizonte. 2002.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de Menezes. **Natureza da Arqueologia e do Documento Arqueológico – Problemas Gerais da Arqueologia Brasileira, Universidade de São Paulo, FAU**. São Paulo: IPHAN.
- MOREIRA DE AZEVEDO, Manuel Duarte. **O Rio de Janeiro – Sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969, v. I, pp. 469 a 480.
- NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Crítica e Arqueologia Histórica: um diálogo fértil, Trabalho apresentado ao programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE/USP**. São Paulo, 1999.
- PANERAI, Philippe, DAPAULE, Jean-Charles, DOMORGON, Marcelle. **Analyse Urbaine**. Édition Parenthèses. Marceille, 1999.
- PACHECO E SILVA, A.C. Grande Protetor dos Insanos. In: **Revista Brasileira de Saúde Mental**. Ano 13º - Volume XI. Rio de Janeiro, 1967.
- PETRUCCI, Eládio G.R. **Materiais de Construção**. São Paulo: Editora Globo, 1998.
- PINHO, Fernando S. **Paredes de Edifícios Antigos**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2000.
- PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- PRUDENCIO, Walmor José. **Desempenho das argamassas. Patologia das Construções e dos seus materiais**. Apostila de aula, 2005.
- RAINVILLE, César de. **O Vinhola Brasileiro – Novo manual prático do engenheiro, arquiteto, pedreiro, carpinteiro, marceneiro e serralheiro**. Rio de Janeiro: Ed. Eduardo e Henrique Laemmert, 1880.
- RAMOS, Fernando A. da Cunha, GEREMIAS, Luiz, **Instituto Philippe Pinel, origens históricas**, 1999. [http://www.sms.rio.rj.gov.br/pinel/media/pinel\\_origens.pdf](http://www.sms.rio.rj.gov.br/pinel/media/pinel_origens.pdf), acessado em 06/08/2006.
- REBOUÇAS, André. **Guia para os alunos da 1ª cadeira do 1º ano de engenharia civil**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1885.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- REYNAUD, Leonce. **Traité d'architecture**, 1860, 1er volume, 1860. In <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k866310>, acessado em 4/08/2006.

RIBEIRO, Nelson Pôrto. Técnicas Construtivas Tradicionais das Alvenarias do Brasil. In: BRAGA, Márcia. **Conservação e Restauro: Arquitetura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed.Rio, 2003.

\_\_\_\_\_ **As cores da cidade na América Portuguesa: um estudo iconográfico**. Publicado originalmente in: XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte – Anais. Belo Horizonte. 2005. meio digital in <http://www.nelsonporto.blogspot.com/>, acessado em 7/08/2006.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. In: CALMON, Pedro. **O Palácio da Praia Vermelha**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_ **Lacunas Fundadoras**. Artigo apresentado em Congresso da Universidade Federal de Minas Gerais, s/d.

\_\_\_\_\_ **Reflexos das Luzes na Terra do Sol – Sobre a Teoria da Arquitetura no Brasil da Independência 1808-1831**. São Paulo: ProEditores, 2000.

\_\_\_\_\_ 1ª seção do cap. II da tese de doutoramento: **Arquitetos do Brasil Imperial: a obra arquitetônica dos primeiros alunos da Academia Imperial de Belas Artes**. Rio de Janeiro: IFCS, Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, 2004.

SALLES, Pedro. **História da Medicina no Brasil**. Belo Horizonte: Editora G. Holman Ltda., 1971.

SANTOS, Paulo. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

SCHNOOR, Gustavo. O hospício de Pedro II. In: **Cadernos da Pós-Graduação**, Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1995.

SEGURADO, João Emílio dos Santos. **Acabamentos das Construções**. Lisboa: Biblioteca de Instrução Profissional, s/d-a.

\_\_\_\_\_ **Alvenaria e Cantaria**. Lisboa: Biblioteca de Instrução Profissional, s/d-b.

\_\_\_\_\_ **Materiais de Construção**. Lisboa: Biblioteca de Instrução Profissional, s/d-c.

\_\_\_\_\_ **Trabalhos de Carpintaria Civil**. Lisboa: Biblioteca de Instrução Profissional, s/d-d.

\_\_\_\_\_ **Trabalhos de Serralharia Civil**. Lisboa: Biblioteca de Instrução Profissional, s/d-e.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. **Azulejaria Portuguesa no Brasil**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SUMMERSON, John. **A linguagem clássica da arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TÁVORA, Maria Luisa Luz. **O concurso de fachadas de 1904 no Rio de Janeiro**. In Revista de História e Arquitetura. Rio de Janeiro: Gávea, s/d.

THE AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Standards for Psychiatric Facilities - A Revision of the Standards for Hospitals and Clinics**. Washington D.C.: The American Psychiatric Association, 1969.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Rio Neoclássico. Análise Iconográfica do Barroco e Neoclássico Remanentes no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura no Brasil. – Sistemas Construtivos**. Belo Horizonte: UMG, 1961.

VAUTHIER, L.L. Casas de Residência no Brasil. In **Arquitetura Civil I**. São Paulo: FAUSP e MEC-IPHAN, 1975.

VEIGA, Maria do Rosário. AGUIAR, José, SILVA, Antônio Santos, Carvalho, Fernanda. **Conservação e Renovação de Revestimentos de Paredes de Edifícios Antigos**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2004.

ZARANKIN, Andrés. **Sed non Satiata, Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporânea**. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, 1997.

**Levantamento do telhado do Palácio Universitário e Projeto de Recuperação da Cobertura do Palácio Universitário**, desenvolvido pela Ópera Prima Arquitetura & Restauo Ltda. Coordenação e estabelecimento de diretrizes: DIPRIT/ETU – UFRJ, 2005.

<http://sbrt.ibict.br/upload/sbrt1771.pdf>, acessado em 07/06/2006.

<http://www.pisospaulista.com.br/historia.php>, acessado em 07/06/2006.

[http://www.abimovel.org.br/?pg=noticia&id\\_noticia=175](http://www.abimovel.org.br/?pg=noticia&id_noticia=175), acessado em 07/06/2006.

[http://www.mcb.sp.gov.br/docs/site/upload/Se\\_esta\\_rua\\_fosse\\_minha\\_Texto\\_Curador\\_Lúcio\\_Gomes\\_Machado.pdf](http://www.mcb.sp.gov.br/docs/site/upload/Se_esta_rua_fosse_minha_Texto_Curador_Lúcio_Gomes_Machado.pdf), acessado em 07/06/2006.

[http://www.funceb.org.br/revista3/rc3\\_entrevista\\_niremberg.pdf](http://www.funceb.org.br/revista3/rc3_entrevista_niremberg.pdf), acessado em 09/06/2006.

[http://www.vivercidades.org.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/template\\_02/view.htm?user=reader&inford=533&editionsectionid=5](http://www.vivercidades.org.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/template_02/view.htm?user=reader&inford=533&editionsectionid=5), acessado em 11/06/2006.

<http://rjtv.globo.com/RJTV/0,19125,VRV0-3119-76281-20050122-519,00.html>, acessado em 11/06/2006.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702003000300016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000300016), acessado em 13/06/2006.

[http://www.fpc.ba.gov.br/arquivo\\_publico\\_acvdocmtal\\_gov01.asp?arquivo\\_cmemo=1](http://www.fpc.ba.gov.br/arquivo_publico_acvdocmtal_gov01.asp?arquivo_cmemo=1), acessado em 15/06/2006.

[http://www.romaviva.com/Fori-Imperiali/teatro\\_marcello.htm](http://www.romaviva.com/Fori-Imperiali/teatro_marcello.htm), acessado em 15/06/2006.

<http://www.thesciencebookstore.com/print.asp?pid=800076>, acessado em 15/06/2006.

<http://elec.enc.sorbonne.fr/architectes/dico247.php>, acessado em 17/06/2006.

<http://www.evene.fr/culture/lieux/hopital-esquirol-3196.php>, acessado em 20/06/2006.

<http://crd.hopital-esquirol.fr/>, acessado em 20/06/2006.

<http://www.almacarioca.com.br/hist09.htm>, acessado em 22/07/2006.

[http://www2.prossiga.br/ocruz/textocompleto/lia\\_aquino\\_rio\\_janeiro\\_tempo.pdf](http://www2.prossiga.br/ocruz/textocompleto/lia_aquino_rio_janeiro_tempo.pdf), acessado em 30/07/2006.

<http://www.mnazulejo-ipmuseus.pt>, acessado em 06/08/2006.

<http://www.ipem.sp.gov.br/5mt/historia.asp?vpro=relatorio>, acessado em 26/12/2006.

<http://www.fa.utl.pt/materiais/ceramicos/1/TELHAS/tipos%20de%20telhado.htm>, acessado em 23/01/2007.

[http://www.civil.uminho.pt/masonry/Publications/Paredes de Alvenaria/Artigo%20Pag%2077-110.pdf](http://www.civil.uminho.pt/masonry/Publications/Paredes_de_Alvenaria/Artigo%20Pag%2077-110.pdf), acessado em 1º/03/2007.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia do Rio de Janeiro#Clima](http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_do_Rio_de_Janeiro#Clima), acessado em 07/02/2007.

<http://www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografo-augusto-malta.htm>, acessado em 03/06/2007.

<http://150.185.66.1/Publicaciones/ComunicacionVisual/Site/pages/glosario/html>

<http://www.institutocamoes.pt>

<http://www.fec.unicamp.br/renatabp/azulejaria.htm>

Jornal do Commercio, edições de 1842 a 1843.

Arquivo da COPEDOC, IPHAN, Palácio Capanema.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Biblioteca da EBA – UFRJ

Biblioteca da FAU – UFRJ

Biblioteca da Universidade de Évora, Lisboa

Biblioteca do Museu Histórico Nacional

Biblioteca do Museu da República

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Biblioteca Paulo Santos

Biblioteca Pedro Calmon, SIBI, FCC – UFRJ.

Museu da Imagem e do Som.

Real Gabinete Português de Leitura